

Edgar Rice Burroughs

A Volta de
Tarzan





Edgar Rice Burroughs

A Volta de Tarzan

Digitalização de Digital Source

Formatação de LeYtor

Segundo Edgar Rice Burroughs, a inspiração para criar Tarzan surgiu em um sonho que teve, assim no livro Tarzan dos Macacos ele tentou criar um herói diferente e integrado à natureza. Nos livros seguintes, procurou dar-lhe uma formação inglesa, enquadrando o homem selvagem dentro do aristocrata inglês. No entanto, esta abordagem contraditória não durou muito e pouco tempo depois, ele voltaria a ser o Tarzan do início. Assim Burroughs fez dele o homem que rompe os laços com a civilização para se consagrar à vida natural. Por isso mesmo Tarzan é um herói que fez enorme sucesso em uma das épocas mais difíceis do século 20, em 1929 em plena depressão econômica americana.

Agora, no século 21, em um período onde a tecnologia proporciona todos os confortos possíveis ao ser humano e a vida se torna cada vez mais artificial. Vemos que este também é o período em que mais se pratica campismo e turismo ecológico, sem contar as legiões que se refugiam durante os fins de semana em sítios e fazendas. Será este um sinal de que o mundo tecnológico em que vivemos, em casa, na escola, no emprego esta provocando uma intoxicação que leva o homem a tentar reencontrar sua verdadeira essência? Para as pessoas comuns, passar um tempo em contato com a natureza hoje soa como uma libertação. E Tarzan é um símbolo desta liberdade, pois ele é o homem que tendo sido criado na selva, conhece a civilização e assim compreende que só voltando à vida natural poderia encontrar a felicidade. Tarzan assim simboliza todos aqueles que, aprisionados nas cidades, aproveitam todos os momentos para se libertarem. E assim como na depressão de 1929, novamente traz a mensagem de que viver bem não é viver opulentamente, mas viver de acordo consigo próprio.

Nossa intenção com esta série de e-books, é resgatar esta obra esquecida, trazendo para as novas gerações o fascínio das aventuras do homem macaco, e quem sabe incentivando as editoras nacionais a relançarem estes livros fantásticos. Boa leitura!

CAPÍTULO 1

A bordo do transatlântico

- Magnifique! - exclamou a condessa de Coude, a meia voz.

- Como? - perguntou o conde, voltando-se para a sua jovem mulher. - O que é magnífico? E o conde olhou em torno, procurando a causa da admiração dela.

- Ah! Nada, querido... - respondeu a condessa, corando ligeiramente. - Estava recordando com admiração, esses esplêndidos arranha-céus, como chamam em Nova Iorque...

E a bela condessa instalou-se mais confortavelmente na sua cadeira de convés, retomando a revista que o tal "nada" a fizera deixar cair no regaço.

O conde remergulhou no seu livro, não sem um certo espanto de que três dias depois de haverem saído de Nova Iorque, a sua linda condessa considerasse magníficos os mesmos edifícios que na semana anterior classificava de horríveis. Acabou por pousar o livro, dizendo:

- Isto é muito enfadonho, Olga: Creio que vou procurar outros passageiros tão aborrecidos como eu, para um jogo de cartas.

- Isso é muito pouco galante de sua parte, senhor meu marido... - respondeu ela, sorrindo - mas estou também tão aborrecida que posso compreendê-lo. Vá jogar essas insípidas partidas, se quiser...

Quando o conde partiu, ela voltou a olhar, discretamente, para o vulto de um jovem alto, estendido preguiçosamente numa cadeira não muito distante.

- Magnifique! - murmurou de novo.

A condessa Olga de Coude tinha vinte anos, e o marido quarenta. Era uma esposa fiel e dedicada, mas como não tivera nada a ver com a escolha do marido, nada de estranho havia em que não estivesse positivamente apaixonada por aquele que o destino, e o aristocrata russo que era seu pai, haviam escolhido para ela. No entanto, apenas por ter deixado escapar uma breve exclamação admirativa ao ver aquele jovem e belo desconhecido, não podemos deduzir que nos seus pensamentos se houvesse insinuado qualquer idéia de infidelidade. Apenas admirava, como teria admirado um especialmente belo animal de qualquer espécie. E sem dúvida que o jovem era agradável de ver. Quando o olhar furtivo da condessa analisava o seu perfil, ele levantou-se para se afastar. A condessa de Coude fez sinal a um criado que passava.

- Quem é esse senhor? - perguntou.

- Reservou o camarote em nome de Sr. Tarzan, da África.

- Uma vasta propriedade... - pensou a condessa, sentindo aumentar o seu interesse.

Enquanto Tarzan se encaminhava vagarosamente para o salão de fumo, quase se chocou com dois homens que, à porta, falavam em voz baixa, excitadamente. Não lhes teria dedicado a menor atenção, se um deles não o tivesse olhado de relance, com uma expressão de culpa. Tinham um aspecto que lembrou a Tarzan o dos melodramáticos vilões que vira nos teatros, em Paris.

Ambos eram morenos, de cabelos escuros, e as suas atitudes acentuavam a semelhança. Tarzan entrou no salão de fumo e procurou uma cadeira um tanto afastada das outras pessoas que ali se encontravam. Não se sentia disposição para conversar, e enquanto bebia a pequenos sorvos o seu absinto, deixava vagar o pensamento, com tristeza, pelas semanas anteriores. Por várias vezes havia refletido sobre se teria agido bem ao renunciar aos seus direitos de nascimento, a favor de um homem a quem nada devia.

Decerto simpatizava com Clayton, mas a questão não era essa. Não fora por causa de William Cecil Clayton, Lorde Greystoke, que negara a sua verdadeira origem... Havia sido por causa da mulher a quem ambos amavam e que um estranho capricho da sorte entregara a Clayton e não a ele...

O fato de ela o amar tornava a situação duplamente difícil de suportar e no entanto Tarzan sabia que nunca poderia fazer menos do que fizera naquela noite, na pequena estação de caminho de ferro dos distantes bosques de Wisconsin. Para ele, a felicidade de Jane estava acima de tudo, e a sua breve experiência com a civilização e com os homens civilizados, ensinara-lhe que sem dinheiro e posição... a vida da maioria deles era insuportável.

Jane Porter nascera para ter ambas as coisas, e se Tarzan privasse dela o seu futuro marido, sem dúvida a condenaria a uma vida de miséria e de angústia. A idéia de que Jane repeliria Clayton no caso de ele perder o título e fortuna, nem sequer ocorreu a Tarzan - pois atribuía aos outros, a mesma honesta lealdade que era uma qualidade nata nele próprio. E, neste caso, não se enganava. Se alguma coisa pudesse tornar ainda mais forte a promessa de Jane a Clayton, seria seguramente o fato de tal desventura cair sobre ele.

Os pensamentos de Tarzan deslizaram do passado para o futuro... Tentou encarar com uma sensação de prazer o seu regresso à selva onde nascera e onde tinha vivido, a selva feroz e cruel, na qual passara vinte dos seus vinte e dois anos de vida. Mas quem, ou o quê, nos milhares de existências multiformes que se agitavam na floresta, lhe daria as boas-vindas? Nem uma sequer. Apenas Tantor, o elefante,

podia ser considerado um amigo. Os outros o perseguiriam ou fugiriam dele, como sempre havia sido. Nem mesmo os macacos da sua tribo lhe dariam uma acolhida amigável.

Se a civilização nada mais tivesse dado a Tarzan, de certa maneira lhe dera o desejo da companhia, de criaturas da sua espécie, o desejo de amizade e de entendimento fraternal. E, nas mesmas proporções, lhe tornara odiosa qualquer outra espécie de vida. Era-lhe difícil conceber o mundo sem um amigo ou sem uma criatura viva com quem pudesse falar as línguas novas que apreciava tanto. E, assim, Tarzan encarava sem prazer o futuro que traçara para si mesmo. Sentado, tendo entre os dedos um cigarro de onde subia um tênue fio de fumo azul, os seus olhos pousaram-se num espelho que refletia uma das mesas, onde quatro homens jogavam as cartas. Nesse momento um dos homens ergueu-se, para se afastar e outro homem aproximou-se e, cortesmente, ofereceu-se para ocupar o lugar vago, para que o jogo não se interrompesse. Era o mais baixo dos dois que Tarzan vira à porta, falando em segredo e foi isso o que despertou o interesse dele.

Enquanto a sua imaginação tentava percorrer os caminhos do futuro, ia observando, no espelho, os quatro indivíduos sentados atrás. Além daquele que se havia sentado em último lugar, Tarzan conhecia apenas o nome de um dos outros jogadores, exatamente o que estava do lado oposto. Era o conde Raul de Coude. Um criado solícito indicara-o a Tarzan como um dos passageiros importantes, alguém que pertencia ao grupo familiar do ministro da guerra francês.

De repente, a atenção de Tarzan fixou-se no espelho. O outro homem que Tarzan vira na porta, se aproximara também e estava de pé atrás do conde. Tarzan viu-o olhar furtivamente em volta sem, no entanto reparar no espelho. Discretamente, o homem tirou qualquer coisa do bolso, tapando-a com a mão. Curvou-se de leve, e Tarzan viu-o meter num dos bolsos do conde o que tirara do seu próprio bolso. Depois disto o homem continuou onde estava, observando as cartas do conde de Coude. Tarzan sentia-se intrigado, mas agora os seus olhos seguiam tudo com uma atenção concentrada.

O jogo continuou, durante alguns minutos, até que o conde ganhou uma soma relativamente considerável, perdida pelo último jogador que se sentara. Tarzan viu que o homem colocado atrás do conde fazia um leve sinal ao outro e no mesmo instante este levantou-se e apontou um dedo para o conde.

- Se eu soubesse que este senhor era um trapaceiro profissional, não me teria apressado a tomar parte no jogo... - disse ele.

Instantaneamente, o conde e os outros dois jogadores levantaram-se. De Coude empalideceu.

- Que significa isso, "sir"? - exclamou. - Sabe com quem está falando?

- Sei que falo, pela última vez, a alguém que trapaceia no jogo! - replicou o outro.

O conde debruçou-se e bateu na cara do homem, com a mão aberta. Os outros jogadores apressaram-se a separá-los. Um destes exclamou:

- Trata-se de um engano, senhores! Este senhor é o conde de Coude!

- Se estou enganado apresentarei desculpas... Mas antes disso exijo que o conde explique a presença de cartas extras que o vi meter no bolso!

Nesse momento o homem que Tarzan vira meter qualquer coisa no bolso do conde, encaminhou-se para a porta, mas verificou, contrariado, que um desconhecido, alto e de olhos cinzentos, lhe cortava o caminho.

- Com licença! - disse, bruscamente, tentando passar por um dos lados.

- Espere... - respondeu Tarzan.

- Mas porquê, senhor? - quase gritou o outro, agressivo. - Afaste-se! Quero passar!

- Espere... - repetiu Tarzan. - Há aqui um assunto que o senhor pode esclarecer!

O homem, corpulento, teve um impulso de fúria e, praguejando entre dentes, tentou afastar Tarzan. Este sorriu, agarrou o pela gola e levou-o até perto da mesa, sem se importar com as inúteis tentativas que fazia para se libertar. Foi a primeira experiência de Nikolas Rokoff com os músculos que haviam derrotado várias vezes Numa, o leão, e Terkoz, o gorila.

O sujeito que acusara o conde, e os dois outros jogadores, olhavam para de Coude, numa atitude de expectativa.

- Este homem é doido! - bradou o conde. - Peço que um dos senhores me reviste.

- A acusação é ridícula... - comentou uma voz.

- Basta que alguém meta a mão no bolso lateral do casaco do conde, para verificar que a acusação é séria... - insistiu o acusador e, vendo que os outros hesitavam, acrescentou: - Eu próprio o revistarei, se ninguém mais o faz!

- Não! - retorquiu o conde. - Só a um cavalheiro consentirei que me reviste!

- É desnecessário revistar o conde... As cartas estão no bolso dele. Eu vi quando as colocaram lá.

Todos se voltaram, surpreendidos, para quem tinha falado.

Era um jovem alto, de aparência atlética, que se aproximava da mesa trazendo, seguro pela gola, um homem que se debatia inutilmente.

- Isto é uma conspiração... - disse de Coude, colérico. - Não tenho quaisquer

cartas e... - meteu a mão no bolso e ficou subitamente lívido, enquanto, sob os olhares espantados de todos os presentes, a retirava trazendo três cartas.

O conde de Coude ficou olhando para as cartas, e agora a sua face congestionava-se. Nos circunstantes havia expressões de piedade e de desprezo.

Supunham estar assistindo à morte da honra de um homem.

- É de fato uma conspiração, senhor... - interveio o jovem alto, de olhos cinzentos.

E continuou: - Meus senhores, o Sr. conde de Coude não sabia que tinha essas cartas no bolso. Foram colocadas ali sem o seu conhecimento, enquanto estava jogando. Do ponto onde eu estava, nessa cadeira, vi tudo através do espelho. Quem meteu as cartas no bolso do Sr. Conde foi este homem que eu agarrei quando tentava sair da sala.

O olhar do conde passou de Tarzan para o sujeito inglês, que se debatia.

- Mon Dieu! - exclamou ele. - Você, Nikolas? - voltou-se então para o outro e olhou-o atentamente, acrescentando: - E você, Paulvitch... Não o reconheci, sem a barba... Compreendo agora tudo senhores.

- Que faremos com eles, senhor? - perguntou Tarzan. - Entregamo-os ao capitão?

- Não, meu amigo... - respondeu apressadamente o conde. - É um assunto pessoal e peço-lhe que o deixe ficar como está. É suficiente que eu tenha sido ilibado da acusação. Quanto menos tivermos a ver com esses sujeitos, melhor. Mas, senhor, como poderei eu agradecer-lhe a sua grande bondade? Permita-me que lhe dê o meu cartão, e se surgir alguma oportunidade em que eu possa ser-lhe útil, lembre-se de que estarei incondicionalmente às suas ordens.

Tarzan largara Rokoff, e este, em companhia do seu cúmplice Paulvitch, apressara-se a sair do salão de fumo - não sem antes ter se voltado para Tarzan com um olhar de ódio, dizendo entre dentes:

- Terá ocasião de lamentar a sua interferência nos assuntos alheios...

Tarzan limitara-se a sorrir. Depois, com um cumprimento, entregou o seu cartão ao conde, que leu: Jean C. Tarzan.

- Sr. Tarzan... - disse o conde - talvez venha a lamentar o favor que me fez... porque atraiu a inimizade de dois dos mais rematados patifes de toda a Europa... Evite-os, de todas as maneiras.

- Já tive inimigos muito mais perigosos, meu caro conde... - respondeu Tarzan, com o seu calmo sorriso - E, no entanto continuo vivo e despreocupado. Creio que nenhum desses dois encontrará maneira de me fazer mal.

- Esperemos que assim seja... - respondeu o Conde, gravemente. - Mas creio que não perderá nada em ficar alerta e por saber que fez hoje um inimigo, pelo menos,

que nunca esquece e nunca perdoa, um homem cuja mente está sempre imaginando atrocidades contra os que o humilharam ou ofenderam. Dizer que Nikolas Rokoff é diabólico, seria avaliá-lo modestamente.

Nessa noite, quando Tarzan entrou no seu camarote, viu no chão, dobrado, um papel que tinha evidentemente sido introduzido sob a porta. Leu:

Sr. Tarzan

Suponho que não compreendeu a gravidade da sua ofensa, pois do contrário não teria feito o que fez. Estou disposto a acreditar que agiu por ignorância e em intenção. Por esta razão receberei as suas desculpas e a sua garantia de não voltar a imiscuir-se em assuntos que não lhe dizem respeito. Deixarei morrer o assunto. De outro modo... Mas tenho certeza de que entenderá a sensatez de fazer o que digo.

Respeitosamente Nikolas Rokoff

Tarzan sorriu sombriamente, mas logo, esquecendo o caso, se preparou para dormir.

Num camarote próximo, a condessa de Coude falava com o seu marido.

- Porquê um ar tão grave, Raul? - perguntou. - Esteve sombrio durante toda a noite. O que o preocupa?

- Olga... sabe que Nikolas está a bordo?

- Nikolas! - exclamou ela. - Mas é impossível! Nikolas está preso, na Alemanha.

- Também acreditava nisso até encontrá-lo, hoje e esse outro patife, Paulvitch. Olga, não posso suportar por muito mais tempo esta perseguição. Nem mesmo por sua causa. Mais cedo ou mais tarde, os entregarei às autoridades. Estou mesmo pensando em contar tudo ao capitão, antes de chegarmos. Num Transatlântico, seria fácil acabar de vez com essa caça...

- Oh, não, Raul! - exclamou a condessa, ajoelhando diante do marido que se deixara cair sobre um divã. - Não faça isso! Lembre-se da sua promessa! Digame que não fará isso! Nem sequer o ameace...

O conde tomou as mãos da mulher entre as suas, fitando-a por algum tempo antes de falar. Parecia procurar nos belos olhos a verdadeira razão que a levava a proteger o miserável.

- Seja como quer, Olga... - disse ele por fim. - Mas não consigo compreender.

Esse homem anulou qualquer direito à sua estima, à sua lealdade e ao seu respeito. É uma ameaça para a sua vida e honra... E para a vida e honra do seu

marido. Espero que não venha a arrepender-se de defendê-lo.

- Eu não o defendo, Raul... - retorquiu ela, agitada. – O meu ódio por ele não é inferior ao seu, esse homem é do meu sangue...

- Gostaria de ver a consistência do sangue dele... – disse de Coude, sombriamente. - Esses dois miseráveis tentaram promover a minha desonra... - e o conde contou o que se passara no salão de fumo. - Sem a intervenção desse estranho, teriam conseguido... Quem aceitaria a minha palavra contra a prova evidente dessas malditas cartas metidas no meu bolso? Eu próprio começava a sentir-me aturdido quando esse Sr.

Tarzan arrastou o precioso Nikolas e explicou a infame conspiração.

- O Sr. Tarzan? - perguntou a condessa, com evidente surpresa.

- Sim. Conhece-o, Olga?

- Eu o vi. Um dos criados o indicou.

- Não sabia que ele era uma celebridade... - disse o conde.

Olga de Coude desviou o assunto. Compreendeu bruscamente que lhe seria difícil explicar por que razão o criado lhe falara no belo Sr. Tarzan. Talvez corasse de leve, pois o conde a olhava ligeiramente intrigado... Uma consciência culpada torna-se sempre suspeita...

CAPÍTULO 2

Elos de ódio

Até o fim da tarde seguinte, Tarzan não voltou a ver os seus companheiros de viagem, em cujos negócios se envolvera por causa do seu espírito de lealdade. E só então se encontrou inesperadamente com Rokoff e Paulvitch, num momento em que eles, decerto, desejariam não vê-lo. Estavam ambos no convés, num ponto acidentalmente deserto, e quando Tarzan se aproximou discutiam acaloradamente com uma mulher. Tarzan notou que a mulher estava ricamente vestida, e que o seu vulto esbelto e bem formado indicava juventude.

Mas não podia distinguir-lhe as feições, por causa do espesso véu que ela usava. Os homens estavam um de cada lado dela, de costas voltadas para Tarzan. Não perceberam da presença dele. Rokoff parecia ameaçar, e a mulher implorava. Mas falavam numa língua estranha, que Tarzan não compreendia, e só a atitude dela traduzia o seu medo. Quanto a Rokoff, parecia tão perto de exercer uma ação violenta... que Tarzan parou, pressentindo perigo. Quase no mesmo instante Rokoff agarrou o pulso da mulher e torceu-o brutalmente, como se quisesse conseguir qualquer coisa por meio de tortura física. O que teria acontecido se Rokoff pudesse prosseguir, não sai do domínio das conjecturas. Imediatamente dedos de aço seguraram o bandido por um ombro, obrigando-o a voltar-se e ver os olhos cinzentos e frios do homem que na véspera o havia humilhado.

- Maldição! - exclamou o furioso Rokoff. - Que quer você? É tão doido para voltar a insultar Nikolas Rokoff?

- Esta é a minha resposta à sua nota... - disse Tarzan, entre dentes, empurrando-o com tal força que Rokoff foi se chocar a dez passos de distância, com a amurada.

- Pelos infernos! - ganiu Rokoff. - Vai morrer por isto!

Levantando-se, precipitou-se sobre Tarzan, ao mesmo tempo que tentava empunhar um revólver. A jovem soltou um grito:

- Nikolas Não! Não faça isso! Depressa, senhor, fuja ou ele o matará!

Mas Tarzan, em vez de fugir, avançou ao encontro do outro, dizendo friamente:

- Não seja mais imbecil do que já é...

Rokoff, doido de raiva, conseguiu finalmente empunhar a arma. Parando, apontou para o peito de Tarzan e apertou o gatilho, mas o cão caiu sobre uma cápsula vazia. No mesmo instante a mão de Tarzan estendera-se, com a rapidez de um raio e um violento puxão arrancou a arma da mão de Rokoff e a fez cair no mar. Por instantes os dois homens ficaram diante um do outro... mas Rokoff recompôs-se e foi o

primeiro a falar:

- É a segunda vez que se mete em assuntos que não lhe dizem respeito... E é a segunda vez que humilha Nikolas Rokoff! Da primeira supus que agisse por ignorância, mas agora não... Não sabe quem eu sou, mas garanto-lhe que virá a ter razões para se lembrar de mim!

- Sei que é um miserável e um covarde... - respondeu Tarzan, imperturbável. - Isso me basta!

Voltou-se para onde tinha ficado a jovem, mas esta havia desaparecido. Então, sem um só olhar para Rokoff ou para o seu companheiro, afastou-se tranqüilamente. Tarzan não podia deixar de imaginar qual seria a intenção dos dois homens. O vulto de mulher parecera-lhe vagamente familiar, mas como não tinha podido ver-lhe o rosto, não tinha certeza de tê-la encontrado antes. Só notara um anel de feitio especial, na mão que Rokoff tinha agarrado, e pensou que observaria os dedos das passageiras que encontrasse, para descobrir a identidade da dama a quem Rokoff havia ameaçado, e saber se o patife teria continuado a incomodá-la.

Tarzan foi sentar-se na sua cadeira de convés, meditando sobre a crueldade e o egoísmo das criaturas humanas que havia encontrado desde que, quatro anos antes, na selva, avistara pela primeira vez alguém semelhante a ele próprio - o negro Kulonga cuja lança pusera fim à vida de Kala, a macaca, a única mãe que Tarzan conhecera.

Recordou-se do assassinato de King, pelo cara-de-rato que se chamava Snipes, e o abandono do professor Porter e do seu grupo pelos amotinados do Arrow. Recordou a crueldade dos guerreiros e das mulheres negras de Mbonga, em relação aos prisioneiros. Evocou as pequenas intrigas dos civis e militares que encontrara na Costa Oeste e que lhe tinham dado uma primeira perspectiva sobre a vida.

- Meu Deus... - murmurou. - São todos semelhantes... Assassinos, mentirosos, trapaceiros... Lutando por uma coisa que as feras desprezariam - o ouro para adquirirem os efeminados prazeres das criaturas fracas. E embora escravos dos tolos hábitos de uma vida absurda, julgam-se os senhores de todas as criaturas e os únicos a gozarem os verdadeiros prazeres da existência. Na selva, nenhum animal ficaria idiotamente sentado enquanto outro levasse a sua companheira. É um mundo estúpido, tolo, e fez mal em renunciar à felicidade e à liberdade da selva, para fazer parte dele...

Nesse momento Tarzan sentiu que alguém o fitava, atrás dele, e o instinto poderoso do animal da selva fez estalar o tênue verniz da civilização. Voltou-se com tal rapidez que os olhos da jovem que o fitava não tiveram tempo para se desviar dos olhos cinzentos e penetrantes. Tarzan notou o rubor que cobrira bruscamente a

bonita face. Sorriu consigo mesmo ao verificar o resultado da sua brusca ação, pois não desviara os seus olhos ao fitar os dela. Era muito jovem e bonita. Havia nela qualquer coisa de familiar que fez com que Tarzan pensasse onde a teria visto antes. Voltou à sua posição anterior e sentiu que a jovem se levantava e se afastava. Quando ela passou, olhou-a novamente, curioso.

A sua curiosidade não foi inteiramente perdida, Pois, enquanto se afastava, a jovem levantou uma das mãos para compor o cabelo na nuca - um gesto tipicamente feminino que trai a impressão de que alguém observa admirativamente – e Tarzan viu o estranho anel que notara pouco antes na vítima de Rokoff. Portanto ela era aquela mulher bela e jovem, a que Rokoff perseguia. Tarzan pensou vagamente em quem seria ela, e que relações poderia ter com o russo barbudo e brutal.

Na noite seguinte, depois de jantar, Tarzan voltou a sentar-se no convés e deixou-se ficar até depois de escurecer, em conversa com o imediato do navio. Como os seus deveres chamavam o oficial, Tarzan encostou-se à amurada, olhando preguiçosamente os reflexos do luar sobre as ondas. Estava meio escondido pelos turcos de um escaler, de modo que os dois homens que se aproximavam ao longo do convés não o viram - mas Tarzan ouviu o suficiente da conversa entre ambos, para segui-los e tentar ver o que eles iam fazer. Tinha reconhecido a voz de Rokoff, e que o companheiro deste era Paulvitch.

Tarzan ouvira apenas algumas palavras: "E se ela gritar, bata até que..." Mas estas palavras haviam bastado para que ele não perdesse os dois homens de vista. Viu-os aproximarem-se da entrada do salão de fumo, mas pararem apenas um momento, como para se assegurarem da presença de alguém, ali. Depois encaminharam-se diretamente para os corredores dos camarotes de primeira classe. Tarzan teve dificuldade em segui-los sem ser visto, pois os corredores estavam desertos, mas conseguiu. Quando eles pararam diante de uma das portas, Tarzan escondeu-se na sombra de um corredor lateral, a curta distância.

Bateram à porta e uma voz de mulher perguntou:

- Quem é?

- Sou eu, Olga... Nikolas... - disse o barbudo russo, na sua voz gutural. – Posso entrar?

- Por que não para de me perseguir, Nikolas? - respondeu a voz de mulher. - Nunca te fiz mal...

- Vamos, vamos, Olga. - disse o russo, persuasivo. – Quero apenas falar contigo, não farei nada... Não posso conversar através da porta. Abra... Nem sequer entrarei...

Tarzan ouviu correr o ferrolho interior... e dispôs-se a intervir se fosse necessário.

Não esquecera as palavras que tinha ouvido de Nikolas, momentos antes. Rokoff parou no limiar da porta, enquanto Paulvitch se escondia na parede, perto dele. Tarzan ouviu o russo falar em voz baixa com a mulher, e logo a voz dela, num tom normal, mas bastante claro.

- Não, Nikolas... - dizia ela. - Se quiser, mas nunca aceitarei as suas exigências. Vá embora, por favor! Não tem qualquer direito em estar aqui, e prometeu não entrar...

- Muito bem, Olga... Não entrarei, mas antes de eu ter acabado com isto você vai desejar mil vezes não ter recusado o simples favor que te peço. No fim vencerei, seja como for, portanto poderia poupar-me incômodos e desgraças para você e para o seu...

- Nunca! Nikolas... - interrompeu-o a mulher.

Tarzan viu Rokoff voltar-se e fazer um sinal a Paulvitch. Este então precipitou-se para a porta que o outro mantinha aberta, e entrou de roldão. Nikolas recuou apressadamente e a porta fechou-se. Tarzan ouviu de novo o ruído do ferrolho interior, decerto fechado por Paulvitch. Rokoff ficou do lado de fora, encostado ao batente, à escuta. Um sorriso crispava-lhe os lábios que a barba quase cobria. Tarzan ouviu a voz da mulher, ordenando ao homem que saísse:

- Chamarei o meu marido, e ele não terá piedade!

Através do batente veio a voz de Paulvitch, sarcástico..

- O comissário irá chamar o seu marido... De certo, o comissário já sabe que você recebe um homem no seu camarote, na ausência do conde com a porta fechada.

- O meu marido saberá quem é!

- Decerto que sim... Mas o comissário não o saberá... Nem ele nem os jornalistas que de certa misteriosa maneira serão informados assim que desembarcarmos. Considerarão que se trata de uma boa história, e o mesmo pensarão todos os seus amigos quando lerem os jornais no café da manhã em... Vejamos... Hoje é terça-feira... Sim, quando lerem a notícia na sexta-feira pela manhã... E o interesse não será diminuído quando souberem que o homem, a quem a condessa de Coude dedica as suas atenções, é um criado russo... De fato o criado de seu próprio irmão...

- Alexis Paulvitch... - redargüiu a voz da mulher, friamente e sem medo - Você é um covarde! - quando eu lhe disser um nome ao ouvido... Pensará antes de fazer exigências e ameaças... E sairá daqui para não voltar a molestar-me!

Houve um momento de silêncio, durante o qual imaginou a jovem murmurando no ouvido do patife o nome que anunciara. Um instante apenas... Depois uma praga abafada, um rumor de pés, um grito de mulher e novamente silêncio. Mas, mal soara

o grito, Tarzan tinha saltado do seu esconderijo. Rokoff lançou-se em corrida, mas o filho da selva agarrou-o pelo pescoço e puxou-o para trás. Nenhum deles falou. Ambos pensavam que estava sendo cometido um crime dentro daquele camarote...

Tarzan supunha que Rokoff não teria desejado que o seu cúmplice fosse tão longe... Adivinhava que as intenções do miserável eram mais profundas e ainda mais sinistras do que um crime brutal cometido a sangue-frio.

Sem hesitação, Tarzan apoiou o ombro à porta e a fechadura saltou. O homem da selva entrou de rompante no camarote, arrastando Rokoff... E viu a jovem derrubada sobre a cama enquanto Paulvitch lhe apertava o pescoço muito branco... Sem se importar com os esforços que ela fazia para se defender. O ruído fez com que Paulvitch deixasse a sua vítima e saltasse para o chão, olhando ameaçadoramente para Tarzan. A jovem levantou-se também ofegante, muito pálida... Era a mesma que Tarzan surpreendera olhando para ele no convés, horas antes.

- Que significa isto? - exclamou Tarzan olhando para Rokoff, o instigador de tudo aquilo. O homem encolheu-se, rosnando, e Tarzan continuou dirigindo-se agora à jovem:

- Toque a campainha., vamos chamar um dos oficiais de bordo. Isto já foi demasiado longe.

- Não, não... - exclamou ela, endireitando-se imediatamente. - Tenho... Tenho certeza de que este homem não queria realmente fazer-me mal. Eu sei e... E creio que ele perdeu a cabeça. Além disso não desejo que isto vá adiante...

Havia um tal tom de súplica na voz dela que Tarzan se sentiu impedido de fazer o que tencionava, agora tendo a sensação nítida de que o assunto não ia ser levado ao conhecimento das autoridades.

- Não quer que eu faça nada, então? - perguntou ele.

- Nada, por favor...

- Aceita que estes dois patifes continuem a persegui-la?

Ela parecia não atinar com a resposta a dar... Estava flagrantemente perturbada e angustiada. Tarzan notou um malévolos sorriso de triunfo na face de Rokoff. Era evidente que a jovem tinha medo daqueles dois homens e não ousava falar diante deles.

- Então... - disse Tarzan - Agirei por minha própria iniciativa... - voltou-se para Rokoff e continuou: - A você e ao seu cúmplice direi que desde este momento até ao fim da viagem não os perderei de vista. Se souber que tentam molestar esta senhora, mesmo remotamente, eu lhes pedirei contas imediatamente... E garanto-lhes que será uma desagradável experiência para ambos. Agora saiam daqui!

Agarrou Rokoff e Paulvitch, pelo pescoço, e empurrou-os para o corredor... Acrescentando o impulso, desferiu-lhes dois tremendos pontapés. E então voltou-se para a jovem, que o olhava com profundo espanto.

- Quanto a si, senhora, me fará um grande favor se me informar, caso estes patifes voltarem a incomodá-la.

- Ah, monsieur... - disse ela - espero que não venha a sofrer as conseqüências da sua boa ação. Fez um inimigo ardiloso e muito perigoso, que não hesitará diante do que for para satisfazer o seu ódio. Deverá ter muito cuidado, realmente, senhor.

- Desculpe-me... Meu nome é Tarzan...

- Sr. Tarzan...-. E por eu não ter querido que comunicasse o que se passou às autoridades de bordo... Não pense que estou menos grata pela sua corajosa proteção. Boa-noite, Sr. Tarzan... Nunca esquecerei a dívida que contraí para consigo...

E, com um lindo sorriso, a jovem cumprimentou Tarzan, que se despediu encaminhando-se para o convés. Intrigava-o profundamente o fato de existirem a bordo duas pessoas - aquela jovem e o conde Coude - que suportavam ofensas de Rokoff e do seu companheiro e no entanto se recusavam a apresentar queixa contra eles, de maneira a que a justiça lhes pedisse contas. Antes de adormecer, nessa noite, pensou muitas vezes na bela jovem em cuja evidentemente complicada teia de vida o destino a enredou. Lembrou-se então de que nem sequer sabia o nome dela... A aliança, que usava na mão esquerda, provava que era casada. Involuntariamente, pôs-se a imaginar sobre quem seria o feliz marido de tão bonita criatura.

Tarzan não voltou sabendo de qualquer dos personagens do pequeno drama de percebera fugazmente, senão ao fim da tarde do último dia de viagem. Viu a jovem, quando ambos se aproximavam das respectivas cadeiras de convés, vindos de lugares diferentes. Ela cumprimentou-o, com um sorriso, e quase imediatamente falou do que se passara no seu camarote, duas noites antes. Parecia preocupada pela idéia de que ele a julgasse em conseqüência das suas aparentes relações com os dois miseráveis.

- Confio... - disse ela - Que não ficou com uma idéia má a meu respeito, por causa dos acontecimentos de terça-feira. Tenho sofrido muito por causa disso e desde então é a primeira vez que saio do meu camarote. Tenho tido vergonha... - concluiu, com simplicidade.

- Não se julga a gazela pelos leões que a atacam – respondeu Tarzan: - Vi esses homens em ação, no salão de fumo, na véspera da noite em que a atacaram. Conhecendo os métodos deles, estou convencido de que a animosidade que tenham contra alguém só pode provar a integridade desse alguém. Homens como esses são

naturalmente vis, e odeiam o que é nobre e bom.

- É bondade sua pôr assim a questão... - Murmurou a jovem, sorrindo. - Eu já sabia do que havia acontecido no salão de fumo. Meu marido contou-me e falou-me em especial da força e da coragem do Sr. Tarzan, por quem sente uma profunda gratidão...

- Seu marido?

- Sim, eu sou a condessa de Coude...

- Sinto-me amplamente recompensado por saber que pude prestar um serviço à esposa do conde de Coude.

- Por minha parte, senhor, devo-lhe tanto que nunca poderei pagar a minha dívida...

A jovem condessa acompanhou estas palavras com um sorriso... Tarzan pensou que qualquer homem faria grandes proezas por essa única recompensa. Não voltou a vê-la nesse dia, nem na manhã seguinte, durante a agitação do desembarque. Mas recordou-se da expressão dela, quase saudosa, quando tinha falado das súbitas amizades que se fazem durante uma viagem... e que cessam quando a viagem chega ao fim...

Possivelmente não voltaria a ver a linda condessa...

O que aconteceu na rua Maule

Ao chegar a Paris, Tarzan dirigiu-se diretamente ao apartamento do seu velho amigo D'Arnot . e o tenente censurou-o abertamente pela sua decisão de renunciar ao título e à fortuna que legitimamente lhe pertencia como herdeiro do falecido John Clayton, Lorde Greystoke.

- Você deve estar doido, meu amigo... - declarou D'Arnot - Para tão facilmente abrir mão da sua posição e da sua fortuna, além da oportunidade de poder provar que nas suas veias corre o sangue das mais nobres casas inglesas - e não o sangue de uma macaca. É inacreditável que tenham podido acreditar em tal coisa, especialmente a senhorita Porter. Eu nunca acreditei, nem mesmo quando nos encontramos na selva da sua África, e você comia carne crua, rasgando-a com os dentes, como um animal selvagem, e limpando as mãos nas pernas. Mesmo então sem a mais leve prova em contrário, eu sabia que ela não podia ser sua mãe.

- Agora, com o diário em que seu pai contou a terrível existência que teve que suportar junto com sua mãe no isolamento daquela praia, com a narrativa do seu nascimento e, finalmente, com a prova obtida pelas suas impressões digitais, é espantoso que queira continuar sendo uma espécie de vagabundo sem fortuna e sem nome.

- Não preciso de outro nome além de Tarzan...- respondeu o homem da selva - E não tenciono ser vagabundo sem dinheiro. Na verdade, eu espero que seja o último apelo que faço à sua amizade, pedindo-lhe que me arranje um emprego qualquer.

- Ah sim! - respondeu D'Arnot. - Sabe perfeitamente que não me referia a isso. Já lhe disse muitas vezes que sou rico bastante para dois, ou para vinte, metade do que eu tenho lhe pertence. Ainda que lhe desse tudo, isso não representaria a décima parte do valor que atribuo à sua amizade, Tarzan. Conseguirei alguma vez pagar-lhe o que fez por mim na África? Não esqueço, meu amigo, que sem a sua ajuda e espantosa coragem eu teria morrido amarrado no poste na aldeia de Mbonga, para ser devorado pelos negros. Nem esqueço que lhe devo o milagre de ter me restabelecido das terríveis feridas que me fizeram... Descobri, mais tarde, o que significou para você estar a meu lado, quando o seu coração o impelia para voltar. E Quando, finalmente, chegamos à barraca descobrimos que a senhorita Porter e o seu grupo haviam partido, foi quando compreendi a enormidade do favor que você havia feito a um desconhecido. Não estou tentando pagar-lhe com dinheiro, Tarzan. Acontece apenas que, neste momento, o dinheiro lhe é necessário. Se oferecer-lhe significasse alguma espécie de sacrifício para mim, seria o mesmo, a minha amizade

e a minha admiração lhe pertenceriam sempre. Nisso eu não posso senão obedecer ao que sinto mas do dinheiro posso livremente dispor, e assim farei.

- Bem... - riu Tarzan - Não vamos discutir a respeito de dinheiro. Tenho de viver, e portanto preciso dele, mas ficaria mais satisfeito tendo alguma coisa para fazer. Você não tem forma mais convincente de me demonstrar a sua amizade do que arranjando-me trabalho... A inatividade daria cabo de mim em pouco tempo. Quanto aos meus direitos de nascimento, estão em boas mãos. Clayton não me roubou fosse o que fosse. Acredita que é na verdade Lorde Greystoke e sem dúvida será melhor Lorde, do que um homem que nasceu e foi criado na selva africana. Você bem sabe que eu sou apenas meio civilizado, mesmo agora. Basta-me um acesso de fúria para que todos os instintos do animal selvagem, que realmente sou, façam desaparecer o pouco que tenho de cultura e moderação e, por outro lado, se eu dissesse a verdade, privaria a mulher a quem amo da riqueza e posição que o seu casamento com Clayton lhe garante. Não podia fazer tal coisa, não é verdade, Paul? O nascimento, quero dizer, as condições do nascimento não têm importância para mim, criado como fui, não reconheço valor, em homem ou fera, que não lhe pertença intrinsecamente pela sua força mental ou física. Assim, sou tão feliz considerando Kala como minha mãe... como seria tentando imaginar a jovem inglesa que morreu um ano depois de eu nascer. Kala foi sempre boa para mim, à sua maneira.

Quando minha mãe morreu... era Kala quem me amamentava. Lutou em minha defesa contra todos os outros habitantes da floresta e contra os membros da própria tribo, com ferocidade de um amor verdadeiramente maternal. - De minha parte, Paul, eu amava-a.

Só compreendi isso, quando a flecha envenenada de Kulonga a levou. Eu era ainda uma criança, então e chorei a minha angústia como qualquer criança choraria pela morte de sua mãe. Para você, meu amigo, ela teria parecido uma criatura terrivelmente feia, mas para mim era bela, de certo modo o amor transfigura. Assim, sinto-me contente por continuar sendo o filho de Kala, a macaca.

- Não o admiro menos pela sua lealdade... - respondeu D'Arnot - mas chegará o momento em que você terá de reclamar o que lhe pertence. Lembre-se do que lhe digo, e esperemos que então seja tão fácil como seria agora. Não se esqueça de que o professor Porter e o Sr. Philander são as únicas criaturas vivas com possibilidade de jurar que o pequeno esqueleto, encontrado na barraca, com os de seu pai e sua mãe, era o de uma cria de macaco antropóide, e não o do filho de Lorde e lady Greystoke. Esse testemunho é muito importante. São ambos velhos, podem não viver muito mais tempo.

Mais uma coisa... Você nunca pensou que, se a senhorita Porter conhecesse a verdade, quebraria o seu compromisso com Clayton? Podia facilmente ter o seu

título, a sua fortuna e a mulher que ama, Tarzan! Pensou nisso?

- Você não a conhece... - respondeu Tarzan abanando a cabeça. - Nada a prenderia mais ao seu compromisso do que qualquer desventura que caísse sobre Clayton. É um coração leal.

Tarzan ocupou as duas semanas seguintes completando o seu breve conhecimento anterior em Paris. Durante o dia percorria bibliotecas e museus. Tornara-se um leitor eclético, e o mundo de possibilidades que se abria diante dele, neste terreno da cultura, fazia-o pasmar ao pensar nas migalhas de saber humano que um indivíduo pode adquirir, mesmo ao cabo de uma vida de estudo e de pesquisa. Mas aprendia o que lhe era possível, durante os dias, e durante as noites procurava descansar e divertir-se. Também sob este aspecto Paris era campo fértil.

Se fumava demasiados cigarros, e bebia absinto em demasia, era porque aceitava a civilização tal como a encontrava, e fazia as coisas que via os seus semelhantes civilizados fazerem a. Aquela era uma vida diferente e empolgante e além disso ele trazia consigo um vazio que sabia nunca mais poder preencher. Assim, procurava no estudo e na dissipação - dois extremos - o esquecimento do passado e do descaso do futuro.

Certa noite, estava num music hall, bebendo o seu absinto e admirando a arte de um famoso bailarino russo, quando notou de relance dois olhos malévolos que o fitavam. O homem voltou-se e perdeu-se entre a multidão antes que Tarzan pudesse vê-lo bem - mas Tarzan ficou com a impressão de que já vira antes aqueles olhos, e de que não era por acaso que os havia encontrado ali. Tinha tido a impressão de estar sendo observado, e por instinto voltara-se rapidamente e surpreendera o homem. Antes de sair do music hall já tinha esquecido o assunto e não notou o vulto que recuou para as sombras de um portal em frente, no momento em que ele saía. Sem que Tarzan o soubesse, fora seguido outras vezes, mas raramente estando só. Naquela noite, porém, D'Arnot não tinha podido acompanhá-lo. Quando seguiu na direção do seu apartamento, que ficava em outro ponto da cidade, o vulto escondido no portal saiu de onde estava e caminhou apressadamente, em frente.

Tarzan atravessava freqüentemente a Rua Maule, seu trajeto para casa. Era uma rua escura e deserta que de algum modo lhe lembrava a sua selva. A Rua Maule, todavia, era uma daquelas que a polícia aconselhava a evitar depois do escurecer. Nessa noite, Tarzan percorrera cerca de dois quarteirões através da escuridão, ao longo dos velhos edifícios sórdidos da Rua Maule, quando ouviu gritos de socorro que pareciam vir do terceiro andar de um prédio em frente. Eram gritos de mulher, não havia desaparecido ainda o eco e Tarzan já subia correndo a escada estreita e sem luz. Ao fundo de um corredor do terceiro andar havia uma porta entreaberta de onde veio um novo grito igual aos anteriores. No instante seguinte o filho da selva

estava no meio de um quarto escassamente iluminado. Um candeeiro de petróleo, colocado sobre uma velha cômoda, permitia distinguir vagamente uma dúzia de vultos repulsivos, dos quais um apenas era mulher... Uma mulher de cerca de trinta anos, que devia ter sido bela, mas cuja face estava fundamente marcada por todos os vícios. Estava encostada a uma parede, com as mãos no peito.

- Socorro, senhor... - disse ela, num tom estranhamente baixo. - Querem me matar!

Tarzan encarou os homens e viu as faces astutas e malévolas de criminosos habituais. Estranhou que nenhum deles fizesse qualquer tentativa para fugir, um movimento furtivo, atrás dele, fez voltar-se e notar de relance duas coisas, um homem saía sorrateiramente e Tarzan reconheceu Rokoff... Mas a segunda coisa era sem dúvida digna de mais imediato interesse: um tipo corpulento aproximava-se traiçoeiramente, brandindo um curto porrete. Quando esse e os outros viram que a surpresa já não era possível, atacaram bruscamente Tarzan, por todos os lados. Alguns empunhavam facas, outros tinham agarrado cadeiras, e o homem do porrete dispôs-se a vibrar um golpe que talvez tivesse sido fatal... Se chegasse ao seu destino.

Mas o cérebro, a agilidade e os músculos que haviam vencido Terkoz e Numa no coração da selva, não eram a presa fácil que os rufiões tinham imaginado. Escolhendo o seu mais perigoso adversário, o homem do porrete, Tarzan saltou sobre ele, evitando a pancada e aplicando, na ponta do queixo do patife, um soco tão forte que o prostrou no mesmo instante. Então o homem da selva voltou-se para os outros, sentindo a alegria da luta e o prazer selvagem da violência. A ligeira camada de verniz, dos recentes hábitos de civilização, estalou e caiu...

E os rufiões encontraram-se fechados num quarto com uma verdadeira fera, cujos músculos de aço a sua mesquinha força nada podia. Fora do quarto, ao fundo do corredor, Rokoff espiava o resultado da luta, queria ter certeza de que Tarzan morreria ali, mas nos seus planos não entrava a idéia de tomar parte no assassinio. A mulher continuava no mesmo ponto onde Tarzan a vira entrar, mas a sua expressão modificara-se várias vezes. À falsa críspação de angústia cedera lugar um esgar de maldade e de astúcia, para logo se transformar em apavorado espanto. O elegante cavalheiro, que os seus gritos haviam atraído era afinal um gigante furioso e selvagem.

- Meu Deus! - gritou a criatura. - É uma fera!

Tarzan lutava como aprendera a lutar na selva, e os seus dentes cravaram-se ferozmente na garganta de um adversário. Saltava, voava, parecia estar em toda a parte ao mesmo tempo, com o impulso e a força de uma pantera, ora um pulso se quebrava sob os seus dedos de aço, ora um ombro estalava quando o osso de um braço saía do seu lugar.

Com uivos de pavor, os homens corriam para o corredor escuro, sangrando mas mesmo antes de o primeiro ter fugido Rokoff já compreendera que Tarzan não ia ser o vencido na luta. E assim o russo tinha corrido ao telefone mais próximo, avisando a polícia de que andava um assassino à solta no terceiro andar do numero 27 da Rua Maule.

Quando os policiais chegaram, encontraram três homens caídos no chão, gemendo, e uma mulher apavorada, estendida sobre uma cama suja e com a cara escondida entre os braços. No meio do quarto, um cavalheiro bem vestido parecia esperar... Neste último ponto os policiais enganavam-se, porque era na verdade uma fera que os fitava com olhos cinzentos e duros, por entre as pálpebras semicerradas. Com o cheiro do sangue, todos os vestígios de civilização haviam desaparecido e naquele momento Tarzan era como um leão encurralado, disposto matar e a morrer.

- Que aconteceu aqui... - perguntou um dos policiais.

Tarzan explicou, em poucas palavras, mas quando se voltou para a mulher, a fim de que ela confirmasse, pasmou ao ouvi-la gritar:

- É mentira! Ele entrou no meu quarto quando estava sozinha, e não trazia boas intenções. Quando eu o repeli, teria me assassinado se os meus gritos não tivessem atraído estes senhores que estavam passando. É um demônio, senhor guarda! Pouco faltou para matar dez homens, com as mãos e os dentes.

Tarzan ficou tão espantado que, por momentos, não soube o que dizer. Os policiais olharam para a mulher, incrédulos porque a conheciam e conheciam os senhores amigos dela. Mas eram policiais e não juízes. Resolveram prender todos os envolvidos, no dia seguinte um juiz distinguiria os culpados e inocentes. Não tardaram a compreender, porém, que uma coisa era dizer àquele jovem elegante que estava sob prisão e outra coisa era prendê-lo de fato.

- Não sou culpado de coisa nenhuma... - explicou Tarzan, ainda dominando-se. - Limitei-me a defender-me. Não sei que razão leva essa mulher a dizer o que diz. Não pode ser por inimizade, porque nunca a vi antes de entrar neste quarto em consequência dos seus gritos.

- Vamos, vamos... - disse um dos guardas. - Há juízes para ouvirem isso...

Adiantou-se e pousou uma das mãos sobre um ombro de Tarzan mas no mesmo instante foi atirado, feito num novelo, para um canto do quarto. Os outros tentaram dominar o homem da selva e tiveram uma amostra do que os rufiões haviam sofrido pouco antes. Tão dura e rápida foi a reação de Tarzan que os policiais nem sequer tiveram tempo para empunhar os revólveres.

Durante a breve luta Tarzan notara, em frente da janela aberta, um tronco de árvore - ou talvez um poste telegráfico. Quando o último policial caiu, um dos

outros conseguiu empunhar a arma e disparar...

A bala errou o alvo, e antes que o guarda pudesse disparar segunda vez, Tarzan apagou o candeeiro e deixou o quarto mergulhado em escuridão. A última coisa que os polícias viram foi um vulto que saltava da janela para o poste colocado à beira do passeio.

Quando todos conseguiram recompor-se e chegar à rua, o jovem bem vestido desaparecera por completo.

A mulher e os homens que estavam no quarto não foram conduzidos à delegacia com qualquer espécie de gentileza. Os polícias sentiam-se furiosos e humilhados... Era muito desagradável ter de dizer, num relatório, que um homem sem armas os derrubara, desaparecendo depois. O guarda que havia ficado na rua jurou que não vira ninguém sair do prédio, pela janela ou pela porta, e isso ainda complicava mais as coisas, embora os outros não acreditassem nele. De qualquer modo, a mulher e os homens feridos tinham sido apanhados e estavam em maus lençóis.

Ao saltar para o poste, Tarzan olhara instintivamente para baixo e ao ver o policial resolvera subir em vez de descer. Um salto - fácil para alguém treinado percorrendo quilômetros pulando de árvore em árvore - deixou-o num telhado vizinho.

Desse telhado passou para outro, trepando ou saltando, até atingir uma ruela transversal... Onde outro poste lhe permitiu alcançar prontamente o chão. Tarzan correu ao longo da ruela, na distância de três quarteirões, e chegou em uma avenida onde havia um café aberto toda a noite. Nos lavabos do café moveu, das mãos e da roupa, os vestígios do seu passeio noturno sobre os telhados de Paris. Quando terminou, dez minutos depois, encaminhou-se vagarosamente para o seu apartamento. A poucos metros da porta, quando ia atravessar um boulevard brilhantemente iluminado, parou por instantes junto de um candeeiro público, a fim de esperar a passagem de um luxuoso automóvel que se aproximava. Foi nesse instante que ouviu o seu nome, pronunciado por uma voz feminina e viu, dentro do carro e fitando-o, os belos olhos sorridentes de Olga de Coude. Cumprimentoua. O carro seguiu...

- Rokoff e a condessa de Coude, ambos na mesma noite... - murmurou Tarzan, falando consigo mesmo. - Afinal, Paris não é assim tão grande...

CAPÍTULO 4

A condessa explica

- A sua Paris é mais perigosa do que a minha selva, Paul... - concluiu Tarzan, na manhã seguinte, depois de contar ao amigo as peripécias da noite movimentada. – Por que razão me atrairiam ali? Teriam fome?

D'Arnot fingiu horrorizar-se, mas riu francamente ao ouvir a estranha pergunta.

- É difícil esquecer as reações próprias da selva e raciocinar à maneira das pessoas civilizadas... Não é assim, amigo?

- Civilizada coisa nenhuma... - protestou Tarzan. - Na selva não existem atrocidades cometidas ao acaso, a esmo. Aí matamos para defender a vida, ou para comer, ou para conquistar uma companheira, ou para proteger as crias, sempre de acordo com as leis da natureza. Mas aqui não... Os seus homens civilizados são mais brutais que os animais. Matam sem razão e, pior do que isso, utilizam um nobre sentimento, o da fraternidade humana, para atrair as vítimas ao seu covil. Não consegui compreender que uma mulher pudesse descer tão baixo, em depravação moral, a ponto de atrair a uma ratoeira de morte alguém que se dispunha a socorrê-la. Mas foi assim...

A atitude da mulher, depois, e a presença de Rokoff, tornaram possível encarar o caso sob outro aspecto - Rokoff devia saber que eu passava freqüentemente pela Rua Maule. Preparou todos os pormenores da armadilha, mesmo a história que a mulher deveria contar na hipótese de falhar, o golpe, como aconteceu. Isto é perfeitamente claro.

- Bem... - respondeu D'Arnot - Pelo menos o incidente ensinou-lhe o que eu não consegui fazê-lo compreender, que a Rua Maule é um lugar para evitar depois do anoitecer.

- Pelo contrário... - replicou Tarzan, sorrindo... - Convinceu-me de que é a rua mais interessante da sua Paris. Não mais perderei a oportunidade de por lá passar, visto que encontrei o primeiro divertimento verdadeiro que tive desde que vim da África.

- Talvez a Rua Maule lhe dê mais do que você quer, mesmo sem voltar lá... - declarou D'Arnot. - Não se esqueça que não está ainda livre da polícia. Conheço bastante bem a polícia de Paris, para lhe afirmar que eles não esquecerão o que lhes fez.

Mais cedo ou mais tarde o apanharão, meu caro Tarzan, e porão o homem da selva atrás das grades. Que lhe parece isto?

- Nunca me porão atrás das grades... - respondeu Tarzan, sombriamente.

Na voz dele havia qualquer coisa que fez com que D'Arnot o olhasse atentamente. O que o jovem francês viu na expressão dos olhos cinzentos do amigo, deixou-o apreensivo. Na verdade Tarzan era ainda uma criança crescida, que não reconhecia qualquer coisa que não fosse mais forte do que a sua força. D'Arnot compreendeu que era necessário fazer qualquer coisa para arrumar o caso entre Tarzan e a polícia, antes que se verificasse outro choque.

- Você tem ainda muito que aprender, Tarzan... - disse D'Arnot, gravemente. - A lei tem de ser respeitada, quer nos agrade, quer não. Se persistir em desafiar a polícia, resultará em mais complicações para você e para os seus amigos. Posso explicar-lhes a situação, e farei isso hoje mesmo, mas é preciso que você obedeça à lei. Vou falar com o meu velho amigo que pertence à polícia, e apuraremos o caso da Rua Maule. Venha.

Entraram ambos meia hora depois, no gabinete do oficial amigo de D'Arnot. O oficial mostrou-se amável. Lembrava-se de Tarzan, com quem muitas vezes falara meses antes a respeito do assunto das impressões digitais.

Quando D'Arnot concluiu a narrativa dos acontecimentos da noite anterior, o oficial teve um sorriso breve. Apertou um botão sobre a secretária e, enquanto esperava a chegada de um dos seus ajudantes, procurou um papel entre outros que tinha na sua frente.

- Joubon... - disse, quando o ajudante chegou. - Chame os agentes que assinaram este relatório. Diga-lhes que preciso deles sem demora... - voltou-se para Tarzan, quando o ajudante saiu, e continuou, com uma gravidade amável: - Cometeu um delito grave, meu caro, e sem a explicação dada pelo nosso comum e bom amigo D'Arnot, me sentiria inclinado a julgá-lo severamente. No entanto vou agir de um modo que não tem precedentes. Mandeí chamar os guardas a quem maltratou a noite passada. Ouvirão a história do tenente D'Arnot e eu deixarei nas mãos deles a decisão quanto ao procedimento a seguir. Tem ainda muito que aprender, quanto às formas da vida civilizada. Coisas que lhe parecem estranhas, ou desnecessárias mas terá de aceitá-las até poder ajuizar dos motivos que as determinam. Os agentes a quem maltratou ontem, estavam cumprindo o seu dever. Não tinham poderes para decidir. Todos os dias esses homens arriscam a vida para proteger a vida e a propriedade alheias. Fariam o mesmo por você. São homens corajosos e sentem-se humilhados pelo fato de terem sido batidos por um homem só e sem armas. Será difícil, para eles, esquecer essa humilhação. Tenho certeza de que o senhor é um homem de enorme coragem e os homens assim são habitualmente magnânimos.

A conversa foi interrompida pela entrada dos quatro agentes. Quando viram Tarzan, nenhum deles escondeu a sua surpresa.

- Meus senhores... - disse o oficial - Aqui está o cavalheiro que encontraram a noite passada, na Rua Maule. Veio apresentar-se voluntariamente. Desejo que escutem com atenção o que o tenente D'Arnot vai contar-lhes sobre uma parte da vida do Sr. Tarzan. Isso explicará a atitude dele, assim o julgo. Tenente, por favor...

D'Arnot falou durante cerca de meia hora, contando aos quatro policiais sobre a vida de Tarzan na selva africana. Explicou-lhes que essa vida significara como treino para combater como uma fera, em defesa própria. Os guardas, surpreendidos e interessados, compreenderam facilmente que Tarzan agira por instinto e não por intenção malévola, ao atacá-los. Simplesmente não os diferenciara bastante bem das outras criaturas - pois que na selva não existiam mais do que inimigos.

- O seu orgulho ficou magoado... - disse D'Arnot , concluindo - Pelo fato de um só homem os ter vencido. Mas nisso não há vergonha. Não sentiriam qualquer humilhação se tivessem sido derrotados por um leão africano, ou por um grande gorila da selva. Pois bem, acontece que enfrentaram alguém cujos músculos se opuseram muitas vezes, e sempre vitoriosamente, aos maiores desses terrores do continente negro. Não é vergonha para ninguém ser dominado pela força sobrehumana de Tarzan dos Macacos.

E então, quando os quatro homens olhavam, hesitantes, para o seu superior e para Tarzan, este teve um gesto que apagou de vez qualquer resto de animosidade. Avançou para eles, de mão estendida.

- Lamento o meu erro, senhores... - disse ele, simplesmente. - Sejam amigos.

E esse gesto encerrou o caso - mas Tarzan passou a ser assunto de muitas conversas entre os guardas, e quatro homens corajosos alinharam decididamente no número dos seus amigos mais sinceros.

Quando voltaram ao apartamento de D'Arnot , este encontrou uma carta de William Cecil Clayton, com quem mantinha correspondência desde que o conhecera por ocasião da malfadada expedição em busca de Jane Porter, raptada por Terkoz. Leu-a e comentou apenas, em voz alta:

- Eles vão se casar em Londres, dentro de dois meses...

Tarzan não precisava que o amigo lhe dissesse quem eram "eles". Não respondeu, mas ficou calado e pensativo durante o resto do dia, à noite foram à ópera, mas a mente de Tarzan estava ainda ocupada com sombrios pensamentos. Pouca, ou nenhuma, atenção prestou à música e ao que se passava no palco. Pensava constantemente na bela jovem americana que lhe confessara o seu amor e ia casar com outro.

Sacudiu a cabeça, como para se libertar dos seus pensamentos tristes e no mesmo instante sentiu que alguém o fitava. Com o poderoso instinto da sua vida, na selva,

voltou-se e olhou. Viu a bela face e o sorriso de Olga de Coude, que estava num camarote. No intervalo seguinte foi cumprimentá-la.

- Tenho desejado tanto vê-lo... - disse ela. - Tornou-se obsessiva a idéia de que, depois do que fez por meu marido e por mim, nenhuma explicação lhe tivesse sido dada. Deve supor-nos ingratos e decerto pode compreender a razão por que nada fizemos para evitar futuros ataques desses dois homens, contra nós.

- Engana-se... - afirmou Tarzan. - Os meus pensamentos a respeito de si e de seu marido não poderiam deixar de ser agradáveis. Não deve sentir-se na obrigação de me explicar seja o que for. Esses homens voltaram a molestá-la?

- Nunca deixam de fazê-lo... - disse a condessa, com tristeza. - Preciso contar tudo a alguém e o senhor, mais do que ninguém tem o direito de saber. Permita-me que o faça. Pode ser até vantajoso e, até porque conheço bem Nikolas Rokoff, e posso afirmar-lhe que voltará a ter notícias dele. Nikolas procurará todos os meios para se vingar e o que vou dizer-lhe talvez o ajude a combater qualquer plano dele... Não posso falar-lhe aqui, mas amanhã, pelas cinco da tarde, estarei em casa para recebê-lo.

- O tempo vai ser demasiadamente lento, até amanhã às cinco da tarde... - respondeu Tarzan, despedindo-se.

De um canto da platéia, Rokoff e Paulvitch viram Tarzan no camarote da condessa De Coude. Ambos sorriram.

Às quatro e meia da tarde seguinte, um homem moreno e de barbas bateu à porta de serviço do palacete dos condes de Coude. O criado que veio abrir apresentou surpresa ao reconhecer o visitante, com o qual travou uma conversa em voz baixa. A princípio o criado mostrou-se renitente ante a proposta que lhe fazia o outro, mas alguma coisa passou das mãos do homem barbudo para as dele. Então o criado conduziu o visitante, ao longo de corredores desviados, até uma alcova oculta por cortinados, contígua ao pequeno salão onde a condessa mandara servir o chá cerca das cinco horas.

Meia hora depois Tarzan entrou nessa mesma sala e foi recebido pela bela condessa que lhe estendeu ambas as mãos, sorrindo.

- Estou tão contente por ter vindo... - disse ela.

- Nada poderia impedir-me de vir... - respondeu Tarzan.

Durante momentos falaram da ópera e dos assuntos mais em voga na cidade. Disseram do prazer que ambos tinham em renovar um conhecimento iniciado em tão estranhas circunstâncias e isso levou-os ao assunto que mais os preocupava.

- Deve ter feito conjecturas sobre os motivos da estranha perseguição que nos é

movida por Nikolas Rokoff. É simples, no entanto... O conde está ciente de muitos dos mais importantes segredos do Ministério da Guerra. Por vezes tem em seu poder documentos que algumas potências estrangeiras fariam tudo para possuir - segredos de Estado, que os governantes dessas potências desejariam obter à custa de crimes ou de coisa pior. - Neste momento o conde tem em seu poder documentos que fariam a fama e a fortuna de qualquer agente russo que pudesse comunicá-los ao seu governo. Rokoff e Paulvitch são espiões russos e não hesitarão diante seja do que for para se apoderarem do que pretendem. O caso acontecido a bordo do transatlântico - refiro-me ao jogo de cartas - tinha por fim permitir-lhes arrancar, por chantagem, os segredos que procuram... Se tivesse sido demonstrado que meu marido fizera trapaça, a sua carreira ficaria arruinada, e ele teria de deixar o Ministério além de que seria repellido da sociedade.

Era essa ameaça que os dois esperavam poder usar e o preço de uma declaração, ilibando o conde, seria exatamente a fuga desses segredos. O senhor impediu-os de levarem a cabo o seu intento. Então planejaram outra maneira de agir na qual o preço seria a minha reputação e não a do conde. Quando Paulvitch entrou no camarote, disse que se eu obtivesse as informações que eles queriam, tudo terminaria ali. De outro modo o comissário de bordo seria prevenido por Rokoff de que eu tinha recebido no meu camarote, com a porta fechada, um homem que não era o meu marido. Diria isso a toda a gente, no navio, e ao desembarcar informaria os jornalistas.

- Não seria horrível? Mas acontece que eu sei alguma coisa, a respeito de Paulvitch, que o levaria ao patíbulo, na Rússia, se fosse conhecida pela polícia de São Petersburgo.

Ameacei-o com isso e no mesmo instante ele saltou sobre mim e apertou-me a garganta. Sem a sua intervenção, me teria assassinado esta é a verdade...

- Os patifes... - murmurou Tarzan.

- São piores do que patifes, meu amigo. São demônios. Receio por você, visto que atraiu o ódio deles. Tem de estar constantemente em guarda... Peço-lhe por mim, porque nunca perdoaria a mim própria se algum mal lhe acontecesse em consequência da sua ajuda.

- Não os receio... - disse Tarzan. - Sobrevivi a ataques de inimigos muito mais perigosos do que Rokoff e Paulvitch. Mas por que não os denuncia?

Tarzan viu que a condessa nada sabia do caso da Rua Maule, e não falou a tal respeito para não aumentar ainda a angústia dela. Mas a pergunta surgiu naturalmente. A condessa hesitou por um instante, antes de responder.

- Há duas razões... - disse, finalmente. - Uma delas é a mesma que impede o

conde de fazer isso. A outra, a verdadeira razão pela qual receio denunciá-lo, nunca a disse a ninguém... Apenas Rokoff e eu a conhecemos. Na verdade espanta-me que... – e a condessa interrompeu-se bruscamente, olhando para Tarzan.

- Posso saber o que a espanta assim? - sorriu ele.

- Espanta-me que queira dizer-lhe o que nunca me atrevi a dizer a meu marido.

Mas penso que compreenderá e me indicará o caminho a seguir... Acredito que não me julgará com excessiva severidade.

- Eu seria mau juiz, minha senhora... - respondeu Tarzan - Porque se a soubesse culpada de assassinato, diria que a vítima se consideraria decerto feliz por morrer em suas mãos.

- Oh, o caso não é tão grave assim... - protestou a condessa. - Mas primeiro deixe-me dizer-lhe a razão que impede o conde de agir contra esses homens. Depois, se tiver coragem lhe direi a razão por que não me atrevo a agir. A primeira razão é a de que Nikolas Rokoff é meu irmão. Somos ambos russos e Nikolas foi sempre um homem mau, desde que eu me lembro. Era capitão do exército russo, mas foi expulso... Houve um escândalo, que pouco a pouco se atenuou e meu pai conseguiu, para ele, um lugar nos serviços secretos. Há muitos crimes, terríveis, que são atribuídos a Nikolas, mas ele tem conseguido sempre escapar ao castigo. Ultimamente conseguiu-o fabricando provas de que as suas vítimas eram traidores ao imperador, e a polícia russa, sempre pronta a aceitar tais acusações seja contra quem for, ilibou-o de culpa.

- Mas os crimes, ou as tentativas de crimes feitas por ele, em relação a você e a seu marido, não anulam quaisquer direitos que os laços de parentesco pudessem garantir-lhe? - perguntou Tarzan. - O fato de ser seu irmão não o impediu de tentar macular a sua honra. Não lhe deve qualquer lealdade, minha senhora!

- Sim, mas há a outra razão. Não lhe devo lealdade por ser meu irmão, mas receio-o em consequência de certo episódio da minha vida, que ele conhece. Vou contar-lhe tudo, porque o meu coração exige que lhe conte, mais cedo ou mais tarde. Fui educada num convento e enquanto estava lá conheci um homem que supus ser um cavalheiro. Eu nada sabia a respeito dos homens e menos ainda a respeito do amor. - Convenci-me tolamente de que amava esse homem e após ele insistir muito, consenti em fugirmos juntos para nos casar... Estive na companhia dele durante três horas, sempre de dia e em lugares públicos como estações ferroviárias e um comboio. Quando chegamos ao lugar onde deveríamos nos casar, dois policiais agarraram o meu companheiro quando saía do comboio, e o prenderam. Levaram-me também, mas quando contei a minha história deixaram-me livre, mandando-me sob vigilância para o convento de onde havia fugido. O homem a quem eu julgara amar

não era na verdade um cavalheiro, mas sim um desertor do exército e fugitivo da justiça civil. Tinha cadastro em quase todos os países da Europa. O assunto foi abafado pelas superiores do convento, e nem sequer meus pais tiveram conhecimento do que se havia passado. Mas Nikolas conheceu esse homem, mais tarde, e ficou sabendo de toda a história. Agora ameaça contar tudo ao conde, se eu não fizer o que ele exige de mim...

- É ainda uma criança pequena, na verdade... - disse Tarzan, rindo. - O que me contou não pode, seja como for, prejudicar a sua reputação e se não fosse de fato uma criança, saberia isso. Vá ter com seu marido, esta noite, e conte-lhe tudo, como me contou agora. Ou me engano muito ou ele rirá dos seus receios e tomará imediatas providências para meter esse seu precioso irmão na cadeia onde já deveria estar.

- Só queria ter coragem para isso, mas tenho medo... Durante toda a minha vida receei os homens, meu pai, meu irmão, os professores. Quase todas as minhas amigas receiam os maridos... Porque não devo recear o meu?

- Não me parece justo que as mulheres tenham medo dos homens... - respondeu Tarzan, intrigado. - Conheço melhor os habitantes da selva, e aí é o contrário que acontece, exceto entre os negros. Mas, para mim, esses estão muito abaixo das feras, em muitos aspectos. Não... Não entendo que uma mulher civilizada deva ter medo dos homens, que na verdade foram criados para protegê-las. Eu odiaria pensar que uma mulher tivesse medo de mim.

- Não existe nenhuma mulher que faria isso... - murmurou Olga de Coude, brandamente. - Conheço-o pouco e embora pareça tolice dizer isto, é o único homem de quem eu nunca teria medo... O que é ainda mais estranho quando se trata de um homem espantosamente forte. Maravilhou-me a facilidade com que enfrentou Nikolas e Paulvitch, naquela noite, no meu camarote. Maravilhou-me realmente...

Quando Tarzan saiu, pouco depois, ia um tanto intrigado pela pressão da mão da condessa, ao despedir-se e pela firme insistência com que ela lhe exigira a promessa de a visitar de novo, no dia seguinte. A recordação dos lábios dela, sorrindo, e do olhar velado dos lindos olhos que o haviam fitado docemente, na despedida, ficou com ele durante o resto do dia. Olga de Coude era uma linda mulher, e Tarzan dos Macacos um jovem muito solitário, com um coração magoado e precisado dos carinhos que só uma mulher lhe poderia dar.

Quando a condessa voltou para a sala, depois da partida de Tarzan, encontrou-se cara a cara com Nikolas Rokoff.

- Há quanto tempo estás aí? - exclamou ela, recuando.

- Desde antes da chegada do teu amante... - respondeu o miserável, sarcástico.

- Como se atreve a dizer tal coisa da sua irmã? - Exclamou a condessa.

- Bem, minha querida Olga... Se não é o seu amante, aceite as minhas desculpas mas se realmente não é, a culpa não te cabe. Se ele tivesse um pouco do meu conhecimento das mulheres, estaria agora nos seus braços. Mas esse homem é um estúpido e um tolo. Cada palavra e cada gesto seu, eram um convite aberto, só que ele não teve a clarividência necessária para compreender.

A condessa tapou os ouvidos.

- Não quero ouvi-lo mais! É um homem mau! Apesar do que diz, sabe que sou uma criatura honesta. Mas agora não me ameaçará mais, porque vou contar toda a verdade a Raul. Ele compreenderá e então terá de ter cuidado contigo, Nikolas!

- Não lhe dirá coisa nenhuma... - retorquiu Rokoff. – Agora tenho conhecimento deste caso, com a ajuda de um dos seus criados, no qual confio, nada faltará à história quando os pormenores, devidamente testemunhados, chegarem aos ouvidos do seu marido. O outro caso serviu quando foi necessário, mas agora tenho um assunto mais claro para trabalhar, Olga. Um verdadeiro caso e você é uma mulher casada... Que vergonha, Olga... - continuou o diabólico homem, rindo.

E assim a condessa nada contou ao marido, e as coisas ficaram piores do que estavam antes. De um vago receio, a condessa passara para um medo tangível e talvez a sua própria consciência a ajudasse a aumentar as proporções desse medo, ampliando-o sem razão...

O plano que fracassa

Durante um mês, Tarzan foi um visitante assíduo da bela condessa de Coude. Era freqüente encontrar outros membros do escolhido grupo que aparecia à tarde, para o chá mas mais freqüentemente a condessa arranjava maneira de ficar sozinha com ele.

Durante algum tempo ela tinha ficado assustada pelo que Nikolas insinuara. Nunca havia pensado em Tarzan senão como num amigo, mas a sugestão maldosa do irmão levava-a a pensar sobre a estranha força que parecia atraí-la para aquele belo jovem de olhos cinzentos. Todavia não queria amá-lo, nem desejava o amor dele.

Era muito mais nova do que o marido, e inconscientemente havia desejado a amizade de alguém da sua idade. Os vinte anos de uma mulher são por vezes tímidos em confiar-se aos quarenta anos de um homem. Tarzan tinha apenas dois anos a mais do que a condessa, e ela sentia que ele poderia compreendê-la. Era um homem decente, honesto e cavalheiresco. Não o temia... Sentira, desde a primeira hora, que podia confiar nele.

Rokoff observara, à distância e com malévola satisfação, o evoluir da intimidade entre a irmã e o belo rapaz. Desde que ouvira Olga dizer a Tarzan que ele, Rokoff, era um espião russo, ao seu ódio juntara-se o receio de que Tarzan o denunciasse, agora esperava apenas o momento de poder desferir um dos seus golpes. Queria ver-se definitivamente livre de Tarzan, e ao mesmo tempo vingar-se das humilhações e derrotas que sofrera.

Quanto a Tarzan, estava mais perto de sentir-se satisfeito do que nunca estivera desde que a paz da sua selva fora perturbada pela aparição do grupo do Professor Porter. As suas relações sociais com os amigos de Olga davam-lhe prazer, e a amizade da condessa era-lhe agradável. Dispersando os seus pensamentos sombrios, era como um bálsamo para o seu coração magoado.

Por vezes D'Arnot acompanhava-o nas suas visitas ao palacete dos de Coude, pois havia muito tempo que conhecia a condessa e o conde. Ocasionalmente o conde aparecia também nessas reuniões, mas os múltiplos encargos da sua situação oficial retinham-no com freqüência até bastante tarde.

Rokoff espiava Tarzan quase constantemente, esperando a ocasião de vê-lo entrar de noite no palácio, mas essa espera foi decepcionante para ele. Em várias ocasiões Tarzan acompanhou a condessa a casa, depois da ópera, mas invariavelmente despedia-se à porta, com grande desgosto do devotado irmão de Olga. Verificando que lhe era impossível armar a sua ratoeira por meio de qualquer ação voluntária de

Tarzan, Rokoff e Paulvitch combinaram um plano destinado a apanhar o homem da selva numa situação comprometedor... Com o apoio de provas circunstanciais. Durante dias Nikolas leu atentamente os jornais, seguindo os movimentos de Coude e de Tarzan, ao mesmo tempo. E por fim encontrou o que buscava. Um jornal da manhã trouxe a notícia de uma reunião de caráter político que teria lugar na noite seguinte, promovida pelo embaixador alemão. O nome do conde de Coude figurava entre os dos convidados e se comparecesse isso significaria que estaria fora de casa até depois da meia-noite.

Na noite do banquete, Paulvitch esperou à beira do passeio, diante da residência do ministro alemão, num ponto de onde podia ver todos os convidados que chegavam. Não tardou a ver de Coude descer do seu automóvel e então apressou-se a voltar para onde Rokoff o esperava. Cerca das onze horas, Paulvitch pegou no telefone e ligou para um número.

- É do apartamento do senhor tenente D'Arnot ? - perguntou o patife, quando obteve a ligação. - Tenho um recado para o Sr. Tarzan, se ele puder ter a bondade de vir ao telefone. Houve um momento de espera.

- O Sr. Tarzan? Sim, monsieur... Aqui fala François, um criado da senhora condessa de Coude... Possivelmente o Sr. Tarzan lembra-se de mim, o que é uma honra... Exatamente, tenho um recado da senhora condessa... Sim, ela pede para visitá-la imediatamente... Sim, imediatamente... Está... em dificuldades... Não, Sr. Tarzan, não sei de que se trata... Posso dizer à senhora condessa que o Sr. Tarzan irá? Fico muito grato...

Paulvitch desligou e olhou para Rokoff, com um sorriso mau. Este disse:

- Ele levará cerca de trinta minutos para chegar lá... Se você chegar a casa do ministro alemão dentro de quinze minutos, de Coude poderá estar em sua casa em quarenta e cinco minutos. Tudo depende desse idiota se demorar pelo menos quinze minutos, depois de descobrir que não foi chamado e se trata de um truque. Mas, ou me engano muito, ou Olga não gostará de que ele se demore tão pouco. Aqui está o papel para de Coude. Apresse-se!

Quinze minutos depois Paulvitch estava na residência do embaixador alemão e entregava a nota a um criado, dizendo:

- Isto é para o conde de Coude. É muito urgente. Veja se lhe faz chegar às mãos este papel, sem demora...

Entregou algumas moedas de prata ao criado e regressou mais uma vez ao apartamento de Rokoff. Um momento depois o conde de Coude recebia o papel e pedia licença ao seu anfitrião para tomar conhecimento do recado. Rasgou o sobrescrito e leu, empalidecendo progressivamente:

"Senhor Conde de Coude

Alguém que quer salvar a honra do seu nome serve-se deste meio para avisá-lo que a respeitabilidade do seu lar corre perigo neste momento. Um certo indivíduo que desde há tempos visita a sua casa, durante a sua ausência, está agora em companhia de sua mulher. Se for imediatamente o encontrará no "boudoir" da condessa.

Um Amigo".

Vinte minutos depois de Paulvitch ter telefonado para Tarzan, Rokoff fez uma chamada para o telefone particular da condessa. Respondeu-lhe a criada de quarto de Olga.

- A senhora já se retirou... - objetou a criada, perante a insistência de Rokoff.

- Trata-se de um recado importante e urgente, que só posso transmitir diretamente à condessa. Peça-lhe que se levante e atenda o telefone. Voltarei a ligar dentro de cinco minutos...

Rokoff desligou, e um minuto depois chegou Paulvitch.

- O conde tem o recado?

- Deve estar a caminho de casa... - respondeu Paulvitch.

- Excelente! Olga deve estar sentada no seu boudoir, sumariamente vestida, talvez com um roupão sobre a camisa de noite... Muito sugestivo quando aparecer o tal Tarzan, ficará surpresa, mas não decepcionada. Se esse homem tiver sangue nas veias, o conde encontrará uma linda cena de amor dentro de quinze minutos. Creio que planejamos tudo da melhor maneira, Alexis. Vamos beber o bom absinto do velho Plancon, à saúde de. Tarzan, sem esquecer que o conde de Coude é um dos melhores espadachins de Paris e o melhor atirador de França.

Quando Tarzan chegou ao palacete, Jacques estava à espera dele, à porta.

- Por aqui, Monsieur... - disse ele, conduzindo o visitante para a larga escadaria de mármore. Um instante depois abriu uma porta, fez uma vênia, afastou um pesado cortinado e desapareceu, deixando Tarzan num compartimento frouxamente iluminado.

Tarzan viu Olga sentada diante de uma pequena secretária onde estava o telefone. Tamborilava nervosamente com os dedos, sobre o tampo polido da secretária, e não o ouviu entrar.

- Que houve, Olga? - perguntou ele.

A condessa voltou-se, com um leve grito de espanto.

- Jean! Que faz aqui? Quem lhe abriu a porta? Que significa isto?

Tarzan ficou estupefato, mas no mesmo instante compreendeu uma parte da verdade.

- Nesse caso não me chamou, Olga?

- Chamá-lo, a esta hora da noite? Meu Deus! Julga-me completamente doida, Jean?

- François telefonou-me para vir imediatamente. Disse que estava com problemas e precisava de mim.

- François? Mas quem é François?

- Disse que era um dos seus criados e falou-me como se a conhecesse.

- Não tenho nenhum criado chamado François. Alguém quis brincar com você, Jean... - disse Olga,

- Receio que se trate de uma brincadeira sinistra, Olga... Isto não é apenas humor...

- Que quer dizer? Não pensa que...

- Onde está o conde? - interrompeu Tarzan.

- Na residência do embaixador alemão.

- Isto é outra habilidade do seu estimado irmão. Amanhã o conde ouvirá falar do caso e interrogará os criados... Tudo irá confirmar o que Rokoff deseja que o conde pense.

- O miserável! - exclamou Olga. Tinha-se levantado e aproximara-se de Tarzan, fitando-o. Estava muito assustada, tinha a expressão de uma pobre corça ferida. Tremia e apoiou as mãos nos largos ombros dele. - Que faremos, Jean? Amanhã toda Paris saberá... Nikolas fará com que a notícia se espalhe.

A atitude dela, o olhar, as palavras, tudo significava o milenar apelo da mulher para o seu protetor natural, o homem. Tarzan tomou na sua uma das mãos dela. Foi um gesto involuntário, tão impensado como quando, logo depois, passou um braço sobre os ombros trêmulos de Olga.

Mas o resultado foi uma espécie de choque elétrico. Nunca tinha estado tão perto da condessa. Olharam-se, com um sobressaltado sentimento de culpa e, em vez de se mostrar forte, Olga tornou-se mais fraca e chegou-se mais para ele, envolvendo-lhe o pescoço com os braços. Tarzan beijou-a...

Raul de Coude tinha apresentado apressadas desculpas ao dono da casa depois de ler o papel. Nunca saberia quais desculpas, assim como nunca poderia lembrar-se exatamente do que se passou até ao momento de entrar no seu palacete. Só aí recuperou uma espécie de domínio dos nervos, tornou-se frio e cauteloso. Por

qualquer razão inexplicável, Jacques, criado, abriu a porta antes do conde subir os poucos degraus do pátio. De Coude não estranhou isso, no momento, embora mais tarde se recordasse. Sem rumor, de Coude subiu a escada de mármore e percorreu o corredor que conduzia ao boudoir de sua mulher. Levava na mão uma pesada bengala e no coração um furioso desejo de matar. Olga foi a primeira a vê-lo. Com um pequeno grito apavorado arrancou-se dos braços de Tarzan...

Este voltou-se exatamente a tempo de desviar com o braço o furioso golpe que lhe era dirigida à cabeça. Duas, três vezes, a pesada bengala se abateu e cada pancada apressava a transformação de Tarzan numa fera da selva. Com o grunhido rouco do gorila, saltou sobre o francês. A bengala foi arrancada das mãos de Coude e partida em duas como se fosse um palito de fósforo. Tarzan atirou-a ao chão e atacou. Olga de Coude olhava, apavorada, a cena que se desenrolava diante dela. Por momentos ficou paralisada... Correu para onde Tarzan estrangulava o conde sacudindo-o como um cão sacudiria um rato... Agarrou as grandes mãos do jovem, gritando:

- Vai matá-lo! Vai matá-lo! Oh, Jean! Vai matar o meu marido!

Tarzan estava surdo pela fúria. De repente, atirou ao chão o corpo inerte do conde, pôs-lhe um pé sobre o peito e soltou o terrível grito de vitória dos grandes antropóides. De um extremo ao outro do palacete o grito ecoou, apavorando os criados, deixando-os pálidos e trêmulos. A condessa ajoelhou-se, junto do corpo do marido.

Lentamente, a nuvem vermelha dissipou-se, ante os olhos de Tarzan. Tudo retomava forma, o homem civilizado voltava a dominar.

- Olga... - murmurou.

Ela levantou a cabeça, esperando ver a expressão de fúria assassina no olhar dele. Viu apenas uma expressão de arrependimento e de tristeza.

- Oh, Jean! Veja o que fez... Ele era meu marido... Eu o amava e ele está morto...

Suavemente, Tarzan ergueu o corpo inerte e estendeu-o sobre um divã. Depois encostou o ouvido ao peito do conde.

- Um pouco de brandy, Olga... - disse.

Ela trouxe o brandy, e conseguiram que de Coude engolissem algumas gotas. Um leve suspiro escapou dos lábios brancos. Depois um gemido...

- Não morrerá... - murmurou Tarzan. - Deus seja louvado...

- Por que fez isto, Jean?

- Não sei... Ele me bateu e eu perdi a cabeça... Nunca lhe contei a minha história, Olga e foi pena, porque isto não teria acontecido. A única mãe que conheci foi uma macaca e até aos quinze anos nunca vi uma criatura humana. Só aos vinte encontrei

pela primeira vez um homem branco. Há pouco mais de um ano eu era uma fera na selva... E as pessoas fazem isto... Não me julgue muito severamente... Dois anos é muito pouco tempo para recuperar séculos de civilização...

- Não o julgo, Jean. A culpa foi minha... Vá embora, é preciso que ele não o veja quando voltar a si, adeus!

Tarzan saiu, de cabeça baixa mas pouco a pouco os seus pensamentos tomaram um caminho definido.

Vinte minutos depois entrava numa delegacia de polícia, não muito longe da Rua Maule. Ali encontrou um dos agentes que conhecera, em condições bastante estranhas, várias semanas antes. O policial mostrou-se contente ao vê-lo, e após um momento de conversa, Tarzan perguntou-lhe se ele já tinha ouvido falar de Nikolas Rokoff e Aléxis Paul.

- Muitas vezes, de fato... - respondeu o agente... – Ambos têm ficha criminal, e embora atualmente não haja nada contra eles, tratamos sempre de saber onde é que podem ser encontrados se a ocasião surgir. Por que pergunta, senhor?

- Conheço-os, e gostaria de falar ao Sr. Rokoff, um assunto de negócios. Se puder dizer-me onde eles vivem, lhe ficarei grato.

Minutos depois Tarzan despedia-se do policial, levando no bolso uma tira de papel com um endereço referente a um bairro quase respeitável. Chamou um táxi que passava...

Rokoff e Paulvitch estavam outra vez no seu apartamento, conversando sobre as possíveis conseqüências dos acontecimentos da noite. Tinham telefonado para a redação de um jornal da manhã, e esperavam a chegada de um repórter a quem forneceriam, em primeira mão, o relato do escândalo que agitaria a alta sociedade parisiense na manhã seguinte.

Ouviram passos na escada e Rokoff exclamou:

- Esses repórteres são rápidos! Abra a porta, Alexis!

Alexis abriu a porta e recuou precipitadamente...enquanto Rokoff olhava, espantado, para o jovem alto, de olhos cinzentos, que surgia diante deles.

- "Nom de nom!" - gritou, levantando-se de um salto. - Que quer daqui?

- Sente-se... - respondeu Tarzan, em voz baixa, mas num tom que obrigou os dois homens a sentarem-se. - Sabem o que me traz aqui... - continuou, sem levantar a voz. – Devia matá-los, a ambos mas o fato de Rokoff ser irmão de Olga de Coude impede-me que o faça agora. Darei uma oportunidade de viverem. Paulvitch não conta, não tem importância, é apenas um estúpido instrumento, e por isso não o matarei enquanto permitir que você viva, Rokoff, mas, antes que eu saia deste

quarto, deixando-os vivos, terão de fazer duas coisas. Rokoff começará por escrever uma confissão completa da infâmia que organizou esta noite e assinála. Depois terá de me prometer, sob pena de morte, que este caso não será comunicado aos jornais. Se não fizer ambas as coisas, Rokoff, nenhum dos dois estará vivo quando eu sair. Compreende? Vamos, apresse-se! Tem tinta, papel e uma caneta, sobre essa mesa...

Rokoff tomou uma atitude beligerante, tentando demonstrar que não o assustavam as ameaças mas no mesmo instante sentiu-se agarrado pela garganta, com dedos de aço. Paulvitch, que tentou intervir, foi levantado no ar e atirado contra uma parede, junto da qual caiu sem sentidos. Quando a face de Rokoff começou a tornar-se negra, Tarzan largou-o, empurrando-o para a cadeira. Paulvitch, que começou a erguer-se, afundou-se também numa cadeira, a uma ordem de Tarzan.

- Agora escreva... - Disse o homem da selva. Se for necessário agarrá-lo outra vez, não o largarei depressa. Não omita um só pormenor, nem um único.

Rokoff pegou a caneta e começou a escrever quase no mesmo instante bateram à porta.

- Entre... - disse Tarzan.

- Eu sou repórter do Matin... - declarou o visitante, um rapaz novo e de olhar vivo. - Creio que o Sr. Rokoff tem uma história para mim...

- Nesse caso engana-se, meu amigo... - atalhou Tarzan. - Você não tem qualquer história para os jornais, não é, meu caro Nikolas?

- Não... Não tenho qualquer história agora... - rosnou o russo.

- Nem agora nem nunca, meu caro Nikolas... - insistiu Tarzan, com um olhar que o russo compreendeu e o repórter nem sequer notou.

- Hein?

- Nem nunca... - apressou-se a afirmar Rokoff.

- Foi pena ter incomodado este senhor... - disse Tarzan. - Desejo-lhe muito boa noite...

O repórter saiu e Tarzan fechou a porta.

Uma hora depois, levando no bolso um manuscrito de algumas páginas, Tarzan encaminhou-se também para a porta, dizendo antes de sair:

- No seu caso, Rokoff, eu partiria de França, pois cedo ou tarde encontrarei um pretexto para mata-lo sem comprometer sua irmã...

CAPÍTULO 6

Um duelo

D'Arnot estava dormindo quando Tarzan entrou no apartamento. Tarzan não quis acordá-lo, mas na manhã seguinte contou-lhe os acontecimentos da noite, sem omitir um pormenor.

- Fui um tolo... - concluiu. - De Coude e a mulher eram meus amigos e aqui está como paguei a amizade deles. Pouco me faltou para matar o conde, e lancei lama na reputação de uma mulher honesta. Muito provavelmente destrocei um lar feliz.

- Você ama Olga de Coude? - perguntou D'Arnot .

- Não poderia responder a essa pergunta, Paul, se não tivesse certeza de que ela me não ama... Mas assim posso dizer-lhe, sem quebra de lealdade, que não há amor entre nós. Por um breve instante fomos envolvidos por uma vaga de loucura, que teria vivido apenas um segundo se de Coude não tivesse aparecido. Como você sabe, eu tenho pouca experiência com mulheres. Olga de Coude é bonita, o ambiente era propício... Um homem civilizado não a teria beijado... mas a minha civilização ainda não chegou sequer à pele, não vai além da roupa. Paris não é lugar para mim... Continuarei fazendo tolices, algumas possivelmente mais graves... As leis humanas irritam-me, sinto-me prisioneiro... Portanto, amigo, creio que vou voltar para a minha selva e viver a vida que Deus me destinou, visto que me quis lá.

- Não tome as coisas tão a sério, Tarzan... – Respondeu D'Arnot . - Você não foi além de um beijo isto é, portou-se muito melhor do que a maioria dos homens civilizados se portariam em tais circunstâncias. Quanto a sair de Paris, creio que de Coude terá alguma coisa a dizer a tal respeito, antes que passe muito tempo.

D'Arnot não se enganava. Uma semana depois um tal Sr. Flaubert fez-se anunciar, cerca das onze horas da manhã, quando os dois amigos tomavam café da manhã. O Sr. Flaubert era uma pessoa impressionantemente bem educada. Com muitas vênias, entregou o desafio do Sr. Conde, ao Sr. Tarzan, pedindo que o Sr. Tarzan se dignasse indicar um seu amigo com quem ele, Sr. Flaubert, se devesse encontrar a uma hora que lhe parecesse conveniente - mas tão cedo quanto possível - para combinarem todos os pormenores necessários. O Sr. Tarzan não hesitou em confiar os seus interesses, sem reservas, ao seu amigo Sr. D'Arnot . E assim ficou combinado que o Sr. D'Arnot se encontraria com o Sr. Flaubert, às duas horas da tarde. E o Sr. Flaubert retirou-se com tantas vênias como fizera ao entrar. Quando ficaram sós, D'Arnot olhou interrogativamente para Tarzan, perguntando:

- E então?

- Aos meus pecados tenho agora de acrescentar o de matar ou ser morto... - respondeu Tarzan. - Estou fazendo progressos rápidos quanto aos usos dos meus irmãos civilizados.

- Que armas vai escolher? - perguntou ainda D'Arnot . – De Coude tem a fama de ser um mestre com a espada, e um magnífico atirador.

- Nesse caso devo escolher flechas envenenadas, a vinte passos, ou lanças de arremesso, à mesma distância... - riu Tarzan. - Sejam pistolas, D'Arnot .

- Mas ele o matará!

- Não duvido disso. Todos temos de morrer, um dia.

- É preferível escolher a espada. De Coude se contentará em feri-lo, e há menos risco de uma ferida mortal.

- Pistolas... - Declarou Tarzan, decididamente.

D'Arnot tentou argumentar, mas sem resultado. Regressou pouco depois das quatro da tarde, da sua conferência com o Sr. Flaubert.

- Tudo combinado... - disse ele. - Amanhã, ao romper do dia, num ponto praticamente deserto a curta distância de Étampes. Flaubert fazia empenho nisso, e eu não o contrariei.

- Excelente... - disse simplesmente Tarzan. Não voltou a referir-se ao assunto, nem mesmo diretamente. Nessa noite escreveu várias cartas. Depois de fechá-las e endereçar, meteu-as dentro de um sobrescrito dirigido a D'Arnot . O tenente ouviu-o cantarolar uma canção em voga, enquanto se despia. D'Arnot praguejou entre dentes. Sentia-se infeliz, porque tinha certeza de que o sol nascente, no dia seguinte, encontraria Tarzan morto.

- É uma hora muito pouco civilizada para as pessoas se matarem... - declarou o homem da selva, ao ser acordado quando ainda era noite.

Tinha dormido bem, e olhava sorridente para D'Arnot que, já pronto, estava à porta do quarto. O tenente mal dormira. Sentia-se nervoso e irritado.

- Suponho que você dormiu como uma criança? - perguntou.

- Pela maneira como você fala... - respondeu Tarzan, rindo - Concluo que isso lhe parece censurável. Mas de fato dormi bem.

- Não é isso, amigo... - respondeu D'Arnot , sem poder conter um sorriso. - Mas é exasperante a diferença com que você encara o caso. Parece que vai atirar ao alvo, em vez de ir enfrentar um dos melhores atiradores franceses.

Tarzan encolheu os ombros.

- Vou expiar o mal que fiz, Paul... e o fato de o meu antagonista ser um bom

atirador é muito conveniente. Por que havia eu de estar preocupado?

- Quer dizer que deseja ser morto? - exclamou D'Arnot, horrorizado.

- Não posso dizer que o deseje, mas tem de reconhecer que há boas razões para esperar isso mesmo.

Se D'Arnot pudesse adivinhar o que Tarzan pensava - o que tinha pensado desde que compreendera ser inevitável o seu duelo com de Coude - teria ficado ainda mais horrorizado. Em silêncio entraram no grande carro de D'Arnot e ainda em silêncio seguiram ao longo da estrada que conduzia a Étampes. Cada um deles estava mergulhado nos seus próprios pensamentos.

D'Arnot sentia-se angustiado porque era verdadeiramente amigo de Tarzan. A sólida amizade que surgira entre aqueles dois homens tão diferentes pela educação e pela maneira de viver, havia sido fortalecida pelo convívio. Ambos tinham os mesmos ideais de coragem e de honra... Compreendiam-se, e cada qual podia sentir orgulho na amizade do outro.

Tarzan mergulhara em recordações do passado, em agradáveis memórias dos momentos felizes da sua vida na selva. Lembrava as muitas horas da sua adolescência, que passara sentado sobre uma mesa, na barraca de seu pai, o corpo moreno curvado sobre os livros de imagens, das quais, sem ajuda, arrancara os segredos da linguagem impressa, muito antes de que os sons da fala humana lhe tivessem chegado aos ouvidos.

Um sorriso iluminou-lhe as feições ao recordar aquele dia, único entre os dias, em que estivera sozinho com Jane Porter no coração da selva primitiva. As suas evocações foram interrompidas quando o carro parou. Tinham chegado. A mente de Tarzan voltou-se para o momento presente. Sabia que ia morrer, mas não tinha qualquer receio da morte. Para um habitante da selva, a morte era um lugarcomum. A primeira lei da natureza impelia-o a agarrar-se à vida, a lutar para se defender mas não o levava a ter medo da morte.

D'Arnot e Tarzan foram os primeiros a chegar, mas pouco depois chegaram de Coude, o Sr. Flaubert e um outro sujeito - que Flaubert apresentou como sendo um cirurgião.

D'Arnot e Flaubert falaram em voz baixa durante uns instantes. Tarzan e de Coude tinham-se afastado para os extremos da pequena clareira entre as árvores. Depois as testemunhas chamaram-nos. Haviām examinado as pistolas e tudo estava em ordem.

Os dois homens que iam enfrentar-se momentos depois, ouviram em silêncio o Sr. Flaubert, que lhes dizia as condições a que deviam submeter-se. Se juntariam ao centro da clareira, costas com costas, e a um sinal de Flaubert caminhariam em direções opostas, empunhando as pistolas, mas com braços estendidos ao longo do

corpo. Quando tivessem caminhado dez passos, cada um, D'Arnot daria sinal - e então ambos disparariam à vontade até um deles cair ou até terem disparado as três balas de que cada qual dispunha.

Enquanto Flaubert falava, Tarzan tirou um cigarro da cigarreira e acendeu-o. De Coude mostrava-se friamente calmo... Não era ele um dos melhores atiradores da França?

Flaubert fez um aceno a D'Arnot , e foram ambos colocar os seus respectivos amigos nas posições previstas.

- Estão prontos, meus senhores? - perguntou Flaubert.

- Pronto... - respondeu de Coude.

Tarzan fez um gesto de assentimento. Flaubert deu o sinal e tanto ele como D'Arnot recuaram uns passos, para ficarem fora da linha de tiro, enquanto os dois antagonistas caminhavam lentamente, afastando-se. Seis passos, sete, oito... Havia lágrimas nos olhos de D'Arnot . Era profundamente amigo de Tarzan, mais dois passos, e o pobre tenente deu o sinal que tanto o angustiava. Para ele, era o sinal da morte do amigo.

Rápido, de Coude voltou-se e disparou. Tarzan teve um leve sobressalto, mas não levantou a arma. De Coude hesitou, como se esperasse ver cair o adversário. Era um atirador bastante hábil para ter certeza de que acertara. Todavia Tarzan continuava de pé, sem utilizar a pistola. De Coude disparou segunda vez, mas a atitude do homem da selva a completa indiferença tão visível no espantoso à vontade do seu vulto alto e forte, e o fumo que subia tranquilamente do seu cigarro - haviam desconcertado o melhor atirador de França. Desta vez Tarzan nem sequer se sobressaltou, mas de Coude compreendeu que voltara a acertar.

De repente, surgiu na mente do conde uma explicação... O seu adversário corria voluntariamente risco, decerto esperando que não seria ferido tão gravemente que não pudesse manter-se de pé. Então, disparadas as três balas do francês, o abateria friamente, com tempo e vagar. De Coude sentiu-se percorrido por um calafrio. Era um plano pavoroso, diabólico. Que criatura seria aquela, que se mantinha firme e calma com duas balas no corpo, esperando a terceira? De Coude apontou cuidadosamente, mas os seus nervos haviam cedido e a terceira bala perdeu-se no espaço. Nem uma vez Tarzan fizera qualquer esboço de movimento para erguer a arma. Por momentos os dois homens fitaram-se, olhos nos olhos. Na face de Tarzan havia uma expressão de patético desapontamento. Na de Coude havia uma crescente expressão de pavor... Não podia suportar aquilo por mais tempo.

- Mãe de Deus! - gritou. - Dispare, monsieur!

Mas, em lugar de levantar a arma, Tarzan encaminhou-se para ele. Quando

D'Arnot e Flaubert se dispunham a intervir, deteve-os com um gesto.

- Nada temam... - disse. - Não lhe farei mal...

Era contra todos os usos, mas pararam. Tarzan aproximou-se do conde.

- Deve haver qualquer coisa errada com a sua arma, monsieur... - disse ele. - Ou com os seus nervos. Tome a minha pistola e tente de novo... - E Tarzan oferecia a de Coude a sua arma, segurando-a pelo cano.

- Meu Deus! En... Enlouqueceu? - exclamou o francês.

- Não, meu amigo... - replicou Tarzan. - Mas mereço morrer. É a única maneira de reparar o mal que fiz a uma mulher honesta. Tome a minha pistola e faça como lhe peço.

- Seria um assassinato... - respondeu de Coude. Que mal fez a minha mulher? Ela jurou-me que...

- Não me refiro a isso... - atalhou Tarzan. - O senhor viu tudo o que se passou entre nós, mas foi o bastante para lançar uma sombra sobre o nome dela e arruinar a felicidade de um homem contra o qual não me movia qualquer inimizade. A culpa foi inteiramente minha e portanto eu esperava resgatar essa culpa com a minha morte, esta manhã. Desaponta-me o fato de que o senhor não seja um atirador tão bom como me disseram que era.

- Diz que a culpa foi inteiramente sua? - perguntou o conde, ansiosamente.

- Sem a menor dúvida, monsieur. Sua mulher é uma criatura digna, que o ama. A culpa do que viu cabe inteiramente a mim. O que me levou a sua casa não foi culpa da condessa, nem minha. Tem aqui um papel que provará isto com clareza.... - e Tarzan tirou do bolso a confissão escrita e assinada por Rokoff.

De Coude pegou o papel e leu. D'Arnot e o Sr. Flaubert tinham-se aproximado, espectadores interessados daquele estranho final de um estranho duelo. Ninguém falou até que de Coude acabou de ler... e então este levantou os olhos para Tarzan.

- O senhor é um cavalheiro muito corajoso e honrado... - disse o conde. - Agradeço a Deus não o ter matado!

Impulsivo como todos os franceses, de Coude abraçou Tarzan e beijou-o na face.

O Sr. Flaubert abraçou e beijou D'Arnot. Não havia ninguém para abraçar e beijar o cirurgião e foi talvez uma ponta de despeito que o fez intervir e pedir licença para observar as feridas de Tarzan.

- Este senhor foi ferido uma vez ou mesmo três vezes...

- Duas... - explicou Tarzan. - Uma no ombro esquerdo e outra também do lado esquerdo. Suponho que sejam feridas superficiais...

Mas o médico insistiu em que ele se estendesse na relva, e não o largou sem ter desinfetado as feridas e estancado a hemorragia.

O resultado do duelo foi voltarem todos para Paris, no carro de D'Arnot , os melhores amigos do mundo. De Coude sentia tão grande alívio ante a dupla prova do amor e da fidelidade de Olga, que não tinha qualquer ressentimento contra Tarzan. Era certo que este último assumira culpas que não lhe pertenciam por completo - mas se mentira, fora por uma mulher, e como um cavalheiro.

Tarzan permaneceu na cama durante vários dias. Sentia que era perfeitamente desnecessário, mas o médico e D'Arnot faziam tanto empenho que ele cedeu para os contentar, embora lhe desse vontade de rir a estranha idéia.

- É ridículo... - declarou ele a D'Arnot - Ficar de cama por causa de uma alfinetada. Quando Bolgani, o grande chimpanzé, quase me rasgou em pedaços, eu era apenas um rapazinho, mas não tive uma cama macia onde me estender. Só a vegetação úmida e meio apodrecida da selva. Escondido sob as moitas, fiquei durante dias e semanas só com os cuidados de Kala, a pobre e fiel Kala, que enxotava as moscas das minhas feridas e afastava as feras da floresta... Quando eu tinha sede, ela trazia-me água na boca, a única maneira que conhecia para transportá-la. Não havia gazes esterilizados nem ligaduras anti-sépticas, não havia nada que não tivesse enchido de espanto o pobre doutor, se ele visse. E no entanto curei-me, curei-me para estar na cama por causa de um arranhão que qualquer animal da selva nem sequer descobriria, a não ser que o tivesse na ponta do focinho.

Mas a convalescença foi rápida, e dentro de poucos dias Tarzan estava de pé. De Coude visitara-o várias vezes, e quando soube que o homem da selva procurava uma colocação, prometeu diligenciar nesse sentido.

No primeiro dia em que Tarzan recebeu autorização para sair, recebeu também um recado do conde, pedindo-lhe para ir ao seu gabinete no Ministério, nessa mesma tarde. Tarzan encontrou de Coude à sua espera, com cordiais boasvindas e felicitações pelo pronto restabelecimento.

Nenhum deles voltara a mencionar o duelo ou as suas causas.

- Creio que tenho exatamente o que lhe convém... - declarou o conde. - É uma posição de muita confiança e responsabilidade, que requer igualmente coragem e destreza excepcionais. Não posso imaginar alguém mais indicado do que monsieur Tarzan... Será necessário viajar, e mais tarde poderá conduzir a uma situação muito melhor ainda, talvez nos serviços diplomáticos.

- A princípio, e apenas por algum tempo, será um agente especial ao serviço do Ministério da Guerra. Venha, vou apresentá-lo à pessoa que vai ser o seu chefe. Poderá explicar-lhe tudo muito melhor do que eu, e então o meu amigo ficará em

posição de julgar por si mesmo se o lugar lhe convém ou não.

De Coude acompanhou pessoalmente Tarzan ao gabinete do general Rochere, o chefe do departamento ao qual o homem da selva iria pertencer se aceitasse o trabalho. Depois de fazer, ao general, uma brilhante descrição dos atributos que tornavam Tarzan o homem ideal para o posto, o conde deixou-o a sós com o general.

Meia hora depois Tarzan saía do gabinete, já nomeado para o primeiro posto que ocupava na sua vida. No dia seguinte deveria voltar para receber instruções mais pormenorizadas, mas o general Rochere tornou bem claro que Tarzan devia preparar-se para sair de Paris, possivelmente nas vinte e quatro horas seguintes, e ficar ausente durante um período quase indefinido.

Foi num estado de espírito de completa satisfação que Tarzan regressou para casa, para dar a boa notícia a D'Arnot . Finalmente ia desempenhar uma função útil no mundo civilizado. Ia ganhar dinheiro e, sobretudo, ia viajar e conhecer mundo.

Estava ansioso para informar D'Arnot mas este não se mostrou muito contente. Disse:

- Você parece encantado por deixar Paris e por não voltarmos a ver-nos durante meses. Não há dúvida de que as feras nada conhecem sobre gratidão!

D'Arnot ria ao dizer isto, mas parecia realmente contrariado. Tarzan respondeu, não sem uma ponta de emoção:

- Trata-se apenas de que eu sou uma criança, Paul. Tenho um brinquedo novo, e isso excita-me...

Foi assim que, no dia seguinte, Tarzan partiu com rumo a Marselha e a Oran...

CAPÍTULO 7

A bailarina de Sidi Aissa

A primeira missão de Tarzan não tinha aspecto de ser muito excitante, nem muito importante. Havia um certo tenente, de quem o governo tinha razões para suspeitar que mantinha relações com os agentes de outra potência européia.

Esse tenente, de nome Gernois, então colocado em Sidi-bel-Abbes, fora recentemente adido ao Estado-Maior, e certas informações de grande valor militar tinham-lhe chegado às mãos, na rotina das suas funções... As suspeitas do governo francês relacionavam-se com a pretensão dos agentes dessa potência européia, a respeito desses segredos militares.

Fora apenas uma vaga insinuação, feita por uma parisiense bastante conhecida e flagrantemente ciumenta, que atraía as suspeitas sobre o tenente. Mas os Estados-Maiores são ciosos dos seus segredos, e a traição é uma coisa tão grave que nem mesmo uma vaga insinuação pode ser desprezada sem perigo.

Assim... Tarzan chegou à Argélia sob o aspecto de um caçador e viajante americano, com a missão de vigiar de perto o tenente Gernois. Tarzan havia ficado encantado com a perspectiva de voltar a ver a sua amada África, mas aquela região do Norte era tão diferente da sua selva tropical que não sentiu qualquer espécie de excitação que não pudesse ter sentido sem sair de Paris. Em Oran, passou um dia percorrendo as estreitas e tortuosas ruelas do bairro árabe, interessando-se pelos aspectos novos e estranhos que se lhe deparavam. O dia seguinte viu-o já em Sidibel-Abbes, onde exibiu cartas de apresentação para as autoridades civis e militares – cartas que não davam a entender, nem mesmo remotamente, o verdadeiro objetivo da sua missão.

Tarzan falava o inglês suficientemente bem para passar por americano aos olhos dos árabes e dos franceses, e era isso o que interessava. Quando encontrava algum inglês, falava-lhe em francês para não se denunciar, mas por vezes conversavam em inglês com estrangeiros que conheciam a língua mas que não tinham capacidade para notar as ligeiras deficiências de pronúncia.

Travou relações com muitos dos oficiais franceses, e adquiriu facilmente certa popularidade entre eles. Conheceu Gernois, um homem taciturno, de ar doentio, com cerca de quarenta anos e que pouco se relacionava com os seus companheiros.

Durante cerca de um mês nada aconteceu de interessante. Gernois, aparentemente, não recebia visitas, nem nas suas idas à cidade se encontrava com alguém que, mesmo com grande esforço de imaginação, pudesse ser considerado agente de

qualquer potência estrangeira. Tarzan começava a pensar que, apesar de tudo, a insinuação podia ter sido falsa quando subitamente Gernois foi transferido para Bou Saada, no Pequeno Sahara, muito para o Sul.

Uma companhia de aspahis e três oficiais deviam ir substituir outra companhia ali estacionada. Por sorte um dos oficiais, o capitão Gerard, tornara-se um excelente amigo de Tarzan, e quando este insinuou que gostaria de aproveitar a oportunidade para o acompanhar a Bou Saada, onde esperava encontrar caça, não despertou qualquer suspeita.

O destacamento deixou o caminho de ferro em Bouira, e o resto da jornada iria ser feito a cavalo. Enquanto Tarzan percorria Bouira procurando adquirir uma montaria, viu de relance um homem, com traje europeu, que o olhava da porta de um Café indígena. Mas, quando Tarzan olhou mais atentamente, o homem deu meia volta e entrou no Café. O filho da selva ficou com a impressão de que a criatura lhe era vagamente familiar, mas logo esqueceu o caso.

A marcha até Aumale foi fatigante para Tarzan, cujas experiências equestres se haviam limitado a breves lições num picadeiro parisiense, e assim foi com certa pressa que procurou o conforto de uma cama no Hotel Grossat, enquanto os oficiais e os soldados se alojavam no posto militar.

Embora chamassem Tarzan bastante cedo, na manhã seguinte, a companhia de aspahis estava a caminho antes de ele ter acabado o café da manhã. Apressou a refeição, para apanhar o destacamento antes que se afastasse demais, mas a certa altura olhou pela porta que ligava a sala de jantar com o bar.

Com surpresa, viu Gernois em conversa com o mesmo homem a quem vira na véspera, em Bouira, à porta de um Café local. Tinha certeza de não se enganar, porque havia qualquer coisa de familiar no vulto do homem, embora estivesse de costas para ele. Era o primeiro fato suspeito que Tarzan verificava em ligação com as atitudes de Gernois.

Enquanto olhava os dois homens, Gernois avistou-o e notou a sua expressão atenta. O desconhecido estava nessa altura falando em voz baixa, mas o tenente interrompeu-o bruscamente, e ambos se afastaram. Tarzan teve a impressão muito nítida de que os dois homens saíam por causa dele, e o fato de lhe parecer reconhecer o vulto do desconhecido o fez pensar que valeria a pena investigar. Um momento depois Tarzan entrou no bar, mas nem aí, nem na rua, voltou a ver os outros. No entanto, ainda entrou em várias lojas, para os procurar, em vão.

Partiu então atrás da coluna que, entretanto, se havia decerto adiantado consideravelmente. Só se reuniu aos soldados em Sidi Aissa, onde chegou pouco depois do meio-dia e onde a coluna fizera alto para uma hora de repouso. Encontrou

Gernois - mas não descobriu quaisquer vestígios do desconhecido.

Era dia de mercado, em Sidi Aissa, e as numerosas caravanas de camelos que vinham do deserto, e os árabes que enchiam a praça do mercado, deram a Tarzan o desejo de se demorar ali um dia, a fim de observar aquela gente. Foi assim que a companhia de aspahis partiu pouco depois para Bou Saada, sem ele. Tarzan ocupou as horas, até ao anoitecer, a vaguear pelo mercado em companhia de um jovem árabe, de nome Abdul, que lhe havia sido recomendado pelo dono da estalagem como sendo um criado e um intérprete digno de confiança.

Tarzan adquiriu um cavalo melhor do que aquele que trouxera de Bouira, e conversando com o ativo árabe a quem o cavalo pertencera, soube que o vendedor era Kadour ben Saden, xeique de uma tribo do deserto, ao sul de Djelfa. Por intermédio de Abdul, Tarzan convidou o seu novo conhecido para jantar com ele. Enquanto os três abriam caminho por entre a multidão de mercadores, cavalos, camelos e burros que enchiam a praça de agitação e de ruído, Abdul tocou no braço de Tarzan.

- Olhe para trás, meu amo... - disse ele, apontando para um vulto que se escondeu atrás de um camelo assim que Tarzan se voltou. - Está nos seguindo durante toda a tarde...-concluiu Abdul.

- Mal avistei um árabe com um albornoz azul e um turbante branco... - comentou Tarzan. - É a esse que se refere?

- Sim... Suspeitei dele porque é desconhecido aqui e não faz outra coisa senão seguir-nos, o que um árabe honesto não faria e porque esconde a parte inferior da cara, mostrando só os olhos. Deve ser um homem mau, senão estaria ocupando-se dos seus assuntos.

- Deve estar enganado, se assim for... - respondeu Tarzan. - Não posso ter inimigos num lugar que visito pela primeira vez e onde ninguém me conhece. Não tardará a descobrir o engano e a afastar-se. A não ser que queira roubar... - respondeu Abdul. - Nesse caso tudo o que podemos fazer é esperar, até que ele tente o golpe - riu Tarzan.

- Agora que estamos preparados, garanto que terá uma calorosa acolhida...

E assim Tarzan deixou de pensar no caso, embora voltasse a recordá-lo pouco tempo depois e em consequência de acontecimentos inesperados. Depois de um bom jantar, Kadour ben Saden preparou-se para se despedir do seu anfitrião. Com cortesias protestos de amizade, convidou Tarzan a visitá-lo nos seus domínios, onde os antílopes, os javalis, as panteras e os leões podiam ainda ser encontrados em número suficiente para entusiasmar um caçador.

Quando ele partiu, Tarzan e Abdul percorreram novamente as ruas de Sidi Aissa e

o homem da selva não tardou a ser atraído pelos sons de música que vinham do interior de um dos numerosos Cafés Mouriscos. Passava das oito horas da noite, e as danças estavam no seu ponto culminante quando Tarzan entrou. A casa estava completamente cheia de árabes, e todos fumavam e bebiam o seu café quente e espesso.

Tarzan e Abdul sentaram-se quase ao meio da casa, embora tivessem preferido um lugar menos próximo dos músicos, que faziam um barulho ensurdecedor. Uma "Ouled-Nail", bastante bonita, estava dançando. Ao ver Tarzan teve a intuição de um generoso donativo e lançou o seu lenço de seda sobre o ombro dele, o que foi recompensado com um franco.

Quando o lugar da bailarina, no palco, foi ocupado por outra, o atento Abdul a viu falando com dois árabes, no extremo da casa, junto de uma porta que conduzia a um pátio interior em volta de cuja galeria ficavam os quartos das mulheres que dançavam.

Ao princípio, o esperto rapaz não ligou importância, mas pelo canto de um olho viu que um dos árabes acenava na direção deles e que a moça se voltava e olhava para Tarzan. Então os dois árabes desapareceram na sombra do pátio.

Quando a jovem voltou a dançar, aproximou-se de Tarzan e evoluiu em redor dele, dirigindo-lhe os seus mais doces sorrisos. Vários olhos escuros, nas faces morenas dos filhos do deserto, fitaram Tarzan, com expressões hostis, mas este pareceu indiferente aos olhares como aos sorrisos. De novo a bailarina lançou o seu lenço sobre o ombro dele, e de novo foi recompensada com um franco em ouro. Quando colava a moeda na testa, conforme o costume, a jovem inclinou-se para Tarzan e disse rapidamente, em mau francês:

- Existem dois homens lá fora, no pátio, que lhe querem mal. Prometi atraí-lo, mas foi bom para mim e não farei isso. Saia depressa, antes que eles descubram que não os obedeci. Penso que são homens maus...

Tarzan agradeceu à mulher, dizendo-lhe que teria cuidado. Depois, quando ela acabou de dançar, viu-a encaminhar-se para a porta e desaparecer no pátio. Mas, ao contrário do que ela pedira, não saiu do Café.

Durante cerca de meia hora nada aconteceu, mas então um árabe de mau aspecto entrou no Café, vindo da rua. Ficou em pé, junto de Tarzan, e começou deliberadamente a fazer comentários insultuosos a respeito dele. No entanto, como falava na sua língua, Tarzan não o entendeu até que Abdul tomou iniciativa de traduzir.

- Este homem quer armar desordem... - disse o rapaz. - Não está sozinho... Penso que, em caso de briga, quase todos os que aqui estão se porão ao lado dele. Talvez

seja bom sair, meu amo.

- Pergunte-lhe o que ele quer... - disse Tarzan.

- Ele diz que o cão cristão insultou a "Ouled-Nail" que lhe pertence. Quer lutar...

- Diga-lhe que não insultei a Ouled-Nail dele, nem qualquer outra e que vá embora e me deixe em paz. Não tenho nada contra ele, nem ele contra mim.

- Ele respondeu... - explicou Abdul, depois de transmitir o recado - Que você é um cão e o teu pai também, e que a tua avó era uma hiena. Diz também que é um mentiroso...

A atenção dos que estavam perto havia sido atraída pela altercação, e os risos de desprezo que sublinharam os insultos indicavam claramente para que lado tendiam as simpatias dos freqüentadores do Café. Tarzan não gostava que se rissem dele, nem apreciava os insultos do árabe, mas não mostrou quaisquer sinais de irritação ao levantar-se. Sorria, mas subitamente um poderoso punho foi disparado contra a cara do árabe, com tremenda força.

No mesmo instante em que o provocador rolou no chão, inconsciente, meia dúzia de mouros que pareciam ter estado na rua à espera de um sinal, entraram de roldão e lançaram-se sobre Tarzan, com gritos de: "Morte ao infiel! Morte ao cristão imundo!" Alguns dos mais jovens freqüentadores do Café juntaram-se a eles no ataque ao homem branco e desarmado. Tarzan e Abdul foram empurrados até ao fundo da casa, pelo ímpeto dos assaltantes. O jovem Abdul, fiel ao seu amo, empunhara uma faca e lutava.

Com tremendos socos, o filho da selva derrubava todos aqueles que se adiantavam e ficavam ao alcance dos seus punhos. Lutava tranqüilamente, sem falar, com o mesmo sorriso com que se levantara para castigar o homem que o havia insultado. Parecia impossível que Tarzan e Abdul pudessem sobreviver aos golpes das facas e punhais que os rodeavam, mas o próprio número de assaltantes os ajudava. A matilha dos mouros furiosos aglomerava-se tão densamente diante deles que nenhuma arma podia ser utilizada eficazmente, as armas de fogo não eram usadas, porque os árabes não queriam arriscar-se a ferir algum dos seus.

Por fim Tarzan conseguiu agarrar o mais persistente dos atacantes. Com uma torção rápida desarmou-o e, servindo-se dele como de um escudo, recuou lentamente, ao lado de Abdul, para a pequena porta, que conduzia ao pátio interior. No limiar deteve-se, levantou o árabe no ar e atirou-o, com a força de uma catapulta, sobre os outros.

Então Tarzan e Abdul passaram para a meia obscuridade do pátio. As assustadas Ouled-Nails estavam acocoradas no alto das escadas que conduzia aos seus respectivos quartos, e as únicas luzes, no pátio, vinham das velas de sebo que cada

uma das moças colocara à sua porta... para melhor atrair, sobre os seus encantos, a atenção dos homens que passassem em baixo.

Logo que Tarzan e Abdul entraram no pátio, um tiro de revólver estalou, atrás deles, vindo das sombras sob uma das escadas. Quando saltaram para enfrentar a nova ameaça, dois vultos surgiram, disparando sempre. Tarzan atacou e meio segundo depois o primeiro dos dois homens estava estendido na lama do pátio, gemendo, com um braço quebrado.

A faca de Abdul derrubou o segundo, cravando-se no ventre quando ele ia disparar mais uma vez.

O furioso bando de dentro do Café vinha novamente em busca da presa. A um grito de uma delas, as Ouled-Nails tinham apagado as velas de sebo e agora a única luz que havia no pátio era a que vinha da porta do Café, onde os árabes se aglomeravam.

Tarzan agarrou um curto sabre, deixado cair pelo homem a quem Abdul furara a barriga, e agora esperava o assalto dos que os procuravam na escuridão. De súbito sentiu que lhe tocavam de leve, e ouviu uma voz de mulher a sussurrar-lhe ao ouvido:

- Depressa, monsieur... Por aqui... Siga-me...

- Venha, Abdul... - disse o homem da selva, em voz baixa. – Em qualquer outra parte não podemos estar pior do que aqui.

A mulher conduziu-os pela estreita escada que terminava à porta do quarto dela. Tarzan seguia-a de perto, ouvindo o tilintar das pulseiras de ouro e prata, e das moedas de ouro que pendiam do seu toucado. Viu que era uma "Ouled-Nail", e compreendeu que se tratava da mesma moça que o avisara uma hora antes. Quando chegaram acima, ouviram a matilha que os procurava na escuridão do pátio.

- Não tardarão a vir aqui... - sussurrou a moça. - Se o encontram acabam por matá-lo, embora tenha força e coragem como dez homens. Depressa! Podem saltar pela janela, para a rua. Antes que eles descubram que já não estão aqui, poderão estar em segurança no hotel...

Mas, no mesmo instante em que a jovem falava, vários homens tinham já começado a subir a escada ao alto da qual se encontravam. Um dos homens avistou-os e soltou um brado. Todos os outros se precipitaram para a escada, e o da frente lançou-se ao ataque, para encontrar uma espada com que não contava, visto que o branco estava desarmado momentos antes.

Com um uivo, o homem caiu sobre os que vinham atrás, e vários rolaram pelos degraus. A madeira carcomida não agüentou o peso e a violência dos choques e toda a escada se abateu, arrastando os árabes e deixando Tarzan, com Abdul e a jovem,

no frágil patamar, em cima.

- Venham... - disse a Ouled-Nail. - Eles subirão pela outra escada e passarão através do quarto ao lado do meu. Não há um instante a perder...

Quando entravam no quarto, Abdul ouviu e traduziu os brados de alguém que, no pátio, gritava para que dessem a volta e cortassem a fuga pela rua.

- Agora estamos perdidos... - disse a moça, simplesmente.

- Estamos? - perguntou Tarzan.

- Sim, monsieur... Eu o ajudei, me matarão também.

Aquilo transformava o caso. Tarzan tinha-se esquecido com a excitação e o perigo da luta. Nem por instantes pensara que Abdul ou a moça pudessem sofrer, a não ser por acidente, e retirara ante o ataque apenas o bastante para não se deixar matar. Não pensava em fugir senão quando não houvesse qualquer possibilidade de lutar. Sozinho, teria saltado para o meio do bando e, desferindo golpes à maneira de Numa, o leão, teria apavorado de tal maneira os árabes que a fuga seria fácil. Mas agora tinha de pensar, sobretudo, naqueles dois amigos fiéis.

Encaminhou-se para a janela que abria sobre a rua... Dentro de um minuto os mouros estariam ali embaixo. Já podia ouvir os furiosos que subiam a escada do quarto ao lado. Não tardariam a atacar a porta. Tarzan pousou um pé sobre o parapeito da janela e debruçou-se, mas não olhou para baixo. Em cima, ao alcance da sua mão, estava o telhado da casa. Chamou a jovem, passou-lhe um braço pela cintura e içou-a para um ombro. Então disse, a Abdul:

- Espere até que eu te estenda a mão, de cima. Entretanto empilha contra a porta tudo o que está no quarto... Isso os atrasará o tempo preciso... - voltou-se para a jovem e acrescentou: - Agarre-se bem a mim...

Um momento depois estava sobre o telhado, com a garota. Logo a seguir debruçou-se e chamou Abdul. O rapaz correu e apanhou a mão que Tarzan lhe estendia...

A porta do quarto, atacada pelos mouros enfurecidos, cedeu, estilhaçando-se, um instante depois de Abdul ter sido içado para o telhado. E quase ao mesmo tempo uns oito ou dez homens surgiram à esquina da rua e pararam sob a janela...

CAPÍTULO 8

A luta no deserto

Enquanto os três se sentavam no telhado, por cima dos quartos das Ouled-Nails ouviam o vozear furioso dos árabes. Abdul ia traduzindo de vez em quando:

- Estão xingando os que estão na rua por nos terem deixado fugir. Os da rua dizem que não passamos por eles e que devemos estar ainda na casa, mas que os de cima têm medo e por isso querem fazê-los pensar que fugimos. Se continuarem assim, logo estarão lutando uns com os outros...

Por fim, os que estavam na casa abandonaram a busca e voltaram para o Café. Alguns ficaram na rua, abaixo, fumando e falando. Tarzan dirigiu-se à garota, agradecendo-lhe o que ela havia feito por um desconhecido.

- Gostei de você... - respondeu ela, simplesmente. – Foi bondoso para mim, falou-me com gentileza e a maneira como me deu o dinheiro não foi um insulto.

- Que fará depois disto? - perguntou ele. - Não pode voltar ao Café, não seria perigoso continuar em Sidi Aissa?

- Amanhã terão esquecido tudo... Mas eu me sentiria feliz se pudesse fugir deste Café para qualquer outro lugar. Não estava ali por que queria... Eu era prisioneira.

- Prisioneira?

- Escrava, seria mais certo... Fui raptada uma noite, do douar de meu pai, por um grupo de bandidos. Trouxeram-me para cá e venderam-me ao árabe que é o dono do Café. Há quase dois anos que não vejo os meus pais. Vivem no Sul, e nunca vêm a Sidi Aissa.

- Gostaria de voltar para a sua família? – perguntou Tarzan. - Prometo levá-la pelo menos até Bou Saada, lá não será difícil conseguir que o comandante a conduza até ao seu destino...

- Oh, monsieur... - exclamou ela. - Como poderei pagar-lhe? É impossível que esteja disposto a fazer tanto por uma pobre Ouled-Nail... Mas meu pai pode recompensá-lo e assim o fará. É um grande xeique... Chama-se Kadour ben Saden...

- Kadour ben Saden! - quase gritou Tarzan.

- Mas Kadour ben Saden está em Sidi Aissa, nesta mesma noite. Jantou comigo, há apenas algumas horas!

- Meu pai em Sidi Aissa? Que Alá seja louvado, estou realmente salva.

- Quietos! - fez Abdul. - Escutem...

Debaixo vinha um rumor de vozes, nítido no silêncio da noite. Abdul e a jovem traduziram, para Tarzan.

- Foram embora... - disse a moça. - É a você que eles querem, monsieur... Um deles disse que o estrangeiro, que ofereceu dinheiro para o matarem, está em casa de Akmed din Soulef, com um braço partido, mas que ofereceu uma recompensa ainda maior para quem ataca-lo no caminho de Bou Saada.

- É o homem que nos seguiu hoje... - afirmou Abdul. - Vi-o outra vez, no café... Ele e outro... Foram para o pátio interior depois de falarem com esta moça... Foram eles que atiraram em nós... Por que querem matá-lo, meu amo?

- Não sei... - respondeu Tarzan. - A não ser... não concluiu a frase, porque a idéia que lhe ocorrera era a única solução possível e todavia parecia inacreditável.

Os homens que estavam na rua tinham ido embora. A casa e o café estavam desertos. Cautelosamente, Tarzan desceu para o parapeito da janela. O quarto estava vazio. Então voltou ao telhado e desceu Abdul, com a ajuda deste, desceu também a jovem.

Abdul saltou da janela para a rua. A altura não era muito grande. Tarzan tomou a garota nos braços e saltou também, como tantas vezes fizera na sua floresta, carregando pesos. A moça soltou um pequeno grito de susto, mas Tarzan pousou-a na rua quase sem choque, e amparou-a. Ela ficou de mãos agarrada a ele.

- Monsieur é tão forte e ágil... - disse. - Nem mesmo "el adrea", o leão negro, pode excedê-lo...

- Gostaria de encontrar el adrea... - respondeu Tarzan. - Falam muito dele.

- O verá se for ao douar de meu pai. Ele vive nas montanhas, ao Norte, mas de noite vem atacar o douar. Com uma só pancada das garras esmaga a cabeça de um touro e pobre do caminhante que encontra el adrea no seu caminho.

Chegaram ao hotel, sem mais complicações. O dono do hotel protestou contra a idéia de mandar procurar Kadour ben Saden antes de amanhecer, mas uma moeda de ouro o fez ver o assunto sob outro aspecto. Pouco depois um criado começou a percorrer as hospedarias onde um xeique do deserto poderia ter se alojado. Tarzan achara indispensável procurar o pai da jovem nessa mesma noite, com receio de que ele partisse muito cedo na manhã seguinte. Tinham estado à espera durante cerca de meia hora quando o criado reapareceu em companhia de Kadour ben Saden. O velho xeique entrou, com uma expressão interrogativa na sua face altiva.

- Monsieur, deu-me a honra de... - mas de repente viu a filha e, com um brado, dirigiu-se a ela, de braços estendidos. - Minha filha! Oh! Alá é misericordioso!

Havia lágrimas nos olhos do velho guerreiro do deserto. Quando ouviu a narrativa

do que acontecera depois do rapto, até ao momento em que Tarzan interviera, Kadour ben Saden estendeu a mão ao homem da selva.

- Tudo o que eu tenho lhe pertence, meu amigo... - disse ele, gravemente. - Mesmo a minha vida! - acrescentou. E Tarzan compreendeu que aquelas não eram palavras ditas em vão.

Foi decidido que, embora três deles tivessem de cavalgar quase sem terem dormido, conviria partir muito cedo e tentar alcançar Bou Saada num único dia de jornada.

Seria relativamente fácil para os homens, mas para a jovem a viagem seria fatigante. No entanto ela era a mais ansiosa por partir, no desejo de ver a família e os amigos, de quem estava separada havia dois anos.

Tarzan teve a impressão de que mal fechara os olhos, quando foi acordado. Uma hora depois o grupo ia a caminho do Sul, na direção de Bou Saada. Durante algumas milhas avançaram rapidamente ao longo de uma estrada, mas depois começaram a travessia do imenso deserto, onde os cavalos enterravam as patas a cada passo. Além de Tarzan, Abdul, o xeique e a filha, o grupo era formado por mais quatro homens da tribo, que haviam acompanhado Kadour ben Saden na viagem a Sidi Aissa. Assim, dispondo de sete espingardas, pouco receio tinham de ser atacados durante o dia, e se tudo corresse bem chegariam a Bou Saada antes de anoitecer. Porém, um vento rijo envolvia-os em areia, fustigando-lhes o rosto. O pouco que Tarzan podia ver da paisagem era desolador, uma vasta extensão de areia, dunas distantes, rochas e ervas secas, em pequenos tufos. Tudo aquilo era estranhamente diferente da sua selva luxuriante, sempre alerta, olhava freqüentemente para trás e, em cada elevação de terreno, impelia o cavalo até ao ponto mais alto, e observava o caminho percorrido. Por fim, a sua vigilância foi recompensada.

- Olhem!. - exclamou ele. - Vêm seis cavaleiros atrás de nós.

- Os seus amigos da noite passada, monsieur... - comentou Kadour ben Saden, tranqüilamente.

- Sem dúvida... - respondeu Tarzan. - Lamento que a minha companhia torne perigosa a sua jornada. Ficarei na primeira aldeia que encontrarmos, enquanto seguem adiante, e interrogarei essa gente. Eu não tenho necessidade de chegar esta noite a Bou Saada, e não quero que viajem sem paz por minha causa.

- Se parar, nós todos paramos... - respondeu Kadour ben Saden. - Ficaremos consigo até que esteja em segurança entre os seus amigos, ou até que o inimigo se afaste. Não há nada mais a dizer.

Tarzan fez um simples aceno. Era um homem de poucas palavras, e essa era talvez uma das razões por que Kadour ben Saden o apreciava. Poucas coisas

merecem tanto o desprezo de um árabe como um homem tagarela.

Durante o resto do dia, Abdul avistou por várias vezes os cavaleiros, a distância. Não se aproximavam. Durante as paradas para descanso, ou quando se detiveram mais longamente, por volta do meio-dia, a distância entre eles e o grupo não diminuiu.

- Estão à espera da noite... - comentou Kadour ben Saden.

E a noite veio antes de chegarem a Bou Saada. Abdul viu ainda uma última vez os seis perseguidores, de albornozes brancos, um momento antes da obscuridade do crepúsculo os tornar invisíveis, mas era evidente que começavam a encurtar a distância que os separava da presa.

Avisou Tarzan, em voz baixa para não alarmar a moça. O filho da selva recuou o cavalo para junto do de Abdul.

- Siga com os outros, Abdul... - disse ele. – Esta luta é minha, e vou esperá-los no ponto mais conveniente para detê-los de vez.

- Então Abdul espera contigo... - replicou o jovem árabe, recusando-se a ceder a ordens ou a ameaças.

- Está bem... - concordou Tarzan, por fim. - Este lugar é tão bom como qualquer outro. Há rochas no alto desta elevação de terreno. Podemos nos esconder e apanhar de surpresa essa gente, quando chegarem.

Desmontaram, o resto do grupo tinha seguido e desaparecera na escuridão. Na linha do horizonte distinguiram-se as luzes de Bou Saada. Tarzan empunhou o rifle e abriu o coldre do revólver. Ordenou a Abdul para recuar e abrigar-se com as rochas, levando os cavalos para não expô-los às balas. O jovem árabe fingiu obedecer, mas, tendo amarrado os cavalos a uma das moitas, voltou a postar-se perto de Tarzan. O filho da selva ficou de pé no meio da trilha, à espera. Não teve de esperar muito tempo. Pouco depois ouviu o tropel dos cavalos perseguidores... Distinguiu as manchas claras dos albornozes sobre o fundo escuro da noite. Então exclamou:

- Parem, ou disparamos!

Os vultos detiveram-se bruscamente, e durante alguns momentos houve silêncio, logo seguido por um breve sussurrar de palavras. Então, como fantasmas, os seis cavaleiros dispersaram-se em várias direções e o deserto encobriu-os na sombra e no silêncio, novamente. Uma sinistra ameaça pairava no ar. Abdul soergueu-se sobre um joelho.

Tarzan escutava a noite. Os seus ouvidos, habituados a distinguir milhares de pequenos rumores da selva, captaram o cauteloso caminhar dos cavalos, em volta. Os inimigos faziam uma manobra de cerco. De súbito uma bala veio, silvando, do

ponto para onde ele estava olhando nesse momento, e passou por cima da sua cabeça.

Tarzan disparou imediatamente na direção do jato de fogo. No mesmo instante as detonações encheram de som o deserto. Abdul e Tarzan disparavam guiados pelos clarões dos tiros, porque não podiam ainda distinguir os atacantes.

Mas tornou-se evidente que o cerco se apertava pouco a pouco. Os atacantes deviam ter descoberto que só dois homens lutavam contra eles, mas um aproximou-se demais. Tarzan, habituado a ver na escuridão da selva, disparou. Um cavaleiro caiu da sela, com um brado de agonia.

- Começamos a equilibrar as forças, Abdul... - comentou Tarzan, com um riso baixo.

Mas a desproporção era ainda grande, e quando os cinco cavaleiros, a um sinal, atacaram repentinamente, a galope, pareceu que a luta ia terminar em breve. Tarzan e Abdul saltaram para o abrigo das rochas, a fim de não serem surpreendidos pela retaguarda. Houve um tropel de cavalos, brados e tiros soaram na escuridão, e os mouros recuaram para repetir o ataque. Mas agora eram só quatro...

Durante momentos houve de novo silêncio. Tarzan não tinha como saber se os árabes, tendo perdido dois homens, desistiam da luta ou se postavam mais adiante, no caminho para Bou Saada, para atacá-los. A dúvida durou pouco tempo, porque os mouros se lançaram novamente à carga. Desta vez, porém, quando começaram a disparar, outras armas entraram em ação, atrás deles. Ouviam-se os gritos de outro grupo que vinha dos lados de Bou Saada e, por seu turno, atacava os atacantes. Estes não esperaram para ver de quem se tratava. Com uma última rajada de balas, ao passarem diante das posições ocupadas por Abdul e Tarzan, lançaram-se a galope na direção da trilha de Sidi Aissa. Um momento depois apareceram Kadour ben Saden e os seus guerreiros do deserto, o velho xeique mostrou-se sinceramente contente por ver que nem Tarzan nem Abdul estavam feridos, nem sequer os cavalos haviam recebido um só arranhão.

Procuraram os dois homens abatidos pelas balas de Tarzan, mas verificando que ambos estavam mortos deixaram-nos ficar onde estavam.

- Por que não me avisou que ia enfrentar esta gente? - perguntou o xeique, num tom magoado.

- Nós teríamos derrubado, a todos, se tivéssemos ficado em grupo.

- Teria sido inútil parar, nesse caso... - respondeu Tarzan - Pois eles nos atacariam se tivéssemos continuado a caminho de Bou Saada. Mas eu queria evitar que a minha luta envolvesse outras pessoas e Abdul não obedeceu às minhas ordens para seguir também. Não queria, além do mais, que sua filha corresse riscos inúteis...

Kadour ben Saden encolheu os ombros. Tinha ficado evidentemente contrariado por não ter tomado parte numa boa luta. O tiroteio, a tão curta distância de Bou Saada, atraiu um destacamento de "spahis". Tarzan e o seu grupo encontraram os soldados mais adiante, já perto de Bou Saada. O oficial que comandava o destacamento quis saber a razão dos tiros.

- Um grupo de bandidos... - respondeu Kadour ben Saden. - Atacaram dois dos nossos, que tinham ficado para trás, mas quando interviemos se dispersaram imediatamente, deixando dois mortos no terreno. Não houve baixas do nosso lado.

A resposta pareceu satisfazer o oficial, que depois de tomar nota dos nomes dos viajantes seguiu com os seus homens para o lugar da escaramuça, a fim de identificar os dois mortos se possível.

Dois dias depois, Kadour ben Saden, com a filha e os seus guerreiros, partiu para o Sul, na direção dos seus domínios distantes. O velho xeique insistira com Tarzan para que este os acompanhasse, e a jovem bailarina acrescentara os seus pedidos aos do pai.

Mas, embora não pudesse explicar-lhes o que se passava, Tarzan tinha uma missão a cumprir, e os acontecimentos dos últimos dias pareciam aumentar a importância dessa missão.

Prometeu ir visitá-los mais tarde, se pudesse, e tiveram de se contentar com essa promessa. Durante os dois dias em que Kadour ben Saden se demorara em Bou Saada, Tarzan passara a maior parte do tempo em companhia dele e da filha. Interessara-se profundamente por aquela raça de guerreiros, dignos e duros, e aproveitou a oportunidade para se informar sobre os seus costumes e a sua maneira de viver.

Começou mesmo a aprender os rudimentos da linguagem deles, ajudado pela linda moça de olhos castanhos. Foi com pena que os viu partir, e ficou parado, sobre o seu cavalo, à entrada da pista que conduzia ao coração do deserto, olhando-os até que se perderam na distância.

Era uma gente conforme os seus gostos e simpatias, uma gente com uma vida dura e selvagem, trabalhosa e cheia de perigos, e isso atraía Tarzan muito mais do que as gentes e as vidas efeminadas que observara nas grandes cidades onde estivera.

Aquela vida parecia-lhe ainda mais atraente do que a da selva, pois permitia-lhe o contato com verdadeiros homens, a quem poderia estimar e respeitar... E todavia continuava a estar intimamente ligado à natureza que ele amava. Na sua mente ficou a idéia de que, uma vez concluída a sua missão, se demitiria e iria viver, até ao fim da sua existência, com a tribo de Kadour ben Saden. Fez voltar o cavalo e encaminhou-se, pensativamente, para Bou Saada.

A fachada do hotel Du Petit Sahara, onde Tarzan se havia alojado em Bou Saada, era ocupada pelo bar, duas salas de jantar e as cozinhas. Ambas as casas de jantar comunicavam diretamente com o bar, e uma delas era reservada para os oficiais da guarnição. Estando no bar, era possível observar as duas salas. Foi para o bar que Tarzan se encaminhou, ao regressar. Era ainda de manhã, pois Kadour ben Saden decidira partir muito cedo, de maneira que o filho da selva encontrou ainda alguns hóspedes tomando o café da manhã. Quando olhou, casualmente, para a ala reservada aos oficiais, viu uma coisa que despertou o seu imediato interesse. O tenente Gernois encontrava-se ali, sentado, e enquanto Tarzan os observava um árabe de albornoz branco aproximou-se dele e, curvando-se, falou-lhe em voz baixa e saiu por outra porta da sala de jantar. Depois o árabe seguiu adiante.

O caso, em si mesmo, nada significava, mas quando o homem se curvara para falar ao oficial, o albornoz abriu-se e Tarzan tivera tempo de ver que ele trazia o braço esquerdo ao peito, suspenso de uma ligadura...

CAPÍTULO 9

Numa El Adrea

No mesmo dia em que Kadour ben Saden partiu para o Sul, o correio trouxe a Tarzan uma carta de D'Arnot , reexpedida de Sidi-bel-Abbes. A carta veio reabrir a velha ferida que Tarzan gostaria de poder esquecer. Não ficou triste, no entanto, por D'Arnot ter escrito, porque pelo menos um dos assuntos o interessaria sempre. A carta dizia:

"Meu caro Jean

Depois da última vez que lhe escrevi, estive em Londres, para tratar de negócios. Demorei-me apenas três dias, mas logo no primeiro dia encontrei inesperadamente um velho amigo seu, em Henrietta Street. Não adivinharia quem... Mas foi o Sr. Samuel Philander. Estou adivinhando a sua expressão incrédula, mas é verdade. E não foi tudo.

Ele insistiu para que eu o acompanhasse ao hotel, e aí encontrei os outros - o professor Arquimedes Porter, a senhorita Porter e aquela volumosa mulher de cor, de quem deve lembrar-se: Esmeralda. Enquanto eu estava com eles, chegou Clayton. Vão casar em breve, ao que parece, e devemos receber a participação um dia destes. Por causa da morte do pai de Clayton, será um casamento íntimo - só com parentes assistindo.

Enquanto estive a sós com o Sr. Philander, o bom velhote mostrou-se um tanto desconfiado. Disse que senhorita Porter já havia adiado o casamento três vezes. Confessou-me a sua opinião de que ela não parecia muito ansiosa em se casar. Todavia, parece que desta vez se casará.

Evidentemente perguntaram por você, mas respeitei os seus desejos a respeito da sua verdadeira origem, e falei apenas em casos atuais. A senhorita Porter mostrou-se muito interessada em tudo o que eu sabia a seu respeito, e fez muitas perguntas. Receio bem ter tido um desejo maldoso em lhe descrever o seu prazer de voltar para a selva. Fiquei com pena, porque ela demonstrou verdadeira angústia ao pensar nos perigos.

"No entanto... - acrescentou: - Não sei. Há destinos menos felizes do que aquele que a terrível selva pode reservar ao Sr. Tarzan. Pelo menos terá a consciência livre de remorsos e na selva há momentos repousantes e calmos, durante o dia, e perspectivas de extraordinária beleza. Pode achar estranho que eu diga isto, depois das experiências pavorosas pelas quais passei na floresta, mas há ocasiões

em que gostaria de voltar para lá, porque sinto ter vivido lá os instantes mais felizes da minha vida..."

Tinha uma expressão de indizível tristeza, ao falar, e eu tive certeza de que ela sabia que eu conhecia o seu segredo e que as suas palavras eram uma forma de transmitir, a você, uma terna mensagem de um coração que guarda a sua memória, apesar de tudo.

Clayton pareceu-me nervoso e pouco à vontade quando se falava de você, tinha uma expressão preocupada e quase de angústia. No entanto falou a seu respeito com grande simpatia. Será possível que ele suspeite da verdade a seu respeito? Clayton chegou em companhia de Tennington. São grandes amigos, Tennington prepara-se para um dos seus intermináveis cruzeiros em seu iate, e tentou convencer todo o grupo a acompanhá-lo. Tentou aliciar-me, também. Desta vez pensa numa viagem de circunavegação ao continente africano. Eu disse-lhe que o seu preciosobrinquedo o levaria um dia destes para o fundo do mar, com alguns dos seus amigos, se ele não perdesse a ilusão de que se tratava de um transatlântico ou um cruzador.

Voltei a Paris anteontem, e ontem encontrei o conde e a condessa de Coude, nas corridas. Perguntaram-me por você. De Coude parece realmente simpatizar muito consigo, sem quaisquer espécie de ressentimento. Olga está bonita como sempre, mas parece mais calma. Imagino que aprendeu uma boa lição, nas suas relações com você, e que essa lição lhe servirá até o fim da vida. Ainda bem para ela, e também para de Coude, que o caso se passou com você e não com um homem mais civilizado. Se você e Olga se tivessem amado, creio que não haveria esperanças para nenhum dos dois.

Ela pediu-me para lhe dizer que Nikolas saiu de França. Pagou-lhe vinte mil francos para partir e não voltar. Está satisfeita por ter conseguido isto antes que ele tentasse cumprir a ameaça que fez de matá-lo na primeira oportunidade. Disse-me que teria grande pena de que você tivesse o sangue do irmão nas suas mãos. É muito sua amiga e não hesitou em afirmar isso diante do conde. Nem por um instante lhe ocorreu a idéia de que houvesse outra solução, no caso de um confronto entre você e Nikolas, que não fosse a morte dele. A este respeito, o conde concordou plenamente com ela. Acrescentou que nem um regimento de Rokoff conseguiria vencer monsieur Tarzan. Tem um profundo respeito pela sua força.

Eu recebi ordem de voltar ao meu navio. Partimos do Havre dentro de dois dias, com carta de prego. Se me escrever aos cuidados do navio, as cartas chegarão eventualmente às minhas mãos. Eu voltarei a escrever assim que tiver oportunidade.

- O meu receio é... - murmurou Tarzan, a meia voz - Que Olga tenha desperdiçado os seus vinte mil francos.

Voltou a ler a carta, várias vezes, na parte em que D'Arnot contava a sua conversa com Jane Porter. Aquelas palavras transmitiam-lhe uma espécie de felicidade dolorosa, o que era melhor, em todo o caso, do que nenhuma felicidade.

As três semanas seguintes decorreram sem qualquer incidente. Tarzan voltou a ver, várias vezes o misterioso árabe, e em uma dessas vezes surpreendeu-o falando com o tenente Gernois...

Mas não houve maneira de Tarzan conseguir saber onde o árabe se alojava. Gernois, que nunca se mostrara cordial, parecia evitar ainda mais encontrar-se com Tarzan, desde o episódio na sala de jantar do hotel, em Aumale. A sua atitude, nas poucas ocasiões em que estavam juntos, era quase hostil.

Para manter a aparência do personagem que interpretava, Tarzan passava bastante tempo caçando, nas proximidades de Bou Saada. Passava dias inteiros nas colinas, aparentemente procurando gazelas, mas sempre que um desses belos animais aparecia ao alcance de tiro, ele nem sequer apontava a arma. Não compreendia que pudesse haver prazer em matar uma das mais inofensivas e indefesas das criaturas de Deus.

Na verdade, Tarzan nunca matara por prazer, e não sentia qualquer prazer em matar. Apreciava a alegria de uma boa luta, e a sensação da vitória. Caçava para comer, sobretudo tratando-se de animais que podiam opor, à sua sagacidade e habilidade, armas quase iguais. Mas sair de uma localidade onde abundava a comida para matar uma linda gazela de olhos meigos, parecia-lhe ainda pior do que matar um homem a sangue frio. Nunca o faria e por isso andava sempre só para que não descobrissem o seu desinteresse por aquela caça. Certa vez, provavelmente em consequência de andar sempre só, esteve prestes a perder a vida. Cavalgava devagar pelo fundo de um pequeno barranco, quando ouviu a curta distância, atrás dele, o estampido de um tiro e uma bala atravessou seu capacete de cortiça. Embora se voltasse imediatamente e galopasse para o alto do barranco, não viu sinais de qualquer inimigo, nem encontrou ninguém até regressar a Bou Saada.

- Sim... - murmurou, ao recordar o caso - Olga desperdiçou realmente os seus vinte mil francos.

Nessa noite, o capitão Gerard convidou-o para um pequeno jantar.

- Não tem sido muito afortunado caçando, não é? - perguntou o oficial.

- Não... - respondeu Tarzan. - A caça é tímida, por aqui, e eu não me empenho em caçar pássaros ou antílopes. Creio que irei mais para o Sul, para procurar os seus leões argelinos.

- Ótimo! - exclamou o capitão. - Nós partimos amanhã para Djelfa. Terá companhia até ali, pelo menos. O tenente Gernois e eu, com uma centena de homens, recebemos ordem para patrulhar uma zona onde os bandidos estão causando complicações. Talvez tenhamos oportunidade para caçar um leão juntos... Que me diz?

Tarzan ficou mais do que satisfeito, e não hesitou em dizer sim, mas o capitão ficaria admirado se conhecesse a verdadeira razão disso... Gernois, sentado em frente de Tarzan, não pareceu muito contente com o convite do capitão.

- Verá que caçar leões é mais excitante do que caçar gazelas... - comentou o capitão Gerard. - E mais perigoso, também.

- Mesmo a caça à gazela tem os seus riscos... - respondeu Tarzan. - Especialmente quando estamos sós. Descobri isso hoje e descobri também que a gazela, sendo o mais tímido dos animais, não é com certeza o mais covarde.

Olhou com naturalidade para Gernois, depois de falar. Não queria que o homem soubesse que estava sendo suspeito, ou vigiado. Mas o efeito da observação, sobre o tenente, provou que tinha qualquer ligação, ou quando menos que sabia de certo acontecimento recente. Corou bruscamente. Tarzan, tendo descoberto o que queria saber, mudou imediatamente de assunto.

Quando a coluna partiu para o Sul de Bou Saada, na manhã seguinte, foi acompanhada por cerca de meia dúzia de árabes. O capitão explicou, a uma pergunta de Tarzan:

- Não fazem parte da coluna, seguem conosco para terem companhia.

Tarzan aprendera bastante sobre o caráter dos árabes, desde que estava na Argélia, para saber que não podia ser o verdadeiro motivo. O árabe nunca pedia a companhia de estrangeiros, e menos ainda de soldados franceses. Por isso teve imediatas suspeitas e decidiu vigiar atentamente o pequeno grupo que seguia a cerca de quatrocentos metros à retaguarda da coluna. Mas os árabes nunca se aproximaram, nem mesmo durante as paradas, de maneira a permitir-lhe observá-los mais de perto. Todavia estava convencido de que se tratavam de mercenários assassinos em seu encalço, e não tinha dúvida de que Rokoff estava por trás daquilo.

Só não podia saber se Rokoff tentava executar os seus planos de vingança das humilhações sofridas, ou se no caso estava envolvido no assunto que dizia respeito a Gernois. Se fosse esta última hipótese e tinha razões para supor que fosse, então

teria de vigiar dois inimigos perigosos. Na parte mais selvagem da Argélia, para onde se dirigiam, haveria muitas oportunidades de liquidar um homem sem atrair suspeitas.

Depois de acampar em Djelfa, durante dois dias, a coluna seguiu para Sudoeste. Tinham recebido notícias de que os bandidos agiam agora contra as tribos cujos "douars" se situavam no sopé das montanhas.

O pequeno grupo de árabes que os acompanhara desde Bou Saada, desaparecera bruscamente, na noite em que haviam chegado as ordens para a coluna sair de Djelfa. Tarzan interrogou alguns soldados, mas nenhum pôde dizer-lhe por que razão os árabes tinham partido, nem em que direção haviam seguido. E o homem da selva não gostou do aspecto do caso, especialmente porque vira Gernois conversando com um dos árabes, meia hora depois do capitão Gerard ter dado as suas instruções.

Tudo o que os soldados sabiam era que deviam preparar-se para deixar o acampamento muito cedo, na manhã seguinte.

Tarzan ficou conjecturando sobre se Gernois informara os árabes quanto ao destino da coluna.

No final da tarde acamparam num pequeno oásis, onde se localizava o douar de um xeique cujos rebanhos haviam sido roubados, e cujos pastores tinham sido assassinados. Os árabes surgiram das suas tendas de pele de cabra e rodearam os soldados, fazendo muitas perguntas na sua língua nativa... porque os próprios soldados eram também nativos. Tarzan que, por essa altura e com a assistência de Abdul, tinha conseguido um vocabulário árabe relativamente extenso, interrogou um dos jovens árabes que haviam acompanhado o xeique quando este visitara o capitão Gerard.

Não, ninguém vira um grupo de seis cavaleiros vindos da direção de Djelfa. Havia outros oásis espalhados pelo deserto, e talvez que os cavaleiros se dirigissem para um deles. Por outro lado os bandidos da montanha iam frequentemente ao Norte, em pequenos grupos, até Bou Saada e mesmo até Aumale ou Bouira. Talvez os seis cavaleiros constituíssem um desses pequenos grupos, de regresso ao bando depois de uma viagem de prazer a qualquer dessas cidades.

Cedo, na manhã seguinte, o capitão Gerard dividiu a coluna em dois grupos, entregando o comando de um deles ao tenente Gernois. Deveriam percorrer a montanha, partindo de pontos opostos na planície.

- Com qual dos grupos quer ir, Sr. Tarzan? Ou se interessará por caçar bandidos?
- Terei muito prazer em ir... - apressou-se a declarar Tarzan...

Estava pensando no pretexto que arranjaría para dizer que acompanharia Gernois... mas foi o próprio Gernois quem facilitou as coisas.

- Se o meu capitão dispensa, por esta vez, o prazer da companhia do Sr. Tarzan, eu considerarei uma honra que ele vá comigo hoje... - disse Gernois, com inesperada cordialidade.

Na verdade Tarzan pensou que o tenente exagerara mesmo um tanto essa cordialidade, mas, admirado e satisfeito, apressou-se a exprimir o seu acordo.

Foi assim que o tenente Gernois e Tarzan cavalgaram lado a lado, à frente do pequeno destacamento de spahis. A cordialidade de Gernois foi de curta duração. Logo que perderam de vista o grupo formado pelo capitão Gerard e pelos seus homens, o tenente recaiu no seu taciturno mutismo habitual.

À medida que avançavam o terreno tornara-se mais áspero. Subiram um declive bastante acentuado, ao qual chegaram através de um estreito desfiladeiro, cerca do meio-dia. Junto de um pequeno ribeiro, Gernois deu ordem para fazerem alto. Os homens prepararam uma refeição frugal e encheram os cantis.

Depois de uma hora de repouso, recomeçaram a avançar até chegarem a um pequeno vale, do qual partiam vários desfiladeiros rochosos. Pararam aí, enquanto Gernois examinava atentamente as alturas em volta.

- Vamos separar-nos neste ponto... - disse o tenente - ...em pequenos grupos, cada um dos quais seguirá por uma dessas gargantas... O Sr. Tarzan terá a bondade de ficar aqui até voltarmos.

Tarzan protestou, mas o oficial atalhou prontamente:

- Pode haver luta, para qualquer das seções... e os soldados não podem ser embaraçados, durante a ação, por civis não combatentes.

- Mas, meu caro tenente... - insistiu Tarzan... - estou pronto e disposto a colocar-me sob o seu comando, ou sob o comando de um dos seus sargentos ou cabos, e a lutar no posto que me indicarem. Foi para isso que vim.

- Gostaria de pensar o mesmo... - retorquiu Gernois, com um ar desdenhoso que não tentou sequer disfarçar. E acrescentou: - Está sob as minhas ordens, e as minhas ordens são para ficar aqui até voltarmos. A discussão termina aqui!

Voltou-se e incitou o cavalo, colocando-se à frente do seu grupo. Um momento depois Tarzan encontrava-se sozinho, rodeado pelas montanhas, numa passagem desolada e árida. O sol estava quente, de maneira que ele procurou o abrigo de uma árvore próxima, onde amarrou o cavalo. Estava furioso contra Gernois, pela feia partida que lhe pregara.

Sentou-se, acendeu um cigarro... e de repente ocorreu-lhe a idéia de que talvez não se tratasse apenas de uma "partida". O tenente não seria bastante tolo de irritá-lo com uma atitude simplesmente mesquinha. Devia haver outra coisa. Com essa idéia,

levantou-se e tirou o rifle do coldre. Verificou a arma e viu que estava completamente carregada.

Depois examinou o revólver, e então fez uma ronda pelas entradas das várias gargantas, e observou as cristas dos montes. Estava resolvido a não se deixar apanhar de surpresa.

O sol foi descendo no horizonte, sem que houvesse sinais do regresso dos spahis, até que o vale foi mergulhando na sombra. Tarzan era demasiado orgulhoso para voltar ao acampamento sem dar aos destacamentos todo o tempo necessário para regressarem ao vale, que pensava ser o lugar de encontro. Com a noite sentiu-se mais seguro contra qualquer ataque, porque a escuridão não lhe era hostil. Sabia que ninguém poderia aproximar-se sem que ele ouvisse, e os seus olhos distinguiam bem na treva. Além do mais, tinha um olfato tão apurado que poderia descobrir, a distância, alguém que se aproximasse do lado do vento.

Sentia-se quase em segurança, e com essa sensação adormeceu encostado ao tronco da árvore... Dormiu durante algumas horas, porque quando foi acordado pelo relinchar apavorado do cavalo, a lua iluminava o vale. A dez passos dele estava a causa do pavor da sua montaria.

Soberbo, majestoso, a cauda estendida, os olhos de lume fixos na sua presa, estava Numa – "el adrea" - o leão negro. Os nervos de Tarzan vibraram, numa excitação de alegria. Era como encontrar um velho amigo, após anos de separação. Por momentos ficou imóvel, observando o magnífico espetáculo daquele rei da montanha. Mas agora Numa preparava-se para saltar, curvado.

Lentamente, Tarzan levou a arma à cara. Em toda a sua vida nunca abatera um animal de grande porte, com uma arma de fogo - até então dependera da sua lança, das flechas envenenadas, do laço, da faca ou das mãos nuas... e teria se sentido mais seguro com essas armas.

Numa estava quase colado ao chão, mostrando apenas a cabeça. Tarzan teria preferido disparar um pouco de lado, porque sabia que tremendos estragos um leão pode fazer se viver dois minutos, ou mesmo um, depois de ser ferido. Atrás de Tarzan, o cavalo agitava-se, tremulo de medo. O homem da selva deu um cauteloso passo de lado – Numa seguiu-o apenas com os olhos.

Outro passo... e outro ainda. Numa não se movera. Agora Tarzan podia apontar para um ponto entre o olho e a orelha.

O seu dedo apertou o gatilho, e disparou no momento em que Numa saltava. No mesmo instante o apavorado cavalo fez um desesperado esforço para fugir, as rédeas quebraram-se e ele lançou-se a galope ao longo de uma das gargantas, na direção do deserto.

Nenhum homem vulgar teria podido escapar às terríveis garras, tendo Numa saltado de uma distância tão curta, mas Tarzan não era um homem vulgar. Desde a infância que os seus músculos haviam sido treinados, pelas ferozes exigências da sobrevivência, a agir com a rapidez do pensamento. El adrea era rápido, mas Tarzan era mais rápido ainda... e a fera foi chocar contra o tronco da árvore em vez de cravar as garras na presa que buscava.

Tarzan, dois passos à direita, atingiu-o com mais uma bala que o derrubou rugindo e golpeando no ar.

Mais duas vezes Tarzan disparou, e el adrea deixou de se agitar e de rugir. Agora o Sr. Tarzan desaparecera, para dar lugar a Tarzan dos Macacos... o qual, com um pé sobre o inimigo vencido, levantou a cabeça e soltou o terrível brado de vitória da sua tribo.

Na montanha selvagem, as criaturas selvagens imobilizaram-se, assustadas ante aquela voz nova e poderosa. No deserto, os árabes emergiram das suas tendas e olharam para a montanha, pensando em que novo inimigo teria aparecido para devastar os seus rebanhos.

A meia milha do vale onde estava Tarzan, uma vintena de vultos, envergando albornozes brancos e empunhando espingardas compridas, pararam por momentos e entreolharam-se, interrogativos. Mas o brado estranho não se repetiu, e os vultos continuaram a caminhar, silenciosos e furtivos, na direção do vale. Tarzan tinha agora certeza de que Gernois não voltaria ali... mas não podia compreender o motivo que levara o tenente a abandoná-lo, deixando-o no entanto livre para voltar ao acampamento. Tendo perdido o seu cavalo, decidiu que seria tolice continuar na montanha... e partiu na direção do deserto.

Mal dera os primeiros passos no desfiladeiro quando os vultos brancos entraram no vale, vindos pelo lado oposto. Por momentos observaram a pequena depressão de terreno, escondendo-se com os rochedos, e quando verificaram que não havia ali ninguém, avançaram. Encontraram, junto da árvore alta, o corpo de el adrea.

Aglomeraram-se em volta, com exclamações abafadas, mas um momento depois caminhavam apressadamente ao longo do desfiladeiro por onde seguia Tarzan, pouco adiante deles. Caminhavam com pressa mas cautelosamente e em silêncio - como os homens fazem quando caçam um homem...

CAPÍTULO 10

Através do vale das sombras

Enquanto caminhava ao longo do desfiladeiro iluminado pelo luar, Tarzan sentia-se envolvido fortemente pelo apelo da vida selvagem. A solidão e a liberdade totais enchiam-no de uma sensação que se mantivera latente nele durante os últimos tempos.

Era novamente Tarzan dos Macacos - os músculos prontos e os sentidos alerta - caminhando de cabeça erguida e passos seguros, confiante na sua própria força.

Os ruídos noturnos da montanha eram novos para ele, mas escutava-os como se ouvisse a voz suave de um amor meio esquecido. Muitos desses ruídos lhe eram inteligíveis... e reconheceu a distância a voz de um leopardo... Mas havia uma nota diferente que o fazia ter dúvidas... porque o que escutava era de fato uma pantera...

A certa altura distinguiu um novo som, macio e furtivo. Só os seus ouvidos poderiam tê-lo captado, e ao princípio não o compreendeu, mas não tardou a reconhecê-lo...

Vinha de um leve pisar de pés descalços... pés de vários homens. Vinham atrás dele, cautelosos... Estava sendo seguido. Num relance compreendeu por que razão havia sido deixado ali por Gernois.

Apenas houvera um erro... os homens chegavam tarde demais. Tarzan parou e voltou-se para trás, com a arma pronta. Percebeu a aproximação de um vulto branco... um albornoz... Chamou em voz alta e perguntou, em francês, o que queriam. A resposta foi uma súbita chama alaranjada, uma detonação... e uma bala... Tarzan dos Macacos caiu para a frente, de bruços.

Os árabes não se precipitaram imediatamente. Esperaram, até terem certeza de que a sua vítima não se levantaria. Então aproximaram-se e curvaram-se sobre ele. Foi fácil verificar que não estava morto... e um dos árabes encostou-lhe à cabeça o cano da espingarda, para matá-lo... Mas outro empurrou-o, desviando a arma.

- Se o levarmos vivo, a recompensa será maior... - disse.

Então amarraram-no de pés e mãos e levaram-no aos ombros de quatro homens. Encaminharam-se para o deserto. Tendo descido até ao sopé das montanhas, seguiram para o Sul. Amanhecia quando alcançaram o ponto onde haviam deixado os cavalos, à guarda de dois deles.

A partir daí a marcha tornou-se mais rápida. Tarzan, que recuperara os sentidos, foi amarrado sobre o dorso de um cavalo que os árabes tinham trazido para esse fim. A ferida não passava de um arranhão, ao longo da têmpora. Já não sangrava, mas o

sangue coagulado e seco sujava a cara e a roupa de Tarzan. Este não dissera uma só palavra desde que havia sido aprisionado, e os seus captores tinham se limitado a breves ordens no momento em que se aproximaram dos cavalos.

Durante algumas horas cavalgaram sem descanso, evitando os oásis situados ao longo do caminho. Cerca do meio-dia alcançaram finalmente um "douar" composto por duas dezenas de tendas, e aí pararam. Quando um dos árabes começou a desatar os nós das cordas que prendiam Tarzan ao cavalo, foram rodeados por uma pequena multidão de homens, mulheres e crianças. Muitos dos membros da tribo, especialmente as mulheres, pareciam ter um singular prazer em insultar o prisioneiro, e algumas atiravam-lhe pedras e batiam-lhe com paus. Foi então que apareceu um velho xeique e as afugentou, dizendo:

- Ali-ben-Ahmed diz-me que este homem ficou sozinho na montanha e matou "el adrea".

Não sei o que quer o estrangeiro que pagou para o apanharmos, e não quero saber do que lhe fará quando o entregarmos a ele. Mas o preso é um homem valente, e enquanto estiver entre nós será tratado com o respeito devido a alguém que enfrentou, sozinho, o senhor da grande cabeça... e o matou.

Tarzan sabia do respeito dos árabes pelos que matam um leão... e alegrou-se na medida em que isso o libertava das mesquinhas torturas infligidas pelas mulheres. Pouco depois levaram-no para uma das tendas na extremidade do "douar". Deram-lhe de comer e, depois de o amarrarem mais solidamente, deixaram-no só, estendido sobre uma esteira.

Tarzan podia ver um guarda sentado diante da entrada da sua frágil prisão, mas quando tentou afrouxar as cordas que lhe prendiam os braços, verificou que a precaução era desnecessária, porque nem os seus poderosos músculos puderam sequer mover as numerosas laçadas que o seguravam.

Um pouco antes da noite vários homens aproximaram-se da tenda, e entraram. Todos envergavam albornozes, mas um deles aproximou-se de Tarzan e, afastando as dobras de tecido que lhe cobriam a parte inferior da cara, mostrou a face barbuda e malévola de Nikolas Rokoff... sorrindo cruelmente.

- É um prazer encontrá-lo, Sr. Tarzan... - disse ele. - Mas por que não se levanta para cumprimentar as visitas?

- Levante-se, cão! - berrou subitamente, ao mesmo tempo que batia com o pé em Tarzan. Num acesso de fúria, continuou a dar pontapés, gritando: - Um por cada uma das injúrias que me fez!

Tarzan não disse uma palavra, nem sequer voltou a olhar para o homem. Por fim o velho xeique, que de sobrolho franzido assistira à covarde brutalidade interveio.

- Basta! - ordenou. - Mate-o se quiser, mas não consinto que um homem valente seja tratado dessa maneira, na minha presença. Estou tentado a libertá-lo das cordas, para ver se você continua fazendo isso!

A ameaça pôs um fim brusco às brutalidades de Rokoff. Não queria correr o risco que ela comportava. Respondeu:

- Muito bem... vou matá-lo então!

- Não dentro dos limites do meu "douar"... - retorquiu o xeique. - Quando sair daqui, sairá vivo. O que lhe fizer, no deserto, não é da minha conta... mas não quero ter sobre as mãos o sangue de um francês, por uma razão que não é minha. Os franceses mandariam soldados contra a minha tribo, incendiariam o douar, matariam os homens e dispersariam os rebanhos.

- Está bem... - disse Rokoff. - Eu o levarei para o deserto, nos limites do douar, e aí o matarei.

- Leve-o até um dia de jornada daqui... - respondeu o xeique, friamente - ... e alguns dos meus homens o seguirão para que obedeça. Caso contrário haverá dois franceses mortos no deserto!

- Então terei de esperar para amanhã porque já é noite... - concordou Rokoff, com um encolher de ombros.

- Como quiser... - replicou o xeique. - Mas uma hora depois da madrugada quero-o fora do meu douar. Não simpatizo com infiéis, e menos ainda com um covarde!

Rokoff teria respondido, mas conteve-se porque compreendia que o velho xeique se voltaria contra ele ao menor pretexto. Saíram ambos da tenda, mas à porta Rokoff lançou uma última ameaça a Tarzan.

- Durma bem... - disse ele - ... e não se esqueça de rezar, porque amanhã morrerá no meio de sofrimentos que não lhe darão disposição para rezar.

Desde o meio-dia ninguém pensara em levar alimentos ou água a Tarzan, que sofria bastante da sede. Pediu água ao guarda, mas este nem sequer lhe respondeu. À distância, na montanha, ouviam-se os rugidos dos leões. Tarzan pensou que estaria bem mais seguro entre as feras do que entre os homens. Nunca, na sua vida na selva, se sentira mais implacavelmente perseguido do que nos últimos meses da sua experiência entre as criaturas ditas civilizadas. Nunca estivera tão próximo da morte.

De novo chegou aos seus ouvidos o rugido de um leão, agora mais perto. Tarzan sentiu o velho impulso de responder com o brado de desafio da sua espécie. A sua espécie? Quase havia esquecido que era um homem, e não um macaco. Mais uma vez tentou afrouxar as cordas. Se ao menos pudesse tê-las ao alcance dos seus rijos dentes!

A resistência das cordas despertava nele uma onda de raiva.

O leão rugia agora quase a cada instante. Era evidente que se internara pelo deserto, para caçar. Era o rugido de um leão esfomeado. Tarzan invejou a fera, porque estava livre, e ninguém a amarraria com cordas, para a matar como se fosse um carneiro. Era isso o que enfurecia o homem da selva. A morte não lhe fazia medo – mas desesperava-o a derrota antecipada, o fato de não poder lutar para defender a sua vida.

Pensou que devia ser perto da meia-noite. Tinha ainda algumas horas para viver. Talvez conseguisse ainda arranjar maneira de levar Rokoff consigo, na longa jornada sem regresso. Ouvia o leão bastante perto, agora. Talvez a fera viesse procurar a sua presa entre os animais do douar. Depois, durante alguns minutos, reinou um silêncio total.

Foi então que Tarzan pressentiu a aproximação de um corpo que se movia furtivamente. Vinha da parte de trás da tenda, a que estava voltada para a montanha. E aproximava-se cada vez mais. Tarzan esperava, escutando intensamente. Fez-se de novo silêncio, um silêncio tão absoluto que Tarzan se surpreendia de não ouvir sequer a respiração da fera que devia estar muito perto.

Um leve ruído, outra vez o avançar furtivo, cada vez mais próximo. Tarzan voltou a cabeça na direção do som. A escuridão era quase completa, no interior da tenda.

Bruscamente as peles de cabra, que fechavam a tenda, foram levantadas para dar passagem a um vulto que, na sombra, parecia negro. Tarzan fechou instintivamente os olhos, mas logo os abriu. Sentiria agora o golpe da poderosa garra... levantou a cabeça... e sentiu sobre a face o suave tocar de dedos macios que tateavam na treva. Logo uma voz feminina, que mal se podia ouvir mas que pronunciava o seu nome.

- Sim, sou eu... - sussurrou Tarzan.

- Mas, em nome de Deus! Quem é você?

- A Ouled-Nail de Sidi Aissa...

Enquanto ela falava, Tarzan sentia-a procurar as cordas que lhe prendiam os braços. Um contato frio, de aço, sobre a pele... e um momento depois estava livre.

- Venha... - murmurou ela.

Tarzan seguiu-a, rastejando, pelo mesmo caminho por onde ela entrara.

Continuaram a avançar assim, até alcançarem uma pequena moita de arbustos. Aí, a jovem esperou que ele se aproximasse. Tarzan fitou-a por alguns momentos, antes de falar.

- Não compreendo... - disse ele, por fim. - Por que está aqui? Como soube que eu estava prisioneiro nessa tenda? Como foi possível que viesse salvarme?

- Percorri um longo caminho esta noite... - respondeu ela, sorrindo - ... e ainda temos um longo caminho a percorrer antes de estarmos fora do perigo. Venha... Irei contar-lhe tudo, enquanto caminharmos...

Puseram-se de pé e tomaram a direção das montanhas. A jovem murmurou:

- Eu não tinha certeza de poder chegar. El adrea anda à caça no deserto, esta noite, e depois de eu ter deixado os cavalos acho que ele me farejou e me seguiu. Tive um medo horrível...

- Que moça corajosa! E correu todos esses riscos por um estrangeiro... um estranho... um infiel?

Ela endireitou o corpo altivamente, ao responder:

- Sou a filha de Kadour-ben-Saden... e não seria digna de ser sua filha se não arriscasse a minha vida para salvar a do homem que me salvou quando pensava que eu apenas era uma vulgar Ouled-Nail.

- Seja como for... é uma moça de imensa coragem... - respondeu Tarzan. - Mas como soube que estava preso, e onde?

- Achmet-din-Taieb, que é meu primo pelo lado paterno, foi visitar alguns amigos que pertencem à tribo que o capturou. Estava no dour quando o levaram, e ao regressar falou do francês de grande estatura que havia sido apanhado por Ali-ben-Ahmed, para o entregar a outro francês que queria matá-lo. Pela descrição, compreendi que se tratava de você. Meu pai não estava conosco. Tentei convencer alguns dos homens para virem salvá-lo, mas eles recusaram-se, dizendo: "- Deixem que os infiéis se matem uns aos outros, se querem. Isso não me diz respeito, e se formos interferir nos planos de Ali-ben-Ahmed podemos provocar uma luta entre as nossas tribos. - Assim, quando escureceu, vim sozinha, montando um cavalo e trazendo outro. Estão presos não longe daqui. Pela manhã estaremos no dour de meu pai. Ele já lá deve estar... quem se atreverá a ir tentar prender o amigo de Kadour-ben-Saden...

Caminharam em silêncio durante alguns minutos. Depois a jovem disse:

- Devemos estar perto dos cavalos e é estranho não vê-los...Oh! - acrescentou ela, logo em seguida. - Fugiram! Foi aqui que os deixei.

Tarzan debruçou-se para examinar o terreno. Viu que um forte arbusto havia sido arrancado pela raiz. Depois encontrou outras coisas. Havia um sorriso estranho, nos seus lábios, quando se endireitou e olhou para a moça.

- El adrea esteve aqui... - disse ele. - Pelas marcas, penso que os cavalos conseguiram escapar. Com um pequeno avanço podem ter fugido às garras do leão, no deserto.

Não havia outra coisa a fazer senão continuar a caminhada, a pé. O caminho conduzia para uma série de montes não muito altos, mas a jovem conhecia bem a região. Marchavam em passos longos e leves. Tarzan seguia ligeiramente atrás da jovem, para que ela pudesse escolher o andamento que menos a fatisasse. Iam conversando enquanto andavam, mas paravam de quando em quando, atentos a algum ruído que indicasse estarem sendo perseguidos.

Um luar brilhante iluminava a paisagem árida. Havia um vento leve e fresco, revigorante. Atrás deles estendia-se o deserto, onde de longe em longe se adivinhava, na doce claridade do luar, a mancha negra de um oásis. As palmeiras e o pequeno pedaço de terreno fértil, do douar de onde tinham partido pouco antes, eram ainda visíveis no imenso areal – uma espécie de fantástico e diminuto paraíso no meio do fantástico e imenso mar das dunas. Em frente erguiam-se as montanhas silenciosas. Tarzan sentiu o sangue correr-lhe alegremente nas veias. Aquilo era viver!

Olhou para a moça que caminhava junto dele, uma filha do deserto, marchando através de um mundo morto, como um homem da selva. Sorriu ao pensar que gostaria de ter uma irmã – que fosse como aquela moça. Que esplêndida companheira seria!

Tinham entrado nas montanhas, agora, e avançavam mais devagar porque a trilha era íngreme e áspera. Durante alguns minutos seguiram em silêncio. A jovem pensava se lhes seria possível alcançar o douar de seu pai antes de serem alcançados por eventuais perseguidores. Tarzan desejaria caminhar assim longamente. Se a sua companheira fosse um homem, poderia fazê-lo. Gostaria de ter um amigo que amasse, tanto quanto ele, a vida livre e selvagem. Aprendera a apreciar companhia... mas infelizmente a maioria dos homens que conhecia preferiam as suas roupas imaculadas, e os seus clubes, a vaguearem nus pela selva. Era difícil de compreender mas sem dúvida que era assim.

Haviam dado a volta a uma ponta de rocha que cortava a trilha... quando pararam bruscamente. Diante deles, a meio da passagem, estava Numa el adrea, o leão negro. Os olhos verdes e fosforescentes, da fera, tinham um brilho cruel... O leão mostrava os dentes e sacudia os flancos com a cauda, irritado e esfomeado.

- A faca... - disse Tarzan à moça, estendendo a mão para ela sem deixar de fixar el adrea. Os seus dedos crispavam-se no cabo da faca. Acrescentou:

- Volte para trás o mais depressa que puder. Se eu a chamar é porque tudo está bem, e então pode aproximar-se novamente.

- É inútil... - respondeu ela, com o fatalismo da sua raça. - Isto é o fim do caminho...

- Faça como eu lhe digo... E depressa, porque o leão vai saltar... - atalhou Tarzan.

Ela recuou alguns passos mas parou, olhando intensamente. Sabia que ia assistir a uma cena horrível. Tarzan, empunhando a comprida faca árabe cuja lâmina brilhava ao luar, enfrentava a fera, ligeiramente curvado para a frente. Atrás dele, a jovem tinha a imobilidade de uma figura de pedra. O leão avançava lentamente, cosido com o terreno, a cauda estendida.

O único pensamento consciente, da moça árabe, era de espanto pela coragem daquele homem que, armado apenas com uma faca, enfrentava o senhor da grande cabeça. Um homem do deserto teria ajoelhado e rezado e sucumbiria sem resistência, ante as garras da fera. Sim, isso era o que faria um árabe... Em qualquer dos casos o resultado seria o mesmo – era inevitável. Mas ela não podia dominar um sentimento de profunda admiração pelo herói que ia lutar. Não havia uma parcela de medo naquele corpo atlético e moreno... a sua atitude era tão ameaçadora como a de el adrea.

O leão estava mais perto... E de repente, com um tremendo rugido, saltou.

CAPÍTULO 11

John Caldwell, Londres

Quando Numa El Adrea saltou, de garras abertas e estendidas... para ele aquela presa era como muitas outras, iguais, que havia encontrado e vencido. Para ele o homem era um animal de movimentos lentos e desajeitados, indefeso... Mas desta vez tinha diante de si uma criatura diferente, tão ágil como ele próprio. Quando o seu poderoso corpo concluiu o salto... o homem já não estava no mesmo lugar. A moça árabe olhava, maravilhada... O homem tinha se esquivado das garras da fera e... por Alá! saltara para o dorso de "el adrea" antes que este pudesse sequer voltar-se, agarrando-o pela juba. O leão ergueu-se sobre as patas traseiras, como um cavalo... Tarzan sabia que ele faria isso, e estava atento. Um grande braço hercúleo rodeou a garupa da fera e uma, duas, dez vezes, a faca se cravou no corpo fulvo-negro atrás da espádua. Numa saltava, rugindo de fúria e de dor mas o homem que se agarrava ao seu dorso não podia ser desalojado ou trazido para o alcance das garras e dentes... durante o tempo que restava de vida ao rei da montanha.

Quando Tarzan o largou e se ergueu, o leão estava morto. Então a filha do deserto assistiu a uma coisa que quase a apavorou mais do que a aparição de "el adrea". O homem pousou um pé sobre a carcaça e, erguendo a bela face que o luar iluminou em cheio, soltou o mais terrível brado que a jovem ouvira alguma vez.

Com um pequeno grito de medo a jovem recuou... pensando que a tensão da breve luta havia enlouquecido o seu companheiro. Quando a última nota do espantoso brado se perdeu na distância, Tarzan olhou para ela... e no mesmo instante o bondoso sorriso, que era ampla prova da sua saúde mental, iluminou-lhe as feições. A moça respirou livremente, sorrindo também.

- Que tipo de homem você é, senhor? - perguntou ela. - O que fez é uma coisa que nunca foi feita antes... Mesmo agora mal posso acreditar que um homem só, armado apenas com uma faca, pudesse enfrentar "el adrea" e vencê-lo sem ter sofrido um arranhão... vencê-lo fosse como fosse. E esse grito não era humano... Por que gritou assim?

- Foi porque... - respondeu Tarzan, corando ligeiramente -... por vezes me esqueço de que sou um homem civilizado. Quando mato... me transformo em outra criatura...

Não tentou explicar melhor... porque sempre pensava que uma mulher não poderia evitar uma sensação de repulsa por alguém que estava tão perto de ser uma fera.

Continuaram a caminhar. O sol havia surgido cerca de uma hora antes, quando novamente encontraram o deserto, do outro lado das montanhas. Junto de um

pequeno oásis desabitado, onde corria um regato que logo adiante se sumia na areia, encontraram os dois cavalos que pastavam a erva rala. Tinham fugido até ali... mas uma vez longe daquilo que os apavorara, antes, haviam parado para beber e comer. Não foi difícil apanharem os animais. Montaram e seguiram na direção do douar de Kadour-ben-Saden.

Não havia sinais de perseguição, e assim chegaram, cerca das nove horas da manhã, ao seu destino. O velho xeique regressara pouco antes e estava desesperado pelo desaparecimento da filha, que supunha novamente raptada pelos bandidos. Ia partir em busca dela, à frente de cinquenta cavaleiros, quando Tarzan e a jovem entraram no douar. A alegria de Kadour-ben-Saden ao ver a filha, foi igualada pela sua gratidão para Tarzan, que a trazia sã e salva através dos perigos da noite, pela sua satisfação ao saber que ela chegara a tempo de salvar o homem que antes a salvara. Logo que a jovem contou a luta de Tarzan com "el adrea", todos os árabes o rodearam com grande demonstração de respeito. Era uma segura maneira de conquistar a admiração deles.

Tarzan foi cumulado de todas as atenções.

O velho xeique voltou a insistir para que ele ficasse para sempre na tribo, disposto mesmo a adotá-lo. O filho da selva esteve tentado a aceitar o pedido e a ficar com aquela gente que o entendia e a quem ele podia entender.

A sua simpatia pela filha de Kadour-ben-Saden era uma das fortes razões...

Se ela fosse um homem, não teria talvez hesitado... porque seria um magnífico companheiro para galopar e caçar através do deserto e nas montanhas. Mas era uma mulher e qualquer idéia de companhia entre ambos seria difícil de aceitar para aquela gente respeitadora de regras ainda mais rígidas do que as de povos mais civilizados.

Dentro de algum tempo estaria casada com um dos morenos guerreiros do deserto, e isso poria fim, em qualquer caso, à amizade entre ela e Tarzan. Assim, Tarzan agradeceu mas recusou a proposta do velho xeique, embora concordasse em se demorar uma semana no douar.

Quando partiu, Kadour-ben-Saden e cinquenta guerreiros de albornozes brancos prepararam-se para o acompanhar a Bou Saada. Quando montaram a cavalo, na manhã da partida, a jovem veio despedir-se de Tarzan.

- Rezei para que ficasses conosco, senhor... Mas Alá não atendeu as minhas preces... - disse ela, simplesmente, quando ele se curvou, na sela, para lhe apertar a mão. - Agora vou rezar para que volte...

Havia uma expressão de tristeza nos belos olhos; e uma curva amarga nos lábios.

Tarzan sentiu-se emocionado.

- Quem sabe? - disse ele ainda, antes de partir.

Tarzan despediu-se dos seus companheiros antes de chegarem a Bou Saada.

Tinha razões pessoais para querer entrar na povoação tão discretamente quanto possível, e quando as expôs o velho xeique concordou imediatamente. Os árabes entrariam primeiro em Bou Saada, sem fazerem qualquer referência à presença dele. Tarzan iria mais tarde e procuraria alojamento numa estalagem nativa. Assim, chegando já de noite, não encontrou ninguém que o conhecesse e dirigiu-se sem demora para a estalagem.

Depois de jantar em companhia de Kadour-ben-Saden, encaminhou-se, dando um rodeio, para o hotel onde estivera antes. Passou pela porta das traseiras e foi falar ao proprietário do hotel, que manifestou grande surpresa ao vê-lo.

Sim, havia correspondência para monsieur Tarzan. Iria buscá-la e... muito bem, não diria a ninguém que monsieur Tarzan tinha chegado. Voltou pouco depois, com um maço de cartas. Uma delas tinha uma ordem de Paris, para deixar a missão em que trabalhava e partir para a cidade do Cabo, no primeiro vapor. Aí receberia novas instruções, e outro agente cujo nome e endereço constavam da carta. Nada mais... Era uma breve mensagem, mas clara e explícita. Tarzan dispôs-se a sair de Bou Saada na manhã seguinte. Então encaminhou-se para o quartelamento, a fim de falar ao capitão Gerard, segundo dissera o dono do hotel, que voltara no dia anterior, com o seu destacamento. Encontrou o capitão nos seus aposentos, e Gerard mostrou grande surpresa e alegria ao vê-lo vivo.

- Quando o tenente Gernois regressou e disse que não o havia encontrado no ponto onde você decidira ficar enquanto os seus grupos batiam o terreno, fiquei alarmado. Percorremos a montanha, durante dias... até que nos informaram de que havia sido atacado e devorado por um leão. Trouxeram-nos a sua espingarda, como prova, e no dia seguinte ao seu desaparecimento o cavalo que montava voltou do acampamento. Não tínhamos razão para duvidar. O tenente Gernois estava dolorosamente impressionado e culpava-se pelo que tinha acontecido. Foi ele quem orientou as pesquisas, e foi ele quem encontrou o árabe que achara a sua espingarda. Vai ficar encantado por saber que você está vivo!

- Sem dúvida... - continuou Tarzan, com um sombrio sorriso.

- Foi à povoação, senão eu mandaria chamá-lo... - continuou o capitão Gerard. - Eu o informarei assim que regressar.

Tarzan deixou que o oficial continuasse pensando que ele se havia perdido e fora ter, por acaso, ao douar de Kadour-ben-Saden, que depois o acompanhara até Bou Saada.

Assim que lhe foi possível, despediu-se do capitão e voltou à pequena cidade. Na

estalagem, soubera através de Kadour-ben-Saden uma notícia interessante. O xeique falara-lhe de um branco de barba escura, que andava sempre vestido como os árabes.

Durante algum tempo tinha trazido um braço ao peito... e recentemente estivera fora de Bou Saada, mas voltara e Tarzan soube finalmente onde ele se alojava. Foi para lá que se encaminhou depois de sair do aquartelamento.

Ao longo de ruelas escuras e mal cheirosas, chegou a uma escada tortuosa, no extremo da qual havia uma porta e uma pequena janela sem vidros. A janela ficava pouco abaixo dos beirais da casa de adobe, e Tarzan mal chegava ao parapeito. Içou-se sem custo, lentamente, até poder ver o interior da casa. Havia luz e Rokoff estava sentado a uma mesa, em companhia de Gernois. Era o tenente quem falava.

- Você é um demônio, Rokoff... - dizia Gernois. - Atormentou-me até me fazer perder os últimos farrapos de honra. Levou-me ao assassinio, porque tenho nas mãos o sangue desse homem... desse Tarzan. Se não fosse esse outro filho do diabo, esse Paulvitch que também conhece o meu segredo, eu o mataria esta noite, com as minhas mãos...

- Não faria tal coisa, meu caro tenente... - respondeu Rokoff, rindo. - No momento em que se soubesse que eu havia sido assassinado, esse bom Alexis Paulvitch faria chegar às mãos do ministro da guerra todas as provas do caso que você tanto deseja esconder... e o acusaria da minha morte, vamos, seja sensato. Eu sou o seu melhor amigo. Não tenho defendido a sua honra como se fosse a minha própria honra? – olhou para Gernois, que praguejava entre dentes, e continuou: - Apenas mais um pequeno pagamento... e os papéis que eu quero, e tem a minha palavra de que não voltarei a pedir-lhe dinheiro nem informações.

- Por uma boa razão... - grunhiu Gernois. - O que me pede é o dinheiro que me resta... e é a única informação valiosa que eu tenho. Devia pagar-me por esta informação, em vez de ainda por cima exigir que eu lhe pague.

- Eu lhe pago com o meu silêncio... - retorquiu Rokoff. - Mas vamos acabar com isto. Decide-se, ou não? Dou-lhe três minutos para resolver. Se não concordar, mandarei esta noite, ao seu comandante, uma nota que causará a sua degradação, a mesma que Dreyfus sofreu - com a diferença de que ele não a merecia.

Durante momentos Gernois ficou calado, de cabeça baixa. Por fim levantou-se e tirou dois papéis do bolso da túnica.

- Aqui estão... - disse, com uma expressão de desespero. - Trouxe-os comigo, porque sabia que não haveria outra solução...

Estendeu os papéis para o russo, que os pegou. No seu rosto havia um esgar

diabólico.

- Fez bem, Gernois... - disse ele. - Não voltarei a incomodá-lo a não ser que você venha a ter mais dinheiro...ou mais informações.

- Nunca mais o fará, cão! - bradou Gernois. - Da próxima vez eu o matarei. Pouco faltou para que o fizesse, esta noite. Antes de vir aqui estive durante mais de uma hora sentado, tendo na minha frente, esses dois papéis e o meu revólver carregado, hesitava sobre o que deveria trazer. Faltou pouco Rokoff... Da próxima vez será mais fácil, porque já tomei a minha decisão. Não volte a tentar a sorte...

Gernois levantou-se e Tarzan mal teve tempo para se deixar cair e encolher-se na sombra, ao alto da escada.

O espaço era estreito e lhe seria difícil evitar que o vissem, porque estava muito perto da porta. Quase imediatamente esta abriu-se e Gernois saiu. Rokoff vinha atrás dele. Nenhum dos dois falou. Gernois tinha descido uns três degraus quando parou e esboçou um movimento para se voltar e entrar de novo. Rokoff estava no limiar. Tarzan compreendeu que ia ser descoberto... Mas Rokoff olhava apenas para o oficial, e este, depois de uma breve hesitação, continuou a descer a escada. Tarzan ouviu o suspiro de alívio de Rokoff, antes de este recuar e fechar a porta.

Tarzan esperou até que Gernois se afastasse... Então abriu a porta e entrou no compartimento. Caiu sobre Rokoff, antes que o miserável pudesse mover-se na cadeira onde se sentara para ler os papéis que havia recebido. Quando viu quem o atacava, o russo ficou lívido.

- Você. - balbuciou.

- Sim, eu!

- Que quer? - sussurrou Rokoff, apavorado. - Veio para me matar? Não se atreverá... Cortariam a sua cabeça... Não... não se atreverá...

- Decerto que me atreverei, Rokoff... - retorquiu Tarzan - porque ninguém sabe que estamos aqui e Paulvitch dirá que foi Gernois quem o matou. Eu o ouvi dizer isso, há pouco. Mas isso não importaria porque o prazer de matá-lo compensaria grandemente qualquer castigo, Você é o mais detestável dos covardes, Rokoff. Deveria morrer, e eu deveria mata-lo...

Tarzan curvou-se mais sobre o miserável. Os nervos de Rokoff cederam ao pavor.

Deu um grito, tentou fugir para um compartimento contíguo, mas Tarzan agarrou-o e apertou-lhe o pescoço. O covarde começou a guinchar... até que o filho da selva lhe cortou o fôlego. Tarzan sacudiu-o, sem deixar de lhe apertar a garganta. O russo debatia-se inutilmente. Nas mãos de Tarzan, era como uma criança indefesa.

O filho da selva o fez sentar numa cadeira e largou-o antes de matá-lo. Deixou-o

tossir à vontade, sufocado, e então falou de novo:

- Dei-lhe uma amostra do que virá a ser a morte, mas desta vez não o matarei... Poupo-o por causa de uma mulher cuja grande infelicidade é ser sua irmã. Mas poupo-o desta vez, apenas. Se você voltar a incomodá-la, ou ao marido, se voltar a incomodar-me novamente... esteja você onde estiver vou persegui-lo e acabar o que hoje apenas comecei...

Voltou-se para a mesa e apanhou os dois papéis, enquanto Rokoff o olhava apavorado. Era um cheque... e Tarzan se assustou ante as informações que o outro continha. Rokoff lera este último, em parte, mas Tarzan sabia que ele não podia ter decorado os números e os fatos que o tornavam de inestimável valor para qualquer potência inimiga da França.

- Isto interessará o Estado-Maior... - comentou o filho da selva, guardando os dois papéis. Rokoff gemeu, sem se atrever a praguejar em voz alta.

Na manhã seguinte, Tarzan partiu a caminho de Bouira e de Argel. Quando passou, a cavalo, diante do hotel, o tenente Gernois estava na varanda. Ao ver o filho da selva, o oficial ficou lívido...

Tarzan teria preferido não ver o tenente, mas não podia evitar. Esboçou um cumprimento a que Gernois correspondeu maquinalmente... fitando-o com uma expressão de pavor... Era como um morto que encontrasse um fantasma.

Em Sidi Aissa, Tarzan encontrou um oficial francês que conhecera durante a sua passagem anterior pela cidade.

- Você partiu muito cedo de Bou Saada? - Perguntou o oficial. - Nesse caso não deve ter ouvido o que aconteceu ao pobre Gernois...

- Foi a última pessoa a quem vi antes de partir... - respondeu Tarzan. - Que lhe aconteceu?

- Morreu... Deu um tiro na cabeça, esta manhã, cerca das oito horas...

Dois dias mais tarde, Tarzan chegou a Argel. Verificou que tinha de esperar dois dias pela partida do próximo vapor que o levaria à cidade do Cabo. Aproveitou o tempo para fazer um relatório completo da sua missão, Não incluiu na carta os papéis que arrancara de Rokoff. Não se atrevia a largá-los sem ter recebido ordens para entregá-los a outro agente, para regressar a Paris, levando-os. Quando Tarzan embarcou ao cabo de uma aborrecida espera, dois homens observaram-no, do convés superior do navio.

Ambos estavam vestidos elegantemente, e bem barbeados. O mais alto dos dois tinha cabelos muito claros, com sobrancelhas pretas.

Na mesma tarde ambos encontraram Tarzan no convés da primeira classe, mas

ambos pareciam examinar qualquer coisa no mar, de maneira que o filho da selva nem lhes viu as feições. De fato, não lhes prestou qualquer atenção.

Segundo as instruções que recebera, Tarzan reservara a sua passagem sob um nome falso - John Caldwell, de Londres. Não compreendia a necessidade de tal coisa, e isso dava-lhe o que pensar. Conjeturava sobre qual seria a sua missão na cidade do Cabo.

- Bem... - pensou - graças a Deus estou livre de Rokoff. Começava a irritar-me.

Estarei eu civilizado ao ponto de começar a ter nervos? Esse tipo, de resto, faria nervos a um pedaço de rocha. Nunca luta limpo... nunca se sabe que espécie de patifaria está preparando. É como se Numa, o leão, tivesse convencido Tantor, o elefante, e Histah, a serpente, a aliarem-se a ele para me matar. Eu nunca saberia em que momento, ou por quem, iria ser atacado. Mas as feras são mais leais do que os homens... nunca usam a intriga covarde.

Nessa noite, ao jantar, Tarzan ficou sentado ao lado de uma jovem que estava à esquerda do comandante. Este apresentou-os.

Miss Strong! Onde teria ouvido, antes, aquele nome? Era-lhe familiar... Mas então a mãe da jovem deu a Tarzan a chave do enigma, ao tratar a filha por Hazel.

Hazel Strong! Quantas recordações aquele nome evocava!

Havia sido uma carta dirigida àquela jovem, escrita por Jane Porter... que revelara a Tarzan a própria mensagem da mulher a quem amava. Recordava nitidamente a noite em que tinha roubado a carta... de sobre a mesa na barraca construída por seu pai.

Recordava-se de ter visto Jane a escrever enquanto ele espreitava, na sombra... E aquela jovem era Hazel Strong, a melhor amiga de Jane...

Navios que passam

Voltemos alguns meses atrás, à pequena estação, batida pelo vento, no norte do Wisconsin. A fumaça da floresta queimando paira sobre a paisagem. Seis pessoas esperam, na estação, a chegada do comboio que as levará para o Sul. O professor Arquimedes Porter, as mãos unidas sob as abas do seu fraque, passeia de um lado para o outro, sob o olhar sempre vigilante do seu secretário, Sr. Samuel T. Philander. Por duas vezes, nos últimos minutos anteriores ele tinha distraidamente atravessado a via e caminhado na direção de um pântano... e de ambas as vezes o incansável Sr. Philander fora buscá-lo, salvando-o. Jane Porter conversa, num tom de cansaço e desânimo, com William C. Clayton e com Tarzan. Ali mesmo, minutos antes, uma confissão de amor e de renúncia destroçara a vida de dois deles... mas não de William C. Clayton, Lorde Greystoke.

Atrás de Jane estava a maternal Esmeralda. Essa sentia-se feliz, pois ia regressar à sua Virgínia natal. Já se podia ver à distância, através da fumaça, o farol da locomotiva que se aproximava. Os homens começaram a recolher a bagagem... e de súbito Clayton exclamara:

- Céus! Deixei o meu impermeável na sala. Vou buscá-lo...
- Adeus, Jane... - Dissera Tarzan, estendendo a mão. – Deus a abençoe e proteja.
- Adeus... - respondera ela, em voz baixa. – Tente esquecer-me... Não, não o tente! Não suportaria que me esquecesse...
- Isso não acontecerá, querida... - tinha ele respondido. - Desejaria poder esquecer, no entanto. Seria muito mais fácil do que viver com a idéia constante do que poderia ter sido. Espero que seja feliz, Tenho certeza de que assim será. Peço-lhe que diga aos outros da minha decisão de seguir no automóvel até Nova Iorque... Não me sinto com coragem para me despedir de Clayton. Quero recordá-lo com simpatia, mas sou ainda demasiado selvagem para poder ficar diante do homem que se interpõe entre mim e a felicidade.

Quando Clayton se curvou para apanhar o seu impermeável, na pequena sala de espera, viu um impresso de telegrama, caído no chão. Agarrou-o pensando que se tratasse de alguma importante mensagem que alguém tivesse deixado cair.

Leu-o de relance e no mesmo instante esqueceu o impermeável, o comboio que se aproximava, tudo o que não fosse aquele retângulo de papel amarelado que tinha na mão.

Leu-o duas vezes, antes de poder compreender completamente o seu terrível

significado. Quando se curvara para o apanhar era um nobre inglês, rico, dono de vastas propriedades... No momento em que o lera, soube que era um homem sem qualquer título de nobreza, consideravelmente menos rico. Tratava-se do telegrama enviado a Tarzan, por D'Arnot , e que dizia:

"Impressões digitais provam você Greystoke. Parabéns.

D'Arnot"

William C, Clayton cambaleou, como se tivesse recebido um golpe de morte. Nesse momento ouviu os outros chamando, para que se apressasse pois o comboio já parara na pequena estação.

Aturdido, apanhou o impermeável e encaminhou-se para a plataforma. Teve de correr, porque a locomotiva já dera o último sinal antes da partida. Os outros estavam no comboio e faziam-lhe sinais para que se apressasse... Decorreram quase cinco minutos antes que se reunissem na carruagem Pullman, e só então Clayton viu que Tarzan não estava com eles.

- Onde está Tarzan? - perguntou ele a Jane. Seguiu para outra carruagem?

- Não virá... - respondeu ela. - No último instante decidiu seguir no automóvel até Nova Iorque, quer conhecer alguma coisa mais da América, do que lhe seria possível ver pela janela de um comboio. Vai regressar a França, você sabe.

Clayton nada disse. Estava procurando as palavras convenientes para explicar a Jane Porter a calamidade que se abatera sobre ele - e sobre ela. Imaginava qual seria o efeito das suas palavras. Continuaría ela a querer ser sua mulher... ser apenas a Sra. Clayton? De repente, a enormidade do sacrifício que um deles devia fazer... surgiu na sua mente.

Depois veio a pergunta: Tarzan reclamaria o que lhe pertencia? O filho da selva já conhecia o conteúdo do telegrama, antes de declarar tranqüilamente que ignorava quem fossem os seus pais. Dissera-lhe que Kala, a macaca, era a única mãe que conhecia. O teria feito por amor de Jane?

Não havia outra explicação que parecesse razoável. Então, se Tarzan decidira ignorar o conteúdo do telegrama, não parecia possível deduzir daí que nunca reclamaria os seus direitos?

Sendo assim, que direito tinha ele, Clayton, de contrariar os desejos do filho da selva, de anular o sacrifício voluntário daquele estranho homem? Se Tarzan podia fazer tal coisa para defender a felicidade de Jane - por que iria ele a cujo cargo estava todo o futuro da jovem, arruinar os seus interesses?

Continuou a raciocinar assim, até que o primeiro e generoso impulso de proclamar a verdade e renunciar a um título e a uma fortuna que não lhe pertenciam de

direito...foi abafado sob o montão de sofismas sugeridos pelo seu egoísmo. Mas, durante o resto da viagem e durante muitos dias, depois, Clayton permaneceu preocupado e sombrio. Por vezes surgia na sua mente a idéia de que, mais tarde ou mais cedo, Tarzan se arrependeria da sua generosidade e exigiria o que era dele.

Alguns dias depois de terem chegado a Baltimore, Clayton abordou o assunto de um casamento próximo, falando com Jane.

- A que chama próximo... - perguntou ela.

- Dentro de dias... Tenho de voltar sem demora a Inglaterra... e quero que me acompanhe, querida.

- Não posso estar preparada em tão curto espaço de tempo...- respondeu ela. - Preciso de um mês, pelo menos.

Jane sentia-se contente porque a viagem dele, a Inglaterra, adiaria mais ainda o casamento. Tinha ido mal, comprometera-se irrefletidamente, mas estava disposta a cumprir a sua palavra, indo até ao largo fim do seu sacrifício... No entanto queria umas tréguas a que se sentia com direito. A resposta de Clayton desconcertou-a:

- Está bem, Jane... Sinto-me desapontado... mas a minha viagem a Inglaterra pode esperar um mês, então iremos juntos.

Quando o mês passou, porém, Jane encontrou outro pretexto para um novo adiamento, até que, cheio de dúvidas, desencorajado, Clayton teve de partir só. As várias cartas que trocaram... não deixaram Clayton mais perto da realização das suas esperanças, do que estava antes. Assim, escreveu diretamente ao professor Porter pedindo-lhe a sua ajuda.

O velho sempre vira, com agrado aquela união. Simpatizava com Clayton e, pertencendo a uma antiga família do Sul, dava uma exagerada importância às vantagens de um título de nobreza - uma vantagem que nada significava para Jane.

Clayton insistiu em que o professor e todo o seu grupo familiar - incluindo o Sr. Philander e Esmeralda - fossem seus hóspedes em Londres. Estava convencido de que, uma vez em Inglaterra e longe de casa, a jovem deixaria de recear o passo que durante tanto tempo hesitara em dar.

Na noite em que recebeu a carta de Clayton, o professor Porter anunciou que partiriam para Londres na semana seguinte.

Mas aconteceu que, em Londres, Jane não se mostrou mais tratável do que em Baltimore. Apresentava desculpas, umas após outras, e quando, por fim, Lorde Tennington convidara todo o grupo a fazer uma viagem à volta de África, no seu iate, a jovem exprimiu grande satisfação ante a idéia... mas recusou redondamente casar antes de voltarem a Londres. Por isso que o cruzeiro iria durar pelo menos um ano,

visto que se deteriam por tempo indefinido em todos os pontos interessantes, Clayton amaldiçoou mentalmente Tennington, por ter sugerido tão ridícula viagem.

O plano de Lorde Tennington era atravessar o Mediterrâneo, seguirem pelo Mar Vermelho até ao Oceano Índico, e depois viajarem ao longo da costa oriental de África, parando em cada porto que merecesse a pena visitar.

Foi assim que, certo dia, dois navios se cruzaram na passagem do estreito de Gibraltar. O menor, um belo iate branco, seguia para Leste... no seu convés estava sentada uma jovem que olhava tristemente para um medalhão cravejado de diamantes, que tinha entre os dedos. Os seus pensamentos estavam longe, na sombra da folhagem espessa de uma floresta tropical... e o seu coração estava com os seus pensamentos.

Pensava no homem que lhe havia dado aquela magnífica jóia... uma jóia que, para ele, significava muito mais do que o seu valor - que nem sequer conhecia. E imaginava se esse homem teria voltado para a sua floresta primitiva.

No convés do navio maior, um navio de passageiros, um homem estava sentado em companhia de outra jovem, e ambos olhavam distraidamente para o iate branco que parecia deslizar como um cisne no mar calmo. Quando o iate passou, o homem retomou a conversa interrompida.

- Sim... - disse ele - gosto muito da América, o que significa que gosto muito dos americanos, pois um país é apenas aquilo que os seus habitantes fazem dele... Encontrei gente encantadora, enquanto lá estive. Recordo em especial uma família da cidade, miss Strong, a quem estimava particularmente - o professor Porter e a filha...

- Jane Porter! - exclamou a jovem. - Será que conhece Jane Porter? É a melhor amiga que tenho. Brincamos juntas, nos conhecemos há alguns anos.

- Sim? - respondeu ele, sorrindo. - Terá dificuldade em fazer acreditar isso... a alguém que conheça ambas.

- Oh! - disse a jovem, rindo. - São muitos anos... se somar os da idade dela aos da minha... Mas a sério... Somos como irmãs, e agora que vou perdê-la tenho um enorme desgosto.

- Vai perdê-la? - exclamou Tarzan. - Que quer dizer com isso? Ah, compreendo... Agora que ela está casada e vivendo na Inglaterra, se verão raras vezes...

- Sim... - respondeu Hazel Strong - ... e o mais triste de tudo é que ela não vai casar com o homem a quem ama. Oh, é terrível! Casar para cumprir um dever! Acho perfeitamente desastroso, e já lhe disse. O caso abala-me de tal maneira que, embora sendo a única pessoa a ser convidada, além dos parentes, não irei ao casamento porque não quero assistir a isso. Mas Jane Porter é persistentemente teimosa e Convenceu-se a si mesma que faz a única coisa decente que pode fazer, e nada no

mundo a impediria de casar com Lorde Greystoke, a não ser o próprio Greystoke ou a morte.

- Tenho pena dela... - comentou Tarzan.

- E eu tenho pena do homem a quem ela ama. - respondeu a jovem - porque sei que a ama também. Não o conheço, mas pelo que Jane me contou deve ser uma criatura maravilhosa. Parece que nasceu na selva africana e foi criado entre ferozes macacos antropóides. Nunca tinha visto uma criatura branca, até que o professor Porter e o seu grupo foram abandonados na costa, justamente perto da barraca que lhe pertencia.

Salvou-os, a todos, de todas as espécies de feras, praticando as maiores proezas imagináveis e para cúmulo apaixonou-se por Jane e ela por ele, embora Jane só tivesse compreendido a verdade depois de ter prometido a Clayton que seria sua mulher.

- Muito interessante... - disse Tarzan, procurando uma forma de mudar de assunto.

Encantava-o ouvir Hazel falar de Jane Porter, mas quando se tratava dele próprio sentia-se embaraçado. Por sorte, a mãe da jovem aproximou-se, e a conversa tornou-se geral.

Os dias seguintes passaram sem qualquer acontecimento digno de nota. O mar estava calmo, o céu claro, e o navio seguia com regularidade o seu rumo para o Sul.

Tarzan passava uma parte do seu tempo em companhia de Hazel e da mãe. Sentados no convés, liam, conversavam ou tiravam fotografias, com a máquina de Hazel. Ao pôr do sol, passeavam.

Um dia, Tarzan encontrou a jovem falando com um passageiro desconhecido, que ele ainda não tinha visto a bordo. Quando se aproximou o homem fez-lhe um cumprimento e dispôs-se a afastar-se.

- Espere, Sr. Thurán... - disse Hazel. – Quero apresentar-lhe o Sr. Caldwell. Somos todos companheiros de viagem e devemos conhecer-nos.

Os dois homens apertaram-se as mãos. Ao fitar os olhos do Sr. Thurán, Tarzan notou que a expressão deles era estranhamente familiar.

- Tenho certeza de já ter encontrado o Sr. Thurán, antes. - disse Tarzan - embora não possa precisar em que circunstâncias, ou quando.

O Sr. Thurán pareceu pouco à vontade.

- É possível, monsieur... - disse ele. - Tem-me acontecido o mesmo, ao ser apresentado a pessoas estranhas.

- O Sr. Thurán esteve explicando-me alguns dos mistérios da navegação... - explicou a jovem.

Tarzan prestou pouca atenção à conversa que se seguiu. Tinha a mente ocupada tentando recordar-se de onde encontrara antes o Sr. Thuran. Estava seguro de que havia sido em circunstâncias peculiares. O sol começou a incidir sobre eles e Hazel pediu ao Sr. Thuran para puxar a cadeira dela um pouco mais para trás, onde havia sombra. Por acaso, Tarzan olhou nesse momento para o homem e notou a estranha maneira como ele puxava a cadeira - parecia ter uma rigidez especial no pulso esquerdo. Foi bastante para que Tarzan encontrasse a pista. Uma rápida ligação de idéias fez o resto.

O Sr. Thuran tinha estado tentando encontrar pretexto para se afastar sem parecer incorreto. Uma pausa na conversa, depois da mudança de posição da cadeira, forneceu-lhe esse pretexto. Cumprimentando senhorita Strong e Tarzan, afastou-se.

- Um momento... - disse Tarzan. - Se senhorita Strong me desculpa, vou com o senhor. Não me demoro senhorita Strong.

O Sr. Thuran pareceu agitado e confuso. Logo que se afastaram o bastante para que a jovem não pudesse vê-los, Tarzan parou e pousou a mão pesadamente no ombro do outro homem.

- Qual é agora o seu jogo, Rokoff? - Perguntou Tarzan.

- Estou afastando-me da França, tal como prometi... - respondeu o russo, em voz surda.

- Vejo que está... - respondeu Tarzan - mas conheço-o bem demais para pensar que a sua presença, a bordo deste navio seja uma simples coincidência. Se tivesse pensado, o fato de encontrá-lo disfarçado me faria mudar imediatamente de idéia.

- Hum! - rosnou Rokoff, com um encolher de ombros.

- Não vejo o que possa fazer a tal respeito. Este navio navega sob a bandeira inglesa, e tenho tanto direito a estar a bordo como você. Suponho até que tenho mais direito, visto que você viaja sob um nome falso.

- Não vamos discutir isso, Rokoff. Quero apenas que se afaste de senhorita Strong - que é uma pessoa decente. Se não o fizer... - continuou Tarzan, indiferente ao fluxo de sangue que subira à face de Rokoff - ... eu o atirarei pela borda fora. Me dê apenas um pretexto para isso.

Com estas palavras, Tarzan voltou as costas ao miserável, deixando-o tremulo de raiva. Durante dias não voltou a ver o russo, mas este estava ocioso, No camarote que partilhava com Paulvitch, esbravejava e praguejava, afirmando o seu desejo de se vingar.

- Eu o atiraria ao mar... - dizia - ... se tivesse certeza de que ele não traz consigo os malditos papéis. Não posso fazê-lo desaparecer no mar... levando esses

documentos.

Se não fosse um sujo covarde, Alexis, arranjará uma maneira de revistar o camarote dele!

- Você é o cérebro da sociedade, meu caro Nikolas... - respondeu Paulvitch, sorrindo. - Por que não descobre a maneira de revistar o camarote de monsieur Caldwell, hen?

Duas horas depois, a sorte pôs-se do lado dos dois patifes. Paulvitch, que estava sempre à espreita, viu Tarzan sair do camarote sem fechar a porta. Cinco minutos depois Rokoff estava postado num ponto de onde poderia dar o alarme no caso de Tarzan regressar e, Paulvitch revistava habilmente a bagagem do filho da selva.

Paulvitch estava quase desistindo, quando viu um casaco que Tarzan devia ter despido pouco antes. Um instante depois tinha nas mãos um sobrescrito oficial. Um relance para o conteúdo do sobrescrito fez sorrir largamente o russo.

Quando saiu do camarote, o próprio Tarzan não poderia notar que alguém ali tivesse estado. Paulvitch era um mestre na arte de não deixar vestígios. Ao voltar ao camarote, entregou o sobrescrito a Rokoff. Este viu os papéis e, tocando à campainha para mandar vir um criado, encomendou uma garrafa de champanhe.

- Vamos festejar isto, meu caro Alexis... - disse ele.

- Foi sorte, Nikolas... - explicou o outro. - É evidente que ele traz sempre consigo esses papéis, hoje, por sorte se esqueceu de transferi-los de bolso, quando mudou de casaco. Mas haverá uma confusão das grandes quando descobrir a falta. Receio que ele suspeite imediatamente de você, visto que sabe da sua presença a bordo.

- Não fará a menor diferença... depois desta noite... - respondeu Rokoff, com um sorriso duro.

Depois de senhorita Strong se haver retirado, nessa noite, Tarzan - ficou encostado à amurada, olhando o mar. Era um costume quase invariável, desde que embarcara, em Argel. Por vezes demorava-se ali uma hora, ou mais... e aqueles que vigiavam todos os seus movimentos, haviam notado isso. O convés não tardou a ficar deserto. Estava uma noite clara mas não havia luar. As cadeiras, alinhadas a curta distância, eram apenas vultos. Então, duas sombras furtivas aproximaram-se de Tarzan, pelas costas. O marulhar das ondas, no casco do navio, o girar da hélice e o ronronar das máquinas tornavam quase completamente silenciosa a aproximação dos dois vultos.

Estavam agora muito perto de Tarzan, agachados. Um deles levantou um braço e baixou-o bruscamente... e então ambos se lançaram sobre a vítima. Cada qual agarrou uma perna, e antes que Tarzan, apesar da espantosa rapidez dos seus reflexos, pudesse segurar-se... tinha-se desequilibrado sobre a amurada baixa e mergulhava no Atlântico.

No seu camarote, Hazel Strong olhava pela vigia. De repente qualquer coisa passou diante dos seus olhos, vinda do convés em cima. Mergulhou tão depressa na água escura que a jovem não chegou a ver o que era. Podia ter sido um homem, ficou à espera de ouvir o grito sempre assustador de "homem ao mar!"... Mas nada ouviu, nenhum brado.

Pensou que devia tratar-se de algum embrulho com lixo, que um membro da tripulação tivesse lançado à água - e um momento depois deitou-se.

O naufrágio do Lady Alice

Na manhã seguinte, à mesa do café da manhã, o lugar de Tarzan ficou vazio. Hazel estranhou, porque o Sr. Caldwell esperava sempre para poder tomar seu café em companhia dela e da mãe. Mais tarde, quando a jovem estava sentada na sua cadeira do convés, o Sr. Thuran parou, ao passar, para trocar algumas palavras com ela. Parecia em excelente disposição de espírito - as suas maneiras eram extremamente corteses e amáveis. Quando ele se afastou, a senhorita Strong ficou pensando que o Sr. Thuran era, na realidade, simpático.

O dia arrastou-se, pesado. Hazel sentia a falta da calma companhia do Sr. Caldwell - havia nele qualquer coisa que atraía a simpatia da jovem desde o primeiro momento. Falava agradavelmente dos lugares que conhecia, dos povos e dos seus hábitos e usos, assim como dos animais selvagens.

Tinha uma engraçada maneira de estabelecer comparações justas entre as feras e as pessoas civilizadas - que demonstrava um profundo conhecimento das primeiras e um agudo sentido de observação quanto às segundas.

Quando o Sr. Thuran se deteve novamente junto dela para conversar, à tarde, Hazel Strong quase agradeceu a quebra da insuportável monotonia do dia... Mas a continuada ausência do Sr. Caldwell preocupava-a. Sem saber porquê, associava o fato com a sua surpresa da noite anterior, ao ver cair um objeto à água. Falou no assunto ao Sr. Thuran. Tinha visto o Sr. Caldwell naquele dia? Não?

- Não apareceu à hora do almoço, como de costume, e desde ontem não voltei a vê-lo...

O Sr. Thuran mostrou-se extremamente solícito.

- Não tive o prazer de conhecer intimamente o Sr. Caldwell... - disse ele - mas pareceu-me um perfeito cavalheiro, muito estimável... Talvez esteja indisposto e não tenha saído do seu camarote. Não seria estranho...

- Claro que não seria estranho... - respondeu a jovem - mas não sei porquê tenho um desses pressentimentos femininos de que há qualquer coisa com o Sr. Caldwell... É estranho, tenho a impressão de que ele não está a bordo...

- Por Deus, minha querida senhorita Strong... - disse ele, com um riso amável. - Onde poderia estar ele, então? Há vários dias que não o avistamos.

- Compreendo que é ridículo... - concordou Hazel Strong. - Mas não vou ficar na incerteza por mais tempo... - chamou um criado que passava e acrescentou, dirigindo-se a ele: - Procure o Sr. Caldwell, por favor, e diga-lhe que os seus amigos

estranham a ausência dele.

- Faz muito bem...: - concordou o Sr. Thuran pensando consigo mesmo que a tarefa de encontrar o Sr. Caldwell não ia ser fácil. E acrescentou: - Aprecia-o muito, não é verdade?

- Penso que ele é esplêndido... - respondeu Hazel... - e minha mãe gosta muito dele.

É o tipo de homem com quem podemos sentir-nos em completa segurança... Ninguém pode deixar de ter confiança no Sr. Caldwell.

Momentos depois o criado voltou, dizendo que o Sr. Caldwell não estava no seu camarote.

- Não consegui descobri-lo, senhorita Strong... soube que o seu beliche não foi utilizado a noite passada. Creio que é conveniente que eu vá avisar o capitão.

- Com certeza... - exclamou a jovem. - E eu acompanho-o. Sei que aconteceu alguma coisa de terrível! Os meus pressentimentos raras vezes me enganam.

Foram uma jovem muito assustada e um criado muito excitado - que se apresentaram ao capitão do navio, momentos depois. O oficial ouviu-os em silêncio, com uma expressão preocupada desde que o criado declarou ter procurado o Sr. Caldwell por toda a parte.

- Tem certeza, senhorita Strong, que viu um corpo caindo na água, a noite passada? - perguntou.

- Disso não tenho a menor dúvida... - afirmou a jovem. - Não posso dizer que fosse um corpo humano, não ouvi qualquer grito. Pode ter sido o que eu pensei na ocasião, um saco de lixo. Mas, se o Sr. Caldwell não for encontrado a bordo, então ficarei com a certeza de que foi ele quem eu vi cair.

O capitão ordenou buscas imediatas e completas em todo o navio, da popa à proa. Nenhum recanto deveria ser passado por alto. A senhorita Strong ficou no seu camarote, esperando o resultado das pesquisas... O capitão fez-lhe muitas perguntas, mas ela nada mais sabia, sobre o desaparecido, do que o pouco que soubera durante os breves dias a bordo. Pela primeira vez, compreendeu que realmente ele quase nada lhe dissera sobre si mesmo ou sobre a sua vida anterior.

Sabia apenas que o Sr. Caldwell nascera na África e fora educado em Paris, e mesmo porque ela tinha estranhado que um inglês falasse a sua língua com uma tão nítida pronúncia francesa.

- Ele falou-lhe alguma vez de inimigos que tivesse? - perguntou o capitão.

- Nunca.

- Sabe se ele conhecia algum outro passageiro?

- Só quando estava comigo... e nas circunstâncias habituais de conhecimento com companheiros de viagem.

- Na sua opinião, senhorita Strong, ele bebia em excesso?

- Creio que nem sequer bebia, e sem dúvida que não tinha estado bebendo até meia hora antes do momento em que eu vi...qualquer coisa cair ao mar. Estive com ele no convés, até esse momento.

- É muito estranho... - comentou o capitão. - Nunca me deu a impressão de um homem que desmaiasse facilmente, ou que tivesse qualquer doença nervosa. E assim mesmo seria difícil acreditar que caísse ao mar, por cima da amurada, em consequência de um desmaio ou coisa no gênero... Teria decerto caído para dentro no convés. Se não estiver a bordo é porque foi atirado ao mar... e o fato de não ter havido qualquer grito parece indicar que já estava morto antes de ser atirado... Assassinado, portanto!

A jovem estremeceu.

Uma hora depois, o imediato voltou para informar do resultado das buscas.

- O Sr. Caldwell não está a bordo, sir... - disse ele.

- Receio que se trate de alguma coisa mais grave do que um acidente, Sr. Brently... - respondeu o capitão. - Quero que examine pessoalmente e com extremo cuidado a bagagem do Sr. Caldwell, para averiguar se há algum indício que aponte um motivo para suicídio ou crime. Veja tudo até ao fim.

- Sim, sir... - disse o Sr. Brently, saindo de novo.

Hazel Strong sentia-se aniquilada. Durante dois dias não saiu do seu camarote, e quando, finalmente, reapareceu no convés, estava muito pálida, com profundas olheiras e um ar de grande abatimento. Acordada ou dormindo, parecia ver a cada instante o vulto que caía, escuro e rápido, no mar. Pouco depois da sua primeira reaparição no convés, logo após a tragédia, o Sr. Thurán aproximou-se dela, com muitas demonstrações de bondosa solicitude.

- É de fato terrível, senhorita Strong... - disse -, Não consigo deixar de pensar nisso.

- Nem eu... - respondeu a jovem. - Sinto que teria podido salvar-se, se eu desse o alarme.

- Não deve censurar-se, querida senhorita Strong... - protestou o Sr. Thurán. - Não teve a menor culpa, qualquer outra pessoa teria feito o mesmo. Quem iria pensar que qualquer coisa que caísse ao mar era necessariamente um homem? Nem sequer os acontecimentos teriam tomado rumo diferente, se tivesse dado o alarme. Durante algum tempo, pelo menos, poriam em dúvida a sua história, supondo-a com

alucinação nervosa, e se insistisse seria demasiado tarde. Quando o navio parasse, fossem descidos os escaleres, e os homens remassem ao longo de várias milhas, em busca do ponto ignorado onde ocorrera a tragédia... já tudo estaria consumado. Não, não deve censurar-se. Fez mais do que qualquer outra pessoa teria feito, pelo pobre Caldwell visto que foi a única a notar a falta dele. Foi por sua causa que fizeram as buscas...

Hazel Strong não podia deixar de se sentir grata por aquelas palavras bondosas e encorajadoras. O Sr. Thuran fez-lhe companhia freqüentes vezes - quase constantemente, durante o resto da viagem - e Hazel começou a sentir grande estima por ele.

O Sr. Thuran soubera que senhorita Strong, de Baltimore, era uma rica herdeira americana, dispondo já de uma grande fortuna pessoal e com perspectivas que cortavam o fôlego ao Sr. Thuran, sempre que pensava nisso. Como pensava nisso a cada instante, era caso para pasmar de como conseguia respirar alguma vez; A intenção do Sr. Thuran tinha sido deixar o navio no primeiro porto onde este parasse, depois do desaparecimento de Tarzan. Já tinha no bolso aquilo que procurara e que o levara a embarcar.

Nada mais o prendia ali, e tinha pressa de chegar ao continente europeu para tomar o primeiro comboio expresso para São Petersburgo.

Mas agora outra idéia surgira, que estava empurrando para segundo plano as suas primeiras intenções. Aquela fortuna americana não podia ser menosprezada, e a sua possuidora atraía-o quase tanto como a fortuna. A jovem faria sensação em São Petersburgo, e ele, uma vez na posse da herança, não causaria menor sensação.

Depois de farejar alguns milhões de dólares, o Sr. Thuran achou que a coisa estava tão de seu agrado, que decidiu invocar compromissos imperiosos para que demorasse durante mais algum tempo.

Miss Strong tinha-lhe dito que ela e a mãe iam visitar um irmão desta, na cidade do Cabo - e ainda não tinham resolvido nada quanto à duração da estadia, possivelmente de alguns meses. Ficou encantada quando o Sr. Thuran a informou que se demoraria também na cidade.

- Espero que possamos ampliar o nosso conhecimento... - disse ela. - Deve visitar-nos, assim que estivermos instaladas.

A perspectiva encantou o Sr. Thuran, que não perdeu tempo em dizer isso mesmo. Mas a Sra. Strong não estava tão favoravelmente impressionada quanto a filha, a respeito dele.

- Não sei porquê, mas não confio nele... - declarou a boa senhora, a Hazel, certo dia em que falavam a respeito do Sr. Thuran. - Parece um cavalheiro, sob todos os

aspectos, mas por vezes há qualquer coisa nos olhos dele, uma expressão fugidia que não posso descrever, mas que me dá uma sensação estranha...

- Que tolice, querida mamãe... - riu a jovem.

- Talvez, mas tenho pena de não termos a companhia do pobre Sr. Caldwell, em vez da dele.

- Eu também... - respondeu Hazel.

O Sr. Thuran tornou-se um assíduo visitante da casa do tio de Hazel Strong, na cidade do Cabo. As suas atenções eram notadas, mas aplicava-se tão escrupulosamente a satisfazer os menores desejos de Hazel, que a jovem se habituou cada vez mais a depender dele. Se ela, ou a mãe, ou uma prima, precisavam de companhia - ou se havia algum pequeno serviço de amigo a prestarlhes, o diligente e atento Sr. Thuran estava sempre disponível. O tio de Hazel, e a sua família, simpatizavam com ele pela sua permanente cortesia e boa disposição. O Sr. Thuran estava tornando-se indispensável.

Por fim, supondo o momento propício, o Sr. Thuran falou a Hazel em casamento. A jovem, sobressaltada e surpreendida, não soube de momento o que devia responder.

- Nunca pensei que se interessasse por mim dessa maneira... - disse, por fim. - Sempre o considerei como um excelente amigo, e não vou dar-lhe uma resposta imediata. Esqueça que me pediu para ser sua mulher, e continuemos como até aqui. Poderei considerá-lo sob um ângulo diferente, durante algum tempo. Pode ser que eu descubra haver alguma coisa mais do que amizade, nos meus sentimentos por si. Na verdade, nunca pensei, nem por um instante, que poderia amá-lo.

O acordo era perfeitamente satisfatório para o Sr. Thuran. Arrependia-se profundamente de ter se mostrado apressado, mas amava-a tão devotadamente, e há tanto tempo, que tinha pensado serem bem claros os seus sentimentos.

- Amei-a desde o primeiro momento em que a vi, Hazel... - declarou ele. - Estou disposto a esperar, porque tenho certeza que um amor tão grande e puro, como o meu, deve ser recompensado. Tudo o que desejo saber é se não ama outro. Quer me dizer isso agora?

- Nunca amei, em toda a minha vida... - respondeu Hazel.

O Sr. Thuran ficou satisfeito. A caminho de casa, à noite, pensou que tinha comprado um iate a vapor, e que mandara construir, nas margens do Mar negro, um palacete de um milhão de dólares.

No dia seguinte, Hazel Strong teve uma das mais agradáveis surpresas da sua vida. Ao sair de uma joalheria, quase trombou com Jane Porter...

- Jane! - exclamou ela. - De onde você saiu? Não posso acreditar no que vejo!
- Que surpresa! - exclamou a igualmente admirada Jane Porter.
- E tenho eu gasto a minha imaginação pensando que estava em Baltimore...

Voltaram a cair nos braços uma da outra, e beijaram-se dúzias de vezes. Quando trocaram mútuas explicações, Hazel ficou sabendo que o iate de Lorde Tennington ancorara na Cidade do Cabo, para uma demora de pelo menos uma semana. Ao fim desse tempo continuariam a viagem, subindo a costa ocidental de África e a caminho da Inglaterra.

- E aí... - concluiu Jane - me casarei...
- Mas não está casada ainda? - exclamou Hazel.
- Ainda não... - respondeu Jane. - E acrescentou, um tanto estranhamente: - Só queria que a Inglaterra estivesse a milhões de milhas de distância.

Trocaram-se visitas, entre o iate e os parentes de Hazel. Combinaram-se jantares e passeios pelos arredores da cidade. O Sr. Thuran era um hóspede acolhido em todas as reuniões. Ele próprio ofereceu um jantar aos homens do grupo, e conseguiu alcançar as boas graças de Lorde Tennington, por meio de muitos pequenos gestos de hospitalidade.

O Sr. Thuran tinha ouvido uma sugestão de qualquer coisa que poderia talvez resultar da inesperada visita do iate de Lorde Tennington, qualquer coisa na qual ele queria ser incluído. Certa vez, quando estava a sós com o inglês, aproveitou a ocasião para dar a entender bastante claramente que o seu noivado com senhorita Strong iria ser anunciado publicamente logo após o regresso à América.

- Mas nem uma palavra a tal respeito, meu caro Tennington, É ainda segredo.
- Claro, compreendo perfeitamente, meu velho... - respondeu Tennington. - Mas dou-lhe os meus parabéns. Uma linda moça, realmente.

E aconteceu no dia seguinte. A Sra. Strong, Hazel e o Sr. Thuran eram hóspedes de Lorde Tennington, no iate. A Sra. Strong falou do prazer que sentira na sua visita a Cape Town, e aludiu a uma carta, que recebera dos seus advogados em Baltimore e que tornava necessário encurtar a viagem, muito mais do que supusera.

- Quando embarca? - perguntou Tennington.
- No princípio da semana, julgo... - respondeu a Sra. Strong.
- Sim? - exclamou o Sr. Thuran. - Pois tenho imensa sorte... Eu próprio recebi notícias que me obrigam a partir, e assim poderei ter a honra de acompanhá-las e servi-las.
- É muita amabilidade sua, Sr. Thuran... - respondeu a Sra. Strong. - Teremos

muita alegria em estarmos sob a sua proteção... - acrescentou, embora tivesse desejado, sem saber porquê, ver-se livre dele.

- Por Deus! - exclamou Lorde Tennington, um momento depois. - Grande idéia, realmente!

- Claro, Tennington... - interveio Clayton. Deve ser uma grande idéia, visto que você a teve, mas qual é ela? Quer viajar até à China, através do pólo Sul?

- Ora, Clayton... - redargüiu Tennington. - Não deve mostrar-se tão agressivo com um amigo, porque não foi sua a idéia desta viagem. Desde que partimos tem andado mal disposto... Nada disso! Na verdade trata-se de uma grande idéia, e todos concordarão. Levaremos a Sra. Strong e senhorita Strong - e também o Sr. Thuran - se ele quiser - até a Inglaterra, no iate. Que dizem a isto?

- Desculpe-me, Tennington, meu velho... - Ponderou Clayton. - É sem dúvida uma bela idéia. Nunca o supus capaz de tal... Tem a certeza de que é mesmo idéia sua?

- Partiremos no primeiro dia da semana, ou em qualquer momento que lhe seja mais conveniente, Sra. Strong... - concluiu o generoso Tennington, como se aquilo estivesse já combinado com exceção do dia.

- Calma, Lorde Tennington... - disse a Sr.a Strong, sorrindo. - Nem sequer nos deu a oportunidade de lhe agradecer, e menos ainda a de decidir se poderemos aceitar o seu generoso convite.

- Oh, claro que podem... - respondeu Tennington.

- Iremos tão depressa como qualquer navio de passageiros, e pelo menos com igual conforto. De qualquer maneira todos desejam que nos acompanhem, e não aceitaremos não como resposta.

E assim ficou combinado que partiriam na segunda-feira seguinte.

Dias depois, as duas jovens estavam sentadas no camarote de Hazel, examinando as fotografias que esta fizera revelar em Cape Town. Eram todas as fotografias que Hazel fizera desde a partida da América, e ambas as observavam com curiosidade.

Jane fazia muitas perguntas, e Hazel respondia com torrentes de comentários e explicações sobre várias cenas e pessoas.

- E aqui... - disse ela, de repente - está um homem a quem conhece. Pobre companheiro de viagem! Pensei muitas vezes em te falar dele, mas esquecime sempre... - tinha a fotografia na mão, de maneira que Jane não podia vê-la bem. Continuou: - Chamava-se John Caldwell. Lembra-se dele? É um inglês, e dizia tê-la conhecido na América.

- Não recordo o nome... - respondeu Jane. - Deixe-me ver a foto...

- O pobre Sr. Caldwell caiu no mar, durante a viagem ao longo da costa... - disse

Hazel, entregando a fotografia a Jane.

- Caiu no mar... Oh, Hazel! Não me diga que ele morreu, ou que se perdeu no mar!

Por Deus! Diga-me que é um gracejo, que... E, antes que Hazel pudesse ampará-la, Jane Porter caiu no chão, desmaiada.

Depois de Hazel haver conseguido que ela recuperasse os sentidos, ficaram ambas em silêncio, durante longos momentos. Por fim Hazel falou, num tom confidencial:

- Eu não sabia, Jane... Que conhecia o Sr. Caldwell tão intimamente que a morte dele fosse um tão grande choque para você...

- John Caldwell? - perguntou Jane, em voz baixa. – Quer me dizer... que não sabe quem ele é, Hazel?

- Mas com certeza que sei... - respondeu Hazel. - Chamava-se John Caldwell, e era de Londres.

- Oh, Hazel... Gostaria de poder acreditar isso... – gemeu Jane. - Gostaria mesmo de poder acreditar... Mas as feições dele estão gravadas a fogo na minha memória e no meu coração... Eu o reconheceria em qualquer parte, entre milhões de outros que pudessem ser iguais para toda a gente, menos para mim.

- Que quer dizer, Jane? - exclamou Hazel, agora alarmada. - Quem pensa que era?

- Não penso, Hazel... Sei que esta é a fotografia de Tarzan.

- Jane!

- Não me engano, Hazel... Tem certeza de que ele morreu?

- Receio bem que sim... - disse Hazel, tristemente - Gostaria de poder pensar que está enganada, mas agora ocorrem-me provas que nada significavam para mim quando o supunha o Sr. John Caldwell, de Londres. Todas as suas coisas tinham sido alugadas, ou compradas, em Paris. Tudo o que tinha uma inicial, estava marcado só com um "T", ou com "J. C.T.". Pensamos que ele viajava incógnito, com os seus primeiros nomes... "J.C." podia ser John Caldwell...

- Tarzan adotou o nome de Jean C. Tarzan... - disse Jane, na mesma voz apagada e sem vida. E está morto... Oh, Hazel, é horrível! Morreu sozinho, no mar... É inacreditável que o seu valente coração tivesse deixado de bater, que os poderosos músculos estejam frios e imóveis para sempre... Ele era a personificação da vida, da saúde, da força viril e veio a ser presa de coisas viscosas rastejantes... - não pôde continuar. Escondendo a cabeça entre os braços, deixou-se cair no chão, soluçando desesperadamente.

Durante dias Jane Porter esteve doente, sem querer ver ninguém além de Hazel e da fiel Esmeralda.

Quando, por fim, voltou ao convés do iate, todos ficaram espantados ante a mudança que se operara nela, já não era a jovem e bela americana de espírito vivo e alerta, que encantava todos quantos a conheciam. Agora era apenas uma moça calada e triste, com uma expressão de desespero que ninguém, excetuando Hazel, podia compreender.

Com a doença de Jane, a má sorte pareceu cair sobre o iate. Primeiro foi um motor que se avariou e andaram à deriva durante dois dias enquanto realizam um reparo provisório. Depois uma tempestade apanhou-os de surpresa, levando pela borda fora quase tudo o que se encontrava acima do convés e que não estava solidamente amarrado.

Outro dia, dois dos marinheiros brigaram, tendo como resultado que um deles ficou gravemente ferido à facada, e o outro teve de ser posto a ferros. Então, para cúmulo, o primeiro mestre de equipagem caiu no mar, durante a noite, e afogou-se antes de poderem socorrê-lo. O iate ficou procurando por ele durante uma dezena de horas, mas o pobre homem nunca mais voltou a ser visto. Tanto os hóspedes de Tennington como os tripulantes andavam sombrios e deprimidos com essa série de desventuras.

Todos receavam que surgisse uma coisa ainda pior, em especial os marinheiros que se punham a recordar acontecimentos ocorridos durante a primeira parte da viagem, nos quais viam agora os avisos e presságios de uma tragédia.

Não tiveram muito que esperar. Na segunda noite depois da morte do mestre de equipagem, o pequeno iate foi bruscamente sacudido de um extremo ao outro. Cerca da uma hora da madrugada, houve um tremendo choque que fez cair dos seus beliches todos os que iam deitados, a bordo. Um estremecimento correu a frágil embarcação, que se inclinou para estibordo. Os motores pararam. Por momentos o iate esteve inclinado num ângulo de quase quarenta e cinco graus, até que, com um ruído de coisas que se estilhaçavam, se endireitou. Os homens correram para o convés, seguidos, pouco depois, pelas mulheres. Embora a noite estivesse enevoadada, havia pouco vento e pouca ondulação e a escuridão não era tão completa que não pudessem ver à proa, flutuando baixo, uma coisa, negra e grande.

- Um destroço à deriva... - foi a lacônica explicação do oficial de quarto.

Pouco depois o maquinista apareceu no convés, em busca do capitão.

- O remendo que pusemos na cabeça do cilindro, explodiu, sir... - disse o homem - e o barco está metendo água, à proa.

Um marinheiro chegou pouco depois, gritando:

- Deus! Há um grande rombo na proa, o iate não aguentará nem vinte minutos!

- Cale-se! - bradou Tennington. - Minhas senhoras, vão para baixo e peço-lhes que

reúnam as suas coisas. Talvez não seja tão mau como parece, mas é possível que tenhamos de utilizar os escaleres e convém estarmos preparados. Não se demorem, por favor. Capitão Jerrold, mande para baixo um homem competente, para verificar a exata extensão dos danos sofridos. Entretanto, sugiro-lhe que mande aprovisionar os escaleres.

A voz calma do dono do barco contribuiu muito para tranquilizar todos, e um momento depois todos faziam o que ele sugerira. Quando as senhoras voltaram ao convés, o rápido aprovisionamento dos escaleres estava concluído, e quase em seguida voltou o oficial que fora verificar os estragos, a sua opinião quase não era necessária para que todos compreendessem que se aproximava o fim do Lady Alice.

- Então? - disse o capitão, ao ver que o oficial hesitava.

- Lamento assustar estas senhoras, sir... - respondeu o interrogado – mas na minha opinião o iate afundará em menos de um quarto de hora. O rombo, à proa, é considerável.

Nos últimos cinco minutos o "Lady Alice" começara a mergulhar de proa. Já a popa se erguia no ar, e tornava-se muito difícil a permanência no convés em consequência da inclinação. O iate dispunha de quatro escaleres, que foram ocupados e descidos em segurança. Quando começaram a afastar-se, Jane Porter voltou-se para olhar pela última vez o belo barco. Ouviram um estrondo no interior do casco, depois um ruído trovejante de repetidas pancadas... as máquinas tinham-se soltado e deslizavam para a proa, destruindo tudo à sua passagem... A popa ergueu-se bruscamente, quase na vertical, e o iate mergulhou para sempre no mar.

Num dos escaleres, o corajoso Tennington enxugou uma lágrima. Para ele, o seu barco não era apenas uma fortuna que desaparecia no abismo - era um amigo, um belo amigo que ele amava. Por fim a noite escoou-se, e um sol tropical iluminou a vastidão da água.

Jane Porter havia sucumbido a uma sonolência inquieta. O sol batendolhe na face, acordou-a. Olhou em volta. No escaler, com ela estavam três marinheiros, Clayton e o Sr. Thuran. Olhou para mais longe, procurando os outros escaleres mas até onde a vista alcançava, nada quebrava a monotonia da vastidão do mar... Estavam sós, num pequeno escaler, em pleno Atlântico...

CAPÍTULO 14

Volta à selva

Quando Tarzan caiu na água, o seu primeiro impulso foi nadar para fora a fim de escapar à ação da grande hélice do navio. Sabia a quem atribuir a culpa da situação em que se encontrava, e enquanto se deixava flutuar, utilizando apenas leves movimentos das mãos, a sua mais nítida emoção era de pena por se haver deixado surpreender tão facilmente por Rokoff.

Ficou assim durante algum tempo, observando as luzes do navio que rapidamente diminuía na distância. Nem uma só vez lhe ocorrera a idéia de pedir socorro. Nunca pedira socorro, em toda a sua vida, e não era estranho que o não fizesse agora. Sempre dependera da sua própria força, da sua própria inteligência e desde os tempos em que Kala o criara, ninguém mais correra em socorro dele. Quando se lembrou disso, já era tarde demais. Pensou que havia talvez uma probabilidade em mil, de ser socorrido – e uma em muitos milhões de poder alcançar terra. Assim, decidiu que, para combinar essas tênues hipóteses de possibilidades, nadou vagarosamente na direção da costa - talvez o navio não fizesse rumo tanto ao largo como ele supusera. Os seus movimentos eram longos e fáceis - teriam de decorrer muitas horas antes que os seus poderosos músculos sentissem cansaço.

Enquanto nadava, fazendo caminho para Leste, guiado pelas estrelas, notou o peso dos sapatos e descalçou-os. Largou as calças pouco depois, e teria abandonado ao mesmo tempo o casaco se não pensasse nos preciosos papéis que levava consigo. Para se assegurar de que ainda os tinha, meteu a mão no bolso... e viu que os perdera.

Agora sabia que alguma coisa mais do que vingança impelira Rokoff a lançá-lo ao mar – o russo havia conseguido apoderar-se novamente dos papéis que ele lhe tirara em Bou Saada. Praguejando entre dentes, largou o casaco e a camisa... que mergulharam no mar. Não tardou que se despojasse das últimas peças de vestuário, e continuasse a nadar, agora com os movimentos complementares livres, na direção de Leste. A primeira e tênue claridade da madrugada começava a empalidecer as estrelas, quando a sombra vaga de qualquer coisa que flutuava no brilho da água lhe chamou a atenção. Em algumas braçadas aproximou-se - era um destroço à deriva, que as ondas quase varriam.

Tarzan içou-se.

Descansaria ali até clarear, pelo menos. Não tinha qualquer intenção de ficar inativo, presa da fome e da sede. Se tinha de morrer, preferia morrer em plena ação, fazendo nem que fosse o esboço de uma tentativa para se salvar.

O mar estava calmo, de maneira que o destroço apenas balançava, num movimento vagaroso que embalava Tarzan o qual não dormia, havia mais de vinte horas. Curvou-se sobre si mesmo e não tardou a adormecer.

O calor do sol acordou-o, ao amanhecer. A primeira sensação consciente, que teve, foi sede mais aguda a cada momento. Mas essa sensação foi esquecida no momento seguinte, na alegria de duas descobertas quase simultâneas. A primeira foi um montão de destroços que flutuavam perto, no meio dos quais, de quilha para o ar, oscilava um bote. A outra foi uma vaga linha escura, nos limites do horizonte distante, que anunciava terra.

Tarzan mergulhou e nadou na direção do bote. O frio da água refrescou e revigorou-o quase tanto como se tivesse podido beber. Suspendeu-se de um dos lados do bote e, à custa de sobre-humanos esforços conseguiu endireitá-lo. Examinou-o. O bote estava em perfeitas condições, e um instante depois, despejada a água que lhe cobria o fundo, flutuava normalmente. Então Tarzan recolheu várias tábuas, entre destroços, para lhe servirem de remos, e sem perder mais tempo começou a dirigir o bote para terra.

Foi ao fim da tarde que conseguiu aproximar-se o bastante para distinguir objetos em terra e os vários contornos da margem. Diante dele estava o que parecia ser a entrada para um porto pequeno e natural, protegido por um promontório.

A ponta norte, arborizada, do promontório, parecia-lhe estranhamente familiar. Seria possível que o destino o içasse no exato limiar da sua amada selva? Virando a proa do barco chegou ao fim da passagem que conduzia ao porto, os últimos restos de dúvida desapareceram. Diante dele, na parte mais afastada, entre as sombras da sua floresta primitiva, estava a própria barraca - construída, antes dele nascer pelas mãos de seu pai morto havia muitos anos, John Clayton, Lorde Greystoke. Num esforço poderoso dos seus músculos, Tarzan quase fez voar o bote sobre a água, remando na direção da praia.

Mal a quilha tinha tocado na areia e já o filho da selva saltava - o coração em sobressalto - olhando maravilhado para tudo o que lhe era familiar: a barraca, a praia, o ribeiro, a selva espessa, a floresta escura e impenetrável, os milhares de pássaros de penas brilhantes, as flores tropicais pendiam, em cachos, das árvores enormes. Tarzan dos Macacos estava novamente em casa, para que todos o soubessem, inclinou a cabeça para a selva e lançou o grande brado de desafio da sua tribo. Por momentos houve silêncio, mas depois, baixo e rouco, fez-se ouvir a distância o rugido de Numa, o leão e mais longe chegou aos ouvidos de Tarzan o brado de um dos grandes gorilas da floresta.

Tarzan encaminhou-se em primeiro lugar para o ribeirão, onde saciou a sede. Então dirigiu-se para a barraca. A porta estava ainda fechada, com o fecho colocado

como ele e D'Arnot o haviam deixado. Levantou o fecho e entrou. Nada havia sido tocado... Ali estavam a mesa, a cadeira e o pequeno berço que seu pai construía – as prateleiras e armários tal como estavam havia vinte e três anos... tal como ele os deixara cerca de dois anos antes. Satisfeitos os olhos, o estômago de Tarzan começou a exigir atenção, a fome sugerindo a busca da comida. Nada havia na barraca e Tarzan não tinha armas, mas de uma parede pendia ainda uma das suas cordas feitas de ervas entrelaçadas.

A corda fora muitas vezes partida e reparada, e ele a substituíra por outra havia muito tempo. Tarzan pensou que seria bom ter uma faca, mas, ou se enganava muito, ou antes do fim de um novo dia, disporia de faca, e lança, e de arcos e flechas. A corda serviria para obter isso, mas entretanto ia servir para conseguir comida. Enrolou-a cuidadosamente e, depois de colocá-la no ombro, saiu, fechando de novo a porta.

A selva principiava a curta distância da barraca e Tarzan internou-se nela, silencioso e atento - de novo a fera em busca de comida. Durante algum tempo caminhou pelo terreno, mas vendo que não encontrava qualquer pista que significasse caça, saltou para as árvores. Com o primeiro impulso, entre um ramo e outro ramo, sentiu-se envolvido pela antiga alegria de viver. Esqueceu vãos pesares e desgostos. Agora vivia a alegria da completa liberdade. Não voltaria mais para as cidades de estreitas e abafadas ruas, onde viviam os homens civilizados, quando tinha ao seu alcance a paz e a imensidão da floresta.

Ainda havia luz quando Tarzan chegou a um lugar onde os animais costumavam ir beber, na margem de um rio da selva. Havia sinais de patas de muitas espécies, numa extensão de terreno onde a erva estava pisada. Um vau permitia a travessia do ribeiro naquele ponto, e desde sempre os animais da selva tinham vindo beber ali. Todas as noites, Numa ou Sabor espreitavam de entre a folhagem densa, à espera de antílopes ou de outros habitantes da selva que sempre apareciam. Horta, o javali, surgiu pouco depois de Tarzan ter chegado. Tarzan instalara-se sobre um galho baixo e forte, à beira da trilha. Escurecia. Um pouco à direita do vau, na espessura da selva, fez-se ouvir um som furtivo de patas, e o roçar de um corpo grande por entre as ervas altas e as lianas.

Só Tarzan poderia ouvir esses tênues ruídos - mas ele ouvira e compreendera... Era Numa, o leão, que também tinha sede.

Tarzan sorriu. Horta atravessou a trilha... A carne do javali era saborosa, e Tarzan sentia o estômago vazio. As ervas altas onde Numa se escondia estavam agora quietas, ameaçadoramente quietas. Mais uns passos, o javali ficaria ao alcance do salto do leão.

Tarzan podia imaginar os olhos reluzentes da fera, fitos na presa, via-o

preparando-se para soltar o poderoso rugido que imobilizaria a vítima durante o breve instante entre o início do salto e o cravar das garras, quando Numa se encolhia para saltar, uma delgada corda silvou, vinda da árvore e apanhando o javali pelo pescoço... Houve um grunhido de medo, e um grito... Numa viu a sua presa ser puxada para trás e quando saltou o javali desapareceu entre a folhagem da árvore ao mesmo tempo que um vulto se debruçava, com um largo riso.

Então Numa rugiu. Furioso, esfomeado, ameaçador, pôs-se a caminhar apressadamente de um lado para o outro, sob a árvore. De repente parou e, erguido nas patas traseiras, cravou as garras no tronco, arrancando grandes pedaços da casca.

Entretanto Tarzan içara Horta para um ramo, perto dele. Dedos que pareciam de ferro completaram o trabalho que a corda começara. Tarzan não tinha faca, mas a natureza dotara-o dos meios de rasgar aquela carne ainda palpitante... onde dentes brancos e fortes se cravaram, rasgando. Abaixo, o leão olhava com raiva o homem que se banqueteara com o que ele tinha julgado ser o seu jantar.

Anoitecera completamente, quando Tarzan terminou a sua primitiva refeição. Deliciosa! Nunca se habituara por completo à carne cozinhada que a civilização lhe havia oferecido, e no fundo do seu coração de selvagem ficara sempre a recordação da carne crua, ainda quente, rica em sangue e sabor.

Limpou as mãos com um punhado de folhas, suspendeu do ombro a carcaça do javali e saltou de árvore em árvore, a meia altura, atravessando a floresta na direção da sua barraca... Nesse mesmo instante, Jane Porter e William Clayton levantavam-se da mesa, depois de um suntuoso jantar a bordo do Lady Alice, que, a muitas milhas de distância para Leste, cruzava o Oceano Índico.

Sob Tarzan, no terreno abaixo, caminhava Numa o leão. Quando o filho da selva olhava ocasionalmente para ele, via-lhe por vezes os olhos ferozes fosforescentes, que o espreitavam na escuridão. Numa não rugia, movia-se em silêncio, na sombra, com a agilidade de um grande gato.

Todavia os seus passos eram sempre ouvidos por Tarzan. Tarzan imaginava se o leão o acompanharia até à barraca na praia... Esperava que não, porque isso significaria ter de dormir no alto de um galho, e ele preferia de longe a sua cama, e o seu teto. No entanto, sabia qual a árvore que escolheria se assim tivesse de ser, qual a bifurcação de troncos onde poderia dormir em segurança.

Centenas de vezes, num passado não muito distante, grandes feras da selva o tinham seguido, obrigando-o a procurar o abrigo dessa árvore até que uma mudança de disposição, ou a luz do dia, os afugentassem.

Numa acabou por desistir da perseguição. Com urros e rugindo, sumiu na

espessura, em busca de jantar mais fácil. Assim Tarzan chegou, sem companhia à sua barraca e pouco depois estendia-se sobre o que restava de uma cama feita de ervas, agora meio comidas pelo bolor. Foi desta maneira, com esta facilidade, que o Sr. Jean C. Tarzan despiu a pele frágil da sua civilização artificial... Mergulhou no sono profundo das feras saciadas. No entanto, o sim de uma mulher poderia tê-lo prendido para sempre a essa outra vida, tornando relativa a simples idéia de uma existência selvagem.

Tarzan dormiu até tarde, na manhã seguinte. Estava cansado em consequência dos tremendos esforços feitos ao longo de uma noite e um dia, em pleno Oceano, e do regresso à selva que o obrigara a pôr em ação músculos quase adormecidos durante perto de dois anos. Quando acordou, correu para o rio, para beber. Depois mergulhou no mar e nadou, cerca de um quarto de hora. Então voltou à barraca e voltou a comer da carne do javali. Quando acabou, enterrou o resto da carcaça sob a terra macia, junto da barraca, para a refeição da tarde.

Mais uma vez pegou sua corda e se internou na selva. Agora ia em busca de caça mais alta, o homem - embora, se lhe tivessem perguntado sua opinião, ele não hesitasse em nomear uma dúzia de outros habitantes da selva a quem atribuía muito maior nobreza do que aos homens a quem ia caçar. Tarzan ia agora em busca de armas. Ignorava se as mulheres e as crianças teriam permanecido na aldeia de Mbonga, depois da expedição punitiva feita pelos franceses que haviam dizimado todos os guerreiros como vingança pela suposta morte de D'Arnot .

Esperava encontrar ali alguns guerreiros, pois não sabia até onde teria de levar a sua busca se a aldeia estivesse abandonada.

O filho da selva avançou rapidamente através da floresta. Quase ao meio-dia chegou à aldeia, mas teve o desapontamento de ver que a selva invadira terrenos lavrados, e que as choças apodreciam ao sol, meio desfeitas. Não havia sinais de homens. Vagueou por entre as ruínas durante perto de meia hora na esperança de poder encontrar alguma arma esquecida, mas em vão. Decidiu então ir adiante, seguindo o rio que vinha do Sudeste. Sabia que, perto da água, teria mais probabilidades de encontrar alguma povoação.

Ia caçando enquanto avançava, como sempre fizera, quando se deslocava com a sua tribo, como Kala o ensinara a fazer. De vez em quando saltava para o chão e olhava troncos caídos, em busca de algum pequeno animal... De outras vezes trepava até aos ramos altos, procurando ninhos ou precipitava-se com a rapidez do raio sobre algum roedor que debalde tentava escapar-se. Havia outras coisas que também não repugnavam ao seu apetite - mas é preferível não pormenorizar o regime alimentar dos antropóides. E Tarzan era novamente um macaco, o mesmo antigo e feroz animal que Kala o ensinara a ser e que de fato havia sido durante os primeiros

vinte anos da sua vida. Por vezes sorria ao recordar algum amigo que, nesse mesmo instante, elegantemente vestido, estava decerto num dos luxuosos clubes parisienses, os mesmos que Tarzan freqüentara uns meses antes. Então parava, como que bruscamente transformado em fera, quando a brisa lhe trazia o cheiro de nova presa ou de algum formidável inimigo.

Nessa noite dormiu muito para o interior da floresta, a grande distância da sua barraca, instalado em segurança na bifurcação de dois sólidos galhos que balançavam a trinta metros de altura. Tinha comido abundantemente, de novo. Desta vez a vítima da sua corda rápida e certa havia sido Bara, o gamo.

Cedo, na manhã seguinte, retomou o seu caminho, seguindo sempre o curso do rio. Durante três dias avançou sempre, até que chegou a uma parte da selva onde nunca tinha estado antes.

Por vezes, nas terras mais altas, a floresta era menos densa e Tarzan podia avistar, por entre a folhagem, altas montanhas que se erguiam a distância, para além de uma vasta planície.

Ali, no terreno descoberto, havia outra espécie de caça - incontáveis antílopes e grandes bandos de zebras. Tarzan estava contente - faria uma longa visita àquele mundo novo.

Na manhã do quarto dia foi surpreendido por um cheiro fraco e novo. Era o cheiro de homens, mas ainda muito longe. O filho da selva teve uma sensação de prazer. Todos os seus sentidos estavam alertas, enquanto destra e silenciosamente avançava de árvore em árvore, contra o vento, na direção da sua presa. E não tardou muito a descobri-la – um guerreiro solitário que caminhava cautelosamente na selva.

Tarzan seguiu-o, a meia altura das árvores, esperando que ele chegasse a uma clareira onde lhe seria possível atirar o laço de corda. Enquanto espreitava o homem, novos pensamentos cruzaram a mente de Tarzan - pensamentos nascidos da influência da civilização e das suas crueldades. Pensou que às vezes os homens civilizados matam os seus semelhantes sem um pretexto qualquer, embora inconsistente. Sem dúvida que Tarzan desejava as armas daquele homem, mas seria realmente necessário matá-lo para obtê-las?

Quanto mais pensava nisso, mais lhe repugnava a idéia de destruir uma vida humana, sem necessidade. E aconteceu assim que, enquanto estava ainda pensando no que deveria fazer - chegaram ambos a uma clareira ao fundo da qual se erguia uma aldeia de choças, rodeada por uma paliçada.

No instante em que o guerreiro emergia da floresta, Tarzan viu de relance um corpo fulvo e alongado que o seguia, entre as moitas espessas. Era Numa, o leão.

Também a fera espreitava o negro. No mesmo instante em que Tarzan viu o perigo

que o guerreiro corria, a sua atitude em relação a ele mudou subitamente - agora era um homem como ele, ameaçado por um inimigo comum. Numa preparava-se para atacar e restava pouco para escolher a melhor maneira de agir, prevendo os resultados. Então, várias coisas aconteceram, quase simultaneamente - o leão saltou sobre o negro, Tarzan deu um grito e o negro voltou-se exatamente a tempo de ver o leão detido em pleno salto por um laço de corda que lhe caíra certamente em volta do pescoço... Tarzan agira tão rapidamente que não havia tido tempo de se preparar para suportar o impulso dado pelo enorme peso do leão à corda que lançara. E assim, embora a corda impedisse a fera de cravar as garras nas costas do guerreiro, o puxão desequilibrou Tarzan e o fez cair no terreno, a seis passos do leão enfurecido.

Como um relâmpago, Numa lançou-se sobre o novo adversário e, sem armas, Tarzan esteve nesse instante mais perto da morte do que em qualquer outro momento da sua vida. Foi o negro quem o salvou. Compreendendo num relance que devia a vida àquele estranho homem branco, compreendeu também que só um milagre poderia fazer com que o seu salvador escapasse das garras que tão perto haviam estado de o derrubar a ele próprio.

Com a rapidez do pensamento, atirou a lança... Certeira e impelida pelos fortes músculos do guerreiro, a arma cravou-se no dorso do leão, um pouco atrás da espádua esquerda. Com um grunhido de raiva e de dor, Numa voltou-se outra vez contra o negro.

Tinha avançado uma dúzia de passos quando a corda o deteve novamente. Mais uma vez o leão se voltou para o filho da selva, mas logo a seguir uma flecha se enterrou no flanco. Parou ainda, mas então Tarzan apanhara a ponta da corda e passou-a duas vezes em volta de um tronco, prendendo-a.

O negro viu o ardil e sorriu, mas Tarzan sabia que era preciso acabar rapidamente com Numa, antes que ele cortasse a corda com os poderosos dentes. Num salto, aproximou-se do negro e tirou-lhe a longa faca que pendia de uma bainha. E, fazendo sinal ao negro para que continuasse a disparar flechas, tentou aproximar-se da fera, pelo lado oposto. Numa rugia e grunhia, enfurecido. Erguido sobre as patas traseiras, tentava arrebentar a corda e voltava-se, de garras abertas, ora para um, ora para outro dos seus inimigos.

Mas, por fim, o ágil filho da selva viu a sua oportunidade e lançou-se sobre o dorso do leão, pelo lado esquerdo. Um braço de ferro apertou a garganta de Numa, e a longa faca cravou-se, certa no coração. Então Tarzan ergueu-se, e os dois homens, o branco e o negro, olharam-se por cima do corpo do leão morto. O negro fez um sinal de paz e de amizade, a que Tarzan correspondeu...

De macaco a selvagem

O ruído da luta com Numa tinha atraído um excitado bando de negros, da aldeia próxima, e momentos depois da morte do leão os dois homens viram-se rodeados por fortes guerreiros de ébano que gesticulavam e falavam, disparando centenas perguntas, numa balburdia que abafava qualquer tentativa de resposta. Depois vieram as mulheres e as crianças, e ao verem Tarzan as perguntas choviam mais do que nunca. O novo amigo de Tarzan conseguiu finalmente fazer-se ouvir, e quando acabou de falar os homens e mulheres da aldeia multiplicaram-se em expressões de admiração e respeito pelo homem que salvara o seu companheiro, e derrubara o leão em luta singular.

Por fim levaram Tarzan para a aldeia, apresentaram-lhe ofertas de galinhas e cabras, e carne cozida, e quando ele apontou para as armas, os guerreiros apressaram-se a oferecer-lhe uma lança, e um escudo, e flechas, e um arco. O homem a quem ele salvara ofereceu-lhe a faca com que Tarzan matara Numa. Nada havia na aldeia que ele não pudesse obter, com um simples pedido.

Tarzan pensou que aquilo era muito mais fácil do que matar e roubar para satisfazer as suas necessidades. Tinha estado prestes a matar aquele homem a quem nunca vira antes e agora lhe manifestava amizade e afeto por todos os meios ao seu alcance. Tarzan sentia-se envergonhado. Daí por diante esperaria sempre até saber se os homens mereciam a morte, antes de pensar em matá-los.

E essa idéia fê-lo pensar em Rokoff. Pensou que gostaria de ter o russo diante dele, na selva, apenas por instantes. Esse era o homem que merecia a morte, entre todos. E, se Tarzan pudesse ver Rokoff naquele momento, enquanto ele se esforçava por conquistar as boas graças da bela senhorita Strong, mais do que nunca teria desejado dar-lhe o castigo tão amplamente merecido.

A primeira noite que Tarzan passou em companhia dos selvagens, foi dedicada a uma espécie de orgia em sua honra. Houve um banquete, porque outros caçadores haviam abatido um antílope e uma zebra, e foram consumidos muitos litros de uma bebida nativa, que lembrava cerveja bastante fresca. Enquanto os guerreiros dançavam à luz das fogueiras, Tarzan observou atentamente a equilibrada elegância dos seus corpos robustos, e a regularidade das feições. Não tinham o nariz achatado e os lábios espessos dos negros da Costa Ocidental. Em repouso, as feições deles tinham uma expressão inteligente e digna, e algumas das mulheres eram muito bonitas.

Foi também durante as danças que Tarzan notou que alguns dos homens e muitas

das mulheres usavam adornos de ouro, sobretudo argolas pesadas, nos braços e nas pernas, que pareciam maciças. Quando manifestou o desejo de ver uma dessas argolas, um dos negros tirou a que usava no braço e, com muitos gestos, indicou a Tarzan que a oferecia. Um exame atento convenceu o filho da selva de que a argola era realmente de ouro maciço. Surpreendeu-se porque era a primeira vez que via ornamentos de ouro entre os negros selvagens, excetuando as argolas ocas e apenas douradas que os selvagens da Costa compravam ou roubavam dos brancos. Tentou perguntar de onde viera aquele ouro, mas não conseguiu fazer-se entender. Quando terminaram as danças, Tarzan manifestou o seu desejo de partir, mas quase lhe imploraram que aceitasse a hospitalidade deles, numa grande choça que o chefe fizera erguer, para seu uso, um pouco afastada das outras. Tarzan tentou explicar que voltaria de manhã, mas de novo não conseguiu que o entendessem. Quando finalmente se afastou e se encaminhou para o lado da aldeia mais afastado da porta da paliçada, ficaram ainda mais intrigados a respeito das suas intenções. Tarzan, no entanto, sabia o que estava fazendo.

Tinha tido, anteriormente, várias experiências com os bichos e os ratos que infestam quase todas as aldeias indígenas, e embora não tivesse excessivos escrúpulos a esse respeito, preferia o ar fresco entre os galhos de uma árvore, do que a atmosfera fétida de uma choça.

Os nativos seguiram-no até onde uma grande árvore dominava a paliçada, e quando Tarzan saltou para um ramo baixo e logo desapareceu entre a folhagem - exatamente como fazia Manu, o macaco - houve grandes exclamações de surpresa e de espanto.

Durante meia hora chamaram-no, pedindo-lhe para voltar, mas como ele não respondesse desistiram e foram estender-se sobre as esteiras, nas suas choças.

Tarzan encaminhou-se para a floresta, a curta distância, e quando encontrou uma árvore conveniente para as suas primitivas necessidades, instalou-se entre dois ramos e adormeceu profundamente.

Na manhã seguinte saltou para a única rua da aldeia, aparecendo tão subitamente como desaparecera na noite anterior. Por momentos os indígenas ficaram sobressaltados e assustados, mas logo, quando o reconheceram, cumprimentaram-no com largos brados e alegres risos. Nesse dia Tarzan acompanhou um grupo de guerreiros até às planícies próximas, numa grande caçada, e tão destro se mostrou, com as armas, que um novo laço de respeito e admiração o prendeu aos indígenas.

Durante algumas semanas, Tarzan viveu com os seus amigos selvagens, caçando búfalos, antílopes e zebras, por causa da carne, e elefantes por causa do marfim.

Apreendeu rapidamente a linguagem simples, os hábitos nativos e as primitivas

leis da vida tribal. Verificou que não eram canibais e, pelo contrário, olhavam com desprezo os negros que se entregavam ao canibalismo.

Busuli, o guerreiro a quem ele salvara a vida, contou-lhe muitas das lendas da tribo - de como, muitos anos antes, o seu povo viera, à custa de longas marchas, do distante Norte, de como tinham sido uma grande e poderosa tribo e de como os árabes, mercadores de escravos, os haviam dizimado, com as suas compridas espingardas, reduzindo-os a um simples resto da antiga e grande força, - "Caçaram-nos como se caçam feras..."- contou Busuli. - "Não havia piedade neles. Quando não procuravam escravos, era o marfim que buscavam. Mas quase sempre queriam ambas as coisas. Os nossos guerreiros eram assassinados e as nossas mulheres eram levadas como gado. Lutamos durante anos, as nossas flechas e lanças nada valiam contra armas que cospem fogo e semeiam a morte a muito maior distância do que o mais forte de entre nós pode atirar uma flecha. Por fim, quando o meu pai era um homem novo, os árabes voltaram outra vez, mas os nossos avistaram-nos a distância e Chowambi, que era então o nosso chefe, deu ordem para que cada qual recolhesse os seus haveres e o seguisse, conduziria a tribo muito para o Sul, para um lugar onde os árabes não chegariam. - Todos lhe obedeceram, levando tudo o que lhes pertencia, incluindo muitas presas de marfim. Caminharam durante meses, sofrendo grandes trabalhos e privações porque a maior parte do caminho foi feita através da selva e de muito altas montanhas, mas finalmente chegaram a este lugar e, embora enviassem grupos mais para diante, procurando um lugar ainda melhor, não o encontraram."

- E os assaltantes não os descobriram aqui? – perguntou Tarzan.

- Há cerca de um ano, um pequeno grupo de árabes e de negros Manyuema vieram aqui, mas nós os enfrentamos e matamos muitos deles. Nós os perseguimos durante dias, caçando-os como feras que eram e abatendo um após outro, até que ficaram só uns quantos que conseguiram escapar.

Enquanto Busuli falava, fazia girar um pesado bracelete de ouro que usava no braço direito. Tarzan tinha visto o bracelete, mas o seu pensamento estava ocupado em outro assunto.

Por fim fez a pergunta que tentara fazer no primeiro dia, e que não conseguira que entendessem. Durante semanas não havia sequer pensado numa coisa de tão pouca importância como era o ouro. Na verdade vivera a vida simples do homem primitivo, cujos pensamentos não vão além do dia que passa. Mas agora, bruscamente, o ouro despertara nele os vestígios de civilização que não perdera por completo, a civilização onde o ouro é importante porque significa força e prazer. Apontou para o bracelete e perguntou:

- De onde veio esse metal amarelo, Busuli?

O negro apontou por sua vez, na direção Sudeste.

- De um lugar a uma lua de marcha, talvez mais... - respondeu.

- Já esteve lá?

- Não, mas alguns dos nossos estiveram lá, há anos, quando meu pai era ainda um homem novo. Um dos grupos que seguiu para além, em busca de um lugar ainda melhor para construir a nossa aldeia, encontrou um estranho povo que usava muitos ornamentos de metal amarelo. Faziam com esse metal as pontas das suas lanças, e as flechas, e cozinhavam em vasos feitos com metal igual ao deste bracelete. Viviam numa grande aldeia, em choças feitas de pedra e rodeadas por uma grande muralha. Eram ferozes. Atacaram os nossos guerreiros antes de saberem sequer que eles iam em missão de paz. Os nossos eram poucos, mas resistiram, no alto de uma colina de rocha, até que a noite veio e os atacantes se retiraram para a sua aldeia. Então os nossos guerreiros desceram da colina e, depois de terem tirado, dos inimigos mortos, muitos ornamentos de metal amarelo, saíram do vale, onde nenhum de nós voltou a ir.

- Eram homens maus os atacantes...

- Nem brancos como, nem negros como eu. Tinham o corpo coberto de pêlos, como Bolgani, o chimpanzé. eram homens maus, e Chowambi ficou contente de estarmos longe deles.

- Há alguém, vivo ainda, que seja desse tempo que tivesse visto essa estranha gente dessa terra? – perguntou Tarzan.

- Sim... Waziri, o nosso chefe esteve lá... – respondeu Busuli.

- Era então muito novo, mas acompanhou os guerreiros porque Chowambi era seu pai.

Nessa noite Tarzan interrogou Waziri, e o velho chefe disse-lhe que a cidade do ouro ficava muito longe, mas que o caminho não era difícil. Recordava-se bem.

- Durante dez dias seguimos ao longo deste rio que passa junto da nossa aldeia. Caminhamos na direção da nascente, até que, ao décimo dia, encontramos uma pequena fonte no flanco de uma alta montanha. É dessa fonte que nasce o nosso rio. No dia seguinte transpusemos o alto da montanha e, do outro lado, descobrimos um rio estreito, que seguimos até a uma grande floresta. Durante muitos dias caminhamos sempre pelas margens do ribeiro, que entretanto alargara e se tornara um rio, e alcançamos outro rio ainda maior, onde as águas do primeiro se juntavam e que continuava pelo meio de um grande vale.

- Avançamos ainda, seguindo agora a margem do rio maior e esperando que ele nos conduzisse a uma das planícies. Vinte dias depois de termos atravessado a

montanha, avistamos outras montanhas. Continuamos sempre seguindo ao longo do rio, que é agora novamente um ribeiro, até que alcançamos uma pequena caverna quase no alto da montanha. Nessa caverna nascia o rio.

- Lembro-me de que acampamos aí, nessa noite e de que estava muito frio, porque a montanha era alta. No dia seguinte decidimos subir ainda mais e ir ao ponto mais alto para ver como eram as terras do outro lado. Se não fossem melhores do que as que tínhamos atravessado, voltaríamos à nossa aldeia e diríamos que o lugar onde estávamos era o melhor de todos para viver.

- Assim, escalamos a montanha rochosa. Em meio a um planalto, avistamos não muito longe, mas muito no fundo, um estreito vale ao fundo do qual se erguia uma grande aldeia de pedra, grande parte da qual estava em ruínas...

O resto da história de Waziri era praticamente igual à que Busuli contara.

- Gostaria de ir ver essa estranha cidade... - disse Tarzan - e de apanhar algum do metal amarelo dos seus ferozes habitantes.

- É uma longa marcha e eu sou um velho... - respondeu Waziri - mas se quiser esperar até que passe a estação das chuvas e os rios voltem ao seu leito, levarei alguns dos meus guerreiros e irei contigo.

Tarzan teve de se contentar com essa combinação, embora tivesse preferido partir logo na manhã seguinte. Sentiu-se tão impaciente como uma criança e na realidade era uma criança, ou um homem primitivo - o que, de certo modo, é a mesma coisa.

No dia seguinte, um pequeno grupo de caçadores chegou, do Sul, para avisar da presença de uma grande manada de elefantes, a algumas milhas da aldeia. Trepando nas árvores tinham podido ver bastante bem o bando, que descreveram como composto de machos todos de grandes presas, muitas fêmeas, e um número bastante grande de animais novos, mas adultos, cujo marfim valeria a pena apanhar.

O resto do dia e o serão foram ocupados com os preparativos de uma grande caçada. As lanças foram vistórias, as aljavas ficaram cheias de flechas, os arcos foram examinados um a um, para que as cordas tensas, dessem maior poder de penetração às flechas. E durante todo este tempo o feiticeiro passou por entre os grupos, distribuindo amuletos que evitariam as feridas... ou dariam boa sorte aos caçadores.

De madrugada, os caçadores partiram. Eram cinquenta robustos guerreiros negros, e entre eles, mais alto e mais ativo, ia Tarzan dos Macacos, a sua pele morena contrastando estranhamente com a cor de ébano dos seus companheiros. Os seus adornos e armas eram iguais aos deles - Tarzan falava a língua dos negros - rindo e gracejando, como havia saltado e gritado durante a breve dança que precedera a partida da aldeia. Era um selvagem no meio de selvagens. Se tivesse sido

interrogado a respeito, sem dúvida reconheceria que se sentia mais próximo daquela gente e daquela vida do que dos parisienses cujas maneiras, um tanto como os macacos, imitara com êxito durante alguns meses.

Pensou em D'Arnot, e um sorriso divertido pôs-lhe a descoberto os dentes fortes e muito brancos ao imaginar a expressão do elegante francês se, de alguma estranha forma, pudesse vê-lo tal como estava agora. Pobre Paul, que se orgulhava de ter feito desaparecer, da personalidade do seu amigo, os vestígios de vida selvagem!

Tarzan pensou que caíra rapidamente no nível anterior, mas no íntimo não considerava que fosse uma queda. Antes tinha pena dos pobres parisienses, apertados nas suas roupas tolas e vigiados durante toda a triste vida pelos polícias, de maneira a nada poderem fazer que não fosse completamente artificial e cansativo.

Duas horas de marcha levaram os caçadores às vizinhanças do ponto onde os elefantes tinham sido vistos no dia anterior. A partir daí avançaram no mais completo silêncio, seguindo a pista dos grandes animais. Não tardaram a descobrir um lugar por onde a manada havia passado poucas horas antes. Continuaram a caminhar em fila, durante mais meia hora. Foi Tarzan quem primeiro ergueu a mão, indicando que a manada estava próxima. O cheiro dos elefantes chegara-lhe às narinas. Os negros mostraram-se incrédulos, quando ele disse como descobrira os elefantes. Tarzan respondeu, simplesmente:

- Venham comigo, e verão...

Com a agilidade de um esquilo, saltou para uma árvore e trepou rapidamente até aos ramos mais altos. Um dos negros seguiu-o, mais cauteloso e mais devagar. Quando chegou a um galho abaixo daquele onde estava o filho da selva, este apontou para o sul, a algumas centenas de metros, o negro avistou grandes dorsos escuros que se moviam por entre o capim alto. Indicou a posição aos que estavam embaixo, e com a ajuda dos dedos disse-lhes quantos animais conseguira avistar e contar.

No mesmo instante os caçadores partiram na direção do ponto onde se encontrava a manada. O negro que subira na árvore apressou-se a descer, mas Tarzan, conforme o seu costume seguiu saltando de galho em galho, a meia altura.

Não é brincadeira de crianças, caçar elefantes com as toscas armas dos homens primitivos. Tarzan sabia que poucas tribos indígenas se arriscavam a isso, e que a coragem dos seus companheiros enchia-o de orgulho - na verdade já começava a considerar-se como fazendo parte da tribo.

Enquanto se movia silenciosamente de árvore em árvore, Tarzan viu os guerreiros, abaixo, aproximarem-se em semicírculo dos elefantes que ainda não suspeitavam da sua presença. Por fim chegaram à vista dos enormes animais. Então escolheram dois

dos elefantes mais velhos, com maiores presas e, a um sinal, os cinquenta guerreiros emergiram da erva que até aí os escondera, e atiraram as lanças contra os dois animais escolhidos. Nem uma lança falhou o alvo... e cada uma das vítimas ficou com vinte e cinco armas cravadas num dos flancos. Um dos elefantes não se moveu mais do ponto onde estava ao ser atacado, porque duas lanças perfeitamente dirigidas lhe haviam atravessado o coração. Dobrou os joelhos e tombou, sem resistência. O outro que estava quase de frente para os caçadores, tinha oferecido menor alvo às lanças, e embora todas lhe tivessem acertado, nenhuma lhe atingira o grande coração. Por instantes o grande macho ficou imóvel bramindo de dor e de raiva, os seus pequenos olhos procurando o inimigo que o ferira.

Os negros haviam desaparecido na selva antes que o grande animal pudesse vê-los, mas o elefante ouviu o ruído da fuga e lançou-se nessa direção, esmagando os arbustos à sua passagem.

Aconteceu que o acaso o conduziu na direção de Busuli, e precipitou-se sobre o negro com tal rapidez que este parecia estar parado em vez de correr quanto podia para escapar à morte que vinha sobre ele... Tarzan, do alto de uma árvore, assistira a toda a cena, e agora que via o perigo em que estava Busuli, lançou-se em corrida, gritando para distrair a atenção do animal. Mas seria o mesmo se não gritasse, porque o elefante estava cego e surdo para tudo o que não fosse alvo imediato da sua fúria.

Tarzan compreendeu e só um milagre podia salvar Busuli, e com o mesmo tranqüilo espírito com que seguira aquele homem para o matar, saltou para a frente do elefante, a fim de evitar a morte do negro. Empunhava ainda a sua lança, e quando o elefante estava a oito ou dez passos da sua presa, um guerreiro branco pareceu cair do céu, cortando-lhe o caminho. No mesmo instante o paquiderme enfurecido desviou a corrida, para esmagar o temerário que ousava interpor-se entre ele e a sua vítima escolhida não contara com a espantosa agilidade que podia haver naqueles músculos com tal rapidez que nem olhos podiam segui-lo. Aconteceu por isso que, antes de o elefante perceber que o novo adversário já não estava no mesmo lugar, Tarzan tinha-lhe cravado a lança atrás da espádua, atravessando-lhe o coração... e o enorme animal caiu, mortalmente ferido.

Busuli não vira de que maneira tinha sido salvo, mas Waziri, o velho chefe, e muitos dos outros guerreiros, tinham visto.

Aclamaram Tarzan, juntando-se em volta dele e do animal abatido. Quando Tarzan saltou sobre o paquiderme e lançou para o ar o grande brado de vitória, os negros encolheram-se, assustados, porque aquele era o brado dos gorilas, a quem eles temiam tanto como temiam Numa, o leão. No medo deles havia um maravilhoso espanto por aquela criatura a quem atribuíam poderes sobrenaturais.

No entanto, ao verem que Tarzan os olhava e sorria, ficaram novamente tranquilos, embora sem compreender. Na verdade não entendiam aquele estranho homem que corria pelas árvores tão rapidamente como Manu e no entanto sabia estar mais firme, no terreno, do que eles próprios... Aquele homem que, exceto na cor, era igual a eles, todavia tinha mais força do que dez dos mais fortes guerreiros e enfrentava sozinho os mais poderosos animais da selva.

Quando todos os guerreiros se reuniram, a caçada continuou com a perseguição da manada que se afastara. Mas não haviam percorrido mais de cem metros quando ouviram, a grande distância, o eco de várias detonações. Por momentos ficaram imóveis, escutando. Então Tarzan exclamou:

- Espingardas! A aldeia está sendo atacada!
- Vamos! - bradou Waziri.
- Os árabes voltam, com os seus escravos canibais, para levarem as nossas mulheres e o nosso marfim.

Os ladrões de marfim

Os guerreiros de Waziri caminham numa espécie de trote rápido, através da selva, na direção da aldeia. Durante alguns minutos as detonações, cada vez mais nítidas, incitaram-nos a apressar-se, mas pouco a pouco a fuzilaria foi esmorecendo até se ouvir apenas um ou outro tiro isolado e por fim por completo. O silêncio não era menos ameaçador do que o tiroteio, porque sugeria apenas uma dúvida - a idéia de que a povoação, quase sem defensores, sucumbira ao número dos atacantes. Os caçadores haviam percorrido pouco mais de duas milhas, das cinco que os separavam da aldeia ao ouvirem os tiros, quando encontraram os primeiros fugitivos que tinham escapado às balas e às garras dos inimigos. Havia no grupo uma dúzia de mulheres, rapazes e moças e estavam tão excitados que não conseguiam se fazer compreender, enquanto tentavam contar a Waziri a calamidade que se abatera sobre a aldeia.

- São tantos como as folhas na floresta... - gritou uma das mulheres, tentando mostrar o número dos assaltantes. - São muitos árabes e incontáveis Manyuemas, e todos têm espingardas. Aproximaram-se da aldeia antes de podermos descobri-los, e então atacaram, soltando grandes brados e disparando sobre homens, mulheres e crianças. Os que puderam, fugiram para a selva, em todas as direções, mas muitos foram mortos. Não sei se levaram prisioneiros ou não, pareciam empenhados em matar-nos, a todos. Os Manyuemas chamaram-nos de muitos nomes, dizendo que haviam de nos comer antes de partirem e que era o nosso castigo por termos abatido os amigos deles, há um ano... Eu não ouvi muito, porque fugi o mais depressa que pude...

Retomaram a marcha para a aldeia, mais lentamente e com maior cautela. Waziri sabia agora que era muito tarde para socorrer-los, a única tarefa que restava era a de vingar os mortos.

Durante o percurso da milha seguinte encontraram mais uma centena de fugitivos. Entre estes havia muitos homens, de maneira que a força de combate aumentou. Uma dezena de guerreiros foram enviados à frente, para bater o terreno. Waziri ficou com o grosso da coluna que continuou a avançar em linha através da floresta, num longo semicírculo. Tarzan ia ao lado do chefe.

Um dos batedores voltou. Tinha alcançado um ponto de onde pudera observar a aldeia.

- Estão todos dentro da paliçada... - disse ele.

- Bem... - respondeu Waziri - vamos atacá-los e matá-los, a todos...

Waziri dispôs-se a mandar avisar todos os guerreiros ao longo da linha, para que parassem na orla da clareira e, quando o vissem correr ao ataque, atacassem também.

- Espere... - interveio Tarzan. - Se eles têm cinqüenta espingardas no interior da paliçada, seremos repelidos ou dizimados. Deixem-me ir sozinho, por entre as árvores, para observar bem e ver quantos são e quais as possibilidades de um ataque em massa. Seria loucura perder um só homem sem necessidade, não havendo possibilidades de êxito. Creio que poderemos conseguir mais pela astúcia do que pela força. Esperará que eu volte, Waziri?

- Sim... - respondeu o velho chefe. - Vá!

Tarzan saltou para as árvores e desapareceu na direção da aldeia. Moviase com mais cautela do que habitualmente, pois sabia que homens armados de espingardas podiam atingi-lo tão facilmente entre ramos como no chão. E, quando Tarzan resolvia ser silencioso, nenhuma criatura da selva seria capaz de se mover mais furtivamente, nem de saber se ocultar tão completamente aos olhos dos inimigos. Em cinco minutos alcançou a grande árvore que se debruçava sobre a paliçada, na extremidade da aldeia, e daí pôde observar à vontade a horda selvagem que se agitava em baixo. Contou cinqüenta árabes e um número cinco vezes superior de Manyemas. Estes últimos devoravam a comida e, sob os olhares dos seus amos, preparavam o horrível prato principal que se segue sempre a uma vitória em que os inimigos mortos caem nas suas repugnantes garras.

Tarzan compreendeu que atacar em massa aquela horda canibalesca, armados de espingardas como todos estavam, e entrincheirados por detrás da paliçada, seria uma loucura.

Assim, voltou para junto de Waziri e aconselhou-o a esperar, pois ele, Tarzan, tinha um plano melhor.

Momentos antes, porém, um dos fugitivos contara a Waziri de que maneira horrível morrera a mulher dele. Enfurecido, o velho chefe mandou ao inferno a cautela e, chamando os seus guerreiros, deu a ordem de ataque. Brandindo as lanças e soltando grandes brados de guerra, o grupo de pouco mais de cem homens precipitou-se ao assalto, na direção das portas da paliçada. Antes que atravessassem metade da clareira, os árabes abriram fogo sobre eles, ao abrigo das defesas.

Waziri caiu logo à primeira rajada de balas. O ímpeto do ataque esmoreceu. Outra rajada derrubou mais uma dúzia de homens. Alguns chegaram junto das portas, mas para morrerem aí, sem a sombra de uma esperança de poderem entrar. Então o ataque foi destroçado e os sobreviventes correram para a selva, enquanto os árabes

abriam as portas, resolvidos a completar a chacina da tribo. Tarzan foi um dos últimos a se retirar, e assim mesmo, enquanto corria sem pressa, voltava-se por vezes e abatia um dos perseguidores, com uma certa flecha.

Na floresta, encontrou um pequeno grupo de guerreiros resolvidos a esperar o inimigo e lutar até ao fim. Gritou-lhes para que dispersassem e se mantivessem fora do alcance das espingardas, até poderem voltar a se reunir quando anoitecesse.

- Façam o que lhes digo... - insistiu - e os levarei à vitória sobre os seus inimigos. Espalhem-se pela floresta e matem todos os perseguidores isolados que puderem surpreender. À noite, se julgarem que são seguidos, vão para o ponto onde abatemos hoje os elefantes, mas dando voltas para despistar quem os seguir. Aí lhes explicarei o meu plano, e verão que é bom. São poucos e mal armados, para poderem enfrentar os árabes e os Manyemas, que dispõem de espingardas e são muito mais numerosos...

Os guerreiros concordaram finalmente, e Tarzan disse ainda:

- Quando se dispersarem, os inimigos terão de dispersar também para os seguir, e assim, se estiverem atentos, poderão abater muitos Manyemas com as vossas flechas ao abrigo das árvores.

Tinham apenas tido tempo para desaparecer na floresta quando os primeiros perseguidores atravessaram a clareira e surgiram entre as árvores. Tarzan meteu durante alguns metros pelo terreno, antes de utilizar o seu caminho habitual. Então começou a avançar com grande rapidez entre os galhos mais altos... mas agora em sentido inverso, na direção da aldeia. Aí verificou o que esperava, isto é, que todos os árabes e Manyemas se haviam lançado na perseguição dos fugitivos. Na aldeia apenas tinham ficado os prisioneiros, acorrentados uns aos outros sob a guarda de um único homem.

A sentinela estava em frente das portas abertas, olhando na direção da floresta, e assim não pôde ver o ágil gigante que saltava para o interior da paliçada, na extremidade oposta da aldeia. Com o arco preparado, o filho da selva encaminhou-se silenciosamente para a sua vítima. Os prisioneiros viram-no e, com olhares de espanto e de esperança, acompanharam-lhe os movimentos. Tarzan parou a cerca de dez passos do descuidado Manyema. O arco curvou-se e disparou... Sem um grito, o canibal caiu de bruços, atingido por uma flecha cuja ponta, depois de lhe atravessar o coração, emergia por quase um pé, do peito negro.

Então Tarzan voltou a sua atenção para os cinquenta prisioneiros, mulheres e jovens, amarrados pelo pescoço com a comprida corrente dos escravos. Não era possível pensar em abrir os velhos cadeados, no tempo de que dispunha. Assim, apanhando a espingarda e a cartucheira da sentinela morta, Tarzan fez sinal aos

presos para que o seguissem, tal como estavam. Atravessaram as portas da paliçada e desapareceram na floresta.

Era uma caminhada lenta e penosa, porque as pobres criaturas não estavam habituadas às correntes. Paravam muitas vezes, quando um deles tropeçava e caía arrastando outros. Tarzan tinha sido forçado, por outro lado, a fazer um largo rodeio para evitar o possível encontro com perseguidores que regressassem. Era em parte orientado por um tiro ou outro, que indicavam haver ainda contatos ocasionais entre perseguidores e perseguidos. Mas sabia que, se os negros da aldeia tivessem seguido as suas instruções, as baixas não seriam numerosas a não ser do lado dos bandidos.

Ao anoitecer, os tiros cessaram por completo e Tarzan concluiu que os árabes deviam ter regressado à aldeia. Não conteve um sorriso de triunfo ao pensar na fúria deles quando encontrassem morto o guarda... e os prisioneiros desaparecidos. Teria desejado trazer alguma parte da grande quantidade de marfim que havia na aldeia, a fim de enfurecer ainda mais os ladrões. Mas sabia que isso não era necessário para evitar o roubo, pois tinha formado um plano que impediria os árabes de levarem para fora da região um só dente de elefante... e teria sido cruel obrigar aquelas pobres mulheres a transportarem tal carga.

Passava da meia-noite quando Tarzan, com a sua diminuta caravana se aproximou do ponto onde marcara encontro com os guerreiros. Muito antes de chegarem já podiam ser guiados pelos clarões das fogueiras que os negros tinham acendido no improvisado acampamento, em parte para se aquecerem e em parte para afugentarem algum leão que aparecesse. Ao aproximar-se do acampamento, Tarzan chamou em voz forte, para que os homens soubessem que eram amigos os que vinham. A caravana teve uma alegre recepção, quando os guerreiros viram crescer a longa fila de amigos e parentes, acorrentados uns aos outros. Tinham-nos considerado perdidos, e também a Tarzan.

Agora sentiam-se tão contentes que teriam ficado acordados toda a noite, banquetecendo-se com a carne dos elefantes para festejar o regresso dos companheiros se Tarzan não insistisse em que deviam dormir o mais que pudessem, pois o dia seguinte seria de grande trabalho.

No entanto dormir não era fácil, porque as mulheres que haviam perdido os seus homens, ou os filhos, na chacina e na luta, enchiam a noite com alaridos de dor. Mas, Tarzan acabou por conseguir que se calassem, dizendo-lhes que os uivos e gemidos poderiam atrair os árabes e então ninguém escaparia com vida.

Pela madrugada, Tarzan explicou aos guerreiros o seu plano de combate e todos concordaram em que era a maneira mais segura de vingar os seus mortos e expulsar os ladrões do marfim.

Primeiro, as mulheres e as crianças, sob a guarda de uns vinte homens escolhidos entre os mais velhos e os muito novos, deviam seguir para o Sul, a fim de ficarem completamente fora da zona de perigo. Tinham instruções para construir um abrigo temporário, que deviam cercar com uma sebe protetora de mato espinhoso. O plano de campanha idealizado por Tarzan poderia prolongar-se durante dias, ou mesmo semanas, e em todo esse tempo os guerreiros não iriam ao novo acampamento.

Duas horas depois de amanhecer, uma esparsa fila de guerreiros negros cercou a aldeia.

De tempos em tempos um deles subia no alto de uma árvore, de onde podia ver o que se passava no interior da paliçada. A certa altura um Manyuema, na aldeia, caiu, atravessado por uma flecha. Não houve qualquer clamor de ataque, nenhum dos brados de guerra habituais nas lutas de selvagens, nenhum brandir de lanças - apenas uma silenciosa mensagem de morte viera da floresta. Os árabes e os seus servidores tiveram um tremendo ímpeto de raiva ante um acontecimento tão sem precedentes.

Em tumulto, correram para as portas da paliçada, gritando vingança contra o inimigo mas compreenderam de repente que não faziam a menor idéia de onde estava esse inimigo. Enquanto discutiam, com muitos gritos e largos gestos, um dos árabes foi atingido no meio do grupo - com uma flecha cravada no coração. Tarzan colocara os melhores atiradores nas árvores em volta da aldeia, com instruções para nunca revelarem a sua presença quando os inimigos estivessem olhando na direção deles. Sempre que um dos guerreiros disparava a sua mensagem de morte, escondia-se entre a folhagem da árvore, e não voltava a disparar senão quando tivesse visto que ninguém vigiava aquele lado.

Por três vezes os árabes se precipitaram, atravessando a clareira, na direção do ponto de onde supunham ter vindo a flecha, mas de cada vez outra flecha surgia do lado oposto e matava um deles. Precipitava-se então nessa outra direção e a morte vinha agora de um ponto diferente. Por fim resolveram fazer uma batida em regra, na floresta, mas os guerreiros negros recuaram diante deles, e nunca chegaram a avistar sinais de qualquer inimigo. No entanto, acima deles, espreitava um vulto sombrio, entre a densa folhagem das árvores gigantescas.

Tarzan espreitava-os, como se fosse a sombra da própria morte. Um Manyuema adiantou-se aos seus companheiros e isolou-se por instantes... Não havia quem pudesse ver de que direção vinha a morte, e a morte vinha rápida. Os que caminhavam atrás tropeçaram no corpo do companheiro, cujo coração tinha sido atravessado por uma flecha infalível.

Não é preciso muito tempo deste tipo de luta para destroçar os nervos, mesmo os de um homem branco, e assim não era de admirar que os Manyuema estivessem em breve dominados pelo pavor. Se algum deles se adiantava, logo uma flecha o

abatia... Se algum se atrasava, nunca mais era visto com vida... Se algum se desviava, por um momento que fosse, do grupo, nunca regressava para junto deles... E sempre, quando encontravam os corpos sem vida, encontravam também as flechas disparadas com infalível pontaria, atravessando o coração da vítima. Mas o pior de tudo era que, em toda a manhã, nada puderam ver ou ouvir do inimigo... que se revelava apenas pelas impiedosas flechas.

Quando voltaram para a aldeia, a situação não melhorou. Agora e logo, a intervalos irregulares cuja ação era enlouquecedora pela expectativa constante, um homem caía no terreno, morto. Os canibais insistiram com os seus amos para que abandonassem aquele terrível lugar, mas os árabes receavam o caminho através da floresta sombria e hostil onde paira aquele novo e estranho inimigo, carregados com grandes reservas de marfim que haviam encontrado na aldeia. Por outro lado, nem queriam pensar em deixar o marfim.

Por fim, todos os do bando se abrigaram dentro das choças. Ali, pelo menos, ficavam livres das flechas. Tarzan, do alto da árvore que se debruçava sobre a aldeia, viu qual era a choça onde se haviam refugiado os chefes árabes. Em equilíbrio sobre um ramo oscilante, projetou a sua lança, com toda a força dos seus poderosos músculos, através da cobertura de palha. Um uivo de dor disse-lhe que encontrara um alvo. Com esta espécie de aviso, destinado a convencer os árabes de que em nenhum lugar estavam seguros, Tarzan voltou para a floresta, reuniu os seus guerreiros, e afastaram-se cerca de uma milha na direção do Sul, para comerem e descansarem.

Colocou sentinelas em vários pontos de onde podiam ver a trilha até à aldeia, mas não houve qualquer sinal de perseguição. Uma inspeção ao seu grupo demonstrou que não havia qualquer baixa, nem um único ferido, ao passo que com um grosseiro cálculo quanto às perdas do inimigo convenceu os negros de que pelo menos uns vinte haviam sido abatidos pelas flechas. Ficaram loucos de alegria, e houve quem falasse em contar o dia como um assalto durante o qual matassem todos os árabes e todos os canibais.

Imaginaram mesmo as várias torturas que fariam aos manyuemas, pelos quais tinham um profundo ódio. Mas Tarzan pôs fim ao plano delirante.

- Estão loucos... - exclamou. - Mostrei-lhes a única maneira de combater os ladrões do marfim. Já matamos vinte sem uma única perda do nosso lado, ao passo que ontem, lutando à sua maneira, tiveram mais de doze mortos sem conseguirem atingir um só Manyuema ou um só árabe. Lutarão como eu lhes digo que devem lutar, ou deixo-os e vou embora.

A ameaça apavorou os guerreiros, que logo prometeram obedecer escrupulosamente, desde que Tarzan não os abandonasse.

- Está bem... - disse Tarzan - vamos voltar para o acampamento perto dos elefantes mortos, para passar a noite. Tenho um plano para dar aos árabes uma amostra do que eles podem esperar se ficarem aqui, mas não preciso de ajuda. Vamos. Se eles não tiverem mais perdas durante o resto do dia, começarão a tranquilizar-se, e o regresso ao medo será pior para eles do que se continuarmos a hostilizá-los durante toda a tarde.

Todo o grupo voltou para o lugar onde haviam acampado na noite anterior, e acendendo grandes fogueiras, comeram e contaram as aventuras do dia, até depois de anoitecer. Tarzan dormiu até à meia-noite, e então levantou-se e mergulhou na total escuridão da floresta. Uma hora mais tarde estava na orla da clareira, diante da aldeia.

Uma fogueira ardia no interior da paliçada. O filho da selva atravessou a clareira e aproximou-se das portas fechadas. Pelas fendas entre os troncos, viu uma sentinela solitária, sentada em frente do fogo

Sem ruído, Tarzan dirigiu-se para a árvore, centro da aldeia. Trepou até ao seu lugar habitual e colocou uma flecha no arco. Durante alguns minutos, tentou apontar com segurança, mas o lento agitar das folhas, e o oscilar das chamas da fogueira, convenceram-no de que o perigo de falhar era muito grande e precisava acertar em cheio no coração da sentinela, para que o negro morresse antes de poder gritar.

Além do arco, das flechas e da corda, tinha trazido a espingarda de que se apossara no dia anterior, depois de matar a outra sentinela. Escondendo tudo aquilo num lugar seguro entre os ramos da árvore, saltou para o chão, no interior da paliçada, armado apenas com a sua comprida faca. A sentinela estava de costas para ele. Como um gato, Tarzan aproximou-se. Estava a dois passos do negro mais um instante e a faca seria cravada silenciosamente no coração do Manyuema. Tarzan curvou-se para saltar, o mais rápido e mais seguro ataque das feras da selva. Mas nesse momento o negro, avisado por qualquer sentido ergueu-se bruscamente e voltou-se...

O chefe branco dos Waziris

Os olhos do canibal Manyuema fitaram a aparição que empunhava uma faca ameaçadora, a sua expressão foi de profundo e indomável pavor. Esqueceu a espingarda que segurava, esqueceu-se até mesmo de gritar... O seu único pensamento foi fugir daquele terrível selvagem branco, gigantesco, cujo peito poderoso e grandes músculos pareciam ainda mais temerosos ao clarão oscilante da fogueira.

Mas, antes que o Manyuema pudesse voltar-se, Tarzan caiu sobre ele. Só então se lembrou de gritar por socorro, quando já era muito tarde. Uma grande mão apertava-lhe a garganta, e sentia-se arrastado para o chão. Debateu-se, inútil e furiosamente... Os dedos que lhe apertavam o pescoço aumentavam a cada instante a tremenda pressão.

De uma forma rápida e segura, a morte invadia-o. Com os olhos salientes, a língua fora da boca, o Manyuema teve uma última contração e ficou inerte.

Tarzan içou o corpo para um ombro e, apanhando a espingarda, correu em silêncio na direção da árvore que lhe dera tão fácil acesso. Levou o corpo para o meio da folhagem densa. Aí, começou por se apoderar da cartucheira do negro, e de alguns dos seus adornos que escondeu na árvore. Quando concluiu essa primeira operação, pegou a espingarda e trepou mais alto, no tronco. Daí, pousado num ramo sólido, podia ver melhor a aldeia. Apontou cautelosamente a espingarda, para a choça onde sabia estarem os chefes árabes, e disparou. Quase instantaneamente ouviu um brado de dor.

Sorriu. Voltara a acertar.

Logo depois do tiro houve um momento de silêncio... e então os Manyuemas e os árabes surgiram das choças, como se tratasse de vespas irritadas... No entanto, se soubessem a verdade, estariam de fato mais assustados que irritados. A tensão do dia anterior destroçara os nervos dos negros e dos árabes, e agora aquele tiro isolado, na noite, fazia surgir todas as mais terríveis conjecturas nos seus cérebros apavorados.

Quando descobriram que a sentinela havia desaparecido, o seu medo aumentou e então, como para se encorajarem com uma ação de luta, começaram a disparar rapidamente contra as portas fechadas, embora nenhum inimigo estivesse à vista. Tarzan aproveitou-se do estrondear das detonações para fazer fogo sobre a multidão abaixo.

Ninguém distinguiu esse tiro no meio de tantos outros, mas num dos grupos um homem caiu subitamente, ferido de morte. Quando os outros se curvaram sobre ele, viram que estava sem vida. Manyuemas, tomados de pânico, tentaram fugir em tumulto para a selva, e foi necessária a brutalidade dos árabes para os impedir. Alguns minutos mais tarde começaram a acalmar-se, e porque não houve mais mortes misteriosas, retomaram coragem. Mas a trégua foi de curta duração, porque, no momento em que já esperavam que tudo tivesse acabado, Tarzan soltou um grito medonho, como um uivo de fantasma... E quando os ladrões do marfim olharam para cima, para o ponto de onde parecia ter vindo o som... um vulto escuro caiu no ar e foi cair no meio deles...

Era o corpo da sentinela, que Tarzan projetara do alto da árvore...

Com gritos de alarme, a multidão fugiu em todas as direções, para escapar ao terrível vulto que parecera saltar sobre eles. As imaginações, conturbadas pelo medo, viram no corpo morto, de braços e pernas abertas, a semelhança de um estranho e grande animal de presa. Na ânsia de fugir, alguns dos negros escalaram a paliçada, enquanto outros, removendo as trancas, abriram as portas e se precipitavam através da clareira, na direção da selva.

Durante algum tempo ninguém teve coragem para se aproximar do vulto que os apavorara, mas Tarzan sabia que acabariam por fazer isso e, quando descobrissem que era o corpo da sentinela, embora se assustassem ainda mais, sem dúvida que reagiriam.

Assim, saltou da árvore para outra e afastou-se silenciosamente na direção do Sul, através dos galhos iluminados pelo luar, encaminhando-se para o acampamento dos Wasiris.

Um dos árabes voltou-se finalmente e viu que o vulto que saltara da árvore tinha ficado imóvel, no chão. Cautelosamente, aproximou-se, e viu que se tratava apenas de um homem. Um momento depois estava junto do corpo, e reconhecia o cadáver do Manyema que tinha estado de sentinela às portas. A um brado do árabe, todos os outros se reuniram em volta, e depois de uns instantes de discussão fizeram aquilo que Tarzan sabia que fariam. Erguendo as espingardas dispararam sucessivas rajadas de balas contra a copa da árvore de onde o corpo caíra, e se Tarzan tivesse demorado teria sido atingido por centenas de balas. Quando os árabes e os Manyuemas descobriram os únicos sinais de violência, no cadáver, as marcas de grandes dedos em volta do pescoço, mergulharam ainda em maior apreensão e angústia. Chocava-os sobretudo a idéia de que nem mesmo no interior da paliçada estavam em segurança. Que um inimigo pudesse entrar ali para matar a sentinela, com as próprias mãos, parecia-lhes uma coisa inexplicável. Assim os Manyuemas começaram a atribuir todas aquelas desgraças a causas sobrenaturais... Os árabes

não encontraram qualquer outra explicação para lhes dar.

Com o desaparecimento de pelo menos cinqüenta homens que haviam fugido para a floresta, e sem a menor idéia sobre quando e como o inimigo invisível recomeçaria a chacina que eles próprios haviam iniciado, o bando de ladrões do marfim, incapaz de dormir e torturado pelo menos, ficou angustiadamente à espera de que amanhecesse. Só a promessa, feita pelos árabes, de que partiriam ao nascer do dia e se apressariam a voltar para as suas aldeias, conseguiu que os Manyuemas ficassem na aldeia um pouco mais. Nem mesmo o medo dos fiéis escravagistas era suficiente para que dominassem o novo pavor que se apossara deles. Foi assim que, quando Tarzan e os seus guerreiros voltaram ao ataque, na manhã seguinte, viram quando estavam se preparando para deixar a aldeia, Os Manyuemas iam carregados com o marfim roubado.

Tarzan sorriu, ao ver isso, porque sabia que eles não poderiam levar o marfim para muito longe. Então viu uma coisa que o preocupou, alguns dos Manyuemas acendiam archotes no que restava da fogueira. Iam queimar a aldeia.

Tarzan estava empoleirado numa árvore gigantesca, a uns cem metros da paliçada. Pondo ambas as mãos em concha, de ambos os lados da boca, gritou poderosamente, em língua árabe:

- Não incendeiem as choças, ou morrerão todos! Não incendeiem as choças ou todos serão destruídos!

Repetiu várias vezes o aviso. Os Manyuemas hesitaram, e um deles atirou o archote para as brasas da fogueira. Os outros iam fazer o mesmo quando um árabe saltou para o meio deles, batendo-lhes com um porrete e empurrando-os na direção das choças. Tarzan compreendeu que o bandido incitava os canibais a lançarem fogo à aldeia. Então ergueu-se, de pé sobre um tronco a trinta metros de altura, e apontando cuidadosamente uma das espingardas de que se havia apoderado, disparou. Com a detonação, o árabe que queria o incêndio das choças caiu para trás, morto e então os Manyuemas largaram os archotes e fugiram. Tarzan viu-os pela última vez quando corriam para a selva, enquanto os árabes, de joelho em terra, faziam fogo sobre eles.

Mas, embora furiosos com a desobediência e deserção de uma parte dos seus escravos, os árabes compreenderam que seria mais sensato desistir de incendiar a aldeia onde tinham sido, por diversas vezes, vítimas da sua cobiça pelo marfim.

Entretanto, intimamente, juraram que voltariam em tão grande número que não deixariam ninguém com vida, em toda aquela região. Debalde procuraram de onde viera a voz ameaçadora e o tiro mortal, mas nenhum deles conseguiu descobrir fosse o que fosse. Haviam disparado repetidas vezes na direção de onde vieram os tiros,

sem resultado visível.

Tarzan era muito inteligente para se deixar surpreender. Mal havia disparado, saltara para o chão e corraera empoleirar-se no alto de outro tronco, alguns metros mais longe. Daí voltou a observar os preparativos de partida dos ladrões do marfim, Pensando que podia divertir-se ainda mais à custa deles gritando, utilizando o seu improvisado porta-voz:

- Larguem o marfim! Os mortos não precisam de marfim!

Alguns dos Manyemas dispuseram-se logo a aliviar as suas cargas, mas isso era demais para os árabes. Com brados e pragas, apontaram as armas para os carregadores, ameaçando de morte imediata aquele que largasse o seu fardo. Podiam até ter desistido de incendiar a aldeia, mas a idéia de abandonar aquela fortuna em marfim excedia a sua capacidade e preferiam a morte. Assim, partiram da aldeia dos Waziris, e sobre os ombros dos seus escravos levavam, em marfim, o resgate de vinte reis.

Caminhara para o Norte, na direção da região enorme e praticamente desconhecida onde viviam, para além do Congo, nas profundezas da Grande Floresta. Mas, de cada lado deles, caminhava um inimigo invisível e implacável.

Comandados por Tarzan, os guerreiros Waziris haviam-se postado ao longo da trilha, de ambos os lados, no mato denso. Estavam emboscados a largos intervalos entre uns e outros, e quando a coluna passava, uma flecha, ou uma pesada lança, bem apontadas, derrubava um Manyema ou um árabe. Então o Waziri que havia disparado desaparecia rapidamente e ia postar-se mais longe. Só atacavam quando tinham certeza de acertar, e o perigo de serem descobertos era quase inexistente. Assim, as lanças e flechas eram lançadas de tempos em tempos, mas com tal pontaria e insistência que a lenta coluna de árabes e carregadores caminhava num estado de permanente pânico - pânico ante o corpo de um companheiro que bruscamente tombava - pânico ante a incerteza de quem seria o próximo a morrer, e quando...

Era com grande dificuldade que os árabes impediam os negros de largarem os fardos e fugirem como coelhos assustados, para o Norte, ao longo da trilha. O dia foi se escoando - um dia de terrível pesadelo para os ladrões do marfim - um dia de fatigante, mas compensadora luta para os Waziris. À noite, os árabes construíram um tosco abrigo com ramos espinhosos, numa clareira junto ao rio, e acamparam.

A intervalos, no decurso da noite, uma espingarda disparava a curta distância, por cima deles, e caía uma de muitas sentinelas que haviam colocado em volta para não mais se levantar. A situação era insustentável. Os árabes compreendiam que aquela tática terrível acabaria por dizimá-los, a todos, um de cada vez, sem que eles

pudessem sequer avistar o inimigo. Mas a cobiça teimosa fazia com que se agarrassem desesperadamente ao produto do seu roubo. Ao amanhecer, forçaram os desmoralizados Manyuemas a carregar os seus fardos de morte e a continuar a caminhada.

Durante três dias, a coluna, pouco a pouco menos numerosa, prosseguiu na sua marcha apavorante. A hora era marcada pelo golpe certo de uma bala ou de uma flecha. As noites eram de terror. A invisível espingarda continuava a sua tarefa e ficar de guarda equivalia a uma sentença de morte. Na manhã do quarto dia os árabes foram forçados a matar dois dos carregadores, antes de conseguirem que os restantes pegassem os fardos do marfim. Nesse momento uma voz fez-se ouvir, e forte, vinda da selva:

- Hoje morrerão, Manyuemas, a não ser que larguem o marfim. Ataquem os seus amos e matem-nos. Têm espingardas, então por que não as usam? Matem os árabes e nós não lhes faremos mal! Lhes daremos comida e os deixaremos voltar para as suas terras, em paz e segurança! Larguem o marfim e ataquem os árabes! Nós os ajudaremos! Se não fizerem isto, todos morrerão!

Quando a voz se calou, os ladrões do marfim ficaram imóveis, petrificados. Os árabes olhavam para os seus escravos, os escravos olharam uns para os outros, à espera que um deles tomasse a iniciativa. Os árabes que restavam eram uns trinta, os negros cerca de cento e cinquenta. Todos estavam armados - mesmo os carregadores levavam as espingardas ao ombro.

Os árabes juntaram-se. O xeique ordenou aos Manyuemas que recomeçassem a caminhar, e ao dar a ordem engatilhou a espingarda e levantou-a. Mas, no mesmo instante, um dos negros atirou para o chão a sua carga, empunhou a espingarda e disparou quase à queima-roupa sobre o grupo de árabes.

No momento seguinte o acampamento transformou-se num inferno, onde um confuso bando de demônios lutava servindo-se de facas, espingardas e pistolas. Os árabes mantiveram-se unidos e defenderam-se corajosamente, mas sob a chuva de balas que os escravos disparavam sobre eles, e as lanças e flechas que, da selva, os alvejavam, não podiam restar dúvidas, desde o primeiro minuto, sobre qual seria o desenlace. Um quarto de hora depois do primeiro escravo ter disparado a sua arma, o último árabe estava morto.

Quando o combate terminou, Tarzan voltou falando aos Manyuemas:

- Carreguem o marfim e voltem para trás! Vão pô-lo onde o encontraram! Não lhes faremos mal.

Por instantes, os Manyuemas hesitaram. Não se sentiam com ânimo para refazer, em sentido contrário aquela penosa marcha de três longos dias. Falavam em voz

baixa, uns com os outros, até que um bradou, voltado para a selva de onde viera a grande voz:

- Quem é você, que fala a língua dos árabes, nossos amos? Mostre-se, e então terá a nossa resposta!

Tarzan surgiu da floresta, a dez passos deles.

- Olhem... - disse.

Quando viram que era um branco, os negros juntaram-se porque nunca tinham visto, antes, um selvagem de raça branca. O vulto gigantesco e os grandes músculos encheram-nos de admirativo pasmo.

- Terão de confiar em mim... - continuou Tarzan. - Desde que façam o que eu lhes disser e não tentem atacar o meu povo, nenhum mal lhes será feito. Querem carregar o marfim e levá-lo, em paz, à nossa aldeia... ou continuamos a seguir a trilha para o Norte, como a seguimos nos últimos três dias?

A recordação dos três horríveis dias foi o que convenceu os manyuemas. Assim, depois de terem falado apressadamente uns com os outros, retomaram os fardos e começaram a caminhar, mas agora na direção da aldeia dos Waziris. Ao cabo do terceiro dia entraram na aldeia e foram recebidos pelos sobreviventes da recente chacina... Tarzan mandara um mensageiro ao acampamento provisório, no Sul, avisando-os de que podiam estar em segurança.

Foi preciso todo o domínio e todo o poder de persuasão de Tarzan, para que os Waziris não se lançassem, com unhas e dentes, sobre os Manyuemas, e os fizessem em pedaços. Mas quando Tarzan explicou que havia dado a sua palavra de que nenhum mal seria feito aos carregadores, se eles levassem o marfim para a aldeia de onde o tinham roubado - e afirmou claramente que lhe deviam por inteiro a vitória alcançada - então acalmaram-se e deixaram que os canibais descansassem no interior da paliçada.

Nessa noite os guerreiros Waziris tiveram uma grande reunião, para festejar a vitória e escolher um novo chefe. Desde a morte do velho Waziri... Tarzan tinha-os dirigido na luta, e o comando havia-lhe sido tacitamente concedido. Não tinham tido tempo para escolher um novo chefe, entre os homens da tribo, e, na verdade haviam conseguido tantos êxitos sob as ordens de Tarzan, que não tinham desejado delegar a outro a suprema autoridade, com receio de perderem o que haviam ganho até então.

Muito recentemente tinham podido ver os desastrosos resultados de não seguirem os conselhos do selvagem branco como na furiosa carga ordenada por Waziri, em que ele próprio morrera e muitos guerreiros haviam sucumbido.

Os principais guerreiros sentaram-se em círculo em redor de uma pequena fogueira, para discutirem os relativos méritos de quem pudesse ser designado como

sucessor do velho Waziri. Foi Busuli o primeiro a falar:

- Visto que Waziri morreu sem deixar um filho, há apenas um, entre nós, que sabemos por experiência estar apto para ser um bom rei. Apenas um demonstrou que pode conduzir-nos vitoriosamente contra as armas de fogo dos árabes, e fazer-nos triunfar sem perda de uma só vida. Há apenas um, e esse é o que nos tem comandado durante os últimos dias... - e Busuli levantou-se de um salto, erguendo a lança, curvando o corpo, e começou a dançar lentamente em volta de Tarzan, cantando ao ritmo dos próprios passos:

Waziri, rei dos Waziris!

Waziri, vencedor dos árabes!

Waziri, rei dos Waziris!

Um a um, os outros guerreiros demonstraram que aceitavam Tarzan como rei, levantando-se e juntando-se à dança. As mulheres vieram e, sentadas em volta do círculo formado pelos guerreiros, começaram fazendo soar os tambores, batendo palmas no meio da dança e fazendo eco aos cantos dos homens. Dentro do círculo estava sentado Tarzan dos Macacos - Waziri, rei dos Waziris, porque, como o seu antecessor, iria tomar como seu o nome da sua tribo. Cada vez mais rápidos eram os passos dos dançarinos, cada vez mais fortes eram os seus brados. As mulheres levantaram-se e fizeram coro, gritando como podiam.

Brandiam-se lanças ferozes, e, quando os guerreiros se curvavam para bater com escudos na terra endurecida, o conjunto era terrivelmente primitivo e selvagem – como uma cena da madrugada do mundo, no fundo de incontáveis idades.

Envolvido e arrastado pela excitação geral, Tarzan levantou-se de um salto e juntou-se à dança selvagem no centro do círculo de corpos negros, saltou, e rugiu, e brandiu a sua pesada lança, com a mesma entrega total à espécie de loucura que agitava os seus selvagens companheiros. Os últimos restos da sua civilização foram esquecidos – era realmente, agora, um homem primitivo, gozando a liberdade da vida feroz e selvagem que na verdade preferia, orgulhoso do seu reino sobre os guerreiros negros da floresta.

Se Olga de Coude pudesse vê-lo naquele momento - poderia ela reconhecer o jovem calmo, bem vestido, cujo aspecto delicado e irrepreensíveis maneiras tanto a haviam cativado apenas alguns meses antes? E Jane Porter! Teria ela amado ainda aquele selvagem chefe de guerreiros, dançando, nu, entre os seus súditos também nus? E D'Arnot. Poderia D'Arnot acreditar que aquele era o mesmo homem que apresentara em meia dúzia dos mais elegantes clubes de Paris? Que diriam os seus pares da Câmara dos Lordes, se alguém lhes apontasse aquele dançarino gigante, com um toucado bárbaro e adornos de metal, e declarasse que se tratava de John

Clayton, Lorde Greystoke?

E assim Tarzan dos Macacos se tornou um autêntico rei entre os homens - seguindo lenta, mas seguramente, a evolução dos seus antepassados, talvez porque começara a partir do mais baixo escalão da humanidade, da apenas quase-humanidade dos antropóides...

CAPÍTULO 18

A loteria da morte

Jane Porter tinha sido a primeira, entre os que estavam no escaler, a acordar na manhã seguinte ao naufrágio do Lady Alice, os outros membros do grupo dormiam sobre os bancos, ou dobrados em posições forçadas no fundo do bote. Quando a jovem compreendeu que estavam completamente separados dos outros escaleres, encheu-se de receio. A sensação de completo isolamento e total impotência no meio da imensa vastidão do mar era tão depressiva que, desde o primeiro momento, o futuro lhe pareceu sem esperança. Considerava que estavam perdidos - perdidos para além de qualquer possibilidade de socorro.

Depois, acordou Clayton. Foi preciso que decorressem alguns minutos para ele ter a noção de onde estava, e recordar o desastre da noite anterior. Por isso, os seus olhos espantados fixaram-se na jovem...

- Jane! - exclamou ele. - Graças a Deus que estamos juntos!

- Veja... - respondeu ela, sombriamente, apontando em um gesto apático, o horizonte em volta. - Estamos sós! - observou o mar, em todas as direções.

- Onde eles estarão? Não podiam ter afundado, porque o mar está calmo e todos flutuavam ontem, depois do naufrágio do iate, vi todos eles.

Acordou os outros membros do grupo e expôs-lhes a situação.

- Talvez fosse bom que os botes se dispersassem, sir... - respondeu um marinheiro. - Todos têm provisões. Portanto nesse aspecto não precisamos uns dos outros, e se houver uma tempestade nada poderíamos fazer para nos ajudar estando juntos. Dispersos, há uma maior possibilidade de que algum de nós seja visto por um navio, e então os restantes seriam logo procurados. Juntos teríamos apenas uma pequena probabilidade de sermos socorridos... Assim dispersos, teríamos quatro.

Compreenderam as razões do homem e isso animou-os, mas a relativa alegria foi de curta duração. Quando tomaram a decisão de remar para Leste, na direção do continente negro, descobriram que os marinheiros, que haviam tomado conta dos dois únicos remos, haviam dormido. Os remos estavam perdidos, e

ninguém conseguiu avista-los sobre a água.

Durante as recriminações e censuras que se seguiram, os marinheiros quase se envolveram em uma briga, mas Clayton conseguiu acalmá-los, embora, momentos depois, Thurán quase provocasse outra explosão de cólera ao fazer um ácido comentário sobre a estupidez dos ingleses em geral, e dos marinheiros ingleses em particular.

- Vamos, rapazes... - disse por fim um dos marinheiros, de nome Tompkins. - Arranjar desordem não nos conduz a nada. Como Spider disse, havemos de ser avistados por algum navio, e caso isso não aconteça, também não adianta gritar. Vamos comer alguma coisa.

- Não é má idéia... - declarou Thuran. E, voltando-se para o terceiro marinheiro, chamado Wilson, comentou: - Dê-me uma dessas latas, homem!

- Vá você buscá-la... - respondeu Wilson, com grosseria. - Não recebo ordens de estrangeiros, você não é o capitão deste bote.

O resultado foi que Clayton teve de ir buscar a lata e então surgiu outra alteração quando um dos marinheiros acusou Clayton e Thuran de estarem combinados para dispor das provisões e ficar com a parte melhor.

- Alguém tem de tomar o comando deste bote! - Interveio Jane Porter, angustiada pelas animosidades que surgiam entre os companheiros de aventura forçados. - uma aventura e uma companhia que iriam durar vários dias. - Já é muito ruim estarmos perdidos no Atlântico, dentro deste frágil barco sem termos de acrescentar mais desgraças como as constantes discussões entre os membros do grupo.... Vocês, homens, devem escolher um chefe que tomará as suas decisões em todas as circunstâncias. A disciplina ainda é mais necessária aqui do que num barco bem equipado.

Antes de falar, Jane tinha esperado que tal intervenção não fosse necessária, pois supunha Clayton era capaz de enfrentar qualquer emergência - mas tinha de reconhecer que, pelo menos até então, ele não demonstrara maior iniciativa do que qualquer dos outros, para dominar a situação. Apenas havia evitado que as coisas se complicassem mais, indo até ao ponto de entregar aos marinheiros a lata que eles não queriam que fosse aberta por ele.

As palavras da jovem sossegaram temporariamente os homens. Foi decidido que os dois pequenos barris de água, e as quatro latas de conserva, seriam divididos em duas partes, uma para os três marinheiros, que dela fariam o que quisessem, e a outra para os três passageiros.

Assim o pequeno grupo ficou dividido em dois campos, e quando cada campo se apossou das provisões que lhe cabiam, logo se apressaram a distribuir entre os seus componentes comida e água. Os marinheiros foram os primeiros a abrir uma das latas de comida, e os gritos de desapontamento e raiva fizeram com que Clayton perguntasse qual era o problema.

- Problema... - grunhiu Spider. - Problema! É pior do que isso, é a morte! Esta lata está cheia de petróleo!

Apressadamente, Clayton abriu também uma das latas, e verificaram a espantosa

verdade de que também continha petróleo, não comida. Uma a uma, as quatro latas foram abertas, e quando o seu conteúdo foi conhecido, uivos de raiva iniciaram a catástrofe... Não havia absolutamente nada do que comer, no escalér!

- Graças a Deus que não foi a água... - disse Tompkins. – É mais fácil agüentar a falta de comida que a falta de água. Podemos comer os sapatos se o pior acontecer, mas não poderíamos bebê-los...

Enquanto Tompkins falava, Wilson tinha feito um buraco num dos barris de água, Spider aproximou uma caneca de lata e colocou-o sob o orifício, enquanto Wilson inclinava ligeiramente o barril. Um delgado fio de pequenas partículas secas e escuras caía lentamente da abertura e cobriu o fundo da caneca. Com um grunhido, Wilson largou o barril e ficou olhando, mudo de pavor.

- Os barris estão cheios de pólvora... - disse ele, em voz rouca, olhando para os outros. Eram dois barris com pólvora - como verificaram assim que abriram o segundo.

- Petróleo e pólvora! - exclamou Thuran. - Que inferno! Que dieta para náufragos!

O fato de não haver a bordo comida nem água, fez que a fome e a sede se tornassem subitamente mais dolorosas e assim o primeiro dia da sua aventura anunciou os sofrimentos que iam seguir-se. Todo o horror do naufrágio caiu sobre eles. Com a passagem dos dias, a situação tornou-se dolorosa. Olhos vermelhos, doloridos, fitavam o horizonte dia e noite, até que os vigias, esgotados e esfomeados, se deixavam cair no fundo do escalér, numa sonolência cheia de pesadelos que, no entanto, era uma espécie de descanso, comparada com a realidade. Os marinheiros, cedendo às dolorosas solicitações da fome, mastigaram e engoliram os cintos, os sapatos e até as tiras de cabedal, interiores, dos bonés, embora Clayton e o próprio Thuran os avisassem por todas as formas de que isso só contribuiria para agravar o seu sofrimento. Fracos e sem esperança, todos os componentes do grupo jaziam sob o impiedoso sol tropical, com os lábios rachados e a língua inchada, esperando a morte que já começava a se tornar desejável.

O intenso sofrimento dos primeiros dias tinha-se atenuado para três passageiros que nada haviam ingerido, mas a agonia dos marinheiros era horrível – enquanto estômagos sem força tentavam digerir os pedaços de cabedal com que eles os haviam enchido. Tompkins foi o primeiro a sucumbir. Uma semana depois do naufrágio do Lady Alice, o marinheiro morreu horivelmente, em pavorosas convulsões. Durante horas, as suas feições contorcidas e medonhas pareceram rir para os que estavam à popa do escalér, até que Jane Porter não pôde suportar aquilo por mais tempo.

- Podemos lançar esse corpo ao mar... William? - pediu ela. Clayton levantou-se

penosamente e cambaleou na direção do corpo. Os outros dois marinheiros olhavam-no com expressões estranhas. Mas foi em vão que o inglês tentou empurrar o cadáver para o mar. Não tinha mais forças para isso.

- Ajude-me, por favor... - pediu ele a Wilson, que era quem estava mais perto.

- Para que quer empurrá-lo. - Murmurou o marinheiro, com voz rouca.

- Temos de empurrá-lo, antes de estarmos muito fracos para isso... – respondeu Clayton. - Amanhã estará fedendo, depois de um dia sob esse sol.

- Melhor deixá-lo... - rosnou Wilson, - Talvez precisemos dele antes de amanhã.

Lentamente, o significado das palavras do marinheiro penetrou no entendimento de Clayton, que por fim compreendeu por qual razão ele se opunha a que o corpo fosse atirado à água.

- Céus! - murmurou, horrorizado. - Não quer dizer que iria...

- Por que não? - respondeu Wilson. - Nós temos de viver, e ele está morto...

Para ele não importa mesmo...

- Ajude-me, Thuran... - disse Clayton, voltando-se para o russo. - Teremos a bordo, alguma coisa pior do que a morte, se não jogarmos este corpo no mar.

Wilson levantou-se, ameaçador, para impedir Thuran de ajudar Clayton, mas quando Spider tomou o partido dos passageiros, voltou a sentar-se, olhando com uma expressão de fome, pavorosa de se ver, para o cadáver. Os outros três, reunindo forças, conseguiram por fim lançar à água o pobre Tompkins. Durante todo o resto do dia Wilson ficou fitando Clayton com olhar demente. Ao anoitecer pôs-se a falar consigo mesmo sem deixar de olhar para Clayton. Depois de cair a noite, o inglês continuou a sentir aqueles olhos terríveis fitos nele.

Não se atrevia a dormir, e no entanto estava tão exausto que tinha de se vigiar constantemente para não sucumbir ao sono. Depois do que lhe pareceu uma eternidade de sofrimento, acabou por encostar a cabeça a um banco, e adormeceu. Não sabia quanto tempo havia estado inconsciente, quando ouviu junto dele uma respiração ofegante, que o acordou. A lua subira no horizonte, permitindo-lhe ver Wilson que se debruçava sobre o seu pescoço, de boca aberta.

O ligeiro ruído acordara ao mesmo tempo Jane Porter, e ao ver a cena medonha a jovem soltou um grito, no instante em que Wilson caía pesadamente sobre Clayton, tentando cravar-lhe os dentes na garganta. Clayton, embora esgotado, teve ainda força bastante para empurrar o demente.

O grito de Jane acordara Thuran e Spider. Compreendendo o que acontecia, os dois homens rastejaram e ajudaram Clayton a dominar Wilson, deitando-o no fundo do escaler. Durante dois ou três minutos o marinheiro ficou rindo e balbuciando

palavras sem nexo, mas de repente, antes que os outros pudessem adivinhar-lhe a intenção, levantou-se e se atirou na água.

A reação, depois da terrível tensão nervosa, deixou os outros trêmulos e prostrados. Spider começou a soluçar perdidamente. Clayton praguejava entre dentes... Thuran ficou sentado, com a cabeça e entre as mãos. O resultado dessa meditação foi a proposta que, na manhã seguinte, fez a Spider e a Clayton.

- Senhores... - disse ele - Já sabem o destino que nos espera, a todos, a não ser que sejamos socorridos dentro de um dia ou dois. As esperanças de que isso aconteça são escassas, como o prova o fato de durante todos estes dias em que temos andado à deriva, não termos visto uma só vela, um só sinal de fumaça em todo o horizonte.

- Talvez pudesse ainda haver alguma esperança se tivéssemos comida... mas sem comida não há esperança nenhuma. Para nós, portanto, ficam duas alternativas e dessas duas temos de escolher uma, sem mais demora. Ou morreremos todos dentro de alguns dias, ou um de nós terá de ser sacrificado para que os outros vivam. Compreendem bem o que eu quero dizer?

Jane Porter, que ouvira tudo, estava horrorizada. Se a proposta tivesse partido do pobre marinheiro delirante, talvez ela não ficasse surpreendida. Mas saída de um homem que aparentava cultura e civilização, de um homem que parecia um cavalheiro, aquilo parecia inacreditável.

- É melhor morrermos juntos, então... - respondeu Clayton.

- Essa decisão terá de ser tomada por maioria... - replicou Thuran. - Visto que apenas um de nós poderá ser sacrificado, nós resolveremos. A senhorita

Porter não está interessada, visto que não está em condições.

- E como vamos saber quem será o primeiro? - perguntou Spider.

- O caso pode ser decidido pela sorte... - declarou Thuran.

- Tenho algumas moedas de um franco, no bolso. Poderemos escolher uma data de cunhagem, entre elas, e o primeiro que tirar a moeda com essa data, de sob uma peça de roupa, será o primeiro a morrer.

- Não quero ter nada a ver com um plano diabólico como esse... - murmurou Clayton. - Podemos ainda avistar terra, ou pode aparecer um navio a tempo.

- Terá de fazer o que a maioria decidir, ou então será o primeiro, dispensando as formalidades da loteria... - replicou Thuran, ameaçador. - Vamos votar o plano. Eu sou a favor, evidentemente. Que diz você, Spider?

- Eu também...

- Temos portanto a decisão da maioria, e agora vamos tirar à sorte, sem perder

tempo. Pode ser qualquer um de nós. Para que três vivam, um de nós tem de morrer, talvez apenas umas horas mais cedo do que morreria em qualquer outro caso...

Então Thuran começou os preparativos para a loteria da morte, enquanto Jane Porter olhava apavorada ao pensar no que ia acontecer. Thuran estendeu o casaco no fundo do barco, e de um punhado de moedas escolheu seis, de um franco.

Os outros dois homens curvaram-se por sobre os ombros do russo, enquanto ele examinava as moedas.

Por fim, ele as entregou para Clayton.

- Observe-as com atenção... - disse o russo. A data mais antiga é de 1875, e desse ano só há uma.

Clayton e o marinheiro observaram cada uma das moedas.

Para eles não havia entre elas qualquer diferença que pudesse ser notada, excetuando as datas. Ficaram convencidos disso, mas se tivessem conhecido o passado de Thuran, como jogador e traíçoeiro, não julgariam o mesmo. O russo tinha desenvolvido uma sensibilidade especial, na ponta dos dedos, e a moeda de 1875 era quase imperceptivelmente mais delgada do que as outras, decerto em consequência de um uso mais longo.

- Em que ordem devemos tirar as moedas? – Perguntou Thuran, sabendo por experiência que a grande maioria dos homens prefere sempre ter a última oportunidade numa loteria cujo único prêmio é qualquer coisa desagradável. – há sempre a hipótese e a esperança de que outro o apanhe primeiro. Por motivos especiais Thuran queria ser o primeiro, mesmo, ou até sobretudo, se fosse necessário fazer segunda tiragem. Assim, quando Spider declarou que queria ser o último, Thuran ofereceu-se graciosamente para começar. Meteu a mão sob o casaco e demorou-a apenas um instante, mas os seus dedos rápidos e hábeis encontraram a moeda fatal, e repeliram-na. Depois, foi a vez de Clayton. Jane Porter olhava, com uma expressão horrorizada e tensa, Clayton retirou a mão, rodando entre os dedos uma das moedas. Por um instante não se atreveu a olhar, mas o Sr. Thuran, que se aproximara para ver a data, disse-lhe que não, deixou-se cair para trás, num banco. Se Spider não tirasse a moeda de 1875, toda a horrível cena teria de ser repetida.

O marinheiro meteu a mão por debaixo do casaco. Tremia como se tivesse um acesso de febre. Praguejou em voz alta contra si mesmo por ter querido ser o último, pois agora as suas possibilidades de se salvar eram de três para uma, ao passo que Thuran tivera cinco contra uma, e Clayton quatro contra uma.

O russo mostrou-se paciente, não apressou o homem. Sabia que estava seguro, quer a moeda surgisse agora ou depois. Quando o marinheiro retirou a mão e olhou para a moeda, caiu desmaiado. Clayton e Thuran olharam... Não era a moeda de

1875 - a reação conseqüente do medo derrubara Spider, tão efetivamente como se fosse ele a vítima designada pela sorte.

Era preciso recomeçar, visto que havia ainda três moedas sob o casaco... e uma delas era a de 1875. Mais uma vez o Russo tirou uma, e viu que estava salvo. Jane Porter fechou novamente os olhos, e Spider abriu-os decididamente, olhando a sorte que ia decidir-se naquele instante, Qualquer que fosse a moeda retirada por Clayton, a outra pertenceria a Spider.

Então William Cecil Clayton retirou a mão fechada, dentro da qual estava o seu destino. Foi para Jane, sem se atrever a abrir a mão.

- Depressa! - gritou Spider. - Por favor, mostre isso!

Clayton abriu os dedos, Spider viu e antes que alguém lhe adivinhasse as intenções, lançou-se à água e desapareceu na sempre verde profundidade do mar. - A moeda, de Clayton não era a de 1875.

A tensão esgotara de tal maneira os restantes, que ficaram caídos, meio inconscientes, durante todo o dia. Nem no dia seguinte, nem no outro, voltaram a falar na loteria da morte. A fraqueza e o desespero aumentavam a cada minuto. Por fim, Thuran arrastou-se para junto de Clayton.

- Temos de tirar à sorte mais uma vez, antes de estarmos fracos demais para podermos comer...

Clayton encontrava-se em tal estado que não era senhor da sua vontade. Nos últimos três dias Jane não pronunciara uma única palavra, e Clayton sabia que ela estava morrendo. Embora parecesse horrível o pensamento, o inglês esperava que o sacrifício de Thuran, ou dele próprio, servisse para que a jovem ganhasse novas forças... Concordou com a proposta do russo.

Faria o mesmo que haviam feito da vez anterior, mas só podia haver um resultado - Clayton tirar a moeda de 1875.

- Quando vai ser? - perguntou ele a Thuran. O russo conseguira tirar um canivete do bolso, estava tentando abri-lo, quase sem forças para isso.

- Agora... - disse ele, fitando o inglês.

- Não pode esperar pela noite? - perguntou Clayton. - A senhorita Porter não deve ver... Nós íamos casar sabe?

Thuran olhou-o, com um desapontamento flagrante. Por fim disse, hesitante:

- Está bem, não tardará a anoitecer... Esperei muitos dias, posso esperar algumas horas...

- Obrigado... - murmurou Clayton. - Vou para junto dela e lá ficarei, até que chegue o momento...

Quando Clayton se arrastou para junto da jovem ela estava inconsciente - mas ele sabia que estava morrendo e quase se sentiu satisfeito por não ter de assistir à tragédia final.

Pegou a mão de Jane e levou-a aos lábios inchados e rachados... Depois, durante longos minutos, continuou a acariciar lentamente aquela mão lívida, tão magra, que fora dias antes a linda mão de uma bela jovem de Baltimore.

Anoiteceu sem que Clayton desse por isso, mas ouviu a voz de Thuran, na escuridão... O russo chamava-o para morrer.

- Sim, eu vou... - murmurou Clayton.

Por três vezes tentou erguer-se sobre as mãos e os joelhos, rastejar para a morte, mas durante as últimas horas enfraquecera de tal maneira que não conseguia mover-se.

- Terá de vir aqui... - sussurrou. - Não posso mexer-me de onde estou...

- Quer roubar-me o que eu ganhei... - respondeu o russo, num tom onde transparecia a raiva.

Clayton ouviu-o forcejar no fundo do bote. E dizer, por fim:

- Não posso rastejar... Roubou-me porco inglês...

- Não quero roubá-lo... - gemeu Clayton. - Vou tentar outra vez...

Clayton fez nova tentativa e ouviu que Thuran tentava também aproximar-se. Ao cabo de uma tentativa conseguiu apoiar-se nos joelhos, mas para cair de novo. Um momento depois ouviu a voz de Thuran:

- Eu vou aí...

Clayton desejava enfrentar a morte de pé, mas era impossível... Caiu de costas, em consequência do último esforço e ficou imóvel, olhando para as estrelas. Sentia que o russo se aproximava, polegada a polegada... Já não estava muito longe, mas os esforços que fazia eram cada vez mais fracos e espaçados... Por fim, Clayton teve a impressão de que Thuran estava junto dele. Ouviu um riso débil e estranho... Alguma coisa lhe tocou na cara. Desmaiou.

CAPÍTULO 19

A cidade de ouro

Na noite em que Tarzan se tornou chefe dos Waziris, a mulher a quem ele amava jazia, moribunda, no fundo de um pequeno bote, perdido a duzentas milhas de distância, em pleno Atlântico. Enquanto ele dançava entre os selvagens nus, e a luz da fogueira iluminava os seus grandes músculos, personificação da força e da perfeição física, a mulher a quem amava ia mergulhando nas últimas fases do estado comatoso que precede a morte pela sede e pela fome.

Na semana que se seguiu, Tarzan, rei dos Waziris, esteve ocupado, com os seus guerreiros, em acompanhar os Manyuemas até ao limite norte dos territórios da tribo, conforme a promessa feita e a palavra dada. Antes de os deixar seguir, exigiu dos canibais o juramento de que não voltariam - juramento que os Manyuemas não hesitaram em fazer. Tinham tido suficiente experiência da capacidade guerreira do novo rei dos Waziris, para que não lhes restasse o menor desejo de acompanhar outro bando de ladrões.

Quase imediatamente após o seu regresso à aldeia, Tarzan começou a fazer preparativos para conduzir uma expedição em busca das ruínas da cidade de ouro que o velho Waziri lhe descrevera. Escolheu cinquenta dos mais robustos guerreiros da tribo, recrutando-os apenas entre voluntários que queriam acompanhá-lo na longa e dura jornada, dispostos a compartilhar os perigos de uma região nova e hostil.

As fabulosas riquezas da cidade lendária tinham estado quase permanentemente no espírito de Tarzan desde que Waziri lhe narrara as estranhas aventuras da primeira expedição, que apenas por acaso encontrara as grandes ruínas. A atração da aventura era um fator tão poderoso, influenciando sobre todos os que tentassem a jornada, como a atração do ouro. Mas a atração do ouro existia também, porque ele aprendera, com os homens civilizados, todas as coisas sobre os milagres que podem ser conseguidos pelos possuidores do metal amarelo. O que ele podia fazer com uma fortuna em ouro, no coração da selva africana, era coisa em que não havia pensado – seria suficiente ter o ouro e o seu poder miraculoso, ainda que nunca tivesse a oportunidade de utilizá-lo.

Assim, numa esplendorosa manhã tropical, Tarzan - Waziri, rei dos Waziris - partiu à frente de cinquenta fortes guerreiros de ébano, em busca de aventuras e de riqueza.

Seguiram o caminho que o chefe Waziri descrevera. Durante muitos dias caminharam - subindo um rio, transpondo uma série de altas montanhas, descendo outro rio e subindo um outro - até que ao fim do vigésimo quinto dia, pararam no flanco de uma montanha, onde do alto esperavam poder avistar, pela primeira vez, a

maravilhosa cidade do tesouro, quando na manhã seguinte, escalaram a penedia vertical que constituía a última e maior das fronteiras naturais entre eles e o seu destino. Pouco passava do meio-dia, Tarzan, que ia à frente da fila de trepadores, alcançou o ponto mais alto da última e pisou o pequeno planalto. De ambos os lados se erguiam píncaros enormes, centenas de metros mais altos do que aquele que tinham acabado de transpor, para trás alongava-se a floresta, no vastíssimo vale através do qual tinham caminhado durante muitos dias, e mais além, nos confins do horizonte, as montanhas menores que marcavam os limites do território dos Waziris.

Mas em frente estava o que prendia a atenção de Tarzan. Era um vale estreito, árido, pouco fundo e desolado, onde havia apenas pequenas árvores e grandes rochedos.

E no extremo desse vale erguia-se o que parecia ser uma grande cidade, com altas muralhas, esguias torres, minaretes e cúpulas que tinham tons de amarelo e de vermelho sob a luz do sol. Tarzan estava ainda muito longe para ver os sinais de ruína - a cidade parecia-lhe maravilhosa e bela, e na sua imaginação povoava as largas avenidas e os vastos templos com uma numerosa multidão ativa e feliz.

Durante cerca de uma hora, a pequena expedição descansou no planalto, e só depois Tarzan guiou os seus guerreiros na descida para o vale. Não havia qualquer trilha, mas o caminho era menos difícil do que havia sido a subida pela face oposta da montanha. Alcançado o vale, avançaram rapidamente, de maneira que ainda havia luz quando pararam junto das altas muralhas da velha cidade.

A muralha exterior tinha pelo menos quinze metros de altura, nos lugares onde o tempo não havia deixado marcada, com ruínas, a sua inexorável passagem. Constituía ainda uma formidável defesa. Em certas ocasiões, Tarzan julgou ver vultos que se moviam por trás dos destroços arruinados, como alguém que espreitasse ao abrigo das pedras amolgadas. E várias vezes teve a sensação de olhos invisíveis que o fitavam, mas nunca pôde ter certeza de que fosse mais do que imaginação sua. Nessa noite acamparam fora da cidade. Por volta da meia-noite foram acordados por um forte grito que se fazia ouvir por trás das muralhas. Começou numa nota muito alta, para depois descer gradualmente e terminar numa série de gemidos lúgubres. Este grito teve um estranho efeito sobre os guerreiros negros, paralisando-os de terror, enquanto durou, decorreu mais de uma hora antes que se tranquilizassem e voltassem a dormir. De manhã, no entanto, os efeitos do lúgubre grito persistiam ainda, nos olhares de medo, furtivos, que os Waziris lançavam constantemente na direção da alta muralha que se erguia diante deles. Foi preciso que Tarzan os encorajasse e insistisse repetidas vezes, para evitar que os negros desistissem ali mesmo da aventura e fugissem, através do vale, para as montanhas que haviam escalado na véspera. Por fim, ameaçando-os de que entraria

sozinho na cidade, conseguiu que o seguissem.

Durante um quarto de hora caminharam ao longo da muralha, antes de descobrirem a maneira de entrar. Então encontraram uma estreita passagem, com cerca de um metro de largura. Nessa passagem havia uma série de degraus de pedra, gastos por grande uso, que subiam até desaparecer numa brusca curva, alguns metros acima.

Tarzan introduziu-se pela passagem, caminhando rápido para que os seus largos ombros não o impedissem de avançar. Os guerreiros caminhavam atrás dele.

Na curva, acima, onde os degraus terminavam havia um caminho plano embora sinuoso e cheio de voltas. Ao cabo deste, chegaram a uma espécie de estreito pátio, do outro lado do qual se erguia uma segunda muralha, tão alta como a primeira.

Essa segunda muralha estava encimada por pequenas torres, nos intervalos das quais haviam sido colocadas pedras talhadas em bico. Em vários pontos a muralha estava também em ruínas, embora se mantivesse em muito melhor estado do que a outra.

Outra estreita passagem permitia atravessar a segunda muralha, e ao transpô-la, Tarzan e os seus guerreiros viram-se numa larga avenida ao fundo da qual se erguiam edifícios em ruínas, feitos de granito cortado, escuros e sinistros. Por entre os destroços, na parte da frente, tinham crescido árvores, e as lianas e trepadeiras enrolavam-se nas janelas vazias. Mas um dos edifícios, exatamente diante de Tarzan e dos Waziris, parecia muito menos invadido pela vegetação, e encontrava-se em muito melhor estado. Era uma construção maciça, em pedra, e encimada por uma enorme cúpula. De cada lado da entrada havia filas de altas colunas, em cujo cimo se viam grotescas figuras talhadas na pedra, representando grandes pássaros estranhos.

Enquanto o filho da selva e os seus companheiros olhavam, pasmados, para a velha cidade que surgia assim no coração da África selvagem, alguns deles notaram movimento dentro do edifício para o qual olhavam. Vultos vagos e escuros pareciam movimentar-se na meia obscuridade interior.

Não havia nada de concreto, que os olhos pudessem fixar, apenas uma fantástica sugestão de vida onde parecia que podia existir vida, pois que criaturas vivas pareciam deslocadas naquela fantástica cidade morta... - resto de um passado há muito desaparecido.

Tarzan lembrou-se de uma coisa que lera numa biblioteca de Paris, sobre uma raça perdida, de homens brancos, que as lendas indígenas diziam existir ali, no interior da selva africana. Pensou se não estaria olhando para as ruínas da civilização que essa estranha gente erguera no ambiente selvagem do continente

Negro. Seria possível que sobreviventes da raça perdida habitassem ainda as ruínas da grandeza que fora dos seus antepassados?

Mais uma breve sensação de movimentos furtivos no interior do edifício, talvez um templo, que se erguia diante dele.

- Venham! - disse ele aos Waziris. - Vamos ver o que há por trás destas ruínas!

Os homens hesitaram, mas quando viram Tarzan transpor, na frente deles, o escuro portal, seguiram a alguns passos de distância, num passo que significava que o terror dificilmente fora dominado. Um grito, como aquele que tinham ouvido na noite anterior, bastaria para os fazer fugir em pânico, correndo doidamente para a estreita passagem que conduzia, através das muralhas, para o mundo exterior.

Quando entrou, Tarzan teve a nítida sensação de que muitos olhos o observavam.

Ouviu um rumor de pés descalços vindo de um corredor próximo e iria jurar ter visto dedos humanos, que largavam a aresta de uma abertura acima dele, que comunicava com a cúpula da rotunda onde se encontrava.

O chão da grande sala circular era de pedra e as paredes de granito cobertas de relevos representando estranhas figuras de homens e de feras. Em vários pontos, placas de metal amarelo pareciam solidamente fixadas nas paredes. Aproximando-se de uma dessas placas, Tarzan viu que era feita de ouro e continha numerosos hieróglifos. Além daquela primeira sala havia outras, e na parte de trás do edifício alongavam-se grandes janelas. Tarzan atravessou várias das salas, encontrando muitas provas da fabulosa riqueza dos seus construtores de outros tempos. Numa das câmaras havia sete colunas de ouro maciço, e numa outra era o chão que havia sido feito com o precioso metal.

Enquanto Tarzan ia avançando, seguido de perto pelos Waziris num grupo assustado, estranhos vultos pareciam pairar de ambos os lados, em frente e atrás deles, embora nunca bastante perto para que os visitantes pudessem ter certeza de que não estavam sós.

A tensão, todavia, ia agindo sobre os nervos dos Waziris.

Suplicaram a Tarzan que voltasse para fora, para a luz do sol. Disseram que nada de bom podia resultar daquela expedição, porque as ruínas eram assombradas pelos espíritos dos mortos que ali haviam habitado.

- Eles nos espreitam, ó rei! - sussurrou Busuli. - Estão à espera até nos atraírem para o fundo dos fundos da sua fortaleza e então cairão sobre nós e nos rasgarão com os dentes. É assim que fazem os espíritos, sempre. A mãe de meu tio, que conhece todos os feitiços, disse-me muitas vezes.

- Voltem para o sol, guerreiros... - Respondeu Tarzan, rindo. - Eu irei quando tiver

revistado estas ruínas de uma ponta à outra, e tiver encontrado o ouro ou verificar que não há mais além deste que vimos. Pelo menos poderemos levar as pedras das paredes, já que as colunas são pesadas demais para que se possam transportar ou sequer arrancar. Mas encontrarei as grandes arcas cheias do ouro que poderemos transportar facilmente. Agora para o ar livre, onde poderão respirar à vontade.

Alguns dos guerreiros dispuseram-se a obedecer, alegremente, mas Busuli e um punhado de outros hesitou em partilhar entre a dedicação e o afeto, e o supersticioso terror do desconhecido. Então, inesperadamente, aconteceu o que veio decidir a questão e pôr ponto final a todas as hesitações, no silêncio do templo em ruínas surgiu, muito perto, o mesmo grito medonho que tinham ouvido na véspera. Apavorados, os negros fugiram, aos saltos através das grandes câmaras vazias do fantástico edifício de outras eras. Tarzan ficou onde estava, com um duro sorriso nos lábios - esperando os inimigos que, tinha a certeza, iam cair sobre ele. Mas o silêncio pesou de novo, apenas perturbado pelo furtivo rumor de pés descalços que se moviam em redor, e então o filho da selva continuou a avançar para o interior do templo.

Caminhou de sala em sala, até chegar a uma na qual havia ainda uma pesada porta trancada. Quando apoiou um ombro contra o batente, decidido a forçar a passagem, mais uma vez o grito agudo se fez ouvir, como um aviso, quase junto dele. Era evidente que estava sendo observado, e que queriam impedi-lo de entrar naquela câmara fechada. Seria ali que estava o segredo do tesouro?

De qualquer modo, o próprio fato dos estranhos e invisíveis guardas, daquele fantástico templo, terem alguma razão para não querer que ele entrasse ali, bastou para que Tarzan ficasse mais que nunca decidido a entrar... derrubando a porta. Assim, embora o grito fosse repetido muitas vezes, manteve a pressão do ombro até que os velhos gonzos cederam ante a sua força.

Dentro da câmara fechada havia uma escuridão total, como um túmulo. Nenhuma janela deixava entrar o mais tênue raio de luz, e porque o corredor, atrás, estava também mergulhado na quase completa escuridão, mesmo a porta aberta não permitia ver o interior. Tateando o chão com a extremidade da sua lança, Tarzan entrou. De repente, a porta, oscilando nos gonzos, fechou-se atrás dele, ao mesmo tempo em que dezenas de mãos o agarraram nas trevas.

Tarzan lutou com a fúria selvagem do instinto de defesa, apoiada na sua imensa força. Mas, embora sentindo que os seus golpes acertavam, que os seus dentes rasgavam carne, parecia que sempre mais pares de mãos substituíam as que ele repelia.

E derrubaram-no e, devagar, muito devagar, dominavam-no pela ação do número e do peso. Então amarraram-no - as mãos nas costas e os pés puxados para trás,

ligados às mãos. Tarzan não ouvira qualquer som além do ruído da porta e da respiração ofegante dos seus atacantes. Não sabia que espécie de criaturas o haviam aprisionado, mas que eram criaturas humanas parecia evidente, visto que o tinham amarrado.

Levantaram-no do chão e, o puxando e empurrando, saíram da sala mergulhada em escuridão por uma porta que conduzia a um pátio interior do templo, Tarzan pôde ver os seus captores. Deviam ser talvez uma centena, baixos e fortes, com barbas que lhes cobriam a cara e desciam sobre o peito peludo. O cabelo espesso nascia pouco acima das hirsutas sobrancelhas, e pendia sobre os ombros e pelas costas. As pernas tortas eram curtas e grossas, os braços compridos e musculosos. Em volta dos rins usavam peles de leopardo e de leão, e suspensos do pescoço traziam compridos colares feitos com as garras dos mesmos animais.

Argolas de ouro virgem ornavam-lhes os braços e as pernas. Como armas, tinham sólidos porretes nodosos, e nos cintos, que seguravam a única peça de vestuário, traziam compridas facas. Mas o que mais impressionou Tarzan foi ver que eram brancos de pele - nem na cor, nem nos rostos, nada tinham das feições dos negros. E todavia, com as testas curvas e fugidias, os olhos pequenos e muito juntos, e os grandes dentes amarelados, estavam longe de possuir qualquer espécie de beleza.

Durante a luta, e a caminho do pátio, nenhuma palavra havia sido pronunciada, mas agora alguns deles emitiam sons guturais, monossilábicos, numa espécie de linguagem que Tarzan desconhecia. Deixaram-no estendido no chão do pátio e, trotando sob as curtas pernas, desapareceram em outra parte, do templo.

Estendido de costas, Tarzan pôde ver que o templo cercava completamente o pátio, e que de todos os lados se erguiam altas muralhas. Em cima, pôde ver também uma pequena mancha de céu azul, em outra direção, através de uma pequena abertura, podia distinguir folhagem verde, sem todavia saber se as árvores cresciam no interior ou no exterior do templo.

Em redor do pátio, desde o chão até acima, havia séries de galerias abertas, e de vez em quando o prisioneiro via de relance olhos brilhantes que espreitavam por entre massas de cabelos escuros.

Tarzan experimentou brandamente a resistência das cordas que o prendiam, e conquanto não tivesse certeza pareceu-lhe que não seriam bastante fortes para resistir aos seus poderosos músculos, quando chegasse o momento de tentar recuperar a liberdade. Mas não ousava fazer uma tentativa mais decisiva antes que caísse a noite, ou sentisse que já não o vigiavam.

Estava ali havia várias horas quando os primeiros raios do sol entraram pela abertura em cima, espécie de boca de poço.

Quase simultaneamente ouviu o bater de pés nus, nos corredores em volta... Um momento depois as galerias enchiam-se de faces astutas e estranhas, enquanto cerca de duas dezenas de homens invadiam o pátio. Durante alguns instantes todos os olhos se voltaram para o sol do meio-dia, e então os que estavam nas galerias, assim como os que estavam em baixo, entoaram em coro um cântico estranho. Não tardou para que comesçassem a dançar na cadência solene, em volta de Tarzan. Giravam devagar, em círculo, e a maneira como dançavam fazia irresistivelmente pensar em ursos, desajeitados e pesados. Não olhavam para o prisioneiro. Os olhos, pequenos e juntos fitavam o sol.

Por dez minutos, ou mais, continuaram o cântico e a dança, monótonos e estranhos. Depois, de repente, todos ao mesmo tempo, voltaram-se para Tarzan, movendo os nodosos porretes e soltando terríveis gritos, enquanto contorciam as feições, de diabólica maneira. E lançaram-se sobre o preso. No mesmo momento um vulto de mulher surgiu entre eles, e brandindo um porrete semelhante aos dos outros - mas feito de ouro – começou a bater-lhes...

CAPÍTULO 20

La

Por alguns momentos, Tarzan pensou que, por algum compreensível capricho do destino, surgia um milagre para salvá-lo. Mas, ao compreender com que facilidade a moça, sozinha, fizera recuar os vinte monstros - e quando, um momento depois, os viu retomarem a sua dança enquanto ela lhes falava em tom monocórdio, com todas as aparências de palavras rituais - chegou à conclusão de que tudo aquilo fazia parte da cerimônia de que ele era a figura central.

Pouco depois, a jovem tirou um punhal do cinto, e, debruçando-se sobre Tarzan, cortou as cordas que o prendiam.

Os homens interromperam a dança e aproximaram-se, enquanto ela fazia sinal ao prisioneiro para se levantar. Colocou em volta do pescoço de Tarzan as cordas que lhe haviam imobilizado as pernas - as que lhe prendiam as mãos haviam sido cortadas - e conduziu-o através do pátio. Os homens seguiam em fila, dois a dois. Através de tortuosos corredores a moça caminhou, guiando o grupo e internando-se cada vez mais nas profundidades do templo, até que chegaram a uma grande sala no centro da qual se erguia um altar.

Então Tarzan compreendeu a estranha cerimônia que precedera a sua introdução naquele recinto sagrado. Caíra em poder dos descendentes dos antigos adoradores do Sol. A aparente libertação, por uma acolita da grande sacerdotisa do sol, tinha sido apenas uma parte do ritual - o sol a olhá-lo pela abertura no alto do pátio reclamara-o como coisa sua e a mulher chegara no momento de livrá-lo das mãos profanas para o entregar, em sacrifício, à divindade luminosa. Se precisasse de outras provas da exatidão da idéia, bastava-lhe olhar as manchas acastanhadas na pedra do altar e no chão em volta, ou contemplar os crânios que pareciam rir no fundo de impenetráveis nichos ao longo das altas paredes.

A jovem guiou a vítima propiciatória até aos degraus do altar. As galerias, em cima, encheram-se de espectadores, enquanto, através de uma passagem em arco, no lado Leste da sala, um cortejo de mulheres entrou, lentamente. Tal como os homens, usavam apenas em volta dos rins peles de animais selvagens, presas com tiras de couro cru, ou com correntes de ouro. Mas os cabelos negros estavam cobertos por um toucado feito de peças de ouro circulares ou engenhosamente ligadas para formar uma espécie de touca de metal, de ambos os lados da qual pendem longas tiras de peças de ouro ovais, que descem até à cintura e emoldurando a cabeça.

As mulheres eram mais bem proporcionadas do que os homens, as suas feições muito mais perfeitas, o feitio da cabeça e os grandes olhos, negros e macios,

revelando muito maior inteligência e humanidade do que deviam ter os seus companheiros.

A sacerdotisa trazia duas taças de ouro, e quando se alinharam a um dos lados do altar, os homens alinharam do outro lado e cada qual veio buscar uma das taças às mãos da mulher que estava na sua frente. Então o lento e monótono cântico recomeçou – até que outra mulher surgiu, vinda através de uma escura passagem que se abria atrás do altar.

Tarzan pensou que devia ser aquela a grande sacerdotisa. Era uma mulher jovem, com uma face inteligente e bonita. Os seus ornamentos eram semelhantes aos das suas acolitas, mas mais ricos, e muitos deles estavam cravejados de diamantes. Os braços nus, e as pernas, ficavam quase escondidos sob os ornamentos de ouro e pedras preciosas. A pele de leopardo estava segura por uma cinta justa, feita de arcos de ouro, dispostos em caprichosos desenhos ornados de brilhantes. Trazia na cinta uma comprida faca em cujo punho havia também diamantes, e na mão, em vez do porrete feito de ouro, empunhava uma delgada vara.

Quando ela se aproximou, vinda do lado de trás do altar, os cânticos cessaram. Os sacerdotes e sacerdotisas se ajoelharam, enquanto ela erguia sob as suas cabeças a vara que empunhava, e recitava uma longa oração, monótona e arrastada. Tinha voz doce e musical - e Tarzan dificilmente compreendia que uma mulher com tal voz pudesse, dentro de momentos, transformar-se, num transe fanático, num carrasco sedento de sangue com a faca tingida de vermelho, e ser a primeira, a beber o sangue quente da vítima, pela taça de ouro que estava diante do altar.

Quando acabou de recitar a oração, a mulher dirigiu-se a Tarzan pela primeira vez. Examinou-o dos pés à cabeça, com surpreendida curiosidade. Então falou, e quando acabou ficou imóvel, como à espera de uma resposta.

- Não compreendo a tua língua... - disse Tarzan. – Não poderemos falar de outra maneira?

Vendo que ela não entendia, Tarzan tentou as línguas e os dialetos que conhecia: o francês, o latim, o árabe, a linguagem dos Waziris e até o dialeto híbrido dos negros da Costa Ocidental. Mas ela abanou a cabeça e, com o que pareceu uma expressão de tristeza, deu ordem para que o ritual continuasse.

Então os sacerdotes voltaram a girar em círculo, numa repetição da sua desajeitada dança. Cessaram finalmente, a uma ordem da grande sacerdotisa que, no entanto, ficara imóvel olhando atentamente para Tarzan. A um sinal dela, os homens lançaram-se sobre Tarzan e erguendo-o, estenderam-no de costas sobre o altar, a cabeça pendente de um dos lados, as pernas pendentes do outro. Então sacerdotes e sacerdotisas formaram em duas filas, cada qual segurando a taça de ouro para

apanhar o sangue da vítima logo que a faca dos sacrifícios lhe tivesse cortado a garganta.

Provocada pelos sacerdotes, surgiu uma briga quando dois deles quiseram ocupar o primeiro lugar. Um dos homens, um vigoroso bruto cuja cara feroz denunciava uma inteligência de chimpanzé, empurrou o outro, menor, para o segundo lugar, mas o menor apelou para a grande sacerdotisa que, num tom frio e imperioso, mandou o primeiro para o fim da fila.

Tarzan ouviu-o grunhir e resmungar, enquanto ele se afastava lentamente.

Então, debruçada sobre Tarzan, a mulher começou a recitar o que ele pensou ser uma invocação, enquanto erguia vagarosamente a comprida e aguda faca. Tarzan teve a impressão de que o movimento se prolongava durante horas, mas não tardou para que a faca descesse, com a mesma lentidão, sobre a sua garganta... Entretanto o sacerdote castigado continuava a grunhir, cada vez mais alto. A grande sacerdotisa deteve-se e olhou para ele, como para manifestar o seu desagrado pela interrupção sacrílega...

E nesse momento o bruto, enfurecido, ergueu o seu rijo porrete e vibrou uma pancada forte sobre a mulher que estava a seu lado, na outra fila, esmigalhando-lhe a cabeça. Aconteceu o que Tarzan tinha visto centenas de vezes entre os habitantes da selva, o que ele vira acontecer a Kerchak, e a Terkoz, e até mesmo a Tantor, o elefante, era entre os machos adultos dos grandes animais, a quem isso acontecia algumas vezes... O sacerdote, endoidecido, começou a bater raivosamente nos outros.

Os seus gritos de fúria eram terríveis, enquanto saltava para um lado e para o outro, desferindo poderosos golpes com o seu enorme porrete, ou cravando os dentes nas suas vítimas. A grande sacerdotisa parecia paralisada pelo pavor, olhando o louco furioso, que espalhava a morte à sua volta. Por fim a grande sala ficou deserta, exceto, quanto aos mortos ou moribundos caídos no chão, e a vítima propiciatória sobre o altar, a grande sacerdotisa e o insano. O louco encaminhou-se lentamente para a mulher, mas agora tinha começado a falar... Tarzan surpreendeu-se ao entender o que ele dizia.

Pois que falava a única linguagem que ele não usara para comunicar com criaturas humanas - a linguagem dos antropóides... E a mulher respondia na mesma linguagem, o homem ameaçava, a mulher tentava acalmá-lo porque sabia que ele já não obedeceria a ordens... O homem aproximava-se sempre, estendendo as mãos para ela...

Tarzan exerceu um poderoso esforço dos seus músculos, contra as cordas que lhe prendiam os braços. Apavorada, a grande sacerdotisa não viu isto e quando o louco

saltou sobre ela, Tarzan distendeu bruscamente às cordas, que cederam. O grande impulso desequilibrou Tarzan, que rolou no chão de pedra. Mas levantou-se no mesmo instante e de mãos livres, o louco e a mulher tinham desaparecido, mas Tarzan ouviu um ruído de luta que vinha do outro lado do altar, da passagem por onde a grande sacerdotisa entrara.

Sem pensar em si mesmo, na possibilidade de fuga que lhe surgia em consequência do acaso, Tarzan saltou em socorro da mulher. Numa fração de segundo alcançou a estreita passagem e precipitou-se por uma série de degraus, que não sabia aonde iam dar. A escassa luz que vinha de cima mostrou-lhe uma sala grande, de teto abobadado e baixo, para a qual abriam várias portas que conduziam a outras câmaras mergulhadas em densa escuridão - e mostrou-lhe também o poder do louco, que derrubara a mulher e lhe apertava o pescoço, ferozmente, enquanto ela se debatia em vão.

Quando a mão de Tarzan caiu pesadamente sobre um ombro do doido, este largou a sua vítima e voltou-se para enfrentar o intruso. O insano adorador tinha naquele instante a força decuplicada dos doidos furiosos e a mesma incapacidade de raciocinar.

Na sua fúria, havia-se transformado num animal selvagem e esquecera a faca que lhe pendia do cinto, para lutar apenas com as unhas e os dentes, as suas armas naturais.

Mas agora enfrentava alguém que conhecia melhor do que ele aquela forma de luta. Tarzan agarrou-o e ambos rolaram pelo chão, batendo-se como os gorilas. A grande sacerdotisa encostara-se em uma das paredes e, lívida de pavor, olhava aquele combate entre duas feras.

Por fim viu o estrangeiro agarrar com poderosas mãos o pescoço do louco, e vibrar grandes golpes com a mão livre, usando o punho com a força destruidora de um martelo. Um momento depois Tarzan deixou cair o corpo inerte, e sacudiu-o como um leão. Colocando um pé sobre o inimigo derrubado, ia soltar o grande brado de vitória. Mas viu a mulher, olhou para a escada que conduzia à sala dos sacrifícios humanos, e calou-se.

A grande sacerdotisa imobilizada pelo terror perante a luta, começava agora a pensar que escapara das mãos do louco, para cair nas mãos de quem, pouco antes estivera prestes a morrer.

Olhou em volta, procurando um meio de fuga. Esboçou um movimento para se lançar na direção do escuro corredor. No mesmo instante, porém, Tarzan saltou diante dela e pousou-lhe uma das mãos num braço, sem violência.

- Espere! - disse ele, usando a linguagem própria de Kerchak.

A mulher olhou-o, espantada.

- Quem é você? - sussurrou – Como fala a língua dos primeiros homens?

- Sou Tarzan dos Macacos.

- Que quer de mim? - perguntou ela. – Por que me salvou das garras de Tha.

- Não posso ver assassinar uma mulher.

- Mas que quer fazer de mim, agora?

- Nada. - respondeu Tarzan - mas você pode fazer alguma coisa por mim, pode me guiar para fora, para a liberdade.

Lançara a sugestão sem supor sequer que ela aceitasse. Tinha certeza de que, se pudesse fazer a sua vontade, a mulher continuaria o sacrifício no ponto em que fora interrompido.

Mas tinha também a certeza de que, com os braços livres e de posse de uma comprida faca, esse sacrifício seria uma tarefa bastante difícil de levar a cabo. A mulher olhou-o longamente, antes de falar. Por fim disse em voz baixa:

- Você é um homem maravilhoso. Um homem como eu vi sempre nos meus sonhos, desde que sou criança. Um homem como eu penso que foram meus antepassados. A grande raça que construiu esta cidade num mundo selvagem para poder arrancar das entranhas da terra a fabulosa riqueza à qual sacrificava a sua civilização distante. Não compreendo por que razão me salvou, nem por que motivo, tendo-me em seu poder não quer vingar-se por eu haver te condenado à morte, por ter estado prestes a matá-lo com as minhas próprias mãos.

- Penso... - respondeu Tarzan - Que você apenas colocava em prática os ensinamentos da tua religião. Seja qual for a idéia que faço de tuas crenças, não posso censurá-la. Mas quem é você, e quem é esta gente?

- Eu sou La, grande sacerdotisa do Templo do Sol, na cidade de Opar. Somos descendentes de um povo que veio para este mundo selvagem há cerca de dez mil anos, em busca de ouro. As cidades do nosso povo estendiam-se desde o mar que vê o sol nascer, até ao outro mar onde o sol desce à noite, para regressar. Eram pessoas de grande poder e riqueza, viviam aqui, nos seus magníficos palácios, alguns meses do ano. O resto do tempo passavam no seu país, muito longe daqui, para o Norte. Muitos navios iam e vinham, entre este novo mundo e o outro. Durante a estação das chuvas poucos habitantes aqui ficavam, apenas aqueles que vigiavam o trabalho dos escravos negros, nas minas e os mercadores que tinham de ficar para prover às suas necessidades, e os soldados que guardavam as cidades e as minas.

- Foi numa dessas vezes que aconteceu a grande calamidade. Quando chegou o tempo em que milhares dos nossos deviam voltar, mas ninguém voltou. Durante

semanas, os que tinham ficado continuaram esperando. Depois enviaram uma grande galera, para saber por que razão ninguém vinha da pátria-mãe. Embora a galera navegasse durante muitos meses, não encontraram vestígios da nossa poderosa e rica terra, - havia incontáveis anos, nascera a sua civilização. Toda essa terra desaparecera no mar.

- Desde então começou o declínio do meu povo. Desencorajados e tristes, os sobreviventes tornaram-se presa fácil tanto para as hordas de negros do norte como para as do sul. Uma a uma as cidades foram abandonadas ou dominadas. E invadidas pela selva. Os últimos foram finalmente obrigados a refugiar-se nesta fortaleza das montanhas.

Lentamente foram decaindo, em poder, em glória, em inteligência, em número e agora não somos mais do que uma pequena tribo de macacos... De fato, os macacos vivem conosco, têm vivido sempre desde há centenas ou milhares de anos.

- Nós chamamos-lhes os primeiros homens, e falamos a língua deles, tanto ou mais do que a nossa. Só nos rituais do templo nos temos esforçado por manter a nossa língua, mas com o tempo ela também será esquecida e falaremos apenas a linguagem dos macacos.

Com o tempo deixaremos de expulsar aqueles da nossa tribo que cruzam com os macacos, e assim, com o tempo, teremos percorrido, ao contrário, o caminho da humanidade. Seremos apenas antropóides.

- Mas por que razão você é mais humana do que os outros? - perguntou Tarzan.

- Não sei por que as mulheres não se tornaram selvagens tão rapidamente como os homens. Talvez porque só os tipos de raça menos pura se encontravam aqui quando se deu a grande catástrofe. Ao passo que os templos estavam cheios com as mais nobres filhas da nossa raça. A minha ascendência permaneceu mais pura do que o resto, e que, desde tempos perdidos no tempo, as minhas avós foram grandes sacerdotisas – o sagrado encargo passa de mãe para filha. Os nossos maridos são escolhidos por nós, entre os mais nobres da terra. O homem mais perfeito, física e mentalmente, é escolhido para ser marido da grande sacerdotisa.

- Pelo que eu vi a respeito desses senhores - disse Tarzan, sorrindo - não deve ser difícil escolher entre eles.

A mulher fitou-o, com uma expressão interrogativa. Por fim disse:

- Estás sendo sacrílego. Eles são sacerdotes.

- Então há outros mais agradáveis, e mais bonitos...

- Os outros são mais feios do que os sacerdotes... - respondeu a mulher.

Tarzan estremeceu ao pensar no destino dela, mesmo na luz escassa podia ver que

era bela.

- E quanto a mim... - perguntou, bruscamente. – Vai conduzir-me para a liberdade?

- Você foi escolhido pelo deus da luz. - respondeu La, solenemente. - Nem mesmo eu terei o poder de salvá-lo, se voltarem a encontrar-te. Mas não quero que te encontrem. Arriscou a sua vida para salvar a minha, farei o mesmo por você! Não vai ser fácil. Pode demorar dias, mas penso que conseguirei conduzi-lo até fora das muralhas. Venha. Não tardarão a vir procurar-me e se nos encontrarem juntos, ambos estamos perdidos, me matarão se pensarem que fui falsa para o Deus...

- Não deve então arriscar-se. - respondeu Tarzan, prontamente. - Voltarei ao templo, e se puder abrir caminho, lutando, nenhuma suspeita cairá sobre você.

Mas ela não quis e por fim conseguiu convencê-lo que a seguisse, dizendo que já se tinha demorado bastante tempo para evitar que as suspeitas a alvejassem, no caso de voltarem ao templo.

- Se eu te esconder e voltar sozinha, direi que perdi os sentidos depois que você matou Tha. Não sei como escapou.

Levou-o ao longo de corredores tortuosos e sombrios, até uma pequena câmara que apenas recebia luz através de uma diminuta grade no teto.

- Esta é a Câmara dos Mortos... - disse ela - Ninguém pensará em vir procurá-lo aqui, não se atreveriam. Eu virei, quando for noite. Então talvez tenha encontrado um plano de fuga.

La desapareceu. E Tarzan ficou sozinho na câmara dos Mortos, debaixo da cidade morta de Opar.

CAPÍTULO 21

Os naufragos

Clayton sonhou que estava bebendo água. Água muito pura e fresca, em profundos goles. Com um sobressalto, retomou consciência de si mesmo. Viu que estava encharcado pela chuva que caía em torrentes sobre o seu corpo e seu rosto. Um forte aguaceiro tropical desabara sobre eles. Abriu a boca e bebeu.

Sentia-se tão reanimado que teve forças para se erguer sobre as mãos. Por cima das suas pernas, de bruços, inanimado, estava Thuran. A curta distância, Jane Porter era um pequeno vulto patético no fundo do bote. Estava imóvel, e Clayton pensou que estava morta.

À custa de grandes esforços conseguiu libertar-se do peso de Thuran, e com renovadas forças rastejou na direção da jovem.

Ergueu-lhe a cabeça. Talvez que houvesse ainda vida naquele pobre corpo vencido pela fome. Não podia abandonar toda a esperança, pegou num trapo encharcado e espremeu preciosas gotas de água entre os lábios inchados daquela espécie de espectro - que apenas uns dias antes resplandecia de vida e de radiosa beleza.

Durante longos minutos não houve qualquer sinal de reação, mas por fim os esforços de Clayton foram compensados por um leve tremor das pálpebras semi-cerradas. Clayton afagou as pequenas mãos de Jane, forçou mais algumas gotas de água pela garganta ressequida. A jovem abriu finalmente os olhos e fitou-o durante longos momentos, antes de se lembrar de onde estava.

- Água... - murmurou. - Estamos salvos?

- Está chovendo, ao menos podemos beber, nós acordamos do sono que precede a morte.

- E Thuran? - perguntou ela. - Ele... - Vejo que o matou... Ele está morto?

- Não sei... - respondeu Clayton. - Se estiver vivo a chuva o reanimará... - calou-se de repente, pensando, tarde demais, que não devia aumentar os horrores

Que a jovem já havia suportado. Mas Jane adivinhou o que ele ia dizer. Perguntou: - Onde está ele?

Clayton indicou, com um gesto, o vulto prostrado do russo. Por momentos nenhum deles voltou a falar.

- Vou ver se consigo reanimá-lo... - disse Clayton, por fim.

- Não... - sussurrou Jane. - Ele vai querer matá-lo quando a água lhe der forças,

Se está morrendo, deixe-o morrer. Não me deixe ficar no barco junto com esse homem...

Clayton hesitou. A consciência dizia-lhe que devia tentar reanimar Thuran mas era também possível que o russo já estivesse para além de qualquer possibilidade de socorro. Não era desonroso esperar que assim fosse. Estava sentado, travando uma luta íntima, quando levantou os olhos e, num impulso, pôsse de pé, soltando um grito de alegria.

- Terra, Jane! - quase conseguiu gritar, por entre os lábios gretados. - Graças a Deus! Terra!

Jane olhou também. A talvez menos de cem metros de distância estava uma praia de areia amarela e mais atrás a luxuriante selva tropical.

- Agora pode reanimar Thuran... - murmurou a jovem, que também se debatia com a sua consciência desde que evitara que Clayton socorresse o russo.

Foi preciso quase meia hora de esforços para que o russo abrisse os olhos e só algum tempo depois conseguiram fazê-lo compreender o que acontecera. Nessa altura, levado pela corrente, o barco já deslizara na areia da praia.

A água que bebera, e o estímulo da esperança recuperada, deram a Clayton forças para se deixar escorregar para a água e puxar o bote, por uma corda que conseguiu amarrar a um tronco. A maré estava cheia, e o inglês receava que, quando ela descesse, o bote os levasse outra vez para o mar. Depois, durante algumas horas, pelo menos, não teve forças para trazer Jane para terra.

A seguir conseguiu ainda cambalear na direção da selva, onde via abundância de frutos tropicais. A sua experiência anterior na floresta de Tarzan, ensinara-lhe quais, entre as muitas espécies que podia ver, eram comestíveis. Após cerca de meia hora de ausência, voltou com um pequeno prato de comida. A chuva cessara, e o sol em brasa caía tão intensamente sobre ela que Jane insistiu em fazer uma tentativa imediata para alcançar a praia. Um pouco revigorados pela comida que Clayton trouxera, os três conseguiram chegar à sombra esparsa da pequena árvore cujo tronco Clayton amarrara a corda do escaler. Aí, completamente exaustos, estenderam-se no chão para descansar, dormindo até o dia seguinte.

Durante um mês viveram na praia, em relativa segurança. Quando recuperaram as forças, os dois homens construíram um tosco abrigo entre os galhos na árvore, a bastante altura do chão para ficar fora do alcance dos grandes animais de presa. De dia colhiam frutos e apanhavam pequenos roedores, de noite estendiam-se no seu precário refúgio, enquanto as feras transformavam em pesadelo o chão em volta. Dormiam sobre camadas de capim e para se cobrirem durante as noites Jane tinha apenas o velho impermeável que pertencia a Clayton, o mesmo que levava durante a

memorável viagem aos bosques do Winsconsin. Clayton havia instalado um frágil tabique de ramos para dividir o estrado, sobre a árvore e dividiu-a em dois compartimentos - um para Jane e o outro para ele e para Thurán.

Desde o primeiro dia o russo exibira todas as características da sua maneira de ser - arrogância, egoísmo, maldade, covardia e atrevimento. Por diversas vezes Clayton tivera de andar à pancada com ele por causa da sua atitude em relação à jovem. Clayton não se atrevia a deixar Jane sozinha com o russo por pouco tempo que fosse. A existência do inglês e da moça americana era um pesadelo constante - e no entanto viviam, na esperança de serem finalmente socorridos.

Os pensamentos de Jane concentravam-se por vezes na sua experiência anterior. Se o invencível homem da selva estivesse com eles, como nesse passado distante, não teriam de reear as feras e ela nada teria a temer da bestialidade do russo.

Era-lhe impossível não comparar a débil proteção de Clayton com a que lhe teria dado Tarzan, se ali estivesse e visse a atitude sinistramente ameaçadora do russo...

Certa vez, quando Clayton se afastara por instantes, a fim de ir buscar água no rio, e o russo lhe falara com rudeza, Jane disse-lhe o que pensava...

- É sorte para você, Sr. Thurán, que o pobre monsieur Tarzan, que se perdeu no barco onde o senhor viajava com a senhorita Strong, não esteja agora aqui.

- Você conheceu esse porco? - perguntou Thurán, desdenhoso.

- Conheci esse homem... - respondeu ela - creio que foi o único homem verdadeiro que conheci em minha vida.

Houve qualquer coisa, na voz dela, que fez com que o russo lhe atribuísse um sentimento mais forte que simples amizade, para com o seu inimigo, aproveitou a ocasião para exercer ainda um resto de vingança contra o homem que supunha morto, maculando a memória dele.

- Era pior do que um porco. - exclamou - Porque era um cínico e um covarde.

Para escapar da cólera do marido de uma senhora a quem insultara, mentiu miseravelmente, lançando sobre ela toda a culpa. Como isso não deu o resultado que esperava, fugiu da França para que o marido não o matasse. Por isso estava a bordo do navio onde senhorita Strong e eu viajavamos também. Sei o que digo, porque a mulher de quem falo é minha irmã. Agora, uma coisa lhe posso dizer, que nunca disse a ninguém - o seu valente monsieur Tarzan atirou-se ao mar porque eu o reconheci e lhe exigi uma explicação pelas armas, teríamos lutado com facas no próprio camarote...

Jane Porter riu, respondendo:

- Acha mesmo que qualquer pessoa que o conheça, e conheça monsieur Tarzan,

pode acreditar em semelhante história?

- Então por que razão viajava ele com um nome falso? - perguntou o russo.

- Não o acredito!. - bradou Jane...sem que pudesse lembrar-se que Hazel Strong realmente conhecera Tarzan sob o nome de John Caldwell.

Mas cinco milhas ao norte do ponto onde eles estavam, sem que eles soubessem e praticamente tão longe como se estivessem separados por milhares de milhas de selva, estava a pequena barraca de Tarzan. E curtas milhas além da barraca, em abrigos toscos mas bem construídos, vivia o grupo formado por dezoito pessoas - os ocupantes dos outros três escaleres do Lady Alice, dos quais o escaler deles se afastara.

Sobre um mar tranqüilo, os tripulantes desses escaleres haviam alcançado terra em três dias. Não haviam sentido nenhum dos horrores do naufrágio e embora deprimidos pelo desgosto, e sofrendo o choque conseqüente à catástrofe e aos duros trabalhos da nova existência a que não estavam habituados, nenhum deles fora excessivamente atingido pela experiência.

Animava-os a esperança de que o quarto escaler tivesse sido recolhido por algum navio, e dele fossem ordenadas buscas ao longo da costa.

Como todas as armas e munições do iate haviam sido colocadas no bote de Lorde Tennington, o grupo estava bem equipado para se defender e para caçar.

A única ansiedade imediata era causada pelo professor Arquimedes Q. Porter. Tendo estabelecido no seu espírito a certeza de que a filha fora recolhida a bordo de um navio, pôs de lado todas as prevenções a respeito dela e devotou o seu cérebro ao dos científicos e abstratos problemas que considerava a única ocupação digna de um homem da sua erudição. Tudo o mais lhe era desinteressante e inútil.

- Nunca. - confessou o exausto Sr. Philander, dirigindo-se a Lorde Tennington – o professor Porter está tão difícil, pode-se dizer impossível. Esta manhã, quando fui obrigado a abandonar a minha vigilância durante uma breve meia hora, ele desapareceu. E, Deus seja louvado! Sabe onde fui encontrá-lo, sir? A meia milha de distância, no mar, vagando num dos escaleres. Não sei mesmo como conseguiu afastar-se tanto, porque tinha só um remo e navegava em círculos. Quando um dos marinheiros me levou em outro escaler, o professor zangou-se comigo ante a minha sugestão de voltarmos para terra. Disse-me:

"- Surpreende-me muito, Sr. Philander, que você, um letrado, tenha a ousadia de querer obstar ao progresso da ciência! Deduzi, pela observação aturada que tenho vindo a fazer, nas noites tropicais, de certos fenômenos astronômicos, uma hipótese inteiramente nova que revolucionará o meio científico. Preciso consultar uma excelente monografia sobre a teoria de Laplace, que pertence a um colecionador

particular, em Nova Iorque. A sua interferência, Sr. Philander, será causa de uma irremediável demora, porque eu ia exatamente consultar essa monografia."

- E foi com grande dificuldade... - concluiu o pobre Sr. Philander - que consegui convencê-lo a regressar sem ter de usar a força.

Miss Strong e a mãe mostraram-se muito corajosas perante a adversidade embora não tivessem aceitado tão facilmente como os outros a teoria de que Jane, Clayton e Thuran haviam sido recolhidos por um navio. Esmeralda chorava constantemente, lamentando a sorte cruel que a separara da sua querida menina.

A natureza boa e jovial do caráter de Lorde Tennington não o abandonou um só instante, continuava a ser, mesmo em tão duras circunstâncias o anfitrião atento ao conforto dos seus convidados. Com os tripulantes do seu iate permanecia o capitão justo mas firme - na selva, como a bordo do Lady Alice nunca houve a menor discussão sobre a pessoa a quem pertencia a autoridade e a última palavra em todas as questões de importância, e em todas as emergências que exigiam uma fria e inteligente direção.

Se aquele grupo bem organizado e relativamente seguro, de náufragos, tivesse podido ver os andrajosos e apavorados companheiros de viagem que estavam apenas algumas milhas ao Sul, dificilmente os teriam reconhecido.

Clayton e Thuran estavam quase nus, depois de rasgarem as roupas nos espinhos e na espessa vegetação entre a qual eram obrigados a procurar, com dificuldade crescente, os seus alimentos. Jane Porter, evidentemente, não havia sido exposta a estas expedições, mas o seu vestido estava em condições deploráveis.

À falta de melhor ocupação, Clayton pusera cuidadosamente de lado todas as peles de todos os novos animais que conseguia caçar. Esticando-as ao sol, entre ramos de árvores, e esfregando-as, raspando-as diligentemente, mantinha-as em condições relativamente boas - e agora que andava quase nu, havia começado a fazer, com essas peles, uma espécie de vestuário, servindo-se de um espinho, como agulha, e usando como linha pedaços de ervas resistentes e tendões de animais. Quando completo, o resultado foi um traje sem mangas, que lhe descia até a altura dos joelhos. Feito de pequenas peles de roedores de várias espécies, o trave davalhe uma aparência estranha, que em nada era melhorada pelo cheiro que emanava. No entanto, quando teve de recorrer a isso, em nome da decência, obrigado a envergar a espantosa túnica, e nem a angustiosa situação em que se encontravam impediu Jane de rir com vontade, ao vê-lo. Mais tarde, e pelas mesmas razões, Thuran teve de recorrer a um expediente do mesmo gênero. Com pernas nuas e as barbas grandes, os dois homens lembravam reencarnações dos pré-históricos antepassados da humanidade - e de fato Thuran agia como se assim fosse.

Tinham suportado cerca de dois meses de tal existência, quando a primeira calamidade se abateu sobre eles. Foi precedida por uma aventura que esteve prestes a pôr fim à vida de dois membros do grupo - um fim horrível e definitivo, à maneira da selva.

Thuran, derrubado por um acesso de febre da selva, estava estendido no estrado que lhes servia de refúgio. Clayton havia-se internado umas centenas de metros, na selva, em busca de comida. Então Jane foi ao seu encontro. Mas atrás do homem, em absoluto silêncio, vinha um velho leão esfomeado, há três dias os seus músculos cansados tinham-se verificado impotentes para lhe satisfazer a fome. Assim havia meses que comia com progressivamente menor frequência, e de cada vez se afastava mais dos seus habituais terrenos de caça, em busca de presas mais fáceis. Por fim encontrara a criatura fraca e mais indefesa da selva, e dentro de instantes o leão poderia jantar.

Clayton, inconsciente da morte que o espreitava e se ia aproximando dele, atravessou o espaço coberto, descuidadamente, encaminhando-se para Jane. Estava já perto dela, a uns trinta metros nas espessas moitas na orla da selva, quando, por trás de um de seus ombros, a jovem avistou a grande cabeça fulva e os olhos amarelados da fera que emergia do mato.

Ficou tão petrificada pelo pavor que não conseguia gritar, mas a sua expressão e o olhar fixo nos olhos muito abertos foram, para Clayton, um aviso tão claro como o seriam as palavras. Voltando-se compreendeu no mesmo instante a situação desesperada em que se encontravam. O leão estava a cerca de trinta passos deles, e uma distância pelo menos igual separava-os do abrigo da árvore. O inglês estava armado apenas com um pau - e sabia que a sua arma seria tão eficiente, para enfrentar o leão esfomeado, como uma espingarda descarregada.

A fera, enraivecida pela fome, há muito compreendera a inutilidade de rosnar ou rugir quando procurava uma presa, mas agora estava segura de que não perderia esta, como se já tivesse cravado suas garras na carne macia. E assim demonstrou a sua fúria, numa série de apavorantes rugidos que fizeram tremer o ar.

- Corra, Jane. - gritou Clayton. - Corra para o abrigo!

Mas os músculos da jovem, paralisados, recusavam-se a obedecer, e ficou onde estava, muda e rígida, olhando para a morte que se aproximava. Thuran, acordado pelos rugidos, espreitara do alto do abrigo, e ao ver o que se passava em baixo começou a gritar, em russo, de cabeça pendida:

- Corram! Corram, ou ficarei sozinho neste horrível lugar! Cor...

A voz quebrou-se e os nervos dele cederam. Jane ouviu-o chorar.

Por instantes aquela nova voz distraiu o leão, que olhou para a árvore. Clayton,

incapaz de suportar a tensão por mais tempo, voltou-se para a fera, escondeu a cabeça entre os ombros e esperou. Jane olhou, horrorizada.

Porque não fazia ele alguma coisa? Se tinha de morrer, devia morrer

como um homem, lutando, dando na cabeça do leão com o pau que empunhava, embora isso fosse inútil. Que faria Tarzan dos macacos, numa situação daquelas? Decerto enfrentaria a morte, combatendo até ao fim.

O leão encolhia-se para dar o salto que acabaria com duas vidas jovens sob suas garras e membros poderosos. Jane ajoelhou, rezando de olhos fechados.

Thuran havia desmaiado.

Os segundos transformaram-se em minutos, os minutos em eternidade e o leão não saltava. Estava quase inconsciente pela prolongada agonia do medo - os seus joelhos tremiam, e dentro de um momento cairia sem sentidos.

Jane, incapaz de esperar mais, abriu os olhos. Estaria sonhando?

- William. - sussurrou ela. - Olhe...

Clayton conseguiu dominar-se o bastante para voltar a cabeça e olhar para o leão.

Deixou escapar uma exclamação de surpresa. Aos pés deles a fera estava estendida, morta. Uma pesada lança cravara-se no dorso, acima da espádua direita, e atravessara-lhe o coração, emergindo do lado oposto.

Jane Porter tinha-se levantado, e quando Clayton olhou para ela viu-a cambalear. Estendeu os braços para ampará-la, e atraiu-a a si. Curvou-se, na intenção de beijá-la. Mas, brandamente, Jane repeliu-o.

- Não faça isso, William. Por favor. Vivi milhares de anos nestes últimos instantes.

Diante da morte, descobri como viver. Não quero magoá-lo mais do que é necessário, mas não posso mais aceitar a idéia de manter a impossível posição que quis ter em consequência da fidelidade a uma promessa feita impensadamente. Estes últimos instantes ensinaram-me que seria medonho tentar enganar-me e enganá-lo, se voltar a pensar sequer na possibilidade de ser sua mulher quando voltarmos à civilização...

- Mas que quer dizer, Jane? - exclamou Clayton. - Que relação há entre o fato de termos sido providencialmente salvos e os seus sentimentos para comigo? Parece-me que tem os nervos um pouco desequilibrados. Amanhã voltará a si mesma.

- Estou sendo mais eu própria neste instante do que tenho sido desde há pouco mais de um ano... - respondeu ela. - O que aconteceu trouxe-me à memória o fato de que o homem mais valente que conheci me honrou com o seu amor. Só tarde demais compreendi que lhe correspondia e mandei-o embora. Agora, ele está morto, e eu

não casarei, nunca casarei! Não poderia casar com um homem menos corajoso do que ele sem sentir a cada momento uma expressão de desprezo pela covardia, embora relativa, do meu marido, Compreende-me?

- Sim... - respondeu Clayton, baixando a cabeça e sentindo que corava de vergonha.

Foi no dia seguinte que a grande calamidade aconteceu...

O tesouro de Opar

Havia anoitecido por completo quando La, a sacerdotisa voltou à Câmara dos Mortos com comida e água para Tarzan. Não trazia luz, por isso apalpava com as mãos estendidas até chegar à porta da sala.

Tarzan, curvou-se junto da parede oposta à porta desde que ouvira o som de passos, foi ao encontro da jovem assim que a reconheceu.

- Eles estão furiosos. - foram as primeiras palavras dela. - Nunca, antes, a vítima designada para um sacrifício tinha fugido do altar. Cinquenta homens partiram, para persegui-lo. Revistaram todo o templo menos esta câmara.

- Por que eles receiam vir aqui?

- É a Câmara dos Mortos... Aqui voltam os que morreram, para adorar o sol. Vê este antigo altar, é aqui que os mortos sacrificavam os vivos. Se encontravam alguma vítima.

É por essa razão que fogem desta câmara. Se algum entrasse já saberia que os mortos o agarrariam.

- E você? - perguntou Tarzan.

- Eu sou a grande sacerdotisa e estou livre dos ataques dos mortos. Sou eu quem, de tempos em tempos, lhes trago uma vítima do mundo exterior. Eu posso entrar aqui em segurança.

- Por que razão eles não me agarraram? - perguntou Tarzan, fingindo aceitar a grosseira superstição.

Ela olhou-o interrogativamente, quase friamente. Depois disse:

- É dever da grande sacerdotisa instruir e interpretar - segundo as crenças que outros, mais sábios, estabeleceram. Mas nada há que diga que ela deve ter essas mesmas crenças. Quanto mais sede de religião, menos se acredita. E ninguém, nenhuma criatura viva, sabe mais do que eu, da minha religião.

- Então o teu único receio, ao ajudar-me, é de que os mortais teus companheiros descubram a tua duplicidade?

- É só esse. Os mortos estão mortos, não podem fazer-me mal, e nem bem! Assim devemos depender inteiramente de nós próprios e quanto mais depressa irmos, melhor será. Mesmo neste momento tive dificuldade em escapar à vigilância deles para trazer comida. Repetir o mesmo risco todos os dias, seria loucura. Bem, vamos ver até onde podemos chegar no caminho da tua liberdade. Eu parto antes.

Conduziu-o para a câmara baixa e abobadada do altar. Aí internou-se por um dos vários corredores. Tarzan, na escuridão, não pôde ver onde estava. Durante dez minutos avançaram lentamente através de uma passagem sinuosa, até que chegaram a uma porta fechada. Tarzan ouviu ranger uma chave, e pouco depois a porta girou em velhos gonzos. Entraram.

- Está em segurança aqui, até amanhã à noite. - disse ela. Um momento depois afastou-se e Tarzan ouviu-a fechar a porta com a chave.

O lugar onde se encontrava estava mergulhado em total escuridão. Mesmo os seus olhos penetrantes, habituados às noites da selva, não podiam sondar a treva espessa.

Lentamente, avançou até que a sua mão estendida tocou uma parede. Então, sempre com grande silêncio e cautela, deu a volta nas quatro paredes da sala.

Aparentemente, a superfície era de cerca de nove metros quadrados. O chão era de pedra, as paredes de argamassa seca, tal como as do andar superior, fixando vários pedaços de granito áspero, de diferentes tamanhos, e grandes pedras. Na sua primeira volta em torno da câmara, Tarzan julgou notar um fenómeno estranho num lugar onde não havia janela e apenas existia uma porta fechada. De novo caminhou cautelosamente ao longo das paredes. Não se havia enganado. Parou, a meio da parede oposta à porta.

Por momentos ficou imóvel, depois deslocou-se vagarosamente para um dos lados. Recuou, e depois deslocou-se novamente em sentido contrário.

Mais uma vez deu uma volta inteira na câmara tateando cada polegada de parede. Por fim deteve-se no ponto que despertara a sua curiosidade. Não havia possibilidades de duvidar. Uma corrente de ar frio entrava na câmara, através dos interstícios da alvenaria, naquele ponto - unicamente naquele ponto.

Tarzan experimentou os vários pedaços de alvenaria e de granito que formavam a parede, e por fim a sua busca foi recompensada. Um dos pedaços de granito podia ser facilmente deslocado. Tinha cerca de vinte e cinco centímetros de largura e uma espessura de entre dez e doze centímetros. Um a um, Tarzan deslocou outros pedaços semelhantes. Naquele ponto a parede parecia formada apenas por granito cortado em tamanhos aproximadamente iguais ao primeiro. Em curtos minutos, Tarzan deslocou cerca de uma dúzia de lajes. E estendeu a mão para tatear a alvenaria atrás delas. Teve a surpresa de nada encontrar até ao ponto onde o seu braço alcançava. Não foi demorado, nem difícil levantar as lajes, em número suficiente para que o seu corpo pudesse passar pela abertura. Pôde então distinguir uma débil claridade, apenas um ponto onde a escuridão era menos densa.

Com grande cautela avançou, sobre as mãos e os joelhos, durante perto de cinco metros - a espessura média das muralhas. Aí o chão terminava abruptamente. Até

onde ele podia alcançar não encontrou fosse o que fosse, nem conseguia distinguir o fundo do negro abismo que se abria diante dele, embora se debruçasse o mais possível.

Olhou então para cima e viu, através de uma pequena abertura circular, um pedaço de céu onde tremeluziam estrelas.

Tateou os lados do poço, até onde pôde, e verificou que as paredes convergiam do centro até chegarem à abertura em cima. Isso excluía qualquer possibilidade de fuga nessa direção. Sentou-se, imaginando sobre a natureza e utilidade daquela estranha passagem e de onde terminava o poço, e entretanto a lua, aproximando-se da cal da abertura do poço, espalhou diante dele uma claridade vaga, prateada. No mesmo instante compreendeu.

Abaixo, muito abaixo julgou ver uma superfície de água que refletia a claridade. Encontrava-se num antigo poço. Mas teria a vantagem da ligação entre o poço e a câmara onde ele havia estado? Quando a lua passou exatamente acima da abertura, inundando-a de claridade, Tarzan viu diante dele o princípio de outra galeria, na muralha oposta. Talvez aquilo pudesse ser o início de um caminho que conduzia à liberdade.

Mereceria a pena investigar, pelo menos, e decidiu-se a tentá-lo.

Rápido, voltou à parede que demolira para penetrar na passagem, e recolocou as lajes no seu lugar, pelo lado de fora. A poeira acumulada em espessas camadas, que Tarzan notara ao deslocar as pedras, convencia-o de que, mesmo que os atuais ocupantes das velhas ruínas conhecessem aquela saída, não a haviam utilizado durante muitos anos, talvez durante gerações.

Refeita a parede, Tarzan voltou para o poço. Este tinha talvez quatro metros e meio de largura, naquele ponto. Havia ainda luz suficiente, embora a lua houvesse se afastado da vertical do poço, mas um salto de quatro metros e meio nada significava para Tarzan. Um momento depois estava a caminho, ao longo da nova galeria, tão estreita como a anterior, movendo-se cautelosamente para evitar o perigo de cair em outro poço igual ao que tinha atravessado antes.

Tinha percorrido cerca de trinta metros quando encontrou degraus que desciam na escuridão impenetrável. Uns seis metros abaixo, a galeria prolongava-se, novamente plana, e pouco adiante encontrou uma porta de madeira, espessa, fechada do seu lado, com pesadas trancas também de madeira. A colocação das trancas indicou-lhe que seguramente existia um caminho, comunicando com o exterior, pois a porta se destinava evidentemente a impedir a entrada, ou a saída. Só havia outra hipótese - a de a porta pertencer a uma câmara que servisse de prisão.

Sobre a parte superior das trancas havia novamente densas camadas de pó - nova

indicação de que a passagem não era utilizada. Tentou as pesadas traves, os grandes gonzos rangeram no silêncio. Tarzan imobilizou-se, à escuta, na expectativa de que algum ruído lhe indicasse que o insólito ranger dos gonzos tinha sido ouvido. Mas nada veio.

Ele transpôs a porta, tateando cautelosamente em volta, verificou que estava numa vasta sala, ao longo de cujo chão e paredes estavam empilhadas incontáveis barras de metal, de uma aparência estranha porém uniforme. Eram lingotes pesados, e se não fosse a enorme quantidade Tarzan afirmaria que se tratava de ouro. Mas ao pensar na incalculável fortuna que aquilo representaria se fosse ouro, quase se convenceu de que se tratava de qualquer metal inferior.

Na extremidade da sala descobriu outra porta, e mais uma vez as trancas a fechavam no interior. Isso renovou a sua esperança de que se encontrava numa antiga e esquecida passagem - que o levaria para a liberdade. Para além da segunda porta o caminho seguia em linha reta, e Tarzan teve a intuição de que já devia encontrar-se muito longe das muralhas da cidade. Cheio de esperança, começou a caminhar tão rapidamente quanto lhe era possível naquela escuridão e ao cabo de mais meia hora encontrou novamente degraus, mas agora no sentido ascendente.

Os primeiros degraus pareciam ser de pedra, mas a certa altura Tarzan notou sob os pés uma aspereza diferente. Os degraus de pedra lisa tinham dado lugar a degraus de granito. Tateando com as mãos, o homem da selva verificou que deviam ter sido cortados em plena rocha, pois não havia fendas que indicassem juntas.

A escada prolongava-se, subindo sempre, por trinta metros, tortuosa e estreita - até que, numa volta brusca, Tarzan se viu diante de uma abertura estreita também, entre duas muralhas de rocha. Sobre ele estendia-se, em todas as direções, o grande céu noturno, coberto de estrelas, e na sua frente um íngreme declive substituíra os degraus.

Tarzan continuou a subir, até que chegou ao alto de um grande penhasco de granito. A cerca de uma milha de distância estava a velha cidade de Opar, com as suas cúpulas e minaretes banhados pelo luar. Tarzan examinou um lingote que apanhara e trouxera.

Observou-o atentamente, fazendo-o girar entre os dedos fortes. Depois olhou para as ruínas, a distância, restos de um fabuloso passado de esplendor e grandeza.

- Opar... - murmurou. - Opar, cidade e morada de um passado morto e esquecido. Cidade de mulheres lindas e de monstros horrendos. Dos horrores e da morte, mas cidade também de espantosa riqueza - o lingote era de ouro puro.

O penhasco, no alto do qual se encontrava então Tarzan, ficava na planície, entre a cidade e as montanhas que ele e os seus guerreiros negros haviam escalado, na

manhã anterior. Descer a sua face áspera e vertical era uma tarefa trabalhosa e de considerável perigo, mesmo para o homem da selva. Mas por fim meteu pés ao terreno macio do vale, e sem olhar para trás lançou-se em corrida na direção das montanhas.

O sol subia no horizonte quando Tarzan chegou ao planalto que marcava o limite Oeste do vale. A distância, em baixo, viu uma delgada coluna de fumaça que subia de entre as copas das árvores, na floresta.

- Homens... - murmurou. - Eram cinqüenta os que saíram para me perseguir, poderão ser esses?

Desceu rapidamente a face da penedia e meteu-se num estreito barranco que levava à floresta, seguindo na direção da fumaça. Ao alcançar a orla da floresta, a cerca de um quarto de milha do lugar onde a tênue coluna de fumaça subia no ar parado, seguiu a caminho das árvores. Avançou cautelosamente, até que viu em baixo uma tosca boma.. Neste recinto, protegido por sebes espinhosas, dispostas em fileiras, encontravam-se sentados diante de pequenas fogueiras os seus cinqüenta Waziris.

Saudou-os na língua deles:

- Levantem-se, guerreiros, e saúdem o seu rei!

Com exclamações de surpresa e de medo os Waziris levantaram-se, espantados, hesitando entre ficar e fugir: Então Tarzan saltou agilmente de um ramo no meio deles.

Quando realmente compreenderam que era ele em carne e osso, e não apenas o seu espírito, os Waziris ficaram doidos de alegria.

- Nós fomos covardes, ó Waziri! - gritou Busuli. - Fugimos e o deixamos entregue à sua sorte. Mas, quando o pavor passou, juramos que iríamos voltar e salvá-lo, ou vingar a sua morte. Estávamos preparando-nos para escalar as montanhas e atravessar novamente o vale desolado em direção à cidade terrível.

- Viram cinqüenta homens assustadores passarem pelas montanhas e entrar na floresta? - perguntou Tarzan.

- Sim, Waziri... - respondeu Busuli. - Passaram por nós ontem, no fim da tarde, quando nos dispúnhamos a voltar para trás. Mas não sabiam caminhar na floresta. Ouvimo-los a mais de uma milha de distância, antes de os vermos, e como tínhamos outras coisas em que pensar recuamos para a selva e deixamos que passassem. Caminhavam apressadamente sobre as pernas curtas, e por vezes alguns deles avançavam sobre as mãos e os pés, como Vulgani, o chimpanzé. Eram na verdade cinqüenta homens assustadores, Waziri.

Quando Tarzan contou as suas aventuras e falou no metal amarelo que encontrara, indicando o plano para voltarem durante a noite e trazer o mais que pudessem transportar, do enorme tesouro, nenhum hesitou. E foi assim que, mal anoiteceu no desolado vale de Opar, cinquenta guerreiros de ébano atravessaram o vale, correndo, a caminho do enorme penhasco que se erguia antes da cidade.

Se descer a face do penhasco parecera a Tarzan uma rude tarefa, a proeza de a escalar com cinquenta guerreiros pareceu-lhe quase impossível, por fim, à custa de um esforço hercúleo, do filho da selva, conseguiram o que queriam. Dez lanças foram solidamente amarradas ponta a ponta, e com um extremo de uma estranha e pesada corrente fixado no seu cinto, Tarzan alcançou finalmente o alto do penhasco. Uma vez aí fixou a primeira lança e, pelas outras vieram um a um os cinquenta guerreiros. Então Tarzan conduziu-os sem demora à câmara do tesouro, e cada qual recebeu dois lingotes para transportar - cerca de quarenta quilos para cada.

Perto da meia-noite o grupo estava outra vez na base do penhasco, mas com as pesadas cargas só a meio da manhã alcançaram as montanhas. Daí para frente, o caminho de regresso foi lento, porque os guerreiros negros não estavam habituados ao trabalho de carregadores. Todavia ninguém se queixou e ao cabo do trigésimo dia de marcha entraram no seu território.

E, em vez de continuarem para Nordeste e para a aldeia, Tarzan guiou-os diretamente para Oeste e, na manhã do trigésimo terceiro dia, deu-lhes ordem para deixarem o acampamento e voltarem à aldeia de onde haviam saído dois meses antes, deixando o ouro onde estava.

- Onde vai, Waziri? - perguntaram.

- Ficarei aqui durante alguns dias ainda. Agora sigam para as suas mulheres e para os seus filhos.

Quando os negros partiram, Tarzan agarrou dois lingotes e, saltando para uma árvore, seguiu rapidamente de ramo em ramo, através da floresta. A cerca de duzentos metros de distância saltou para o chão, numa clareira circular em volta da qual gigantes da selva erguiam os seus troncos altíssimos como sentinelas. Ao centro do anfiteatro natural havia um pequeno monte de terra seca e dura, cuja parte superior era plana como a face de um tambor.

Centenas de vezes, antes, Tarzan estivera naquele lugar escondido, tão densamente cercado por plantas espinhosas, trepadeiras e lianas que se entrecruzavam em todas as direções - que nem mesmo Sheeta, a pantera, podia entrar ali, e nem sequer Tantor, com a sua enorme força, podia derrubar as barreiras que protegiam as festas tribais dos grandes gorilas.

Cinquenta vezes Tarzan percorreu o mesmo caminho, transportando os pesados

lingotes de ouro para a clareira circular. Então, da cavidade de um tronco que fora há muitos anos derrubado pelo raio, o homem da selva retirou uma pá – a pá que servira para desenterrar a velha arca do pequeno tesouro do professor Porter, que ele ali escondera. Com essa pá cavou uma trincheira, funda, na qual guardou os lingotes que os cinquenta guerreiros Waziris haviam trazido da câmara do tesouro da cidade de Opar.

Nessa noite Tarzan dormiu na clareira, e na manhã seguinte, partiu para ir visitar a sua barraca, antes de regressar à aldeia. Aí encontrou tudo tal como havia deixado. E internou-se pela selva, a fim de caçar. Levaria a sua presa para a barraca, onde poderia comer confortavelmente e dormir numa cama.

Tarzan encaminhou-se para o sul percorrendo cerca de cinco milhas na direção de um largo rio. Atravessava a floresta quando de súbito o seu olfato apurado notou o cheiro que imediatamente alarma todos os animais da selva. o cheiro do homem. O vento vinha dos lados do mar, o que indicou a Tarzan que os homens estavam para oeste. Misturado com o cheiro do homem havia outro. O cheiro do leão.

- Tenho de me apressar. - Pensou o filho da selva que distinguiu o cheiro de homens brancos que andavam caçando.

Saltando, através das árvores chegou à orla da floresta. E viu uma mulher ajoelhada, rezando e a curta distância um homem de aspecto primitivo, branco, parado e com a cara entre os braços. Atrás dele, um leão magro e esfomeado, um leão que avançava lentamente para a presa frágil. O homem escondia o rosto, e a mulher tinha a cabeça baixa e rezava. Não pôde ver as feições de qualquer deles. O leão ia saltar, não havia um instante a perder, nem sequer pensou em utilizar o arco e uma das flechas envenenadas. Estava longe demais para poder usar a faca. Havia apenas uma esperança - apenas uma arma. E, com a rapidez do vento, Tarzan agiu.

O braço poderoso ergueu-se, empunhando a grande lança acima do largo ombro, e no instante seguinte, atirada com prodigiosa força e infalível pontaria, a lança silvou no ar e foi cravar-se no coração da fera. Sem um rugido, o leão caiu de lado, morto, aos pés da sua vítima.

Por momentos nem o homem nem a mulher se moveram. Por fim, esta última levantou a cabeça, olhou com espanto para o leão morto, atrás do seu companheiro.

Quando a bela cabeça se ergueu, Tarzan a custo abafou um grito de susto. Teria enlouquecido? Não, aquela não podia ser a mulher a quem amava. E no entanto era realmente ela, não outra!

A mulher levantou-se e o homem tomou-a nos braços, inclinando-se para beijá-la.

No mesmo instante Tarzan viu uma nuvem vermelha passar diante dos olhos. E a antiga cicatriz, na sua testa tomou um tom de sangue.

Com uma expressão selvagem e terrível, empunhou o arco, colocou uma das flechas envenenadas e esticou a corda, em menos de um segundo. Os olhos cinzentos tinham um brilho feroz, ao apontar a flecha sobre o homem.

Mas não disparou. Lentamente, baixou o arco e deixou que a corda afrouxasse. E, de cabeça curvada, Tarzan dos Macacos voltou-se para a selva e desapareceu, tristemente, encaminhando-se para a aldeia dos Waziris.

Cinqüenta homens assustadores

Durante longos minutos, Jane Porter e William Clayton ficaram em silêncio, olhando o corpo morto do leão. A jovem foi a primeira a falar.

- Quem poderia ter sido... - sussurrou.

- Só Deus sabe... - respondeu o homem.

- Se é um amigo, por que não se mostra? – continuou Jane. - Não seria bom chamá-lo, ao menos para lhe agradecer?

Maquinalmente, Clayton obedeceu, mas não obteve resposta. Jane estremeceu.

- A misteriosa selva. - murmurou ela. - Até mesmo as manifestações de amizade nos amedrontam.

- É melhor voltarmos para o abrigo. - disse Clayton. - Lá estará pelo menos um pouco mais segura. Eu não sirvo de proteção a ninguém. - Comentou ele, amargamente.

- Não diga isso, William. - apressou-se ela a protestar. - Fez o melhor que pôde e tem sido de uma grande nobreza, de um enorme espírito de sacrifício, de muita coragem. Não tem culpa de não ser um super-homem, ninguém poderia ter feito mais, nem melhor. As minhas palavras foram mal ditas, na excitação do momento mas não quis magoá-lo. Tudo que desejo é que você compreenda, de uma vez por todas, que nunca poderia casar com você. Tal casamento seria infeliz.

- Creio que compreendo... - respondeu o inglês. – Não voltemos a falar nisso, pelo menos até voltarmos à civilização.

No dia seguinte Thuran estava pior, em quase constante delírio. Nada podiam fazer para ajudá-lo e Clayton não estava muito ansioso para fazer fosse o que fosse. Receava o russo por causa de Jane - e no fundo do seu coração desejava que o homem morresse. A idéia de que lhe poderia acontecer qualquer coisa, a ele, que deixasse Jane à mercê daquele homem, angustiava-o mais do que a hipótese quase certa da morte dela, se ficasse completamente só na orla da sinistra floresta.

O inglês arrancara a pesada lança, do corpo do leão morto, de maneira que ao internar-se na selva, na manhã seguinte, tinha uma sensação de maior segurança do que nunca tivera desde que havia chegado ali. O resultado foi ir mais longe do que anteriormente.

Para se afastar o máximo possível do russo, com febre delirante, Jane Porter desceu do abrigo até à base do tronco - não se atrevia a ir mais longe. Ali, junto da

tosca escada que Clayton construía para subir, sentou-se olhando para o mar, na persistente esperança de que pudesse avistar um navio.

Estava de costas para a selva, e assim não viu o capim afastar-se e uma cara estranha e selvagem espreitar.

Pequenos olhos muito juntos, raiados de vermelho, fitavam-na intensamente, olhando de vez em quando toda a extensão da praia em busca de qualquer outra presença humana. Outra cabeça apareceu, e outra, e ainda outra. No estrado, sobre a árvore, o russo recomeçou a delirar e as cabeças desapareceram tão prontamente como haviam aparecido.

Mas não tardaram a surgir de novo, porque a jovem não parecia perturbada pelos gemidos do homem. Um a um, vários vultos grotescos emergiram da selva e aproximaram-se furtivamente. Até que um ruído ligeiro atraiu a atenção de Jane.

Voltou-se e ao ver os espantosos vultos pôs-se bruscamente de pé, soltando agudo grito. Então eles precipitaram-se. Ergueram-na nos seus compridos braços de gorila, uma das criaturas voltou-se e correu para a selva, levando-a consigo.

Uma mão suja tapou-lhe a boca para que não pudesse gritar.

Acrescentado às semanas de dor que já sofrera, o choque foi maior do que Jane podia suportar. Os seus nervos cederam e ela perdeu os sentidos.

Quando Jane voltou a si, encontrou-se na espessura da floresta primitiva. Era noite. Uma vasta fogueira ardia em chama alta na pequena clareira onde ela estava. Em volta da fogueira estavam reunidos cinquenta homens assustadores. Tinham a cabeça e o rosto cobertos por cabelos densos e negros. Braços compridos pousavam sobre os joelhos curtos das pernas tortas e curtas. Mastigavam, como animais, uma comida repugnante, um vaso fervia à beira do fogo, e as estranhas criaturas tiravam de dentro dele pedaços de carne, com um pau aguçado.

Ao verem que a prisioneira havia recuperado os sentidos, atiraram para junto dela um pedaço de comida. Jane fechou os olhos, nauseada pelo cheiro.

Durante muitos dias viajaram através da selva. A jovem, exausta e com os pés doloridos, era constantemente empurrada e arrastada, ao longo dos dias quentes e do caminho esgotante.

Quando caía, os homens que estavam mais perto dela batiam-lhe com os pés e as mãos. Muito antes de terem chegado ao fim da viagem, os seus sapatos perderam as solas, o vestido estava completamente em tiras, e sob os andrajos a sua pele branca sangrava em muitos lugares, rasgada pelos espinhos e pelas moitas através das quais a arrastavam.

Nos últimos dois dias da jornada, estava de tal maneira exausta que nem as

agressões puderam fazer com que se levantasse. Tinha alcançado os limites da sua capacidade de resistência. Os estranhos homens rodearam-na, falando em tom de ameaça e brandindo os porretes nodosos que empunhavam. Deram-lhe pontapés e socos, mas Jane não pôde levantar-se. De olhos fechados, rezava pedindo uma morte misericordiosa, a única possibilidade de pôr fim ao seu sofrimento. Mas a morte não vinha, e cinquenta homens assustadores compreenderam que a sua vítima não podia realmente caminhar. Decidiram-se então a levantá-la e a transportá-la durante o resto da jornada.

Dois dias depois, ao fim da tarde, Jane avistou as muralhas, em ruínas de uma grande cidade mas estava tão fraca e doente que não podia sequer se admirar, ou interessar-se. Para onde quer que a levassem, só podia haver um fim para o seu cativeiro.

Por fim atravessaram duas altas muralhas e chegaram à grande cidade que se erguia no interior. Os seus captores levaram Jane para uma casa de pedra, também em parte arruinada e aí, a jovem viu-se rodeada por centenas de outras criaturas semelhantes às que a tinham trazido, embora no meio da multidão estivessem mulheres que pareciam um pouco menos horríveis.

Ao ver essas mulheres, a primeira ínfima esperança invadiu o coração de Jane. Mas foi de curta duração, porque elas não lhe manifestaram qualquer espécie de simpatia, embora, na verdade não lhe fizessem mal.

Depois de ter sido observada por toda aquela estranha gente, a jovem foi levada para uma sala subterrânea, escura. Deixaram-na estendida no chão. Colocaram ao lado dela duas vasilhas de metal, uma de comida, outra com água.

Durante a semana viu apenas algumas mulheres, cuja função era a de lhe levar água e comida. Pouco a pouco Jane foi recuperando forças. e assim, em breve, estaria em condições de ser oferecida em sacrifício ao deus sol. Felizmente para ela, Jane não podia saber o destino que lhe estava reservado.

Enquanto Tarzan avançava lentamente ao longo da floresta, depois de ter atirado a lança que salvara a vida a Clayton e a Jane, matando Numa, na sua mente agitava-se a tristeza resultante da ferida novamente aberta no seu coração.

Por sorte dominara-se a tempo de não obedecer ao primeiro e furioso impulso de ciúme e de raiva. Apenas uma fração de segundo salvara Clayton de morrer com o coração atravessado por uma flecha envenenada. No curto instante que decorreria entre o momento em que Tarzan havia reconhecido Jane e o seu companheiro, e o momento em que brandamente afrouxara a tensão do arco pronto a disparar, o homem da selva havia sido presa dos impulsos selvagens do seu passado.

Tinha visto a mulher a quem amava - a mulher que lhe pertencia - nos braços de

outro homem. Segundo a lei da selva não tinha senão um caminho a seguir, uma coisa a fazer. Mas um outro instinto, o da sua bondade nata, e também um sentido atávico de civilização, haviam intervindo a tempo. Tarzan sentia-se grato ao destino que o impedira de disparar a flecha.

Mas agora a idéia de voltar para junto dos Waziris começava a repugnarlhe. Não queria voltar a ver criaturas humanas, nunca mais. Pelo menos vaguearia ao longo da floresta, durante algum tempo, sozinho, até que se embotasse, com o decorrer dos dias, a sua aguda angústia. Como as feras, suas companheiras, preferia sofrer em silêncio e só.

Nessa noite dormiu outra vez na clareira, e durante vários dias caçou partindo dali e regressando à noite. Na tarde do terceiro dia voltou mais cedo.

Tinha estado estendido sobre a relva macia, havia apenas uns momentos, quando ouviu, vindo do Sul um rumor que lhe era familiar. Era o ruído da passagem de um bando de grandes macacos, através da selva. Conhecia-o bem.

Durante minutos ficou à escuta. Vinham na direção do anfiteatro, Tarzan levantou-se devagar, distendendo os músculos. Os seus ouvidos atentos seguiam cada movimento da tribo que se aproximava. Vinham do lado do vento e Tarzan não tardou a perceber o cheiro deles, embora não precisasse de mais provas para crer que não estava enganado.

Quando se aproximaram do anfiteatro, Tarzan desapareceu entre os galhos, do lado oposto e aí esperou, para observar os recém-chegados. Mas teve muito que esperar.

Um focinho feroz e peludo apareceu entre os ramos baixos, do outro lado da clareira. Os olhos pequenos e cruéis observaram o terreno, num relance. Depois o animal transmitiu a mensagem para os que vinham atrás. Tarzan pôde ouvir as palavras. O batedor dizia que o terreno estava livre e que podiam passar sem receio.

O chefe foi o primeiro a saltar para a erva macia. E depois dele saltaram os outros, quase uma centena de antropóides. Havia muitos adultos, enormes, e uns machos mais novos, uns quantos pequenos suspendiam-se do pescoço cabeludo das mães.

Tarzan conhecia muitos dos membros da tribo. Era a tribo entre a qual ele fora criado. Muitos dos adultos haviam sido seus companheiros, tendo corrido e brincado com ele durante a sua breve infância.

Tarzan imaginou se o reconheceriam - a memória de alguns dos grandes macacos não é curta, mas dois anos podem parecer-lhes uma eternidade.

Pelo que ouviu, Tarzan compreendeu que tinham vindo lá para escolher um novo rei - o último caíra de trinta metros de altura e morrera, em consequência de um

galho partido.

Tarzan adiantou-se até quase à extremidade de um ramo sólido, que se debruçava sobre a clareira. Os olhos atentos e vigilantes de uma fêmea foram os primeiros a avistá-lo. Com uma espécie de ladrido gutural chamou a atenção dos outros.

Alguns dos mais poderosos machos levantaram-se para olhar o intruso. Mostrando os dentes e eriçando os pêlos, avançaram para ele, com grunhidos roucos e ameaçadores.

- Karnath, eu sou Tarzan dos Macacos. - disse o homem da selva, na linguagem da tribo. - Lembra-se de mim. Juntos provocamos Numa, quando éramos mais novos, atirando-lhe nozes e pequenos ramos, do alto das árvores...

O gorila a quem ele se dirigira parou, com atitude de meia compreensão e de embotado pismo.

- E Magor... - Continuou Tarzan, dirigindo-se a outro - Não se recorda do seu rei? O que matou o poderoso Kerchak? Olhe para mim! Não sou mesmo Tarzan, grande caçador, lutador invencível, que todos conheceram durante muitas estações?

Todos os grandes macacos se haviam aproximado, agora, mas a curiosidade substituíra a ameaça. Conversaram entre eles, durante alguns minutos.

- Que quer agora de nós? - perguntou Karnath.

- Apenas paz.

Os grandes macacos conversaram de novo. Depois Karnath disse:

- Venha então em paz, Tarzan dos Macacos.

E assim Tarzan saltou agilmente, do galho da árvore, para o meio do bando feroz e medonho. Completara o ciclo de evolução, fechando-o, e era de novo uma fera entre as outras feras.

Não houve cumprimentos, como naturalmente teria havido entre homens ao cabo de uma separação de dois anos. A maioria dos gorilas voltou a entregar-se às pequenas atividades que a chegada de Tarzan interrompera, sem lhe darem mais atenção do que dariam se ele nunca tivesse deixado a tribo.

Um ou dois machos adultos, ainda muito jovens, que não o haviam conhecido antes, farejaram-no. Um deles mostrou os dentes, com um grunhido ameaçador, como que para colocar Tarzan no seu devido lugar desde o primeiro instante. Se Tarzan recuasse, grunhindo também, o outro talvez tivesse ficado satisfeito, daí por diante a posição de Tarzan, entre os companheiros, seria sempre atrás da daquele macho que o fizera afastar-se.

Tarzan não se afastou. Em vez disso estendeu a grande mão, com toda a força dos seus poderosos músculos, e agarrando o gorila pelo pescoço atirou-o de costas sobre

a relva, a alguns passos de distância. O animal levantou-se e atacou em menos de um segundo, e desta vez lutaram com unhas e dentes, ou pelo menos teria sido essa a intenção do jovem gorila. Mas logo que rolaram no chão, as mãos do homem da selva encontraram a garganta do antagonista.

Não tardou que o jovem gorila deixasse de lutar e ficasse quieto. Então Tarzan soltou-o e levantou-se. Não queria matá-lo. Queria apenas dar uma lição naquele macho, e a outros que estivessem olhando - e provar-lhes que Tarzan dos Macacos continuava sendo o mais forte.

A lição serviu. Os machos mais jovens evitaram-no, e os mais velhos não mostraram qualquer desejo de acentuar as suas prerrogativas.

Durante vários dias, as macacas com crias mostraram-se desconfiadas, e quando ele se aproximava grunhiam, de bocas abertas e com medonhas caretas. Tarzan passou a não se aproximar mais delas, pois também isso era um uso entre os gorilas - só os machos enlouquecidos atacavam as macacas com crias.

Dentro de pouco tempo, porém, também as macacas se habituaram a ele.

Tarzan caçava em companhia dos outros, como em tempos anteriores, e quando os gorilas descobriram que a sua inteligência superior os guiava para onde havia melhor comida, e que a sua corda apanhava saborosas presas que eles só raramente provavam - quando provavam - começaram a olhá-lo como no passado, antes de o haverem escolhido como rei.

E foi assim que, antes de a tribo deixar o anfiteatro e voltar aos seus terrenos de caça, mais uma vez Tarzan era o chefe.

O homem da selva sentia-se contente com aquela vida. Não era feliz - nunca mais o poderia ser, pelo menos estava tão longe quanto possível daquilo que poderia lembrar-lhe a sua angústia. Havia tempo que abandonara qualquer intenção de voltar à vida civilizada, e agora tinha decidido não tornar a ver, sequer, os seus amigos Waziris.

Excluía da sua vida a raça humana, para sempre. Tinha começado a viver como um macaco, e como um macaco havia de morrer.

Porém não conseguia apagar da memória o fato de que a mulher a quem amava estava a uma curta jornada de distância da sua tribo. Nem podia banir o receio de que ela vivia em constante perigo. Sabia que Jane estava desprotegida - para isso bastara-lhe ver de relance, a incapacidade de Clayton. Quanto mais pensava nisso, mais a sua consciência o atormentava.

Chegou o momento em que começou a sentir desprezo por si mesmo, por se haver deixado dominar por uma angústia egoísta, e pelo ciúme. Com a passagem dos dias, essa idéia torturava-o mais e mais, e estava quase resolvido a regressar à costa e

ocupar-se de defender Jane e Clayton, quando lhe chegaram notícias que alteraram todos os seus planos e o fizeram precipitar-se como um louco para a trilha oriental, sem pensar no que lhe poderia acontecer, a ele próprio.

Antes de Tarzan ter voltado a reunir-se à tribo, um macho adulto mais jovem, não encontrando companhia entre as fêmeas do seu povo, havia, conforme o costume, viajado através da selva, como um antigo cavaleiro-andante, para conquistar a dama dos seus pensamentos, arrancando-a de alguma comunidade vizinha. Voltava agora com a sua noiva, e ocupava-se em contar as suas aventuras, antes que as esquecesse. Entre outras coisas, disse haver encontrado uma numerosa tribo de estranhos macacos.

- Tinham todos muitos pêlos na cara, menos um deles, e esse era uma fêmea, de pele mais branca do que a deste... – e apontou para Tarzan.

O homem da selva interessou-se no mesmo instante. Fez rápidas perguntas - tão rápidas quanto era possível para obter respostas do animal de raciocínio lento.

- Os machos eram baixos, de pernas tortas?

- Eram.

- Usavam as peles de Numa e de Sheeta, nas ancas, e empunhavam paus e facas?

- Sim.

- Tinham muitas argolas amarelas, nas pernas e nos braços?

- Tinham.

- E a fêmea era pequena e delgada, muito branca?

- Era.

- Parecia pertencer à tribo, ou ia como prisioneira?

- Eles arrastavam-na, às vezes por um braço, outras vezes pelos cabelos da cabeça. Batiam-lhe com os pés e as mãos, era divertido vê-los...

- Meu Deus... - murmurou Tarzan. - Onde os encontrou, e que caminho seguiam?

- Foi perto da segunda água, lá para trás... - o jovem gorila apontou para o sul. - Quando passaram por mim iam a caminho do nascer do sol, rindo ao longo da água.

- Quando foi isso?

- Há meia lua atrás...

Sem mais uma palavra, o homem da selva saltou para as árvores e lançou-se, como um raio, a caminho do leste, na direção da esquecida cidade de Opar.

De como Tarzan volta a Opar

Quando Clayton voltou para o abrigo e viu que Jane havia desaparecido, ficou desesperado de angústia e de medo. Encontrou Thuran perfeitamente lúcido. A febre abandonara-o com a brusca rapidez que é uma das suas características, mas o russo, fraco e exausto, estava ainda estendido sobre a cama de ervas, no estrado.

À pergunta de Clayton, sobre Jane, pareceu surpreendido por saber que ela não estava ali.

- Não ouvi nada diferente... - respondeu. - Estive quase sempre inconsciente.

Se não fosse a evidente fraqueza do homem, Clayton teria suscitado de que ele tinha alguma outra idéia sobre o paradeiro da jovem. Mas Thuran não tinha sequer forças para descer da árvore, sem ajuda. Nas condições em que se encontrava nada podia ter feito nem podia ter subido novamente a escada tosca, até ao abrigo.

Até à noite, o inglês percorreu a selva próxima, buscando sinais de Jane ou alguma pista de alguém que a tivesse levado. Mas, embora as pegadas deixadas pelos cinquenta homens assustadores, ignorantes como eram a respeito da selva, fossem tão flagrantes para um habitante da floresta, como uma rua de Londres o era para o inglês, este passou por elas, em vários sentidos e dezenas de vezes, sem as notar sequer.

Enquanto procurava, Clayton bradava em voz alta o nome de Jane mas o único resultado foi atrair um leão. Por sorte o homem viu a distância o corpo fulvo e a juba escura, e teve tempo de trepar em uma árvore antes que a fera o apanhasse. Isso pôs fim às pesquisas durante o resto do dia, pois Numa andou de um lado para o outro, sob a árvore, até escurecer.

Mesmo depois da fera se ter afastado, Clayton não se atreveu a descer para a escuridão, e passou uma noite medonha, no alto do tronco. Só de manhã voltou para a praia, tendo perdido as últimas esperanças de voltar a encontrar Jane.

Durante a semana que se seguiu, Thuran ganhou forças, rapidamente, estendido no abrigo, enquanto Clayton diligenciava arranjar comida para ambos. Não falavam um com o outro, a não ser quando era indispensável. Agora Clayton ocupava, no abrigo, a parte que antes era reservada para Jane. Só via o russo quando lhe levava água ou comida, ou de qualquer forma o ajudava.

Quando Thuran ficou em condições de descer do abrigo e poder ocupar-se de arranjar comida, foi a vez de Clayton ser derrubado pela febre. Durante dias delirou e gemeu, mas nem uma só vez o russo se aproximou dele. O inglês não poderia

comer, mas a sua sede era permanente e torturante. Entre dois acessos de delírio, fraco como estava, conseguiu alcançar o ribeiro, uma tarde, e encher de água uma lata, que era das poucas coisas trazidas do escaler. Dois dias depois, cada vez mais enfraquecido, pôde ainda voltar a ir buscar água.

Thuran olhava-o, nessas ocasiões, com uma expressão de malévolo prazer. Parecia realmente gozar com o sofrimento do homem que, embora justamente o desprezasse, o havia socorrido até onde lhe era possível, quando ele estivera em igual situação.

Mas chegou o momento em que Clayton se sentiu tão fraco que já não podia levantar-se. Durante todo um dia sofreu os horrores da sede, sem pedir a ajuda do russo.

Por fim, sem poder mais, pediu ao russo que lhe desse água.

Thuran apareceu pouco depois trazendo na mão um vaso com água. Um sorriso sinistro contorcia-lhe as feições.

- Aqui tem a sua água... - disse ele - Mas primeiro quero lembrar-lhe de como indispôs a moça contra mim para ficar com ela e não a compartilhar...

- Basta! - quase gritou Clayton, apesar da sua fraqueza. - Basta! Que espécie de demônio é você, para ofender assim uma mulher honesta a quem supomos morta? Céus! Eu fui um doido, deixando-o viver! Você não é digno de estar vivo, nem mesmo neste lugar maldito!

- Então aqui esta toda a água que vai beber. - retorquiu o russo, atirando no chão o conteúdo da lata.

Thuran desceu do abrigo e afastou-se. Clayton voltou-se penosamente e ficou à espera da morte.

No dia seguinte o russo decidiu encaminhar-se para o Norte, ao longo da costa. Talvez conseguisse chegar a algum lugar habitado por criaturas civilizadas - de qualquer maneira nunca estaria pior do que ali, e o constante delírio do inglês moribundo irritava-lhe os nervos. Apoderou-se da lança de Clayton e foi embora. Teria assassinado o doente, antes disso se não lhe ocorresse a idéia de que tal gesto seria quase misericordioso.

Nesse mesmo dia Thuran encontrou uma pequena barraca, numa praia mais ao norte, e ao vê-la ficou cheio de esperanças de que a civilização não estaria longe. Talvez aquilo fosse o posto avançado de alguma instalação de brancos, não muito distante. Se soubesse a quem pertencia a barraca, e que o seu proprietário estava nesse momento a curtas milhas para o interior - Thuran, aliás Nikolas Rokoff, fugiria daquele lugar como teria fugido da floresta. Mas não sabia, e assim demorou-se alguns dias gozando o relativo conforto e a relativa segurança da barraca, antes de

continuar o seu caminho...

No acampamento de Lorde Tennington, faziam preparativos para construir instalações com caráter de permanência - e também para enviar um grupo de homens para o Norte, em busca de auxílio. À medida que os dias se escoavam, começavam a desaparecer as esperanças de que Jane, Clayton e Thuran tivessem sido recolhidos.

Ninguém falou nisso ao professor, e ele continuou tão absorvido pelas suas lucubrações científicas, que não percebia a passagem do tempo.

Por vezes observava que um dia ou outro veriam um navio ancorar em frente da praia, e então todos ficariam reunidos outra vez. De outras vezes referiase a um comboio que não tardaria a chegar, e cuja demora era seguramente devida a tempestades de neve.

- Se eu não o conhecesse tão bem... - comentou Tennington, em conversa com Hazel Strong – Acreditaria que enlouqueceu.

- Se não fosse tão patético, seria ridículo. - respondeu a jovem, tristemente. - Eu, que o conheço desde criança, sei até que ponto ele adora Jane, mas a outras pessoas pode dar a impressão de que a sorte da filha lhe é indiferente. Tem um cérebro tão incredivelmente pouco prático que não consegue perceber uma coisa tão real como a morte, a não ser que lhe ponham diante todas as provas.

- Não poderia adivinhar o que ele quis fazer ontem... - continuou Tennington. – Eu vinha de uma pequena digressão de caça quando o encontrei caminhando apressadamente ao longo da trilha, em sentido contrário, como de costume, levava na cabeça o chapéu alto e ia com as mãos cruzadas nas costas, sob as abas do fraque. Não tardaria a encontrar a morte na selva, se eu não tivesse a sorte de detê-lo.

- Para onde vai tão apressado, professor? - perguntei-lhe eu. Respondeume, muito sério, que ia à cidade, para se queixar da falta de distribuição de correio, nesta zona rural:

- Há uma semana que não recebo correspondência, e devo ter várias cartas de Jane, para mim. O caso tem de ser comunicado a Washington, sem mais demora!

- Talvez lhe custe a acreditar, senhorita Strong. - continuou Tennington - Mas tive um trabalhão enorme para o convencer de que não havia aqui distribuição de correspondência, nem sequer uma cidade, e que não estávamos no mesmo continente, nem no mesmo hemisfério, de Washington. Quando compreendeu, começou a mostrar-se angustiado a respeito da filha. Creio que foi a primeira vez em que percebeu a nossa verdadeira posição, e o fato de que senhorita Porter poderia não ter sido recolhida.

- Horroriza-me pensar nisso... - respondeu a jovem Hazel - Mas não creio que os

desaparecidos tenham sobrevivido.

- Esperemos que o melhor tenha acontecido... - disse Tennington. - O seu exemplo de coragem é impressionante para todos nós, senhorita Strong porque de certa maneira foi quem sofreu a maior perda.

- Sim. Não poderia querer mais bem a Jane Porter, nem que se ela fosse minha irmã... - murmurou Hazel.

Tennington disfarçou como pôde a sua surpresa. Não era a isso que ele se tinha referido. Convivera muito com aquela bela jovem de Maryland, desde o naufrágio do Lady Alice, e havia acabado por compreender que se prendera a ela, muito mais do que seria conveniente para a sua paz de espírito.

Recordava com muita freqüência a confidência que Thuran lhe fizera antes de partirem, de que estava noivo da senhorita Strong. Começava agora a admitir que a afirmação do russo talvez não tivesse sido muito exata. Na verdade nunca havia notado, da parte da jovem, qualquer atitude que não correspondesse a uma simples e vulgar amizade, nunca mais do que isso.

- E a perda do Sr. Thuran... - insinuou - Representa um sofrimento para você.

Hazel encarou-o bruscamente.

- O Sr. Thuran era um bom amigo, que eu apreciava bastante embora o conhecesse pouco... - respondeu.

- Então, não estavam noivos? - Inquiriu Tennington.

- Céus, não! -exclamou a jovem. - Não gostava dele dessa maneira!

Havia alguma coisa que Lorde Tennington queria dizer a Hazel Strong - desejava intensamente dizer, e imediatamente. Mas as palavras engasgavam-no. Começou a falar, uma ou duas vezes, de uma forma desajeitada. Pigarreou, corou muito e acabou por dizer que esperava ser possível ter as instalações prontas antes de principiar a estação das chuvas.

Mas, embora ele o não soubesse, conseguira comunicar à jovem aquilo mesmo que ele em vão se esforçara por traduzir em palavras e isso deixou-a feliz, muito mais feliz do que se havia sentido em qualquer outro momento da sua vida.

Nesse exato momento a conversa foi interrompida pela aparição de um vulto de estranho e terrível aspecto, que emergiu da selva ao sul do acampamento. Tennington e a jovem viram-no ao mesmo tempo. O inglês levou a mão ao revólver, mas quando a criatura, de grandes barbas e quase nua, chamou pelo seu nome e correu para eles, o Lorde largou a arma e foi ao seu encontro.

Ninguém teria reconhecido, no homem magro de aspecto doentio, coberto por uma espécie de túnica feita de pequenas peles, sujo e horrível, o elegante Sr. Thuran que

tinham visto pela última vez no convés do Lady Alice.

Antes que os outros componentes do grupo percebessem a presença dele, Tennington e senhorita Strong interrogaram-no a respeito dos ocupantes do escaler desaparecido.

- Morreram todos. - disse Thuran. - Três marinheiros morreram antes de alcançarmos terra, a senhorita Porter desapareceu, levada por algum animal selvagem enquanto eu estava prostrado pela febre. Clayton morreu há alguns dias, em consequência da mesma febre. E pensar que, durante todo este tempo estivemos separados por apenas algumas milhas, menos de um dia de marcha. É terrível!

Jane Porter não sabia há quanto tempo se encontrava na escuridão da câmara abobadada, sob o templo da velha cidade de Opar. Durante alguns dias, ou semanas, estivera prostrada pela febre, mas depois tinha recomeçado a ganhar forças, lentamente.

Todos os dias, a mulher que lhe trazia água e comida fazia-lhe sinais para que se levantasse, mas por muito tempo a jovem apenas pôde responder abanando a cabeça para indicar que estava demasiado fraca.

Por fim conseguiu pôr-se de pé e cambalear alguns passos, apoiando-se à parede. Os seus captores vigiavam-na agora com interesse crescente. Aproximavase o dia, e a vítima ia recuperando forças.

Esse dia chegou, e uma mulher nova, a quem Jane não tinha visto antes, entrou, com várias outras, na masmorra. Procederam então a uma espécie de cerimônia que era evidentemente de natureza religiosa. E Jane sentiu-se invadida pela esperança, retomando coragem ao ver que caíra nas mãos de criaturas sobre as quais a religião deixara, seguramente, a sua marca de civilização e de bondade. A tratariam humanamente - disso tinha, agora, a certeza.

E assim, quando a levaram da masmorra, através de longos e sombrios corredores, e subiram uma escada de pedra, e a conduziram a um pátio brilhantemente iluminado, Jane caminhou sem resistência, quase com alegria. Encontrava-se entre servidores de um deus que, embora fosse talvez diferente da concepção que ela própria tinha da divindade, era de qualquer modo uma garantia de que aquela gente era bondosa e bem intencionada.

Mas quando viu um altar de pedra no centro do pátio, e as manchas escuras sobre o altar e no chão em volta, começou a duvidar e fazendo conjecturas. Quando se curvaram e lhe amarraram os tornozelos, e lhe prenderam os pulsos nas costas, as dúvidas transformaram-se em medo. E um momento depois, ao ser erguida e estendida de costas sobre a pedra do altar, a esperança abandonou-a inteiramente, e começou a tremer de pavor.

Durante a grotesca dança dos sacerdotes, que se seguiu, ficou petrificada de horror - e nem foi preciso ver a delgada faca que a grande sacerdotisa erguia lentamente sobre ela, para lhe mostrar qual seria o seu destino.

Quando a mão começou a descer, Jane fechou os olhos e rezou uma oração silenciosa dirigida ao Criador de todas as coisas, em cuja presença não tardaria a estar. E desmaiou.

Dia e noite Tarzan correu através da floresta, na direção das ruínas onde, tinha certeza, a mulher a quem amava estava prisioneira, ou morta.

Em menos de quarenta e oito horas percorreu a mesma distância que os cinquenta homens assustadores tinham levado quase uma semana a percorrer, porque Tarzan viajou a meia altura das árvores, acima dos obstáculos que atrasariam o avanço no nível do terreno.

A narrativa do jovem gorila fizera-o compreender claramente que a jovem prisioneira dos cinquenta homens assustadores só poderia ser Jane - pois não havia na selva outra pequena fêmea branca. Os estranhos gorilas tinham sido descritos de maneira a também não poder duvidar de que se tratava das grotescas imitações de humanidade que viviam nas ruínas de Opar. E podia adivinhar, tão exatamente como se assistisse, qual ia ser, ou tinha sido, a sorte da jovem. Não podia saber quando ela seria, ou se já fora, estendida sobre o altar, mas era esse seguramente o seu destino.

Por fim, após o que a sua impaciência julgou terem sido séculos, Tarzan alcançou o alto das montanhas que fechavam o vale desolado, e diante dele viu as velhas e agora medonhas, a seus olhos, ruínas de Opar. Correu apressadamente sobre o terreno seco e árido, semeado de rochas, que o separava da sua meta.

Chegaria a tempo? Esperava, contra toda a esperança. Pelo menos exerceria a sua vingança, e na fúria que o empolgava sentia-se capaz de destruir toda a população da terrível cidade.

Era perto do meio-dia quando chegou junto do grande penhasco alto junto do qual terminava a passagem secreta para as câmaras subterrâneas de Opar. Como um gato, pulou a face vertical do enorme pedaço de granito.

Um momento depois corria de novo na escuridão dos túneis que conduziam à câmara do tesouro. Alcançou esta e seguiu, sem se deter, até chegar ao poço no outro lado do qual estava a masmorra com a falsa parede.

Ao fazer uma breve pausa, junto do poço, ouviu um som fraco que vinha pela abertura em cima. Compreendeu no mesmo instante que se tratava da dança da morte que precedia o sacrifício, e do cântico monótono e ritual da grande sacerdotisa.

Reconheceu mesmo a voz dela.

Seria aquela cerimônia que marcava o sinistro acontecimento que ele viera de tão longe para tentar evitar? Invadiu-o uma sensação de horror. No fim de tanto esforço, chegaria tarde demais, apenas um momento demasiado tarde?

Com a agilidade de um gamo assustado, transpôs o poço e lançou-se em corrida ao longo da estreita passagem que fica além. Em frente da falsa muralha, moveu-se como possesso para demoli-la. Os seus poderosos músculos derrubaram as pedras, até que conseguiu uma abertura apenas suficiente para passar por ela e arrastar os outros pedaços e granito que rolaram no chão.

Um salto deixou-o junto da porta - mas teve de parar. As grandes trancas que a seguravam do lado oposto, resistiam mesmo à sua força. Bastou um instante para se convencer da inutilidade da tentativa de derrubar aquele obstáculo intransponível. Só havia outro caminho, e esse o conduziria novamente através dos escuros corredores, até mais uma milha distante das muralhas da cidade e depois ao longo do terreno descoberto que atravessara quando da sua primeira visita em companhia dos Waziris.

Compreendeu que voltar atrás significaria chegar muito tarde para salvar Jane, se era realmente ela quem estava estendida sobre a pedra do altar, em cima. Mas parecia não haver outro caminho e Tarzan correu rapidamente para trás, para além da parede desmoronada. No poço, voltou a ouvir a voz monótona da grande sacerdotisa. Olhou para cima. A abertura, uns seis metros mais alta, parecia tão próxima que ele se sentiu tentado a saltar, sem pensar nas conseqüências, para alcançar o pátio interior que ficava perto dali.

Se pudesse prender a extremidade da sua corda, a alguma saliência no alto da abertura. Ocorreu-lhe bruscamente uma idéia, nesse instante. Tentaria pô-la em execução. Voltou para a parede desmoronada e apoderou-se de uma das grandes lajes que a compunham, Rápido, prendeu ao pedaço de granito uma ponta da sua corda.

Voltou ao poço, uma vez mais. Aí, deixando no chão, junto dele, as dobras da corda apanhou a pesada laje entre as duas mãos, balançou-a várias vezes para fixar a distância e a direção, e lançou-a obliquamente, de maneira que, ao cair, não passasse outra vez pela abertura. A pedra roçou a aresta do buraco e caiu no pátio.

Tarzan puxou-a, então, até sentir que se fixava em qualquer lugar do lado exterior. Agarrou-se à corda pendente e suspendeu-se, para começar a içar-se, mas quando o seu peso esticou violentamente a corda, sentiu que a laje, em cima, voltava a deslocar-se, polegada a polegada, em esticões sucessivos. Seria detida à beira da abertura, ou o seu peso a faria cair, arrastando Tarzan para o abismo onde, muito em

baixo, ele vira brilhar uma superfície de água?

Através da floresta primitiva

Durante breves e angustiosos momentos, Tarzan sentiu descer a corda a que estava agarrado, ouvindo em cima o raspar da laje. E então, de repente, o ruído cessou e a corda imobilizou-se. A laje fixara-se outra vez, e agora com firmeza, mesmo à beira da abertura.

Sem esperar mais, o homem da selva içou-se ao longo da corda e, um instante mais tarde, a sua cabeça passava para o lado de cima da abertura. O pátio estava deserto. Os habitantes de Opar deviam encontrar-se agora na grande sala dos sacrifícios, de onde vinha a voz de La.

A dança cessara. Era com certeza o momento em que a delgada faca, cravejada de jóias, devia estar prestes a cravar-se na garganta da vítima. E Tarzan, enquanto pensava tudo isto, corria como louco. A sorte conduziu-o ao limiar da grande sala de teto abobadado. Entre ele e o altar estavam as duas filas de sacerdotes e sacerdotisas empunhando as taças de ouro, à espera de beberem o sangue da vítima. A mão de La descia lentamente sobre a garganta do frágil vulto estendido de costas em cima da pedra. Tarzan soltou um grito que era quase um soluço, ao reconhecer o vulto inerte. Ao ver a face muito pálida da mulher a quem amava, Então a cicatriz que lhe sulcava a testa tomou um tom vermelho-vivo, intenso, uma nuvem de sangue toldou-lhe a vista e com o poderoso rugido dos grandes gorilas lançou-se para a frente, entre os que esperavam.

Arrancando um pesado e nodoso porrete, das mãos de um sacerdote, brandiu-o como um demônio, em todas as direções, desferindo tremendos golpes enquanto avançava para o altar. A mão de La detivera-se ao primeiro rumor da interrupção. Quando viu Tarzan, a sua face ficou lívida. Nunca havia conseguido entender o segredo da fuga daquele homem do interior da masmorra onde o fechara. Nunca havia pensado em deixa-lo sair de Opar - porque olhara para aquele corpo gigantesco e perfeito, e para as belas feições, com olhos de mulher, e não como sacerdotisa. Na sua mente ágil e astuta forjara uma história - a história de uma revelação maravilhosa que lhe teria sido feita pelo deus-sol segundo a qual aquele estrangeiro branco teria sido enviado como mensageiro da divindade ao seu povo. Sabia que isso bastaria para o povo de Opar. O homem - disso não duvidava - ficaria contente por ficar e desposá-la, em vez de ser novamente levado ao altar dos sacrifícios. Mas, quando descera à masmorra, novamente, para expor o seu plano a Tarzan, este havia desaparecido, embora a porta continuasse fechada como ela a deixara. E agora o belo e estranho homem reaparecia, como se tivesse surgido do ar.

E matava os sacerdotes como se fossem um bando de carneiros. Por um momento La esqueceu a sua vítima, e antes de poder refazer-se da surpresa o grande homem branco estava a seu lado, tendo nos braços a mulher que um momento antes estivera estendida no altar.

- Afaste-se La! - ordenou ele. - Salvou-me uma vez e não te farei mal, mas não interfira, nem tente me seguir, ou a matarei também!

Enquanto falava, Tarzan encaminhava-se para a entrada dos subterrâneos.

- Quem é ela? - perguntou a grande sacerdotisa, apontando para o corpo inconsciente de Jane.

- É minha!

Por instantes, a jovem de Opar ficou imóvel, de olhos muito abertos, pasmada. Então uma expressão de desesperada angústia apareceu nos seus olhos que as lágrimas velavam, e com um grito abafado caiu sobre as lajes, no momento em que os homens assustadores se lançavam, como matilha ululante, sob o filho da selva.

Mas Tarzan já não estava onde eles supunham agarrá-lo. Num salto, desaparecera na passagem que conduzia aos subterrâneos e quando os seus perseguidores, avançando mais cautelosamente na obscuridade, chegaram à câmara abobadada, esta estava vazia. Então os homens assustadores riram e pararam, gesticulando excitadamente, com feroz alegria. Sabiam que os subterrâneos não tinham outra saída além daquela. Se o fugitivo voltasse teria de ser por ali, e ali eles estariam à espera e à espreita.

Assim Tarzan, levando Jane nos braços, atravessou sem ser perseguido os subterrâneos de Opar, sob o templo do deus-sol. Mas, quando os homens de Opar estavam falando uns com os outros, lembraram-se de que o gigante branco já desaparecera uma vez nos subterrâneos e que embora tivessem espreitado a saída durante muitos dias, nunca mais reaparecera. E no entanto, surgira agora novamente vindo do exterior. Mandariam outra vez cinquenta homens assustadores, através do vale, para descobrir e prender o profanador do templo.

Quando alcançou o poço, depois de atravessar a parede que derrubara, Tarzan sentia-se tão seguro do êxito da sua fuga que parou para repor as pedras no seu lugar.

Não se preocupava em que os homens de Opar descobrissem a passagem esquecida, e através dela alcançassem a câmara do tesouro. Pensava em voltar à cidade, para levar uma fortuna ainda maior do que aquela que enterrara no anfiteatro dos macacos.

Continuou depois a correr pelos subterrâneos. Atravessou a câmara do tesouro e seguiu adiante. Jane continuava sem sentidos.

No alto do grande penhasco, parou para olhar para trás.

Viu o bando de homens assustadores que cruzavam o vale. Por momentos hesitou. Deveria descer e correr para as montanhas distantes, ou devia voltar e esconder-se até anoitecer? Mas um olhar para a face de Jane ajudou a se decidir. Não podia ficar ali, com ela, e deixar que os seus inimigos se interpusessem entre eles e a liberdade. Não sabia, na verdade, se teria sido seguido ao longo dos túneis, e se fosse apanhado entre dois bandos de inimigos seria quase seguramente aprisionado, visto que não poderia abrir caminho, lutando, carregado como estava com o corpo da jovem desmaiada.

Descer a face vertical do penhasco, levando Jane, não era tarefa fácil, mas amarrando-a aos ombros com outro pedaço de corda que trouxera, conseguiu descer antes que os homens de Opar alcançassem o penhasco. Por isso que descera pela face oposta à cidade, o bando não o viu, nem sequer sonhavam que a sua presa estava tão perto.

Mantendo o penhasco entre ele e os homens de Opar, Tarzan conseguiu percorrer mais de uma milha antes que o bando, dando a volta no enorme bloco de granito, o avistasse. Com grandes brados de feroz alegria, as estranhas criaturas correram sobre as curtas pernas, pensando decerto que não teriam dificuldade em alcançar o fugitivo, carregado como ia.

Mas avaliavam mal a força do filho da selva, e exageravam a confiança na rapidez das suas pernas tortas e curtas.

Correndo em passada larga e fácil, Tarzan não teve dificuldade em não os deixar aproximar-se. Por vezes olhava para a face tão próxima da sua. Se não fosse sentir bater aquele coração quase junto ao seu, não saberia se ela estava viva, tão pálida e macerada estava a sua face.

Assim chegaram a um pequeno planalto, sobre as montanhas. Durante a última milha Tarzan aumentara a velocidade, correndo como um gamo para poder descer as montanhas antes que os homens de Opar chegassem ao planalto e pudessem alvejá-los com pedras.

Estava a meia milha de distância, na direção da floresta, quando os vultos grotescos, ofegantes, se içaram para o cimo da alta barreira.

Com brados de fúria e de desapontamento pararam ali, brandindo os porretes, saltando e agitando-se num paroxismo de raiva. Mas desta vez não ousaram ultrapassar os limites do estreito vale de Opar. Seria difícil dizer se não continuavam por recordarem ainda a futilidade da tentativa anterior, ou se a demonstração de velocidade feita por Tarzan os tinha desanimado. Mas, quando Tarzan alcançou a orla da floresta, todo o bando tomou o caminho de volta para Opar.

O filho da selva deteve-se finalmente num ponto da floresta onde não poderiam vê-lo, mas onde ele podia observar as montanhas. Estendeu Jane sobre a erva macia e foi a um regato próximo, buscar água com a qual lhe molhou a face e as mãos. Mas assim mesmo não conseguiu reanimá-la e, grandemente angustiado, voltou a tomá-la nos braços e correu novamente, para oeste.

Quase ao fim da tarde, Jane começou a dar sinais de que ia voltar a si. Não abriu imediatamente os olhos – tentava recordar as últimas cenas que vivera. Lembrava-se agora. O altar, a terrível sacerdotisa, a faca que descia lentamente sobre a sua garganta.

Estremeceu, pensando se estaria morta ou se aquele seria o breve instante de delírio precedendo a morte.

Quando, finalmente, teve coragem de abrir os olhos, o que viu confirmou o que pensara. Viu que estava sendo levada através de um paraíso de folhas verdes, nos braços do homem a quem amava e que morrera também.

- Se isto é a morte... - murmurou - Dou graças a Deus por estar morta.

- Você falou, Jane! - exclamou Tarzan. - Está recuperando os sentidos!

- Sim, Tarzan. - murmurou ela, enquanto, pela primeira vez em muitos meses, um sorriso de paz e felicidade lhe iluminava a face.

- Graças a Deus! - disse o filho da selva, saltando para o chão numa pequena clareira, junto de um rio. - Cheguei a tempo, afinal...

- A tempo? Que quer dizer? - perguntou ela.

- A tempo de salvá-la de morrer sobre o altar, querida. Não se lembra de nada?

- Salvar-me da morte? Mas não estamos ambos mortos, Tarzan?

Ele estendera-a sobre a relva, apoiada ao tronco de uma grande árvore. Ante a pergunta dela, curvou-se para lhe ver melhor a face.

- Morta? - repetiu. E então riu. - Não está morta, Jane e se voltar à cidade de Opar e perguntar aos que lá vivem, lhe dirão que com certeza eu não estava morto, há poucas horas... Não querida, estamos ambos bastante vivos.

- Mas, tanto Hazel como Thuran me disseram, que tinha caído no mar, a muitas milhas da costa... - insistiu Jane, como se tentasse convencê-lo de que tinha de estar realmente morto. - Disseram que tinha sido você, sem sombra de dúvidas, e que não havia qualquer possibilidade de sobreviver ou de ser recolhido por qualquer navio.

- Como poderei convencê-la que não sou um espírito? - respondeu ele, rindo. - Foi a mim que o encantador Sr. Thuran fez cair ao mar, mas não me afoguei. Mais tarde contarei tudo. E aqui estou, e sou mais ou menos o mesmo homem selvagem que conheceu, Jane Porter!

A jovem levantou-se, devagar, e aproximou-se dele.

- Ainda não posso acreditar. - murmurou - É impossível que tal felicidade seja verdadeira depois das coisas medonhas por que passei desde que, há meses, o Lady Alice naufragou... - interrompeu-se e aproximou-se mais, pousando a mão, com medo, no braço dele. - Devo estar sonhando e acordarei logo para ver essa terrível faca. Beije-me, querido, antes que perca para sempre o meu sonho.

Tarzan não precisou que ela lhe pedisse duas vezes. Tomou nos braços a mulher a quem amava e beijou-a, não uma vez, mas cem, até que ela ficou ofegante, com a respiração cortada.

Mas, quando parou, ela passou-lhe os braços em redor do pescoço e ofereceu-lhe os lábios novamente.

- Estou vivo e isto é a realidade, ou sou apenas um sonho?. - perguntou ele.

- Se não está vivo, Tarzan, só peço a Deus que me deixe morrer assim antes que eu acorde para a terrível realidade dos últimos momentos...

Durante longos momentos ficaram em silêncio, fitando-se nos olhos, como se cada um deles interrogasse ainda a realidade da felicidade incomparável e maravilhosa daquela hora. O passado, com todos os seus desapontamentos e horrores, estava momentaneamente esquecido - o futuro não lhes pertencia – mas aquele instante sim, era de ambos, não podia ser-lhes tirado. Foi ela quem primeiro quebrou o encantado silêncio.

- Para onde vamos, querido? - perguntou - Que vamos fazer?

- Aonde prefere ir? - perguntou ele. - O que prefere fazer?

- Ir aonde você for, Tarzan! Fazer o que julgar melhor.

- Mas e Clayton? - exclamou ele. Por momentos esquecera que existia mais alguém no mundo além de ambos. - Esquecemos o seu marido...

- Eu não estou casada, Tarzan! - quase gritou Jane. – Nem sequer prometida em casamento. No dia anterior àquele em que essas horríveis criaturas me apanharam, falei para Clayton do meu amor por você, e ele compreendeu que eu não poderia manter a estúpida promessa que lhe fizera. Foi logo depois de termos sido miraculosamente salvos do ataque de um leão – fez uma brusca pausa, com um brilho interrogativo no olhar. Depois exclamou:

- Tarzan! Foi você quem nos salvou? Não poderia ter sido outra pessoa...

Tarzan baixou os olhos, envergonhado.

- Como pôde afastar-se e me deixar? - disse ela, num tom de magoada censura.

- Não, Jane! - implorou Tarzan. - Não, por favor! Não sabe como sofri desde

então, pela crueldade desse gesto, ou como sofri nesse mesmo instante, primeiro com ódio e ciúme, e depois em amargo ressentimento contra um destino que não merecia. Depois disso voltei para a tribo dos macacos, na intenção de nunca mais voltar a ver uma criatura humana.

E Tarzan contou-lhe então uma parte da sua vida, desde que voltara para a selva - e de como se transformara de civilizado parisiense num selvagem Waziri, e depois voltara a viver com as feras junto das quais fora criado.

Jane fez inúmeras perguntas, e por fim, com receio, falou das coisas terríveis que Thuran lhe dissera daquela mulher, em Paris. Tarzan contou-lhe então a sua curta vida de civilizado, nada omitindo porque nada havia que o envergonhasse, pois o seu coração sempre fora fiel. Quando acabou, ficou olhando para Jane, como à espera da sua sentença.

- Eu sabia que ele não dizia a verdade. - murmurou Jane. - Oh, que horrível criatura é esse homem!

- Não está zangada comigo, então?

A resposta dela foi outra pergunta, que parecendo deslocada era profundamente feminina:

- Olga de Coude é muito bonita?

Tarzan riu e voltou a beijá-la, dizendo:

- Sim, mas nem de longe tão bela como você.

Jane deixou escapar um pequeno suspiro de contentamento, e apoiou a cabeça no ombro dele. Tarzan compreendeu que estava perdoado.

Nessa noite Tarzan construiu um pequeno abrigo aconchegado, entre os altos galhos de uma árvore gigantesca, e ali Jane, exausta, dormiu profundamente. enquanto, mais abaixo, num outro ramo sólido, ele se instalou, pronto, mesmo dormindo, a protege-la.

Gastaram muitos dias para fazerem a longa jornada até à costa. Onde o caminho era fácil seguiam a pé, de mãos dadas, sob o dossel da floresta primitiva - tal como, num passado imensamente distante, teriam caminhado os primeiros homens e as primeiras mulheres. Quando o mato tornava o avanço difícil, ele tomava-a nos poderosos braços e seguia o seu caminho entre os galhos. Os dias pareciam sempre curtos, porque ambos se sentiam felizes. Se não fosse o desejo de alcançarem e socorrerem Clayton, teriam prolongado indefinidamente aquela maravilhosa jornada.

No último dia antes de chegarem à costa, Tarzan notou o cheiro de homens, de homens negros. Avisou a jovem, dizendo-lhe para se manter em silêncio.

- Há poucos amigos na selva. - comentou, lacônico.

Meia hora depois aproximavam-se furtivamente de um pequeno grupo de guerreiros negros que caminhavam para Oeste. Tarzan reconheceu-os e soltou uma exclamação de prazer - porque se tratava dos seus Waziris. Entre eles estava Busuli, e alguns dos outros que haviam acompanhado Tarzan a Opar. Ao vê-lo, os negros dançaram e gritaram, numa alegria exuberante. Tinham-no procurado durante muitas semanas, disseram-lhe eles.

Os Waziris demonstraram um maravilhado espanto ante a presença de Jane, mas quando souberam que ela ia ser a companheira de Tarzan, multiplicaram-se em sinais de respeito e de afeto. Assim, rodeados pelos alegres Waziris, chegaram ao tosco abrigo na árvore, junto da praia.

Não havia qualquer sinal de vida, e nenhuma voz respondeu quando chamaram em altos brados. Tarzan subiu rapidamente à árvore e reapareceu um instante depois, com uma lata vazia que atirou para Busuli, pedindo-lhe que a fosse encher de água no rio. Depois fez sinal a Jane para que subisse.

Debruçaram-se ambos sobre o vulto inerte, esquelético, daquele que tinha sido um nobre inglês.

As lágrimas subiram aos olhos de Jane, ao ver as pobres faces cavadas, os olhos encovados, e todas as marcas de sofrimento que sulcavam o rosto outrora jovem e bonito.

- Ainda vive. - murmurou Tarzan. - Faremos tudo o que pudermos, por ele, mas receio que seja muito tarde.

Quando Busuli trouxe a água, Tarzan verteu algumas gotas entre os lábios rachados e inchados do moribundo. Molhou-lhe a testa escaldante e banhoulhe os braços e as pernas, onde parecia haver apenas pele sobre os ossos.

Clayton abriu finalmente os olhos, e a sombra de um pálido sorriso iluminou-lhe as feições ao ver a jovem. Ao reconhecer Tarzan, houve nele uma fugidia expressão de espanto.

- Está tudo bem, velho amigo. - disse o homem da selva. - Nós o encontramos a tempo. Vai recuperar-se e estará de pé antes que perceba.

O inglês abanou vagarosamente a cabeça, murmurando:

- É muito tarde, mas está bem assim. Prefiro morrer.

- Onde está o Sr. Thurán? - perguntou Jane.

- Deixou-me, quando a febre me venceu. É um demônio. Quando lhe pedi água, que já não podia ir buscar, bebeu-a e jogou fora o resto rindo. - ao pensar no miserável, Clayton teve um sobressalto de energia e ergueu-se sobre um cotovelo. - Sim. - quase gritou - Hei de viver. - Viver o bastante para encontrar essa fera. E

matá-la!

Mas o esforço deixou-o mais fraco do que estava, e recaiu sobre o velho impermeável que, com as ervas quase apodrecidas, tinha servido antes de cama, a Jane.

- Não se preocupe com Thuran. - disse Tarzan, apoiando a mão, de leve, em um gesto tranquilizador, sobre a testa de Clayton. - Esse homem pertence-me e irei pegá-lo, pode ter certeza.

Durante muito tempo, Clayton ficou imóvel. Por várias vezes Tarzan teve de encostar o ouvido ao magro peito dele, para ouvir bater debilmente o pobre coração exausto. Ao anoitecer, Clayton voltou a despertar, por breves instantes.

- Jane... - sussurrou. A jovem debruçou-se mais, para ouvi-lo. - Eu lhe fiz mal e também a ele... - o moribundo esboçou um movimento de cabeça, na direção de Tarzan. - Amava-a muito, o que é uma pobre desculpa para o mal que lhe fiz. Mas não podia pensar em perdê-la. Não peço que me perdoe, quero apenas fazer o que devia ter feito há mais de um ano. - meteu a mão, penosamente, no bolso do casaco, em busca de qualquer coisa que encontrara enquanto ali estivera sob o domínio da febre. Encontrou o que buscava. Era um pedaço de papel, amarelo, amarrotado. Entregou-o à jovem.

Quando Jane pegou no papel, o braço de Clayton recaiu sobre o peito, inerte, O inglês deixou escapar um pequeno suspiro, a cabeça pendeu-lhe para um dos lados, teve uma ligeira contração e imobilizou-se para sempre...

Tarzan olhou para ele, e em silêncio cobriu-lhe com uma dobra do tecido impermeável.

Por momentos ficaram onde estavam, ajoelhados. Os lábios de Jane moviam-se numa prece silenciosa, e quando os dois se levantaram, um de cada lado do homem que por fim passara para além de todo o sofrimento. As lágrimas enfim chegaram aos olhos do filho da selva, que através das suas próprias angústias tinha aprendido a ter compaixão pelo sofrimento alheio.

Através das suas próprias lágrimas, Jane leu a mensagem escrita no pequeno retângulo de papel amarelado e enquanto lia, os seus olhos tomaram uma expressão de espanto. Voltou a ler, antes de poder entender completamente o que as palavras significavam.

"Impressões digitais provam você Greystoke. Parabéns.

D'Arnot "

Ela entregou o papel a Tarzan, murmurando:

- Então ele sabia disto durante todo este tempo e não lhe disse?

- Eu já sabia, Jane. - respondeu Tarzan - E ignorava que ele soubesse. Devo ter deixado cair este telegrama, nessa noite, na sala de espera da pequena estação. Foi lá que o recebi.

- E depois disso, disse que não sabia quem era o seu pai, e que a única mãe que conhecera era uma macaca? - perguntou Jane, espantada.

- Sem você o título e a fortuna nada significavam para mim, querida. – respondeu Tarzan. - Se eu despojasse Clayton dessas coisas, seria a você que despojaria, a você a quem eu amava. Não compreende, Jane? - insistiu ele, como se estivesse desculpando-se de uma falta.

Jane estendeu os braços para ele, sobre o corpo do morto, e pegou-lhe nas mãos, murmurando:

- E eu estive prestes a perder esse amor.

A despedida do filho da selva

Na manhã seguinte, partiram em uma curta jornada até à barraca de Tarzan. Quatro Waziris transportavam o corpo de Clayton. Havia sido sugestão de Tarzan, que Clayton fosse enterrado perto do anterior Lorde Greystoke, na orla da floresta diante da qual se erguia a velha barraca de madeira.

Jane Porter alegrou-se de que fosse assim, e no íntimo do seu coração maravilhou-se da extrema sensibilidade de caráter daquele estranho homem que, embora tivesse sido criado por feras e entre feras, tinha a ternura e a compaixão que geralmente apenas se associam com os requintes da mais alta civilização.

Tinham percorrido cerca de três milhas, das cinco que os separavam da praia de Tarzan, quando os Waziris que iam à frente se detiveram bruscamente, apontando com espanto, um vulto que se aproximava ao longo do areal. Era um homem com um reluzente chapéu de seda, que caminhava lentamente, de cabeça curvada, as mãos cruzadas sob as compridas abas do seu comprido fraque preto.

Ao vê-lo, Jane soltou um grito de surpresa e de alegria, e correu ao encontro dele.

Ao ouvir a voz dela, o velho levantou a cabeça e, vendo quem era, também gritou de alegria e felicidade. Enquanto o professor Arquimedes Q. Porter apertava a filha nos seus braços, grossas lágrimas lhe caíam pelas faces vincadas, e tiveram de esperar alguns minutos antes que ele pudesse dominar-se o bastante para falar.

Quando, um momento depois, reconheceu Tarzan, foi com dificuldade que puderam convencê-lo de que a angústia não lhe perturbara o juízo - pois ele, assim como os outros componentes do grupo, também estava convencido da morte do homem da selva.

Foi um problema conciliar essa convicção com o aspecto inegavelmente vivo do deus da selva. O professor ficou profundamente emocionado ao saber a notícia da morte de Clayton.

- Não compreendo. - disse ele. - O Sr. Thuran afirmou-nos que o pobre Clayton tinha morrido há vários dias.

- Thuran está com o grupo? - perguntou Tarzan.

- Sim. Apareceu recentemente e levou-nos para a sua barraca. Estávamos acampados a curta distância no norte. Deus louvado! Ele vai ficar encantado ao vê-los.

- E surpreso... - comentou Tarzan.

Pouco tempo depois o estranho grupo chegou à clareira onde se erguia a barraca do filho da selva. Estava cheia de gente que entrava e saía e a primeira pessoa que Tarzan viu foi D'Arnot .

- Paul! - exclamou. - Em nome do equilíbrio mental, que faz você aqui? Ou estamos todos loucos?

Foi prontamente explicado o caso, tal como muitas outras coisas aparentemente estranhas. O navio de D'Arnot cruzava ao longo da costa, em missão de patrulha, quando, por sugestão do tenente, havia ancorado do lado de fora do pequeno porto natural, para visitarem mais uma vez a barraca e a selva onde muitos dos oficiais, e muitos dos marinheiros, haviam tomado parte em excitantes aventuras, dois anos antes.

Ao desembarcar tinham encontrado o grupo de Lorde Tennington, e estavam sendo feitos preparativos para irem todos para bordo, na manhã seguinte, a fim de regressarem à civilização.

Hazel Strong e a mãe, Esmeralda e o Sr. Samuel T. Philander, ficaram transtornados de alegria ante o aparecimento de Jane, sã e salva. A sua fuga parecialhes pouco menos do que miraculosa, e todos declararam que não poderia ter sido levada a cabo por outro homem além de Tarzan. Encheram o atarantado filho da selva de elogios e de atenções, ao ponto de o fazerem ter saudades do anfiteatro dos macacos.

Todos se interessaram pelos Waziris, e muitas foram as prendas que os guerreiros negros receberam dos amigos do seu rei. Mas quando souberam que Tarzan partiria para longe, na grande piroga ancorada a uma milha da praia, ficaram profundamente tristes.

Até então os recém-chegados ainda não tinham visto Lorde Tennington nem o Sr. Thurán. Haviam partido para renovar a provisão de carne fresca, logo de manhã, e ainda não tinham regressado.

- Como esse homem, cujo nome você diz ser Rokoff, vai ficar surpreendido ao vê-lo. - disse Jane a Tarzan.

- Vai ser curta a surpresa. - respondeu sombriamente Tarzan.

No tom da sua voz havia qualquer coisa que fez com que Jane o olhasse, alarmada. O que viu confirmou os seus receios. Pousou a mão sobre um dos braços dele e suplicou-lhe que entregasse o russo às leis francesas.

- No coração da selva, querido, sem outra forma de justiça para que apelar, além dos seus músculos, teria o direito de executar sobre ele a sentença que merece. Mas tendo ao teu dispor o braço da lei, o forte braço de um governo civilizado, seria um assassinato, se o matasse. Os seus amigos teriam de prendê-lo ou, se resistisse, nos

faria mergulhar novamente na angústia e na infelicidade. Não posso suportar a idéia de te perder, querido. Prometa-me que entregará esse homem ao capitão Dufranne e que deixará a lei seguir o seu curso. Tal homem não merece que, por ele, ponhamos em risco a nossa felicidade.

Tarzan compreendeu a sensatez dos argumentos dela, e prometeu. Cerca de meia hora depois, Tennington e Rokoff surgiram da selva. Caminhavam lado a lado. Tennington foi o primeiro a notar a presença de estranhos no acampamento. Viu os guerreiros negros falando com os marinheiros do cruzador e depois viu o belo gigante moreno conversando com D'Arnot e o capitão Dufranne.

- Quem será esse homem? - disse ele a Rokoff.

Quando o russo levantou os olhos e viu os de Tarzan, fitos nele, cambaleou e empalideceu.

- Maldição! - exclamou.

Antes que Tennington pudesse avaliar-lhe a intenção, o russo sacou a arma, apontou-a para Tarzan e apertou o gatilho. Mas o inglês estava ao lado dele, tão perto que a sua mão desviou o cano da arma uma fração de segundo antes do tiro e a bala apontada para o coração de Tarzan passou a grande distância por cima da cabeça dele.

Antes que o russo pudesse disparar segunda vez, Tarzan saltou sobre ele e desarmou-o. O capitão Dufranne, D'Arnot e uma dúzia de marinheiros tinham acorrido ao ouvir a detonação, e Tarzan entregou-lhes o russo, sem uma palavra. Já havia explicado o assunto ao comandante francês, antes da chegada de Rokoff, e Dufranne deu ordens imediatas para que o russo fosse posto a ferros, a bordo do cruzador.

Quando os marinheiros conduziam o homem para o escaler que o levaria para a sua prisão provisória, Tarzan pediu licença para revistá-lo e, com satisfação, encontrou os documentos roubados.

O tiro fizera com que Jane Porter e os outros saíssem da barraca, correndo, mas logo que a excitação acabou, a jovem cumprimentou o surpreendido Lorde Tennington.

Tarzan aproximou-se, depois de se ter apossado dos documentos, e Jane apresentou-o a Tennington.

- Deixe-me apresentar-lhe John Clayton, Lorde Greystoke, sir.

O inglês deixou transparecer o seu espanto, mas se esforçou para se mostrar cortês, e foi preciso ouvir muitas repetições da estranha história do homem da selva, contadas por ele próprio, por Jane Porter e pelo tenente D'Arnot, para que Lorde

Tennington se convencesse de que não estavam todos doidos.

Ao entardecer enterraram William Cecil Clayton, junto das sepulturas do tio e da tia, os anteriores Lorde e Lady Greystoke. A pedido de Tarzan foram disparadas três salvas de espingarda, diante do lugar de eterno repouso de um homem valente, que valentemente enfrentara a morte.

O professor Porter, que em outros tempos recebera ordens eclesiásticas, conduziu o simples serviço religioso. Em volta da sepultura, de cabeça curvada, juntou-se o mais estranho grupo que poderia ser visto em tais circunstâncias. Oficiais e marinheiros franceses, dois Lordes, vários americanos e uma vintena de guerreiros negros.

Depois do funeral, Tarzan pediu ao capitão Dufranne para atrasar por dois dias a partida do cruzador, a fim de que ele pudesse internar-se umas quantas milhas na selva e ir buscar as suas coisas.

O oficial concordou alegremente.

Ao fim da tarde do dia seguinte, Tarzan e os seus Waziris voltaram com o primeiro carregamento das coisas, e quando o grupo viu os antigos lingotes de ouro puro, todos rodearam o homem da selva, crivando-o de perguntas. Mas ele, sorridente, manteve-se surdo a todos os pedidos, negando-se a fornecer qualquer indicação quanto às origens daquela imensa fortuna. Disse apenas:

- Há milhares que eu deixei ficar onde estavam, por cada um dos que trouxe.

Quando estes se gastarem, talvez pense em voltar para levar mais.

No dia seguinte regressou trazendo o resto dos lingotes, e quando tudo ficou a bordo do cruzador, o capitão Dufranne declarou que se sentia como o comandante de um velho galeão espanhol, na viagem de volta depois de uma incursão às cidades astecas.

- Na verdade não sei em que momento a minha tripulação me degolará para tomar conta do navio. - concluiu ele, rindo.

Na manhã seguinte, pouco antes de se disporem a embarcar, Tarzan fez uma sugestão a Jane:

- Supõe-se que os animais selvagens são despidos de sentimentalismos, mas na verdade eu gostaria de casar na mesma barraca onde nasci, junto das sepulturas de meu pai e de minha mãe e rodeado pela selva que foi sempre o meu lar.

- Será um casamento normal, querido? - perguntou ela. - Se for, não sei de outro lugar onde preferisse casar-me com o meu deus da selva, nenhum melhor do que este, sob as sombras da tua floresta primitiva.

Quando falaram a tal respeito, todos asseguraram que o casamento naquelas

condições seria perfeitamente regular e um magnífico fim para um sensacional romance de amor. Assim todos se juntaram na barraca e à porta, para assistirem à segunda cerimônia que o professor Porter celebrava no curto espaço de três dias.

D'Arnot ia ser a testemunha do noivo, e Hazel Strong a da noiva quando Tennington desmanchou todas as combinações com uma das suas "estupendas idéias".

- Se a Sra. Strong concordar... - disse ele, pegando na mão de Hazel - Nós, Hazel e eu, pensamos que seria uma excelente oportunidade para fazer disto um duplo casamento!

O cruzador levantou âncoras no dia seguinte, e enquanto se afastava lentamente para o largo, um homem alto, elegantemente vestido com um traje de flanela branca, encostou-se à amurada, em companhia de uma graciosa moça. Ambos olhavam atentamente a costa, onde vinte guerreiros Waziris, nus e reluzentemente negros, dançavam e brandiam as grandes lanças acima da cabeça, gritando despedidas ao seu rei que partia.

- Detestaria pensar que estou vendo a selva pela última vez, querida... - disse o homem alto - Se não soubesse que vou contigo para um novo mundo onde seremos felizes para sempre.

E, curvando-se, Tarzan dos Macacos beijou os lábios da sua companheira.

FIM

Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[1: A bordo do transatlântico](#)

[2: Elos de ódio](#)

[3: O que aconteceu na rua Maule](#)

[4: A condessa explica](#)

[5: O plano que fracassa](#)

[6: Um duelo](#)

[7: A bailarina de Sidi Aissa](#)

[8: A luta no deserto](#)

[9: Numa El Adrea](#)

[10: Através do vale das sombras](#)

[11: John Caldwell, Londres](#)

[12: Navios que passam](#)

[13: O naufrágio do Lady Alice](#)

[14: Volta à selva](#)

[15: De macaco a selvagem](#)

[16: Os ladrões de marfim](#)

[17: O chefe branco dos Waziris](#)

[18: A loteria da morte](#)

[19: A cidade de ouro](#)

[20: La](#)

[21: Os náufragos](#)

[22: O tesouro de Opar](#)

[23: Cinqüenta homens assustadores](#)

[24: De como Tarzan volta a Opar](#)

[25: Através da floresta primitiva](#)

[26: A despedida do filho da selva](#)